

**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DAS RELIGIÕES**

**Das Teologias da Prosperidade, do Neocalvinismo e da
Transformação Social: um estudo histórico comparativo das
igrejas Verbo da Vida e Cidade Viva**

SAULO DUARTE LIMA RIBEIRO

Orientador: Dr. Carlos André Cavalcanti
Linha de Pesquisa: Religião, Cultura e Sistemas Simbólicos

JOÃO PESSOA - PB

2021

SAULO DUARTE LIMA RIBEIRO

**Das Teologias da Prosperidade, do Neocalvinismo e da
Transformação Social: um estudo histórico comparativo das
igrejas Verbo da Vida e Cidade Viva**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências das Religiões, do Centro de Educação – CE, da Universidade Federal da Paraíba – UFPB, como requisito para a obtenção do título de Doutor em Ciências das Religiões.

Linha de Pesquisa: Religião, Cultura e Sistemas Simbólicos

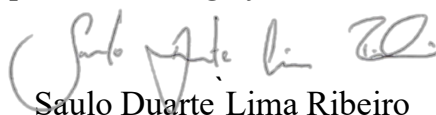
Orientador: Dr. Carlos André Cavalcanti

JOÃO PESSOA - PB

2021

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DAS RELIGIÕES

Das Teologias da Prosperidade, do Neocalvinismo e da Transformação Social: um estudo histórico comparativo das igrejas Verbo da Vida e Cidade Viva.



Saulo Duarte Lima Ribeiro

Tese apresentada à banca examinadora formada pelos seguintes especialistas.



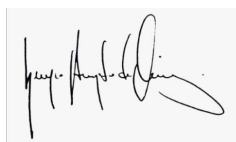
Carlos André Macedo Cavalcanti
(orientador/PPGCR/UFPB)



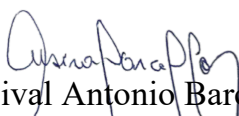
Clélia Peretti
(membro-externo/PUC - PR)



Luiz Carlos Luz Marques
(membro-externo/UNICAMP)



Sergio Augusto de Queiroz
(membro-externo/UFPB)



Lusival Antonio Barcellos
(membro-interno/PPGCR/UFPB)

Aprovada em 25 de outubro de 2021.

*“Ele é antes de todas as coisas, e nele tudo subsiste.
Ele é a cabeça do corpo, que é a igreja;
é o princípio e o primogênito dentre os mortos,
para que em tudo tenha a supremacia.”*

Apóstolo Paulo (Cl. 1:17-18)

Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

R484t Ribeiro, Saulo Duarte Lima.

Das teologias da prosperidade, do neocalvinismo e da transformação social: um estudo histórico comparativo das igrejas Verbo da Vida e Cidade Viva / Saulo Duarte Lima Ribeiro. - João Pessoa, 2021.

317 f. : il.

Orientação: Carlos André Cavalcanti.

Tese (Doutorado) - UFPB/CE.

1. Neocalvinismo. 2. Transformação social. 3. Neopentecosta. I. Cavalcanti, Carlos André. II. Título.

UFPB/BC

CDU 284(043)

AGRADECIMENTOS

A Sabrina, minha antessala do céu, aquela que o Senhor preparou para que meus dias fossem ainda mais felizes. Obrigado por me ajudar de forma tão sublime no duro caminho deste trabalho, mas acima de tudo por me completar de forma tão perfeita, sendo com certeza a minha melhor parte.

Aos meus filhos e melhores presentes Daniel, Pedro e Tiago (que saiu há poucos dias da barriga da mãe). Vocês são os meus mais divertidos momentos do dia, minhas mais gostosas gargalhadas e cócegas.

Aos meus pais Raimundo Nonato e Vera Lúcia, que me ensinaram que ética tem mais valor que milhões. Vocês são os melhores mestres que um aluno poderia ter.

A Sarah, Daniel (*in memoriam*) e Renata, irmãos que me ajudaram de maneira ímpar na dura missão da construção de minha identidade.

A Dácio, Neto, Davi e Rafa, por fazerem minha irmã feliz.

A Eduardo, Betânia, Eduardinho, Rafaela, Andressa, Marquinhos e a sobrinhada, por complementarem minha família de forma tão graciosa.

À querida amiga-irmã Fabiana Nascimento pelo suporte técnico para a realização da pesquisa.

Aos líderes de conexões e companheiros de grupos pequenos de minha amada igreja por me fazerem tão bem. Obrigado pela sensação ímpar de sentir-me cuidado e pelo indescritível privilégio de liderar servos com tanto potencial.

Aos queridos membros da Cidade Viva Brasília, um surpreendente e fabuloso presente dado por Deus à minha família em tempos tão conturbados.

Aos líderes Sérgio e Samara Queiroz e pastores amigos irmãos de minha comunidade, pelo exemplo prático de imitar a Cristo dia após dia e por fazerem o fardo ficar menos pesado.

Aos que foram entrevistados nas igrejas Cidade Viva e Verbo da Vida, pelo tempo de auxílio a este trabalho

Aos inúmeros que caminham ao lado mesmo distantes, pessoas que são impossíveis de listar aqui e que me fazem sentir a alegria do que é de fato ter amigos.

Aos queridos professores Dra. Clélia Peretti, Dr. Luiz Carlos Marques e Dr. Lusival Barcelos pelos preciosos comentários na Qualificação e pela honrosa participação na banca final.

Ao querido irmão e co-orientador Sérgio Augusto de Queiroz, que, não obstante o escasso tempo, sempre reservou momentos para um indescritível mentoreio que iniciou em 2002 e que nunca quero que finalize. Sua vida é inspiração para minha casa e para os que têm o privilégio de estar perto!

Ao professor Dr. Carlos André, por mais uma vez estar presente em uma de minhas formações e por me conduzir de forma tão sábia no desenvolvimento deste trabalho. Palavras não expressam a imensa gratidão pelo companheirismo desde a Graduação e pela orientação da presente Tese.

Enfim, agradeço ao homem de quem falei no Memorial deste trabalho, a quem, mesmo sendo em forma de Deus, não teve por usurpação ser igual a Deus, mas esvaziou-se a si mesmo, tomando a forma de servo, fazendo-se semelhante aos homens; e, achado na forma de homem, humilhou-se a si mesmo, sendo obediente até à morte, ao ponto de ser cravado em uma cruz, que, sendo inocente, padeceu a pior das torturas e mais dolorosa das mortes, que foi zombado, maltratado, humilhado injustamente e ainda hoje é ultrajado. Ao homem que me encontrou quando eu andava perdido, que acreditou em mim quando nem eu o fazia, o homem que me apresentou um amor inimaginável. Agradeço a quem lançou fora a minha solidão interior, que me deu motivos para viver e me deu a certeza de estar eternamente em sua presença. Ao homem a quem dedico o meu ser, meu futuro e meus sonhos. Ao homem que apesar de por tantas vezes eu ser infiel, ainda assim permanece fiel a mim – que me fez ser assim: morto, vivificado, transformado interiormente, em processo de crescimento espiritual, constantemente vacilando, porém continuamente arrependido e sempre perdoado. A Jesus Cristo, a quem sou eternamente grato e a quem buscarei demonstrar com minha vida esta gratidão!

RESUMO

RIBEIRO, Saulo Duarte Lima. Das Teologias da Prosperidade, do Neocalvinismo e da Transformação Social: um estudo histórico comparativo das igrejas Verbo da Vida e Cidade Viva. 2021. 320f. Tese (Doutorado). Programa de Pós-Graduação em Ciências das Religiões, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa-PB, 2021.

A presente pesquisa de doutorado tem por finalidade a análise de dois grupos evangélicos utilizando como fundamento suas principais doutrinas e sua atuação social, investigando a influência destas doutrinas na *práxis* de ambas, assim como as possíveis contrapartidas esperadas do público-alvo das ações. Tendo em vista serem duas correntes protestantes distintas com especificidades particulares na construção e confissão doutrinária, mas que têm principalmente a Bíblia como livro sagrado e principal regra de fé, optamos por trazer como aporte teórico metodológico as bases da teologia social da igreja cristã desde os escritos bíblicos vétero testamentários, passando pelos ensinamentos de Cristo e dos apóstolos a respeito do tema, algumas encíclicas católicas, os debates da Teologia da Libertação e Teologia da Missão Integral, materiais de líderes neopentecostais, até os escritos do protestante Abraham Kuyper e demais formadores do movimento denominado Neocalvinista, todos com foco na atuação social da igreja, a fim de refletir sobre o que viria a ser pesquisado diretamente com voluntários e pastores das duas instituições protestantes. As duas instituições têm nas suas teologias pregadas e seguidas, a construção de uma cosmovisão que não se encerra no culto público e nos ritos próprios às estruturas dos templos, mas entra nas relações familiares, profissionais e sociais em geral, inferindo e interferindo no todo, aí inclusa a atuação social junto aos públicos em vulnerabilidade. O trabalho se encerra com a pesquisa efetuada junto aos voluntários e pastores, em que buscamos responder que conceitos as diferenciam na atuação voltada à transformação social e que contrapartidas esperam de seu público-alvo.

Palavras-chave: Neocalvinismo. Neopentecostalismo. Transformação social. Religião.

ABSTRACT

RIBEIRO, Saulo Duarte Lima. From the Theologies of Prosperity, Neo-Calvinism and Social Transformation: a comparative historical study of the churches Verbo da Vida and Cidade Viva. 2021. 320f. Thesis (Doctorate). Postgraduate Program in Science of Religions, Federal University of Paraíba, João Pessoa-PB, 2021.

This doctoral research aims to analyze two evangelical groups based on their main doctrines and their social performance, investigating the influence of these doctrines on the praxis of both, as well as the possible expected counterparts of the target audience of the actions. Considering that they are two distinct Protestant currents with particular specificities in the construction and doctrinal confession, but which mainly have the Bible as a sacred book and the main rule of faith, we chose to bring as a methodological theoretical support the bases of the social theology of the Christian church from the writings Old Testament biblical texts, passing through the teachings of Christ and the apostles on the subject, some Catholic encyclicals, the debates on Liberation Theology and Integral Mission Theology, materials by neo-Pentecostal leaders, to the writings of Protestant Abraham Kuyper and other formators of the movement called Neo-Calvinist, all focused on the social performance of the church, in order to reflect on what would come to be researched directly with volunteers and pastors from the two Protestant institutions. The two institutions have in their preached and followed theologies the construction of a cosmovision that does not end with public worship and rites proper to the structures of the temples, but enters into family, professional and social relationships in general, inferring and interfering with the whole, this includes social action with vulnerable publics. The work ends with the survey carried out with volunteers and pastors, in which we seek to answer which concepts differentiate them in their actions aimed at social transformation and what counterparts they expect from their target audience.

Keywords: Neo-Calvinism. Neo-Pentecostalism. Social transformation. Religion.

LISTA DE IMAGENS

Imagem 1: Fluxograma da vocação	31
Imagem 2: Fluxograma sobre Graça comum	36
Imagem 3: Série histórica do IDH do Brasil	48
Imagem 4: Pessoas em situação de pobreza.....	49
Imagem 5: Ranking de desenvolvimento humano.....	50
Imagem 6: Total de famílias em extrema pobreza no CadÚnico.....	53
Imagem 7: A série histórica das religiões.....	55
Imagem 8: População do mundo vivendo em extrema pobreza.....	98
Imagem 9: Concílio Vaticano II.....	106
Imagem 10: População do mundo vivendo em extrema pobreza.....	115
Imagem 11: Influências da Teologia da Libertação.....	131
Imagem 12: Organograma das igrejas cristãs.....	130
Imagem 13: Religião no Brasil.....	132
Imagem 14: Missão de Fé Apostólica na Rua Azuza.....	135
Imagem 15: Organograma de líderes neopentecostais.....	138
Imagem 16: Valnice Milhomens.....	141
Imagem 17: Festival Promessas 2012.....	143
Imagem 18: Victor Azevedo, Tiago Brunet e Deive Leonardo.....	151
Imagem 19: Movimento de “desigrejados”	153
Imagem 20: Fluxograma da Igreja Verbo da Vida.....	154
Imagem 21: Primeiro prédio do Rhema Prisional.....	157
Imagem 22: Organograma de líderes neocalvinistas.....	166
Imagem 23: A sociedade e a soberania das esferas.....	172
Imagem 24: A ontologia social hierárquica da subsidiariedade.....	175

Imagem 25: Aspecto modal e momento nuclear.....	176
Imagem 26: Terreno da Cidade Viva.....	189
Imagem 27: Projeto Cidade Viva com divisões.....	190
Imagem 28: Primeiros equipamentos Cidade Viva.....	192
Imagem 29: Página do <i>Ekklesia</i> Cidade Viva.....	193
Imagem 30: Quadro <i>Housing first</i>	195
Imagem 31: Organograma Cidade Viva.....	197
Imagem 32: Quadro de apresentação NCC 2021.....	199
Imagem 33: Evolução da taxa de desemprego.....	201
Imagem 34: Mapeamento realizado pela Cidade Viva.....	207
Imagem 35: Distância Cidade Viva e Verbo da Vida.....	210

SUMÁRIO:

Memorial.....	12
Introdução.....	21
1: Bíblia, Teologia e transformação social.....	48
Religião, mazelas sociais e transformação	
Ensinos do Antigo e Novo Testamentos quanto à diminuição da pobreza	
Justiça social como prática sagrada	
Novo Testamento: justiça social e práticas evangelísticas	
Estratificação e exclusão no contexto neotestamentário	
Da teoria no saber à prática no agir	
2: Teologia para os pobres: uma libertação integral.....	93
A Teologia da Libertação	
Em busca dos fundamentos	
A <i>Rerum Novarum</i> e a Doutrina Social da Igreja	
O Concílio Vaticano II	
As influências do movimento	
A Teologia da Missão Integral	
Teologias gêmeas na essência	
3: Teologia da Prosperidade, Neocalvinismo e pensamento social.....	131
TP: Histórico e influências	
Um novo modo de ser pentecostal	
Igreja Verbo da Vida	
Neocalvinismo: Histórico e influências	
Igreja Cidade Viva	
4: Aplicação e análise da pesquisa	210

Voluntários

Pastores

Conclusão 262

Referências 268

Apêndice 302

Memorial

A fim de que o trabalho alcance um bom desenvolvimento, creio ser necessário que haja afinidade com a temática. Somos ensinados que, para que o trabalho de pesquisa acerca do sagrado tenha caráter científico, é fundamental que o pesquisador contemple o fenômeno com um certo distanciamento, não vivenciando efetivamente a experiência. Em suma, o pesquisador convive, observa e participa, mas ainda assim tais atos não significam que ele esteja na imersão religiosa, posto que sua função se resume a observar a experiência acontecer com outros sujeitos para formular suas conclusões disto. A esta “contemplação ausente de emoção” Edmund Husserl dá o nome de *epoché*¹, que poderia ser descrito como a suspensão do juízo mediante a coleta dos fatos investigados, de forma que, em seu percurso, o pesquisador reconhece o objeto ideal chegando assim à redução à ideia.

Tal ideia se contrapõe à afirmação de Rudolf Otto de que justamente seria necessário passar pela experiência para que se pudesse relatar fidedignamente o que seria o sagrado. Otto focaliza na noção de que é necessário passar pela experiência religiosa para que se possa entender este relacionamento do devoto com o que considera sagrado e, conseqüentemente, estudá-lo. A isto Otto chama de elemento irracional da religião. Sem viver a experiência, o pesquisador até pode ter o conhecimento da parte racional da religião, no sentido de conhecer sua teologia, sua dogmática e ainda outras nuances, mas para chegar ao conhecimento nato do sagrado, é necessário entrar no elemento irracional da religião, que só pode ser alcançado de forma empírica, por meio do sentimento, da experiência. Vemos essa posição de Otto já no prefácio de *O Sagrado*, em que Oneide Bobsin, buscando explicar o autor do livro, nos diz (2007, p. 19):

Para outros ainda, o Sagrado se perde nos meandros da experiência religiosa, confundindo-se com ela. De fato, a experiência tem relevância, pois, como em Kant, o conhecimento se dá a partir dela. No entanto, o sagrado é *a priori*, ou seja, não nasce da experiência religiosa. Nesse sentido, os adeptos da experiência como critério da eficácia da presença do sagrado não encontrariam sustentação de suas teses na obra de Otto. Também não faltam críticas que consideram Otto um precursor cristão da *New Age*, justamente por colocar em realce a experiência religiosa.

¹ Esta suspensão de juízo denominada *epoché* não é criação de Husserl, mas é oriunda ainda dos céticos gregos, principalmente Pirro. Para estes, tal atitude era a única capaz de levar o indivíduo ao estado de serenidade.

Em relação a esta necessidade de viver a experiência, vemos que Otto faz um paralelo com o pensamento de Kant em *A Crítica da Razão Pura* (2007, p. 150) e desenvolve o tema a partir de sua própria noção da influência do sagrado na vida de quem se relaciona com ele por meio da experiência religiosa. Deste modo, segundo esta perspectiva, o pesquisador não chegará à lógica de um conhecimento mais autêntico a respeito do sagrado se não decidir participar efetivamente da experiência que este sagrado proporciona.

Com o intuito de apresentar a escolha do tema, inicio o capítulo trazendo alguns fatos de minha vida que considero serem relevantes na construção das motivações que me conduziram ao presente trabalho.

Nasci na cidade de Juazeiro do Norte, no interior do Ceará, sendo o terceiro filho de uma família praticante da religião Católica Romana e cuja mãe, professora do ensino público, era também uma das líderes do movimento de Renovação Carismática Católica local e o pai, comerciante, era devoto do padre católico Cícero Romão Batista, mais conhecido como Padre Cícero. Ainda criança creio que um fato marcante foi o que me aproximou do estudo das religiões.

Com aproximadamente seis anos de idade acompanhei minha família à cidade de outros parentes para que fôssemos a determinada celebração familiar. Na madrugada da festa, enquanto todos dormiam, eu estava em uma rede (hábito comum naquela região) deitado, porém acordado, quando uma parente embriagada veio até mim, colocou a cabeça perto do meu rosto e de modo muito sinistro e em baixa voz falou uma série de injúrias contra mim, dizendo que eu não servia para nada, que não seria ninguém na vida e que já que meu futuro seria de frustração, era melhor que eu morresse. A princípio eu ri por achar que ela estava brincando, mas depois o medo foi me tomando e, como é comum às crianças, cobri meu corpo até a cabeça com o lençol e torci para que ela saísse de perto de mim, o que aconteceu logo. Não contei tal fato a ninguém não sei exatamente por qual motivo, mas o que ocorre é que desenvolvi minha vida sem falar mais sobre o assunto, ainda que este posteriormente viesse a trazer influência direta sobre a minha visão de mundo.

A partir desse fato, a minha mente começou a alimentar a ideia de que eu realmente teria uma vida triste no futuro, que não haveria perspectiva positiva de um amanhã, e na adolescência se fortalecia o pensamento de que o tempo vivido não passava de uma roda de sofrimento cujo fim seria melhor que o seu percurso. Para uma criança, tal ideia soava tenebrosa, e não havia em mim coragem para compartilhar nem com

amigos nem com meus pais estes sentimentos por medo de que chegassem ao início de tudo (a pessoa da família falando injúrias contra mim na madrugada) e eu fosse acusado de mentir a respeito do que tal parente havia feito. Mesmo hoje vendo o quão tal pensamento não era lógico, à época parecia bem coerente. Fui desenvolvendo minha vida saindo da infância e fazendo a transição à adolescência avançando na ideia de que meu futuro certamente era tenebroso e eu não tinha nada que fosse visto como positivo ou relevante pelos outros. Eu mesmo fui me afastando das pessoas de forma sucinta e, ainda que não externasse tal sentimento, cada vez mais a baixa autoestima me tomava e eu pensava continuamente em suicídio.

Neste período comecei a ler sobre religiões diversas, aquilo que na época havia ao meu alcance e, ao mesmo tempo em que queria transparecer aos meus pais que eu era um religioso católico praticante, lia diversos materiais católicos além da Bíblia buscando argumentos para criticar o deus de quem comecei a ter completa rejeição, posto que via nele um traidor, alguém que me trouxera para o mundo apenas para ter uma vida solitária e de desprezo. Além dos materiais do Catolicismo, professores céticos quanto ao Cristianismo me encantaram ainda no Ensino Fundamental, quando passei a ler materiais indicados pelos mesmos, e em um deles fui apresentado a Nietzsche e seu “O Anticristo”. Entre muitas passagens significativas, um trecho do livro me chamou a atenção e passou a fazer muito sentido para mim (1996, p. 61):

Na verdade, não existiu nenhum cristão. O “cristão”, isso que se chama de cristão há dois mil anos, é apenas um psicológico mal-entendido da própria personalidade. [...] Se retirarmos daqui um conceito e colocarmos uma única realidade em seu lugar, todo o cristianismo cai no vazio! Vista de cima, essa religião, o fato mais singular de todos os fatos, não só foi condicionada por mal-entendidos como também genial e criativa na invenção de apenas equívocos prejudiciais e venenosos para o coração e a vida [...].

A partir do encontro com Nietzsche somado ao “discipulado” de um professor, aos poucos encontrei no ateísmo uma excelente ferramenta para ser percebido, valorizado em meio às pessoas. Em um ambiente cercado por adolescentes cristãos (católicos e protestantes), ser ateu era ser diferente, e tal fato chamava a atenção, de forma que aos poucos a baixa autoestima era mascarada pelos rápidos destaques em debates sobre religião. Ainda que tais vislumbres de “fama” me levassem a ser visto nos momentos de falas, ao fim de tais momentos a solidão novamente me atormentava, seguida pelo complexo desejo de tirar a própria vida.

Como vivíamos em um local um pouco isolado, tínhamos armas em casa para defesa da família. Nos instantes de tristeza profunda eu aproveitava momentos sozinho, pegava uma das armas e, com ela apontada para a cabeça, pressionava levemente o gatilho, que girava o tambor, e a cada micro estalo eu me via mais longe de um futuro incerto em vida e mais perto de um também incerto pós-morte, apesar de não crer que de fato haveria algo além do corpo físico. Não obstante esta certeza verbalizada para os crédulos, o que me levava à desistência do disparo era o questionamento: *“E se eu estiver errado? E se realmente houver algo e o meu ato em vida me conduzir a algo pior?”*. Tal dúvida me levava a deixar a arma de lado para continuar o triste cotidiano.

Dizem que todo suicida na verdade é, paradoxalmente, um desesperado para viver, e no meu caso tal afirmativa se confirmava, tendo em vista que de fato me sentia assim, pois minha fuga não era da vida em si, mas da angústia de caminhar nesta vida crendo que o caminho seria de contínua tristeza e solidão. A falta de perspectiva de uma vida feliz faz com que geralmente o suicida tema o amanhã, então por não ter esperança na verdadeira vida que lhe traria sentido, prefere não vivenciar a experiência do porvir na expectativa de ser dolorosa e perca a razão de ser. Ora, na dúvida, para que viver e arriscar, então?

Em uma noite de novembro deixei de lado os temores com as incertezas da morte e decidi ser conduzido mais pelas tristes e desesperançosas incertezas da vida. Naquela circunstância escrevi uma carta à família tentando “explicar o inexplicável”: o motivo de ter a egoísta ideia de acabar com a vida e deixar a tristeza para os que ficassem. Na carta eu tentava não deixar dúvida nos meus pais sobre alguma culpa, a fim de pelo menos não os fazer carregar ainda mais dor: além da perda de um filho, também a indefinição se havia algo a ser consertado ou não. A decisão foi que o suicídio se concretizaria enquanto todos dormissem. Eu colocaria a carta sobre a cama e atiraria sobre a orelha direita, estava tudo racionalmente programado de forma extremamente egoísta.

Às 19h meus pais me chamaram para ir com eles a um evento de uma igreja evangélica, que já haviam prometido algumas vezes comparecer aos amigos que os convidaram. Como seria nosso último passeio juntos, decidi ir, pois lhes daria a última alegria de estarmos juntos. Durante o caminho eu pensava na minha história e entendia um pouco mais os que haviam se acovardado (eu antes achava assim) tomando a mesma atitude que eu acreditava que tomaria horas depois.

Ao chegar ao local do evento, percebi que era uma casa de shows que a igreja havia alugado para celebrar um ou dois anos de início de suas programações. Ao

atravessar o portão, a última frase que me veio à mente foi: *“Minha vida não presta e eu não valho nada. Hoje acabo com minha vida!”*. No local do evento estava, além de um grande grupo de religiosos evangélicos, um cantor pernambucano chamado Armando Filho, e a música que tocava no momento me surpreendeu porque no exato instante em que atravessei o portão de entrada do local, parte da letra que era entoada parecia uma resposta à frase da minha mente:

Quero que valorize o que você tem, você é um ser, você é alguém tão importante para Deus
Nada de ficar sofrendo angústia e dor, nesse complexo inferior, dizendo às vezes que não é ninguém
Eu venho falar do valor que você tem (2 X)
Ele está em você, o Espírito Santo se move em você
Até com gemidos inexprimíveis
Daí você pode então perceber
Que pra ele há algo importante em você
Por isso levante e cante, exalte ao Senhor
Você tem valor, o Espírito Santo se move em você (2 X)

Esta letra pode parecer irrelevante para qualquer um que nesta circunstância lê este memorial, mas para um depressivo às portas do suicídio, ela é ouvida com um pouco mais de possibilidades além das licenças poéticas e linhas próprias da arte. Ainda assim, mesmo que o mais lógico até fosse desistir momentaneamente do ato, naquele instante percebi essa música sim como curiosa, pois viera em um momento propício para alguém voltar atrás da ideia de cometer suicídio, mas a reação de quem estava decidido em finalizar sua breve história foi somente de concordar que aquilo era nada mais que uma grande coincidência.

Os minutos (ou segundos, não recordo ao certo) posteriores foram de convicções mentais, com as frases: *“não valho nada, hoje eu me mato; de que adianta ficar vivo?”* *“minha vida será de solidão e tristeza; vou dar um tiro na cabeça quando todos estiverem dormindo, pois em poucos meses minha presença será mais alívio que dor”*. As frases não foram verbalizadas e eu realmente não sei se as expressões exatas em minha mente eram essas, mas certamente eram bem semelhantes. Eu estava decidido e achava que nada me convenceria do contrário. Até que aquele músico teve uma atitude ousada e, para mim, mais que surpreendente.

Enquanto o grupo musical continuava a tocar a música citada anteriormente, o músico parou de cantar e disse algo semelhante a estas frases: *“Estou muito incomodado e quero dizer algo que sinto que o próprio Deus está me mandando falar: tem uma pessoa aqui esta noite que decidiu acabar com sua vida hoje, pois acha que sua existência não*

vale nada. Eu quero dizer a você que ainda que você ache que ninguém se importe contigo, Deus se importa tanto que enviou o seu único filho para morrer em seu lugar, ele quer que você saiba que você é pecador, mas que ele ama você como você está, você vale muito para ele, não escute esse engano que está em sua mente, pois Deus quer a partir de hoje ter um relacionamento com você de pai para filho, desista disso e escute o amor que rasgou os céus para se encontrar contigo na terra”.

Sinceramente não sei quantas pessoas pensaram o mesmo que eu naquele momento, talvez ali houvesse outras pessoas que estavam em situação emocional semelhante à minha e com decisões quanto à vida também semelhantes, mas costumo dizer que naquela noite eu cometi suicídio, pois a experiência espiritual me fez enxergar algo além de uma simples alteração nas emoções ou um vínculo com dada instituição religiosa. Minha vida foi ressignificada a partir daquele momento, acontecendo o que chamam de *metanoia* ou conversão religiosa.

O termo “metanoia”, de origem grega, vem de *μετανοεῖν*, que significa “pensamento além”, ou “mudança de mente”, o que em muitas religiões é chamado de conversão. Gomes (2011) diz: “o termo conversão é utilizado (...) para caracterizar a entrada em uma nova religião, capaz de transformar a cosmovisão do sujeito, mudar a identidade do converso e alterar sua relação com a realidade e o mundo” (p. 158). Não obstante algumas religiões não utilizarem tal conceito, o inseri neste contexto a fim de colocar no mesmo escopo o de seguir determinada crença, que é o que aconteceu comigo a partir daquele momento.

Bom, mas que tipo de relação há entre esta experiência pessoal de conversão religiosa com o trabalho em si? Afirmo que muito, pois a partir disto o meu interesse pelas religiões e as relações do ser com o sagrado se intensificou, porém agora não mais assumindo um caráter meramente crítico. A partir de então, passava a tomar justamente a ideia apresentada no início deste memorial de Oneide Bobsin ao apresentar o trabalho de Otto. Percebi que é possível participar de uma crença religiosa e vivenciar sua ritualística ao mesmo tempo em que seus pressupostos ideológicos, filosóficos, temporais, geográficos e outros não alterem as interpretações que se façam por este quando do desejo de pesquisar as manifestações diversas da relação com o que se considera ou não sagrado.

O curso que decidi ingressar foi História, iniciando na Universidade Regional do Cariri e, posteriormente transferindo o mesmo para a Universidade Federal da Paraíba, então, aliei o desejo em pesquisar religiões com a formação acadêmica a partir do

Trabalho de Conclusão de Curso, de modo que trabalhei a história do Movimento Hare Krishna na Paraíba, vindo a intensificar este trabalho no Mestrado em Ciências das Religiões no ano posterior à conclusão da Graduação, mostrando também que o interesse pelas religiões não estava vinculado somente à religião à qual eu estava vinculado no âmbito das crenças pessoais.

Os trabalhos da Graduação e Mestrado me conduziram a aproveitar a falta de fontes escritas para aprender a utilizar intensamente fontes orais, tendo em vista que o objeto de pesquisa me levaria justamente a produzir a história do próprio Movimento Hare Krishna na Paraíba, uma oportunidade ímpar, que traria relevância não apenas para mim em termos de satisfação pessoal, como também para o grupo religioso, que teria agora os seus registros com possibilidade e consulta de terceiros e dos próprios devotos, elemento de importância fundamental para os que faziam parte desta religião ou os que simplesmente se interessassem pela temática.

Nesta pesquisa, compreendi que em uma investigação em que boa parte das informações são advindas de fontes orais, por meio de um bom recolhimento de dados seria possível apresentar um trabalho com um conteúdo satisfatório e ao mesmo tempo oferecer uma boa estrutura metodológica, contanto que as demais fontes às quais já havia acesso fossem utilizadas de forma criteriosa e que as informações colhidas pudessem de fato apresentar relevância inquestionável, concordando com a explicação da antropóloga Verena Alberti (2004, p. 36):

[...] no trabalho de pesquisa, uma única entrevista pode ser extremamente relevante, mas ela só adquire significado completo no momento em que sua análise puder ser articulada com demais fontes que sejam igualmente relevantes.

Boa parte dos dados elencados nas pesquisas em questão foram gerados a partir de alguns encontros com líderes e devotos e participações em reuniões com devotos que, em sua maioria, estiveram ativos no Movimento religioso em questão desde as primeiras reuniões na Paraíba. Ainda que encontrando muitos percalços advindos da ausência de informações, em muitos momentos desfrutamos da sensação ímpar de comparecer a algumas reuniões e rituais do grupo, tal como a consagração de transferência de um devoto do “posto” de membro ao de monge no templo utilizado na pesquisa.

O Projeto do Doutorado se aproximou mais do que vivencio enquanto seguidor de dada confissão religiosa, mas não pelo vínculo religioso em si, mas pelos motivos

elencados quanto à relevância que cremos que tal tema trará para o campo científico das Ciências das Religiões.

Atualmente me aproximo muito da área não apenas devido a no momento estar cursando o Doutorado em Ciências das Religiões, mas também pelo fato de atuar como pastor de área social de uma das instituições pesquisadas, promovendo projetos que engajem os membros e voluntários diversos da igreja com ações sociais de dignificação dos que se encontram em situação de exclusão.

Ao mesmo tempo em que atuo na função acima, até o segundo ano do Doutorado eu também desempenhava o ofício de professor da rede privada de ensino na disciplina de Sociologia para o Ensino Médio e das disciplinas de Hermenêutica e Sociologia das Religiões em uma Graduação de Teologia em uma Faculdade privada. Neste segundo caso, buscando consolidar na prática pessoal a importância da correspondência das esferas religiosas na Graduação em nosso país, cujo papel da religião é essencial na identidade nacional.

Neste quesito também se evidencia o papel das Ciências das Religiões na orientação de políticas educacionais apartidárias e empáticas, considerando também a influência da Teologia nas Ciências das Religiões, visto que, como Camurça diz (2008, p. 45): as C.R.'s nasceram no ambiente das escolas de Teologia, visto que utilizavam dos métodos da História e da Filologia com vista às comparações entre o cristianismo com outras religiões já extintas, de forma que foram *“formadas como linha-auxiliar da Teologia(...)”* ainda que na prática considerem esta uma *“(...) herança de que buscarão se libertar no transcurso da história”*.

A partir do terceiro ano do Doutorado fui chamado para atuar como Diretor de Programa na Secretaria Especial do Desenvolvimento Social do Ministério da Cidadania, de modo a atuar na estratégia das políticas para o desenvolvimento social em todo o país, item trabalhado nesta Tese.

Quanto ao objeto escolhido na Graduação e Mestrado, sendo bem distinto do que está relacionado à fé religiosa que sigo, somado à forma como as pesquisas foram desenvolvidas, deixei claro que, para o que busca relacionamento com o que considera ou não sagrado, quer esteja subindo escadarias para pagar promessas, quer prostrado em direção à cidade de Meca todos os dias à mesma hora ou cantando mantras ao som de címbalos procurando alegrar as deidades, a maneira como o fiel expressa sua devoção é o que menos importa. O erro ao qual não se pode incorrer na pesquisa é o de crer estar numa espécie de degrau espiritual mais elevado de forma que o indivíduo ou grupo

religioso age de maneira intolerante em relação ao outro, como por diversas vezes a mídia tem noticiado conflitos que se iniciam devido às conhecidas celeumas relacionadas às manifestações de fé. Desta forma, tendo condições de olhar o outro que crê de maneira diferente de maneira respeitosa e tolerante, encontra-se também eficaz manifestação de refletir o contato que se afirma ter com o Divino.

Introdução

Não obstante a crítica de muitos, a variação da frase “a religião é o ópio do povo” popularizada por Marx (2010, p. 145) encontra sentido em muitos contextos, e possivelmente sua crítica à religião era mais impulsionada pela sua análise da situação dos operários ingleses e a doutrinação religiosa por eles sofrida, porém descomprometida com ações que visassem a dignificação deste grupo. Sua experiência em visualizar um Cristianismo adulterado, com uma pregação que motivava o proletariado injustiçado de sua época à inatividade e conformismo com as desigualdades, conduzindo-os meramente à esperança de um além melhor do que simplesmente por preconceito religioso, faz com que ele, como outros, também associasse a religião ao ópio, à droga que, ao mesmo tempo em que provoca a boa sensação, o prazer da alucinação, também traz como consequência a escravidão, a perda da autonomia, a plena dependência de um terceiro, de um externo.

É essencial considerar a noção de que a História é fundamental para a compreensão de aspectos diversos da sociedade, e tal compreensão também abarca para si as Ciências das Religiões utilizando como ponte a História das Religiões. Não obstante a autonomia da Área e o desenvolvimento que esta teve nas últimas décadas principalmente devido à forma como pesquisadores se portaram na luta por tal reconhecimento, é inegável que a pesquisa crítica no âmbito religioso ainda encontra ampla resistência, levando em consideração o fato de que, com a crise do Positivismo, parte da Academia ainda discute a viabilidade científica de estudo dos fenômenos culturais recorrendo a modelos tirados das ciências naturais, vindo estas então a contrapor-se às ciências do espírito, que já diferiam das primeiras pelo objeto, método e pelas relações entre sujeito e objeto.

Este debate encontra esteio no âmbito da historiografia, já que há ainda a equivocada ideia de que aquele que se detém à pesquisa enveredará por uma área que mescla análises que não necessariamente validem a razão de ser de dada pesquisa sobre grupos ou práticas. Tal argumento é rechaçado por Giovanni Filoramo e Carlo Prandi, quando evidenciam a necessidade de tal tipo de pesquisa a partir da consideração das variantes das religiões e suas manifestações, se mostrando fundamentais para a própria compreensão do que é o ser humano (1999, p. 09):

A religião, enquanto distinta do objeto de fé (por sua própria natureza inacessível à pesquisa empírica), é uma manifestação antropológica e histórica que pode e deve, como qualquer outro fenômeno humano, se sujeitar aos métodos da pesquisa crítica. Dessa premissa nasce uma

segunda, também importante e plena de consequências: a religião, como todo objeto submetido à pesquisa empírica, possui – qualquer que seja a maneira como a interpretemos – uma “estrutura” própria. Essa estrutura, como é típico do mundo empírico, pode ser decomposta e recomposta em subestruturas e agregados mais elementares. O dado religioso, nessa perspectiva, possui, então, sua “verdade”, que pode ser progressivamente desvelada, reconduzindo-a (isto é, reduzindo-a) a demais dados elementares subjacentes (sociológicos, psicológicos, antropológicos etc.).

Quando consideramos este argumento, concluímos que, mostrada a confiabilidade do intérprete e a validade das metodologias, é relevante às Ciências das Religiões que sejam desenvolvidas pesquisas neste sentido. Idgo isto considerando que a religião e suas extensões (doutrinas, rituais e demais manifestações características de acordo com as particularidades de cada segmento) no âmbito da pesquisa crítica produzem não apenas alguma informação, mas promovem reflexão cujo encaminhamento seja a atuação prática. Tal atuação lança sentido e a justifica, descartando a necessidade de adentrar na argumentação quanto à validade da “verdade singular” de dado grupo religioso, atendo-se a uma análise mais crítica que de convicções particulares, concordando com Jacqueline Hermann (1997, p. 477):

Na medida em que as categorias social e sociedade encontraram espaço como objetos privilegiados de estudo, seus diversos elementos constitutivos – e entre eles a religião – passaram a merecer também maior atenção e estudos objetivos e sistemáticos.

Sabemos que, ainda que haja uma necessidade iminente de se reafirmar o objeto de estudo a fim de que sejam estabelecidos alguns elementos para a epistemologia das Ciências das Religiões, o estudo das religiões encontra uma identidade evidente no campo das Ciências, também compreendendo sua penetração nas disciplinas diversas que compõem este campo, tais como Ciências Sociais, História, Teologia, Filosofia, etc.

Enquanto área interdisciplinar, ela deve de fato ter estreita relação com as teorias relacionadas a cada uma destas categorias, não obstante a injusta categorização de que as Ciências das Religiões teriam em si finalidade mais de encobrir supostos interesses religiosos de seus agentes agindo de forma mais apologética que científica, motivando um presumido proselitismo religioso. Contrariando tais “teorias da conspiração” dos críticos, vemos que cada vez mais este espaço tem sido valorizado devido à produção e atuação dos que focam suas pesquisas na área, de modo que cada trabalho neste âmbito enriquece não apenas a temática da religião e suas relações, mas evidenciam a relevância da área como um todo.

Não é falaciosa a discussão a respeito da problemática que enfrentamos no que concerne ao problema epistemológico das Ciências das Religiões a partir da visão de que há evidentes dificuldades nas definições quanto ao seu objeto de estudo e pesquisa, considerando também arestas apontadas um pouco acima, levando em conta que, se tudo pode ser definido como objeto de pesquisa das Ciências das Religiões, não seria de todo incoerente afirmar também que nada poderia ser considerado objeto de pesquisa no âmbito religioso.

Frank Usarski também debate a respeito do problema que a área encontra quando ele aponta para sua ausência de reflexão contínua sobre a adequação de seus procedimentos, relatando uma suposta crise permanente que a Ciência da Religião demonstra, não obstante sua institucionalização e autonomia, apontando para um reconhecimento acadêmico, trazendo alguns motivos para este problema que legitimaria sua própria existência (2006, p. 65):

[...] a lógica implícita [...] mostraria sua última consequência teórica quando pensadores como Durkheim e Freud conceberam religião, em geral, como um produto humano. Abordagens desse tipo têm em comum a religião como uma variável dependente, destituída de substância própria e completamente explicável com referência a fatores não-religiosos.

Neste sentido, o que se estuda e o grau de profundidade que se faz desta noção nos leva à conclusão de que, quanto mais há intensidade no que se pesquisa na área resulta em mais possibilidades de solidez à mesma área, visto que a simples afirmação de que a religião é o objeto das Ciências das Religiões é simplista. Podemos considerar que até a classificação de o que é religião não é de fácil compreensão, posto que há um todo de complexidade nos elementos que constituem a própria religiosidade, apesar do apresentado anteriormente em Filoramo e Prandi e também reconhecendo o debate de que a religião até agregaria uma espécie de padrão recorrente, mas não necessariamente um fenômeno universal. Também consideramos perspectivas de alguns como Marcelo Camurça (2008, p. 30) resguardando o nível da essência religiosa das alternâncias visíveis, definindo a religião “*em termos de sua singularidade, pois esta possui uma natureza permanente que escapa às injunções históricas*”.

Apesar de não ter sido o primeiro a utilizar esta analogia, a frase “a religião é o ópio do povo” se tornou mais conhecida na obra *Crítica da Filosofia do Direito de Hegel*, do filósofo e revolucionário socialista alemão Karl Marx. Em sua obra, além de contestar o “egoísmo privado” e reforçar a soberania popular, Marx também analisa algumas

ferramentas de alienação, concordando com Feuerbach ao se posicionar dizendo que a religião é uma delas (2010, p. 145):

Este é o fundamento da crítica irreligiosa: o homem *faz a religião*, a religião não faz o homem. E a religião é de fato a autoconsciência e o autossentimento do homem, que ou ainda não conquistou a si mesmo ou já se perdeu novamente. Mas o *homem* não é um ser abstrato, acorrido fora do mundo. O homem é o *mundo do homem*, o estado, a sociedade. Esse estado e essa sociedade produzem a religião, uma *consciência invertida do mundo*, porque eles são um *mundo invertido*. A religião é a teoria geral deste mundo, seu compêndio enciclopédico, sua lógica em forma popular, seu *point* espiritualista, seu entusiasmo, sua sanção moral, seu complemento solene, sua base geral de consolação e de justificação. Ela é a *realização fantástica* da essência humana, porque a essência humana não possui uma realidade verdadeira. Por conseguinte, a luta contra a religião é, indiretamente, contra aquele mundo cujo aroma espiritual é a religião. A miséria *religiosa* constitui ao mesmo tempo a *expressão* da miséria real e o *protesto* contra a miséria real. A religião é o suspiro da criatura oprimida, o ânimo de um mundo sem coração, assim como o espírito de estados de coisas embrutecidos. Ela é o *ópio* do povo.

A religião sempre teve participação ativa e efetiva na vida social, quer estejamos falando sobre a formação de valores e padrões sociais, quer no que diz respeito às relações de poder. Em Pierre Bourdieu (1989, p. 10), vemos que existe a utilização de um poder simbólico pelas classes dominantes em que estas são favorecidas por um capital também simbólico, disseminado e reproduzido por meio de instituições e práticas sociais que lhes possibilitam exercer o poder, e as diversas expressões religiosas não estão dispensadas desse contexto.

No modelo de sociedade desse Estado moderno, determinadas necessidades humanas só podem ser supridas com a atuação do poder público. O questionamento que o fiel cristão seguidor da Bíblia Sagrada poderia fazer é: como se portar diante do contexto de exclusão social que reiteradamente vislumbramos em nosso País, e: o que fazer diante da recusa dos governos em responderem à dor do esquecido?

Partindo do princípio da análise de sua própria etimologia, ser igreja significa ser “chamado para fora”². Para o Cristianismo, o homem se relaciona com o Deus bíblico, aprende a respeito dele e é chamado para cumprir sua missão de proclamar para outros (o que chamam de evangelização) uma libertação que seria não apenas espiritual, mas também de tudo o que o leva à exclusão social.

² Apesar de no Novo Testamento a palavra *Ekklesia* (de onde é traduzida a palavra igreja) ser literalmente “assembleia” ou “ajuntamento de pessoas”, por também ser a junção das palavras “chamados” e “para o ambiente externo”, foi consolidado o uso com essa tradução: chamados para fora.

O Cristianismo é, essencialmente, proselitista, visto que o próprio Jesus Cristo se apresentou como o “*caminho para a verdadeira vida*” (Jo. 14:6). Na interpretação da teologia cristã tradicional, Jesus não se apresenta como *um* caminho, mas como o único em condições de conduzir o homem a Deus, o Pai. No texto em questão, ele diz ser impossível alguém chegar até Deus senão tendo o próprio Jesus como esta “ponte” que liga os dois extremos que se encontram separados devido ao pecado do homem. O apóstolo Paulo coloca da seguinte forma sua explicação sobre esta ação de Jesus Cristo (2ª Cor. 5.15-21):

E ele morreu por todos para que aqueles que vivem já não vivam mais para si mesmos, mas para aquele que por eles morreu e ressuscitou. De modo que, de agora em diante, a ninguém mais consideramos do ponto de vista humano. Ainda que antes tenhamos considerado a Cristo dessa forma, agora já não o consideramos assim. Portanto, se alguém está em Cristo, é nova criação. As coisas antigas já passaram; eis que surgiram coisas novas! Tudo isso provém de Deus, que nos reconciliou consigo mesmo por meio de Cristo e nos deu o ministério da reconciliação, ou seja, que Deus em Cristo estava reconciliando consigo o mundo, não lançando em conta os pecados dos homens, e nos confiou a mensagem da reconciliação. Portanto, somos embaixadores de Cristo, como se Deus estivesse fazendo o seu apelo por nosso intermédio. Por amor a Cristo lhes suplicamos: Reconciliem-se com Deus. Deus tornou pecado por nós aquele que não tinha pecado, para que nele nos tornássemos justiça de Deus.

Na Legislação brasileira há a garantia da liberdade religiosa como um direito fundamental de todos os cidadãos (segundo a Constituição Federal de 1988), sendo também evidente a necessidade do respeito à opção pelo que escolhe não manifestar qualquer religião ou profissão de fé. Não obstante tal “direito à descrença” ou à não profissão de qualquer uma delas, há também o direito em nossa Carta Magna de qualquer indivíduo expor sua opinião sem a interferência do Estado (excluindo as exceções que incorram em crimes, como a incitação ao nazismo, por exemplo). Conquanto o proselitismo não se apresente de forma opressora ou humilhante, não encontramos quaisquer impedimentos em nossa legislação para que haja a proclamação de dada crença religiosa a outra pessoa.

É fundamental compreender que, segundo as doutrinas do Cristianismo tradicional, necessariamente não há verdadeira relação com Deus se não houver disposição para levar esta mensagem apresentada na Bíblia Sagrada aos que são denominados pelos cristãos de descrentes, ação que os que creem chamam de evangelismo.

Em seus discursos, é comum não apenas seus seguidores, mas o próprio Jesus informar sobre a necessidade de que outras pessoas conheçam a mensagem cristã. “*E disse-lhes: ‘Vão pelo mundo todo e preguem o evangelho a todas as pessoas. ’*” (Mc. 16:15); “*Portanto, vão e façam discípulos de todas as nações, batizando-os em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo, ensinando-os a obedecer a tudo o que eu lhes ordenei. E eu estarei sempre com vocês, até o fim dos tempos*” (Mateus, 28:19-20).

Este proselitismo cristão não é, na perspectiva de seus devotos, uma mera divulgação de um novo código de condutas ou mais um movimento religioso em busca de adeptos. Os teólogos protestantes Craig G. Bartholomew e Michael W. Goheen (2016, p. 24), dizem que a mensagem de evangelismo que deve ser pregada pelos seguidores do Cristianismo é um comunicado a respeito de em que direção Deus estaria encaminhando a história de todo o mundo, sem distinção: “*As boas-novas que Jesus anuncia e vive, e que a igreja está encarregada de corporificar e tornar conhecida, é o evangelho do reino. [...] não se trata de um relato local apenas do interesse de determinado grupo étnico ou religioso.*”

Tal necessidade de proclamação da mensagem do Evangelho está fundamentada na crença de que o mundo está condenado por estar separado de Deus, e a morte e ressurreição de Cristo são um remédio dado dos céus por este Deus como sendo a história da reconciliação do homem com o Criador de todas as coisas.

O Novo Testamento, onde está registrada a história de Jesus e do que o Cristianismo chama de plano de redenção da humanidade, é um sinônimo de nova aliança, posto que no Antigo Testamento haveria um pacto de Deus para a humanidade separada dele pelo pecado, com a promessa que viria um Messias para promover a reconciliação do povo com Deus e o Novo Testamento seria a concretização deste pacto com a vinda de Jesus, com o título de Cristo (oriundo da palavra grega *Χριστός* - *Khristós* - que significa Ungido, tradução da palavra hebraica *מָשִׁיחַ* - *Māšîaḥ*, que dá origem à palavra Messias em nossa língua)³. Ao mesmo tempo, a palavra Evangelho é originária do grego *εὐαγγέλιον* (euangelion), cuja tradução é “boa notícia” ou “boas novas”. Justamente pelo fato de que, diante da notícia do Antigo Testamento de que o homem estava separado de Deus e que viria um redentor, o Novo Testamento anunciaria a boa notícia de que tal salvador veio à humanidade, provou dos mesmos sofrimentos humanos, foi torturado,

³ HORNE, Mark. p. 12

morreu, ressuscitou e agora os reconciliava com Deus, sendo necessário falar tal notícia a todos os povos para que pela fé eles possam desenvolver um relacionamento com Jesus.

Sendo assim, para o Cristianismo, é necessário pregar, proclamar esta mensagem para que as pessoas compreendam sua situação de distanciamento de Deus e creiam no sacrifício de Jesus por toda a humanidade. A crença na atitude de Cristo é fator fundamental para uma nova vida de reconciliação com Deus, como traz Paulo, escritor de boa parte do Novo Testamento, em sua carta à Igreja de Éfesom situada naquela cidade (Ef. 2:1-9):

Vocês estavam mortos em suas transgressões e pecados, nos quais costumavam viver, quando seguiam a presente ordem deste mundo [...]. Anteriormente, todos nós também vivíamos entre eles, satisfazendo as vontades da nossa carne, seguindo os seus desejos e pensamentos. Como os outros, éramos por natureza merecedores da ira. Todavia, Deus, que é rico em misericórdia, pelo grande amor com que nos amou, deu-nos vida juntamente com Cristo, quando ainda estávamos mortos em transgressões — pela graça vocês são salvos. Deus nos ressuscitou com Cristo e com ele nos fez assentar nos lugares celestiais em Cristo Jesus, para mostrar, nas eras que hão de vir, a incomparável riqueza de sua graça, demonstrada em sua bondade para conosco em Cristo Jesus. Pois vocês são salvos pela graça, por meio da fé, e isto não vem de vocês, é dom de Deus; não por obras, para que ninguém se glorie.

Desta forma, pela fé, o homem se aproxima de Deus novamente, mas tal ação só é possível a partir da pregação desta mensagem, explicado assim também por Paulo (Rom. 10:13-15): *“Como invocarão aquele em quem não creram? E como crerão naquele de quem não ouviram falar? E como ouvirão, se não houver quem pregue? E como pregarão, se não forem enviados? Como está escrito: ‘Quão belos os pés dos que anunciam boas novas!’”*

Assim, para o Cristianismo tradicional, não há coerência em alguém se dizer seguidor de Cristo sem necessariamente crer que ele é o salvador da humanidade e que ressuscitou dentre os mortos, como mais uma vez o Apóstolo Paulo diz (1Cor. 1:13-14): *“Se não há ressurreição dentre os mortos, nem mesmo Cristo ressuscitou; e, se Cristo não ressuscitou, é inútil a nossa pregação, como também é inútil a fé que vocês têm.”* Ou seja: um Cristianismo que não crê na ressurreição de Jesus expressa uma fé inconcebível do ponto de vista da Teologia Cristã, da mesma forma que, um Cristianismo que crê na ressurreição de Cristo, necessariamente precisa expressar tal crença a partir da pregação desta mensagem aos que não conhecem tal pensamento, pois para o Cristianismo esta é a salvação do mundo e, não proclamar esta palavra é, além de uma

desobediência à ordem de Jesus expressa em suas pregações, também uma atitude de egoísmo com os que não conhecem as Escrituras.

Porém, a atitude de egoísmo se manifesta de forma mais ampla quando o cristão sai do local de manifestação de sua crença (o templo religioso ou a rotina de convivência com os demais fiéis) para adentrar o ambiente cotidiano, chamado por muitos cristãos de “meio secular” – ou o ambiente externo aos locais de culto. Todo grupo social que diz crer nos ensinamentos de Jesus, mas que não entre em conflito com um ambiente social mergulhado nos princípios da injustiça, necessariamente apresenta um egoísmo reprovável e de rejeição à alternativa proposta pelo próprio Jesus, como nos diz Costa (2017, p. 101) a esse respeito:

Afirmo que a verdadeira evangelização tem como meta reconciliar o homem com Deus e levar o coração do convertido a amar o seu Criador e o próximo. Concluo que é impossível dissociar a evangelização verdadeira da missão ao pobre, da defesa dos direitos humanos e da ação política, uma vez que aquele que ama haverá de se compadecer do que mais sofre e empreender o esforço necessário para livrá-lo de sua desgraça.

Desse modo, tomando esse pressuposto como verdadeiro e a atenção de Jesus para os rejeitados da sociedade apresentada no Novo Testamento, é necessário haver a compreensão de que para ser fidedigno à sua crença, necessariamente o cristão deve se incomodar com a condição dos marginalizados, mas não apenas se limitar ao mal-estar interior, porém deve também exteriorizar esse incômodo agindo de forma a que sejam oferecidos aos excluídos meios em prol de sua dignificação social.

Como o Cristianismo tem nas palavras de Jesus apresentadas na Bíblia Sagrada suas principais regras de fé e prática, há de se considerar a ordenança do próprio Cristo a respeito da postura dos seus seguidores em relação aos que estão considerados em situação de pobreza ou em outras diversas condições de vulnerabilidade e exclusão social (Mt. 25:34-40):

Então dirá o Rei aos que estiverem à sua direita: Vinde, benditos de meu Pai, possuí por herança o reino que vos está preparado desde a fundação do mundo; Porque tive fome, e destes-me de comer; tive sede, e destes-me de beber; era estrangeiro, e hospedastes-me; Estava nu, e vestistes-me; adoeci, e visitastes-me; estive na prisão, e foste me ver. Então os justos lhe responderão, dizendo: Senhor, quando te vimos com fome, e te demos de comer? Ou com sede, e te demos de beber? E quando te vimos estrangeiro, e te hospedamos? ou nu, e te vestimos? E quando te vimos enfermo, ou na prisão, e fomos ver-te? E, respondendo o Rei, lhes dirá: Em verdade vos digo que quando o fizestes a um destes meus pequeninos irmãos, a mim o fizestes.

O ponto de contradição é que, não obstante essa certeza teológica, a igreja evangélica no Brasil nas últimas décadas tem sido constantemente criticada, e boa parte destes ataques se relaciona a uma série de práticas que determinados grupos dentro de seu seio têm vivenciado. Uma das vertentes evangélicas que tem sido alvo da maior parte das críticas é a que se apresenta seguidora da Teologia da Prosperidade, uma linha teológica que tem como crença central a chamada “lei da reciprocidade”. Esta lei relaciona a fidelidade material do crente a uma consequente ação de Deus no tocante à prosperidade material. Convém mencionar que alguns teólogos protestantes não tratam o que chamamos aqui de Teologia da Prosperidade como sendo de fato uma teologia, conforme explica o teólogo protestante Franklin Ferreira (2017, p. 38):

Devemos nos recusar a chamar o ensino da prosperidade de “teologia”. É preciso chamá-lo de “mensagem da prosperidade”, pois esta noção, em geral associada às seitas neopentecostais, nada mais é que uma ideia mágica de vitória “espiritual” que transforma Deus em mero “devedor” da fé humana, já que é centrada no homem.

Não obstante este apontamento, permaneceremos tratando a mesma como teologia pelo uso comum da mesma nesta categoria nos estudos a respeito da temática.

Nesse sentido, para os críticos desta vertente, a prática religiosa dos adeptos de tal linha teológica estaria voltada a uma relação antropocêntrica e cíclica com o sagrado, posto que, a partir do momento em que o devoto deseja a posse de bens materiais, ele investe suas finanças ou propriedades por meio de determinados compromissos (denominados “votos de fé”) no ritual correspondente, então passa a acreditar, levado por essa teologia, que qualquer benefício após o ato é fruto da resposta divina à sua fidelidade, repetindo os atos em cada nova “campanha” que sua denominação promova, e assim permanece nesse ciclo de transferência mútua.

Para a Teologia da Prosperidade, o crente é uma espécie de herdeiro de todas as bênçãos desse mundo, pois Deus é seu pai, e ele é o rei, sendo assim, o filho de Deus é príncipe, conseqüentemente, tem direito a uma herança ainda em vida, e não após a morte como creem outras vertentes do Cristianismo. Mas não só isso – Deus já dá o privilégio de que esses príncipes reinem com ele, e isso está relacionado a necessariamente “tomar posse” da autoridade que o próprio Deus lhe conferiu a fim de que ele desfrute dos privilégios de ser Rei junto com o Pai, como diz Kenneth Hagin (s.d. p. 33), considerado um dos principais expoentes dessa Teologia:

O plano de Deus para nós é que governemos e reinemos em vida como reis: governar e reinar sobre as circunstâncias, pobreza, enfermidade e tudo aquilo que possa constituir obstáculo para nós. Reinamos porque temos autoridade. Reinamos por Jesus Cristo. Na outra vida? Não, *nesta* vida. Ao cantarmos ou dizermos alguma coisa, estejamos seguros de que estamos afinados com a Palavra de Deus. Algumas pessoas cantam: “Aqui vou peregrinando, como um mendigo, no frio e no calor” ou “Precioso Jesus, não se esqueça de mim!” – todo tipo de incredulidade. Não estamos vagueando como mendigos, porque não somos mendigos. Somos filhos de Deus, herdeiros de Deus, coerdeiros com Cristo Jesus (Romanos 8:17). Somos o Corpo de Cristo. Estamos sentados com Cristo à destra da Majestade nas Alturas, acima de todas as potestades e poderes, força e domínio, glória a Deus! Isso não se assemelha muito a um mendigo ou “Precioso Jesus não se esqueça de mim!”, ou “Se eu pudesse alcançar”, ou “Ficando em algum lugar nas sombras você encontrará Jesus”, ou ainda “Senhor, construa uma casinha para mim num cantinho da terra gloriosa”. Prefiro ouvir um jumento zurrar do que ouvir tais cânticos, mas nós os cantamos durante tanto tempo que acreditamos dizerem a verdade. Pessoas derramam algumas lágrimas porque “vagueiam como um mendigo” e pensam que estão sendo abençoadas! Muito frequentemente os crentes agem como filhotes de pássaros, com os olhos fechados e a boca aberta. Qualquer pessoa pode vir e lhes dar qualquer coisa para comer, e estão prontas para aceitar. Bem, não vou ficar com minha boca aberta e meus olhos fechados; vou ficar com meus olhos abertos e minha boca fechada!

Tal convicção se contrapõe diretamente a um outro conjunto de pensamentos também existentes em outras linhas doutrinárias cristãs (mais presentes principalmente em alguns movimentos da Igreja Católica Romana): crenças como a de que a pobreza é um símbolo que testifica o relacionamento com Deus, uma rejeição voluntária ou forçada às tentações materialistas desse mundo limitado. Uma teologia centrada tão somente na posteridade.

Para os teólogos católicos Juan Mateos e Fernando Camacho, a fim de que a nova sociedade pregada por Jesus seja estabelecida na vida de cada um de seus seguidores, se faz necessário que a humanidade renuncie à ambição, e essa renúncia se inicia a partir da prática de rejeição às ilusões do que é material, só podendo ser alcançada com a opção pela pobreza (1992, p. 58):

A opção pela pobreza é a porta de entrada para o reino de Deus, isto é, abre a possibilidade de sociedade nova, porque extirpa a raiz da injustiça, a ambição humana, e rompe com os “valores” sobre os quais se sustenta a velha sociedade. A ambição leva à acumulação de riquezas e, como sequela, à busca de prestígio social e domínio sobre os outros, acarretando relações humanas baseadas na desigualdade, na opressão e na rivalidade.

Por outro lado, entendemos que a visão de Max Weber em sua *A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo*, era que o Protestantismo herdou de João Calvino o

encorajamento ao progresso individual, desmistificando o lucro como motivação e criando condições para o desenvolvimento pessoal. Para o sociólogo e economista, essa seria a mola mestra do Capitalismo.

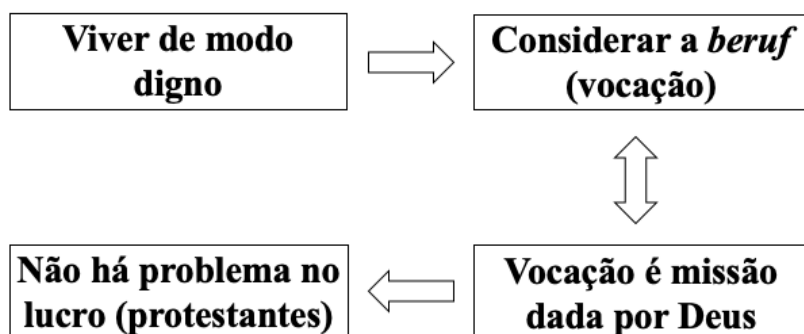


Imagem 1

Fluxograma criado pelo autor

Weber (2004, p. 72) analisa João Calvino interpretando que, para ele (Calvino), viver de modo digno necessariamente passa primeiro por levar em conta nossa vocação (em alemão *beruf*), e essa vocação seria uma missão dada por Deus, com o trabalho adquirindo um valor religioso e tendo mais a ver com o cumprimento das tarefas “do século” impostas ao indivíduo pela sua posição no mundo do que com um determinado autocontrole religioso.

Uma coisa antes de mais nada era absolutamente nova: a valorização do cumprimento do dever no seio das profissões mundanas como o mais excelso conteúdo que a autorrealização moral é capaz de assumir. Isso teve por consequência inevitável a representação de uma significação religiosa do trabalho mundano de todo dia e conferiu pela primeira vez ao conceito de *Beruf* esse sentido. No conceito de *Beruf*, portanto, ganha expressão aquele dogma central de todas as denominações protestantes que condena a distinção católica dos imperativos morais em “*praecepta*” e “*concilia*” e reconhece que o único meio de viver que agrada a Deus não está em suplant r a moralidade intramundana pela ascese mon stica, mas sim, exclusivamente, em cumprir com os deveres intramundanos, tal como decorrem da posição do indivíduo na vida, a qual por isso mesmo se torna “vocação profissional”.

A partir daqui Weber busca descobrir o papel exercido pelo calvinismo e pelo protestantismo na história do desenvolvimento capitalista. Segundo o seu entendimento,

basta uma observação superficial para compreender que podemos encontrar um tipo de associação entre a vida religiosa e os atos seculares absolutamente diferentes. Em sua análise sobre a religião e o desenvolvimento financeiro individual, Weber expressa que existiriam relações de continuidade entre a ética protestante e o espírito do capitalismo, uma espécie de identidade entre o capitalismo e a religião protestante, de modo que, para a ética protestante, o lucro não é necessariamente um problema, e tal ideia no Catolicismo em alguns momentos é oposta, é mais problemática.

Para o Catolicismo, a vida contemplativa estaria acima da vida ativa, como a doutrina tomista de que a vida do monastério era a mais próxima do propósito de Deus, como Aquino expressa no decorrer de sua *Suma Teológica*, em oposição ao que traria posteriormente o Protestantismo, que apontaria para uma vida em que as ações do cotidiano tinham tanto valor para Deus quanto às praticadas pelo clero, bastando que tais ações fossem de forma que o trabalho glorificasse a Deus, pois o trabalho seria bênção de Deus na vida do fiel, de modo que fazer bem o trabalho era sinal de gratidão a Deus, trazendo, assim, uma visão positiva ao lucro no trabalho.

Em seu material, Weber faz uma comparação a respeito de como os puritanos entendiam o lucro em relação aos judeus, e sua compreensão sobre o que o protestante entende a respeito do lucro se relaciona com a prosperidade em alguns casos vista no Capitalismo, entendendo também que a ética protestante do trabalho fornece para este Capitalismo um tecido social mais proveitoso para o seu aprimoramento.

Na obra *A pobreza das nações*, ao analisar o argumento de Weber que o protestantismo teria gerado um novo modelo de homem de negócios, Wayne Grudem (2016, p. 341) aborda diversos aspectos desta perspectiva de trabalho de cosmovisão protestante, mencionando alguns deles:

[...] buscar a profissão como um chamado de Deus; ser capaz de ler; e ser honesto e diligente no trabalho, porque trabalha-se “como para o Senhor, e não para os homens” (Colossenses. 3:23). Além disso, os trabalhadores deveriam ser zelosos para com o tempo e o dinheiro (que lhes são confiados por Deus para sua mordomia). Eles deveriam ver a criação e a produção de bens a partir da terra como um chamado de Deus e como algo que podem fazer com alegria e ações de graças [...]. Eles deveriam pensar que novas invenções de produtos a partir da terra devem ser recebidos como maravilhosas bênçãos de Deus.

Todavia, Weber faz uma interpretação não tão profunda da teologia puritana e suas práticas. Os equívocos de Weber nesta análise são pontuados por alguns autores, um

deles André Biéler em sua obra *O Pensamento Econômico e Social de Calvino* (Cultura Cristã, 2012), que apresentaremos em nosso capítulo sobre o Neocalvinismo.

A Teologia da Prosperidade tem como característica fundamental a proclamação do relacionamento com um Deus que se compromete a trocar bens simbólicos como a prosperidade financeira, a cura, a libertação de espíritos demoníacos e outras benesses como recompensa pela fidelidade material do devoto. Nesse sentido, ao invés de se deter aos temas comuns às religiões cristãs, como a salvação, o ascetismo e os atos de misericórdia para com o próximo, essa linha doutrinária viveria uma espécie de rompimento com a ética presente no protestantismo histórico, conduzindo o fiel a uma prática mais de apego aos símbolos, pregações motivacionais e materialismo que necessariamente à reflexão teológica.

Com uma pregação oposta à do pentecostalismo tradicional, os seguidores dessa Teologia caracterizaram de forma diferente não apenas sua linha de pensamento, mas também a apresentação das suas crenças em seus cultos e na vida social, mudando completamente a forma conhecida até então do “ser crente”.

Podemos notar essa mudança quando analisamos que, enquanto os protestantes antes disso eram generalizados como pregadores de um estilo de vida à parte da estética comum e de cultos marcados pelos cânticos de estilos característicos (de um lado músicas em moldes clássicos ao som do piano, nas chamadas “igrejas regulares” ou “tradicionais”, e de outro as reuniões com abundantes gritos e hinos buscando o denominado “fogo do Espírito”, nas igrejas pentecostais), a partir do advento da Teologia da Prosperidade, não só as reuniões, mas as relações sociais também se modificaram, como nos diz Machado (1996, p. 203): “ [...] *as alterações são visíveis, e envolvem desde a tolerância de trajés adotados pela sociedade e a juventude em geral (roupas de ginástica, bermudas, camisetas sem mangas, etc.) até mesmo a participação mais alegre e espontânea durante os seus cultos.*”

A Teologia da Prosperidade se vale de algumas crenças que são apresentadas como ferramentas para a mudança social. Uma delas é o que chamam de “princípio da confissão positiva” ou “palavra da fé”.

De acordo com o jornalista e teólogo Paulo Romeiro (1998, p. 25), essa doutrina apregoa que os humanos possuem a natureza divina, que consultar médicos ou tomar remédios é pouco recomendado para o cristão, tendo em vista que se isso não ocorre é porque ele deve estar vivendo na prática do pecado ou porque não tem fé, o que demonstraria um afastamento de Deus. Além disso, tal doutrina afirma que Jesus foi

milionário e que a soberania de Deus é limitada pela vontade humana, visto que Deus dá ao homem um poder sobre as palavras e práticas, mas o fazer ou não se mostram dependentes do quanto de fé o devoto emprega na aplicação, de modo que ter muita fé necessariamente resultará em resposta positiva ao que se propõe no âmbito espiritual influenciando no material.

Uma das características distintivas dessa Teologia e suas ferramentas está no olhar dela ao que sofre, independente do contexto em questão. Enquanto as vertentes cristãs que se voltam para o excluído (no campo da mobilidade social, por exemplo) creem que para a transformação é necessário haver justiça social começando no mínimo pela possibilidade de trabalho ao que padece; para os seguidores da Teologia da Prosperidade a mudança social parte inicialmente da exigência a Deus que ele faça o que o devoto pede, e tal ação conduz o fiel à prática contínua de doar bens materiais ou fazer algum voto sacrificial em busca da prosperidade material. Dessa forma, o crente desvia o seu olhar do esforço ou de algum tipo de opressão para direcionar o seu foco à reivindicação sobre o objeto de sua fé.

A religião deveria servir não à alienação, à manipulação e ao domínio, pelo contrário, precisaria servir ao comprometimento com a busca pelo processo de libertação e humanização, como explica o educador e filósofo Paulo Freire (1979, p. 90):

A Palavra de Deus me convida, em última análise, a re-criar o mundo, não para a dominação de meus irmãos, mas para sua libertação (...) Isso significa que ouvir a Palavra de Deus não é um ato passivo, nem um ato em que somos recipientes vazios a serem preenchidos por essa palavra que não poderia, então, ser salvadora. Essa Palavra de Deus, enquanto salvadora, é uma Palavra libertadora que os homens têm que assumir historicamente. Os homens devem transformar-se em sujeitos de sua salvação e libertação.

Não obstante ser o movimento neopentecostal o maior disseminador da Teologia da Prosperidade, não são apenas os adeptos desse movimento que a utilizam como linha direcionadora de crenças, porém nós optamos pela pesquisa de especificamente um grupo, a Igreja Verbo da Vida no bairro de Jardim Oceania, em João Pessoa, devido à sua influência no cenário evangélico nacional e por fazer parte de uma denominação em que constantemente é identificada pelos pesquisadores e outros líderes religiosos por ter esta Teologia como base central direcionadora de suas práticas.

A outra instituição protestante que pesquisamos neste trabalho é a Igreja Batista Cidade Viva, que é seguidora da Teologia calvinista com foco no Neocalvinismo.

A partir de 2004, quando iniciou seus trabalhos de ação social, a liderança da Igreja Cidade Viva entendeu que precisaria buscar um caminho diferente tanto nas questões de análise teológica quanto na *práxis* missiológica (termo que se refere à missão evangelística do crente), seguindo teóricos que trabalhavam esse viés, entre eles os teólogos do chamado Neocalvinismo, principalmente Abraham Kuyper e Herman Dooyeweerd. O Neocalvinismo é uma linha doutrinária que tem como base fundamental a ideia de que as interpretações teológicas do teólogo francês João Calvino (1509-1564) vão além do movimento eclesiástico ou confessional.

Um dos maiores nomes desse movimento, o teólogo holandês Abraham Kuyper⁴, afirmava que o Calvinismo era uma visão do mundo e da vida muito mais extensa que nos permitia melhor distinguir o sentido da vida e atuar no desenvolvimento humano (2002, p. 33). Para ele, os cristãos deveriam ter uma cosmovisão⁵ prática, de modo a influenciar e redimir o mundo, posto que a soberania de Deus deve ser revelada em toda a extensão que temos acesso, revelando-se na sociedade, na Igreja e no Estado. O cristão necessariamente tem sua cosmovisão moldada pela Bíblia Sagrada. Se compreendeu a Escritura como palavra vinda de Deus, deve testar sua cosmovisão sempre a espelhando com o que diz a Bíblia, visto ser esta a resposta de Deus às indagações humanas, desde as que se relacionam à sua vida devocional até sua posição quanto à forma de criar os filhos, suas posições políticas etc.

⁴ Primeiro-Ministro dos Países Baixos entre 1901 e 1905 e fundador da Universidade Livre de Amsterdã (1830).

⁵ O termo surge em português a partir da palavra alemã *Weltanschauung*, que pode ter como sinônimo “perspectiva de vida” ou “visão confessional”. Os estudiosos do tema costumam também criticar o uso relacionado ao que os marxistas chamam de “ideologia” ou “sistema de valores”, posto que tais são deterministas e relativistas, se contrapondo ao que a cosmovisão pretende. Assim, o ideal é colocar o que apresenta Albert M Wolters (2006, p. 12), definindo cosmovisão como “a estrutura compreensiva da crença de uma pessoa sobre as coisas” (considerando “coisas” no âmbito de o que é possível ter uma crença básica, a vida humana em geral).



Imagem 2

Fluxograma criado pelo autor

Kuyper utilizava da dialética heggeliana da tese-antítese-síntese para convencer os seus opositores da autenticidade de sua doutrina. Para ele, a Igreja é a tese, o mundo (representando as ações de rejeição aos mandamentos de Deus) é a antítese que vive em inimizade com Deus, não havendo pontos de confluência entre os dois campos, considerados opostos. A síntese que Kuyper encontra é a Graça Comum. Para ele, essa é a ponte que habilita o homem, mesmo o que não conhece o Cristianismo, a desenvolver os atributos necessários para a realização do mandato cultural em busca da justiça social, desenvolvimento da cultura e diversos outros meios de reconciliação disponibilizados por Deus para todos os homens. Desta forma, Deus redimiria a cultura, induzindo a igreja a sair dos templos para a atuação transformacional no mundo (2002, p. 62-63):

Calvino abomina a religião limitada ao gabinete, à cela ou à igreja [...] Deus está presente em toda a vida com a influência de seu poder onipresente e todo-poderoso, e nenhuma esfera da vida humana é concebida na qual a religião não sustente suas exigências para que Deus seja louvado, para que as ordenanças de Deus sejam observadas, e que todo labor seja impregnado com sua fervente e contínua oração. Onde quer que o homem possa estar, tudo quanto possa fazer, em tudo o que possa aplicar sua mão – na agricultura, no comércio e na indústria - ou sua mente, no mundo da arte e ciência, ele está seja no que for, constantemente posicionado diante da face de Deus [...] A religião diz respeito ao todo de nossa raça humana.

As obras destes e de outros nomes apontaram para os líderes da comunidade a necessidade de dignificar o excluído, tomando como princípio elementar o amor cristão seguindo a análise de Dooyeweerd (2010, p. 186) sobre o papel da Igreja:

No ego humano, como o assento central da *Imago Dei*, Deus concentrou o sentido total do mundo temporal em uma unidade religiosa radical. O homem, criado à imagem de Deus, deveria direcionar todas as funções temporais e poderes de sua existência e do mundo temporal integral ao serviço de Deus. Isso deveria ser efetivado por ele na unidade central de seu ego, amando a Deus acima de todas as coisas. E porque, na ordem da criação, cada ego humano, nesse sentido religioso central, foi unido a todos os outros egos humanos numa comunhão central de serviço a Deus, o amor ao próximo foi incluído no amor a Deus. Não podemos amar a Deus sem amar sua imagem, expressa em nosso próprio ego e naquele de nossos semelhantes.

Fazendo esta distinção inicial, o consenso está no fato de os dois grupos serem profundamente influenciados pela Teologia pregada e seguida, construindo uma cosmovisão que se apresenta em uma prática além da conhecida estrutura tradicional de religiosidade embasada em crenças e ritos, mas apática quanto à influência disto nas atitudes de externalização da fé por meio de práticas empáticas aos que estão do lado de fora da estrutura religiosa.

Como dito, nós optamos por pesquisar especificamente dois grupos evangélicos, um conhecido por ser de viés neopentecostal (ou pentecostal de 3ª onda, como veremos) – a Igreja Verbo da Vida) - e um de viés reformado, seguidor do chamado Neocalvinismo (Igreja Batista Cidade Viva). Ambas têm nas suas teologias pregadas e seguidas, a construção de uma cosmovisão que não se encerra nos templos, mas entra nas relações familiares, profissionais e sociais em geral, inferindo e interferindo no todo e construindo perspectivas e ações que darão sentido a esse trabalho, posto que ambas fazem parte da chamada “teologia da *práxis*”, considerado toda prática humana objeto de sua reflexão, sob a perspectiva do que a Teologia chama de Revelação.

A compatibilidade entre as igrejas enriqueceria a pesquisa, de forma que a decisão em escolher as duas instituições evangélicas para o estudo parte do fato de ambas se encaixarem nos seguintes perfis: são igrejas protestantes, estão localizadas na mesma área geográfica da cidade, atingem um público semelhante, estão inseridas na categoria das “megaigrejas” e permanecem em crescimento. Não obstante as semelhanças, ambas apresentam visões diferentes sobre o papel libertador da religião e atuam de maneira distinta em relação ao excluído.

Quanto ao desenho teórico-metodológico da pesquisa, utilizamos como material norteador o material de Roberto Hernández Sampieri. De acordo com a noção apresentada pelo mesmo (2013, p. 376), nossa pesquisa é qualitativa, posto que a mesma se encaixa nos parâmetros apresentados por este autor quando da explanação acerca dos modelos de pesquisa, conforme vemos: “*o foco da pesquisa qualitativa é compreender e aprofundar*

os fenômenos, que são explorados a partir da perspectiva dos participantes em um ambiente natural em relação ao contexto”.

O trabalho em questão se dará dentro deste padrão, haja vista os ambientes serem exatamente os naturais às instituições e públicos pesquisados, levando também em consideração a noção de que nosso trabalho se encaixa com o objetivo de compreender acontecimentos pela coleta de dados narrativos, estudando as particularidades e experiências de dois grupos a partir de descrições individuais com conclusões provisórias, e não permanentes.

Como haverá um aprofundamento nos detalhes atuais, assim como na história de cada instituição, observamos que tal contexto também se encaixa com o que nos é apresentado por Sampieri quando trata sobre a formulação do problema de pesquisa qualitativa (p. 376): *“devemos saber (...) de onde vem essa cultura, há quanto tempo existe, suas características essenciais (...) e também quão hostil ela é em relação às pessoas desconhecidas”.*

Sampieri ainda prossegue (p. 378) informando que, ao formular um problema base para a pesquisa, torna-se necessário ter em mente que a pesquisa qualitativa é conduzida primordialmente nos ambientes naturais dos participantes. Ora, se os participantes pesquisados serão fiéis de duas instituições e nosso trabalho será realizado prioritariamente nas mesmas, é evidente que a pesquisa atende a este fundamental quesito de uma pesquisa qualitativa.

O autor prossegue informando que as variáveis não são controladas nem manipuladas – e neste preceito é fundamental que compreendamos a necessidade de não interferir na fidelidade da captação de informação, de modo que a mesma seja a mais precisa possível. Assim, um outro item característico da pesquisa qualitativa é preenchido: *“os significados serão extraídos dos participantes”* – e não somente das interpretações feitas por nós que pesquisamos ou do que intentamos trazer de informações em nosso trabalho. No mesmo contexto, Sampieri ainda informa que é importante frisar que *“os dados não serão reduzidos a valores numéricos”.*

Observa-se que a pesquisa quantitativa fala de um jeito de olhar o mundo e de enquadrá-lo, trabalhando de forma menos flexível com números e solidificada na previsibilidade, distinguindo-se de nossa pesquisa, que se abre para capturar informações diversas que estejam no caminho, inclusive na revisão da literatura. Quanto a tal item, é interessante perceber que a mesma nos auxiliará na detecção de conceitos não pensados inicialmente, ampliando o conhecimento a respeito de coletas de dados e análises feitos

por outros (inclusive aproveitando os seus erros para que não sejam repetidos, melhorando o entendimento de dados e aprofundando as interpretações) e conhecendo formas diversas de ponderar e apresentar a formulação (p. 381). Neste processo, ainda alcançaremos outra característica da pesquisa qualitativa, que é gerar hipóteses de trabalho aprimoradas progressivamente de acordo com outros dados que sejam coletados. Como as hipóteses são modificadas segundo nosso próprio raciocínio, as mesmas não são experimentadas estatisticamente (p. 382).

Como dito, no trabalho em questão analisaremos dois campos: o em que se estabelece o grande número de grupos religiosos evangélicos seguidores da Teologia da Prosperidade, com foco no pensamento e trabalho social da Igreja Verbo da Vida do bairro Jardim Oceania e o pensamento e trabalho social de um outro grupo evangélico de origem paraibana, situado no mesmo bairro, de linha doutrinária e adepto da chamada “teologia calvinista” com foco específico nos pormenores do movimento neocalvinista: a Igreja Batista Cidade Viva.

Temos fácil acesso aos dois públicos e instituições pesquisadas, de modo que nossa entrada no ambiente alcança as características concernentes à pesquisa qualitativa no que se refere à entrada no ambiente, que exige um espaço adequado, com liberdade para trabalhar e cujos significados pessoais não interfiram no resultado da pesquisa (p. 383), pelo contrário, encontram vantagem, também considerando que os significados do contexto para o pesquisador fazem parte de sua vivência, de modo que a compreensão do todo encontra interpretações bastante acessíveis e desvendáveis, contando também com a evidente possibilidade de realização da coleta de dados.

Nosso trabalho se insere no âmbito da pesquisa qualitativa quando, elencados os pontos relacionados à mesma, percebemos que existem elementos fundamentais na formulação do problema qualitativo que encontram simetria no trabalho em questão. Sampieri (2013, p. 374) nos indica que seis elementos são indispensáveis para formular um problema qualitativo, sendo eles: objetivos da pesquisa, perguntas de pesquisa, justificativa de pesquisa, sua viabilidade, avaliação das deficiências no conhecimento do problema e definição inicial do ambiente ou contexto. Ainda que o processo interativo no contexto do processo qualitativo não seja linear, mas interativo e periódico, os estágios servem como pontos de confluência para uma penetração certamente mais precisa no problema que dá corpo à pesquisa.

Quanto à revisão da literatura, buscaremos detectar conceitos-chaves relacionados à temática, analisar diferentes maneiras de pensar e abordar a formulação do problema

em questão e agregar o máximo de informações respeitando suas contextualizações a fim de que haja um aperfeiçoamento do entendimento dos dados buscando aprofundamento das interpretações.

O foco de nossa pesquisa é explorar dois grupos, buscando descrever e interpretar formas compartilhadas de suas culturas a partir das perspectivas teológicas que resultam em práticas de atuação social. Nossos dados serão coletados a partir de observação participante, entrevistas e análise documental de ambos, encontrando uma amostra homogênea o máximo possível de pessoas que experimentam a mesma ação a fim de que haja uma descrição o mais próximo possível da realidade quando da análise dos temas compartilhados culturalmente.

No instrumento serão utilizados dois tipos de formulários (um a ser realizado com os voluntários e outro com os líderes. Para o segundo grupo também será realizada uma entrevista semiestruturada com perguntas disparadoras (ver em apêndice).

Seguindo as descrições ainda de Sampieri, vemos que os desenhos etnográficos têm como ponto de convergência a meta de descrever e analisar ideias gerais relacionadas à forma de vida de grupos e comunidades, implicando a descrição e interpretação profundas de um grupo ou sistema social, se encaixando assim com o que pretendemos, como vemos (2013, p. 506):

[...] Os desenhos etnográficos estudam categorias, temas e padrões referentes às culturas, desde civilizações antigas como o Grande Império Romano, dos primeiros séculos de nossa era ou mesmo antes, a civilização maia e o antigo Egito, até organizações atuais, como as grandes multinacionais do mundo, as etnias indígenas atuais ou os torcedores de um time de futebol.

Creemos que o pesquisador deve estar em campo assumindo duas formas: em uma ele deve participar como um componente da passagem, não interferindo no que está à sua volta ao ponto de macular o ambiente onde se inseriu (2013, p. 509): “*o pesquisador [...] deve ir se transformando gradualmente em um membro a mais do ambiente [...] vai interpretando o que percebe, sente e vive*”, ao mesmo tempo, o investigador também deve desenvolver um grau de socialização de forma que deva conseguir meios de identificar outros tipos de dados que são descobertos de acordo com a convivência naquele meio, posto que é papel do pesquisador que atua neste âmbito estar consciente de suas posições particulares ao mesmo tempo em que esteja apto para incluir ao máximo todas as expressões captadas da cultura observada (2013, p. 509): “*[...] sua observação inicial é geral, para depois se concentrar em certos aspectos culturais. Oferece descrições*

detalhadas do lugar, dos membros do grupo ou comunidade, suas estruturas e processos, e das categorias e temas culturais”.

Percebemos que nesta pesquisa também se faz necessário utilizar dos desenhos etnográficos a fim de que, percebendo suas estruturas, observemos o que os dois grupos pesquisados têm de especificidades que promovam proximidades e distinções entre ambos, captando de diversos modos (como nas entrevistas narrativas a fim de captar a reconstrução de acontecimentos sociais o mais próximo possível da perspectiva dos informantes), por exemplo, quais regras orientam suas estruturas de funcionamento, as crenças compartilhadas e, como parte de seus processos fundamentais de composição de grupo, que padrões de conduta e ritos costumam ter, posto serem eles grupos que têm nas expressões religiosas sua forma de existência.

Não obstante tal fato, há característica também de outros formatos, como os desenhos básicos da pesquisa-ação, cujo objetivo principal é resolver problemas cotidianos e imediatos, melhorar práticas concretas e trazer dados que conduzam o pesquisador a determinada tomada de decisão para possíveis reformas estruturais (2013, p. 514), mas também foca, por exemplo, na prática, em (2013, p. 516):

No estudo de práticas locais do grupo ou comunidade;
No envolvimento de indagação individual ou em equipe;
No desenvolvimento e aprendizagem dos participantes;
Na adoção de um plano de ação introduzindo possibilidades de mudanças;
Na execução de uma liderança conduzida pelo pesquisador e um ou mais membros do grupo.

Já na pesquisa-ação participativa, ainda que os pontos de semelhança não sejam desenvolvidos na mesma proporção, também observamos a correspondência com nossa pesquisa a partir dos seguintes pontos relacionados à mesma:

Ressalta a colaboração equitativa de todo o grupo ou comunidade;
Concentra-se nas mudanças para melhorar o nível de vida e o desenvolvimento humano dos indivíduos;
Emancipa os participantes e o pesquisador.

Ainda que nem todos os pontos estejam diretamente relacionados, sendo bem menos observados que os encontrados nos desenhos etnográficos, percebemos que há muitos elementos que desenvolvem estreita correspondência, de forma que consideramos salutar aproveitar também deste outro método ferramentas que possibilitem coleta de dados proveitosa para o bom desenvolvimento da pesquisa, considerando que o

referencial teórico deve estar evidente não apenas para o próprio pesquisador, mas - pelo menos em parte – também para o que age como interlocutor, de forma que através desta simbiose o pensamento será estruturado na construção do texto em diálogo similarmente com outros referenciais.

ROMÁN (2009, p. 239) traz uma proposta etnográfica cuja referência se volta a que cada trabalho inicial que pode dar forma - mesmo que não o faça – foque em um programa de pesquisa etnográfica de longo prazo, propondo a necessidade de sequenciar a pesquisa de campo em uma situação ou com uma população pouco conhecida pelo etnógrafo. De acordo com o desenvolvimento do trabalho, após a primeira etapa de campo seria possível conhecer os grupos envolvidos, suas relações e suas formas de perceber os fenômenos e as relações de confiança em que o pesquisador possa se apoiar, captando da forma mais precisa possível as impressões do grupo pesquisado.

Com tal aproximação, a autora explica que diversas possibilidades se abrem na perspectiva de absorver informações que “validem” a realidade vivida, posto que a possibilidade de espelhar o que é verdadeiro se tornaria mais evidente devido à maior precisão no modo como as informações são colhidas, como vemos (2009, p. 240) [tradução nossa]:

Estabelecer os interesses para prosseguir em uma dada investigação levantando os enunciados a partir do conhecimento teórico de quem investiga e da experiência e a reflexão de campo no contexto em que se produzem os fatos a que se referem; Explicitar as inter-relações dos dados em um contexto preciso (...); Definir com sentido e operacionalizar o mais próximo possível desse sentido as entidades teóricas com as quais se trabalhará posteriormente; (...) Ter um conhecimento preliminar, mas bem fundamentado, para selecionar casos ou desenhar mostras da diversidade de população e de suas características culturais; conhecer a aplicabilidade das técnicas a estes contextos e populações para que sejam selecionadas o apropriado por critérios não somente guiados pelas exigências dos objetivos de investigação, mas também por uma melhor aceitação de umas ou outras técnicas pelos diferentes grupos, escolhendo os momentos mais propícios a fim de que sejam realizadas diferentes tarefas de investigação, entre outros.

Nosso contexto, como dito, foi selecionado e já é conhecido, não obstante compreendermos a necessidade de estar cada vez mais aprofundado em ambos os espaços tendo contato com ambos os públicos-alvo a fim de que haja continuamente verificação da adequação do pesquisador ao meio pesquisado.

Neste caso a intenção é, dispondo das observações de Sampieri (2013, p. 383), identificar que a aproximação com uma das instituições (relatado anteriormente) de

alguma forma afetaria o trabalho (aproximação que consideramos mais positiva que prejudicial à pesquisa, considerando a qualidade e quantidade de informações colhidas, inclusive o aproveitamento de *gatepeekers* cujo papel são de auxílio à pesquisa na identificação de espaços e ações); além disso, contextualizar a nossa participação com o ambiente e a nossa adequação à forma de vida dos grupos pesquisados, também atendendo ao critério da entrada natural no ambiente, causando menos “barulho” (influência negativa no meio) e sendo mais efetivo para, por fim, analisar quais os significados do contexto para a vida do próprio pesquisador.

Como exposto, considerando as muitas características enumeradas, entendemos que entre as muitas abordagens, a etnográfica apresenta o maior conjunto de encaixes desta proposta de trabalho, de forma que esta em seu desenho estrutura praticamente todo o alicerce da investigação em questão.

Nossa estratégia de coleta e de análise de dados na realização do presente estudo de caso terá como norte o uso de técnicas *focus group*, entrevista em profundidade e pesquisa bibliográfica, que se dará por meio de livros, revistas científicas, teses, arquivos disponíveis na *internet* e documentos de profissão de fé (as doutrinas seguidas) de ambos os grupos religiosos, além de outros meios a respeito da Teologia das duas instituições e de suas práticas.

A fim de que a análise dos dados coletados tenha o máximo de fidelidade e aproveitamento, consideramos mais proveitoso a aplicação de questionários aos líderes e fiéis, fazendo uso de *software* (de aplicação simples e eficaz, neste caso os Formulários do Google, que também têm a facilidade de serem gratuitos), transcrição de entrevistas, análise dos discursos por meio da comparação entre as pregações e demais exposições teológicas analisando as diferenças e similaridades dos discursos e práticas.

Serão utilizados dois questionários, um de igual conteúdo que será aplicado para os voluntários das duas instituições e outro que será aplicado para pastores e líderes delas, porém com conteúdo diferente do primeiro (ver ambos no Apêndice deste trabalho). A entrevista do primeiro grupo foi criada utilizando *Google Forms*, de modo que pode ser realizada em local que eles considerem mais confortável e livre de constrangimentos, considerando o princípio da preservação, além de não ser necessário que o pesquisador esteja presente, visto que ela pode toda ser respondida *online* e enviada instantaneamente para o *e-mail* do pesquisador logo que finalizada.

Em relação ao segundo grupo (também criada utilizando *Google Forms*), em nosso Termo de Consentimento⁶ nós solicitamos que os líderes e/ou pastores voluntários participantes da pesquisa autorizem a divulgação das respostas e, por haver a possibilidade de responder ao questionário à distância, há também mais liberdade do entrevistado, possibilitando produção de mais conteúdo para a análise do discurso, que servirá como base para a sustentação teórica que faremos no decorrer deste.

O segundo grupo de entrevistados também poderá optar por responder pessoalmente em local que considerem mais adequado, seja o gabinete pastoral ou qualquer outro à escolha deles, conquanto que seja livre de quaisquer incômodos ou constrangimentos. Tal flexibilidade se dá pelo fato de o mesmo poder preencher automaticamente o questionário em meio eletrônico.

Os questionários que serão utilizados para coleta de informações com os pastores e demais participantes das atividades já estão finalizados e ambos se encontram no Apêndice anexo. Os dois foram construídos de forma a absorver conteúdo mais relevante possível ao nosso estudo.

Quanto à análise de dados, tendo em vista que a mesma deve buscar ao máximo evitar o dualismo entre o que se faz e o que se diz, entendemos que o que se colhe tem a importância acentuada ou atenuada dependendo de sua própria capacidade de fazer com que os leitores ampliem ou não seus horizontes. Deste modo, a fim de encontrar relevância, deve levar os leitores a serem conduzidos a dada reação. Gonsalves (2018, p. 137) nos diz que o trabalho de análise deve ter atenção especial, principalmente no que se refere ao que deve ser destacado como relevante nas entrevistas, por exemplo. Identificadas as categorias, deve-se dedicar tempo a cada uma delas.

No caso de nossa pesquisa, os dados coletados serão avaliados a partir da relação entre as respostas de cada grupo e a comparação com a descrição das confissões de fé de suas instituições a fim de se chegar a uma conclusão, também analisando as contrapartidas a partir da análise do discurso. Assim, buscaremos a relevância necessária nas conclusões que chegaremos, alcançando o fim proposto de que haja a relevância necessária para o campo científico no qual estamos inseridos.

A religião coloca o ser humano perante o sentido último de sua existência e faz isso por acreditar ter como função primordial conduzir o descrente à salvação, então não há sentido pensar prática religiosa em essência se não houver necessariamente

⁶ Número de aprovação do Parecer do Comitê de Ética: 4.096.009

preocupação com o próximo, com aquele a quem a pregação é direcionada. A partir da noção de libertação de cada instituição, analisaremos o discurso teológico das duas igrejas, pretendendo entender de que forma a IVV utiliza a Teologia da Prosperidade para influenciar o seu grupo e nortear as suas ações e o contraponto teológico seguido pela ICV, que diz buscar a mudança social a partir da disponibilização de meios para que o público-alvo desenvolva suas habilidades.

Em suma, no trabalho em questão analisaremos dois campos: em primeiro em que se estabelece o grande número de grupos religiosos evangélicos seguidores da Teologia da Prosperidade, com foco no pensamento e trabalho social da Igreja Verbo da Vida em João Pessoa a partir de uma análise específica do que seguem os frequentadores e lideranças da igreja localizada no bairro Jardim Oceania, e o pensamento e trabalho social de um outro grupo evangélico de origem paraibana, situado no mesmo bairro, de linha doutrinária Batista e adepto da chamada “Teologia Calvinista” com foco específico nos pormenores do movimento neocalvinista: a Igreja Cidade Viva. Nos dois casos buscaremos entender como os aspectos teológicos de cada instituição interferem na atuação social das mesmas, observando também os prováveis problemas que suas crenças podem trazer para o outro.

Desta forma, nossa pesquisa tem duas perguntas como seu motivo principal, de maneira que estas conduzem à possibilidade de análises sob perspectivas diversas: 1- Como as teologias influenciam nas *práxis* das igrejas Verbo da Vida e Cidade Viva em João Pessoa e: 2- Que tipo de contrapartida ambas esperam do público alcançado por sua atuação social?

A pesquisa tem como objetivo geral estudar duas instituições: uma igreja evangélica seguidora da Teologia da Prosperidade e uma igreja evangélica de teologia neocalvinista e, entendendo seus aspectos teológicos, compreender que conceitos as diferenciam na atuação voltada à transformação social e que contrapartidas esperam do público-alvo. Como objetivos específicos elencamos:

- a) Compreender a visão da Teologia da Prosperidade e do Neocalvinismo a respeito do papel da igreja diante do excluído;
- b) Analisar a atuação social das igrejas evangélicas Verbo da Vida e Cidade Viva em João Pessoa e a influência da teologia em suas práticas a partir da fala de seus líderes e participantes;

c) Analisar as contrapartidas que os dois grupos religiosos esperam do público-alvo na transformação social.

Ora, sabemos que, a fim de que, na prática, dada pesquisa tenha uma justificativa pertinente, se faz necessário que a mesma não apenas encontre alguma relevância social, mas também que não se torne mais um material cujo sentido não passe da formulação de redundância científica, visto que, como nos pontua Sampieri (2013, p. 381) utilizando Mertens (2005) além de Coleman e Unrau (2005), se faz necessário que a pesquisa em questão ainda não tenha sido alvo de alguma medição anterior ou que, caso o tenha, que existam hiatos a serem preenchidos ou complementados, demonstrando assim sua pertinência científica, como vemos: “[...] *a pesquisa qualitativa é especialmente útil quando o fenômeno de interesse é muito difícil de ser medido ou não foi medido anteriormente (deficiências no conhecimento do problema)*”.

No que se refere às teologias que elencamos como alvo principal de nosso trabalho, existem pesquisas a respeito da Teologia da Prosperidade, assim como também são encontrados estudos a respeito da Teologia Neocalvinista, porém, até o momento da elaboração deste trabalho, ainda não há pesquisas analisando a atuação social destas teologias e a correspondência das mesmas com a atuação social em suas ações voltadas à transformação social do público-alvo, somando todos estes fatores e ainda mais quando estreitamos o objeto para duas instituições específicas (as igrejas nos contextos explicitados no corpo deste).

A compatibilidade entre as igrejas enriqueceria a pesquisa, de forma que a decisão em escolher as duas instituições para o estudo parte do fato de ambas se encaixarem nos seguintes perfis: são igrejas evangélicas, estão localizadas na mesma área geográfica da cidade, atingem públicos semelhantes, estão inseridas na categoria das “megaigrejas” e permanecem em crescimento. Não obstante toda a semelhança, no decorrer da análise observaremos que ambas têm visões diferentes quanto ao papel libertador da religião e também atuam de maneira diferente em relação ao excluído.

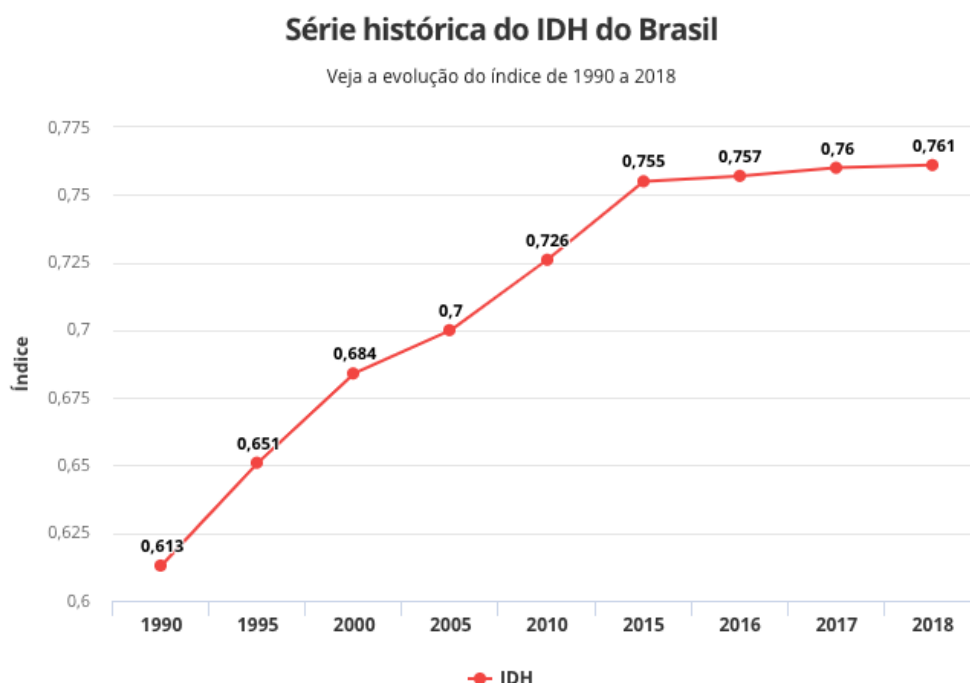
Consideramos que analisar os aspectos da Teologia da Prosperidade *versus* a Teologia Neocalvinista na busca pela efetivação da transformação social é aprofundar a discussão sobre o que poderia escravizar e o que se apresenta como instrumento de empoderamento para uma libertação que conduz o sujeito a uma vida digna, salientando também o fundamental respeito ao outro em um contexto histórico de tantas manifestações de intolerância religiosa.

Deste modo, entendemos que nosso objeto não foi suficientemente estudado, sendo assim considerado relevante, posto que, concluído, permitirá que seja apresentada uma clara distinção entre a teologia proclamada no âmbito teórico e a prática vivenciada no cotidiano por duas instituições evangélicas muito semelhantes em aspectos diversos, porém com interpretações e aplicações distintas no que diz respeito ao papel da instituição cristã em relação à sua atuação junto ao que se encontra em situação de exclusão social. Desta forma, este trabalho fornecerá material que servirá de forma proveitosa não apenas para o ambiente da Academia, mas para o público diverso com ineditismo inquestionável, encontrando seu papel de relevância.

1: Bíblia, Teologia e transformação social

Religião, mazelas sociais e transformação

Mesmo sendo um país conhecido internacionalmente por suas riquezas naturais e por em 2020 ter mais de 10 mil pessoas com mais de 10 milhões de dólares na conta⁷, no último dado divulgado no ano de 2019, o Brasil estava posicionado em 79º no ranking⁸ de Índice de Desenvolvimento Humano.



Fonte: Pnud 2019/ONU

Imagem 3

Além disso, números de 2019⁹ apontaram que cerca de 51,9 milhões de brasileiros viviam na linha da pobreza, sendo tal número o equivalente a mais de 25% da população. O índice adotado pelo Banco Mundial para definir se uma pessoa é pobre se relaciona à renda familiar equivalente a US\$ 5,5 por dia. Apesar deste índice, as definições de pobreza variam segundo as lógicas de cada cultura, não havendo necessariamente um padrão universalmente adotado.

⁷ Disponível em: <https://goo.gl/RBVeZL> (acesso em 23 de fevereiro de 2020)

⁸ Dados do PNUD 2019, disponível em: <https://bityli.com/eN0ft> (acesso em 12 de julho de 2020)

⁹ Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-56843399> (Acesso em: 23 de abril de 2021).

Alguns organismos internacionais utilizam medidas de pobreza de acordo com a renda ou o poder de consumo, porém o padrão de aferição costuma categorizar o pobre como todo indivíduo cuja renda ou consumo per capita da família esteja abaixo do mínimo para suprir as necessidades básicas daquela localidade. A linha de pobreza seria este mínimo básico para viver em dignidade. Em 2004 a União Europeia especificou assim o conceito de pobreza (Eurostat. 2010, p. 6):

As pessoas encontram-se em situação de pobreza se o seu rendimento e os seus recursos forem tão inadequados que as impedem de ter o padrão de vida considerado aceite na sociedade em que vivem. Por causa da sua situação de pobreza podem sofrer de múltiplas desvantagens através do desemprego, rendimento baixo, habitação pobre, cuidados de saúde inadequados e barreiras à aprendizagem ao longo da vida, cultura, desporto e lazer. Elas são muitas vezes excluídas e marginalizadas da participação em atividades (económicas, sociais e culturais) que são a norma para outras pessoas e o seu acesso a direitos fundamentais pode ser limitado.

Não obstante os números dos que vivem na linha da pobreza, em dezembro de 2017 o IBGE divulgou os números de 2016, em que se registrava que o Brasil também tinha o vergonhoso número de mais de 13 milhões de pessoas vivendo em condições de extrema pobreza¹⁰ (pessoas que vivem com até US\$ 1,90 por dia)¹¹.



Imagem 4

Imagem: bataonline.com.br

Entre 2016 e 2017, o Brasil teve um acelerado crescimento no número de pessoas em situação de pobreza: foram 2 milhões de pessoas a mais em situação de pobreza.

¹⁰ Disponível em: <https://bit.ly/2vGXxRX> (acesso em 26 de novembro de 2018)

¹¹ Disponível em: <https://bataonline.com.br/em-1-ano-aumenta-em-quase-2-milhoes-numero-de-brasileiros-em-situacao-de-pobreza-diz-ibge/> (Acesso em: 23 de fevereiro de 2020)

Ranking de desenvolvimento humano

Veja a posição do Brasil em relação a outros países

Desenvolvimento humano 'muito alto'

1º		Noruega	0,954
2º		Suíça	0,946
3º		Irlanda	0,942
4º		Alemanha	0,939
4º		Hong Kong (China)	0,939
6º		Austrália	0,938
6º		Islândia	0,938

Países próximos da faixa do Brasil

75º		Bósnia e Herzegovina	0,769
76º		México	0,767
77º		Tailândia	0,765
78º		Granada	0,763
79º		Brasil	0,761
79º		Colômbia	0,761
81º		Armênia	0,760
82º		Argélia	0,759
82º		Macedônia do Norte	0,759

Desenvolvimento humano 'baixo'

185º		Burundi	0,423
186º		Sudão do Sul	0,413
187º		Chade	0,401
188º		República Centro-Africana	0,381
189º		Níger	0,377



Infográfico elaborado em: 09/12/2019

Imagem 5

Apesar da falta de atualização de tais índices para os últimos dois anos, sabe-se que entre 2014 e 2018, a extrema pobreza aumentou em 67% devido à grave recessão econômica e a desajustes no programa do Bolsa Família^{12, 13}

¹² Disponível em: <https://bit.ly/2VflqNL> (acesso em 23 de fevereiro de 2020)

¹³ Quando este estudo foi desenvolvido, ainda não tínhamos a pandemia do COVID_19. Sem dúvidas, os números relacionados à pobreza no Brasil e em todo o mundo tomaram uma dimensão bem maior, de modo que ainda não há equação definitiva quanto ao tamanho de seu impacto no índice de pobreza mundial, por isto apresentamos aqui o que tínhamos de informação até julho de 2020, ainda que hajam números posteriores apresentados, porém com outros padrões de aferição.

Quando se trata de números oficiais, não há tanta diferença. Considerados os dados do Cadastro Único para Programas Sociais do Governo Federal, os números mais atualizados estimam que mais de 14 milhões de famílias encontram-se em extrema pobreza (renda per capita inferior a R\$ 89/mês)¹⁴. Também são estes 14 milhões o número de desempregados, de acordo com o IBGE¹⁵. Os informais chegam a 38,8% da população ocupada, ou seja: os últimos números apontam para quase 33 milhões de trabalhadores exercendo suas atividades informalmente¹⁶.

Em relação a público em situação de rua, a última estimativa do IPEA datada de 2016 é que há no país mais de 100 mil pessoas vivendo na vulnerável situação de rua. O Cadastro Único para Programas do Governo Federal apresentava o número de 136.976 pessoas cadastradas como em situação de rua (BRASIL, 2016).

O público de rua se insere em um quadro de população em extrema vulnerabilidade, tendo em vista as violações sofridas por eles. Fora toda a fragilidade já exposta, o público em questão também sofre o preconceito até dos profissionais de saúde. Em outubro de 2020 vimos o cúmulo de o Ministério da Saúde precisar convocar veterinários para realizar atendimentos ao público em situação de rua devido à rejeição de médicos em atendê-los¹⁷.

Somente no ano de 2017 o Centro Nacional de Defesa dos Direitos Humanos da População em Situação de Rua e Catadores de Materiais Recicláveis (CNDDH) a partir de informações coletadas de denúncias pelo Disque 100 e da busca ativa via mídias diversas, registrou “*704 casos representando 2.180 violações sofridas de ordem física, moral omissões, expropriações de bens, homicídios e outras. Somente em 2017, foram registrados 112 homicídios em diferentes cidades do Brasil*” (BRASIL, 2019. p. 99). Os casos foram em sua maioria registrados durante a noite e madrugada, horários que são de insegurança para os que não têm moradia, em oposição ao descanso e privacidade dos que possuem onde morar. Tais dados sofrerão alteração nos próximos anos, tendo em vista o crescimento dos casos de famílias que passaram a morar nas ruas após a Pandemia do COVID-19, momento em que o presente trabalho está sendo realizado.¹⁸

¹⁴ Relatório de Informação social, Ministério da Cidadania; ref. Out/2020.

¹⁵ Disponível em: <https://g1.globo.com/economia/noticia/2021/01/06/mais-de-14-milhoes-de-familias-vivem-na-extrema-pobreza-maior-numero-desde-2014.ghtml> (Acesso em: 31 de março de 2021)

¹⁶ PNAD Contínua, IBGE, divulgada em 29/12/2020.

¹⁷ Disponível em: <https://observatorio3setor.org.br/noticias/pandemia-evidenciou-a-vulnerabilidade-de-quem-vive-em-situacao-de-rua/> (Acesso em: 10 de abril de 2021).

¹⁸ Disponível em: <https://recordtv.r7.com/fala-brasil/videos/pandemia-faz-aumentar-numero-de-pessoas-em-situacao-de-rua-01042021> (Acesso em: 10 de abril de 2021).

Ainda que não tenhamos os números absolutos, dados já apontam que a pandemia do COVID-19 resultará em danos sociais terríveis. Segundo um estudo publicado em 22 de abril de 2021 pelo Made Centro de Pesquisa em Macroeconomia das Desigualdades (FEA/USP), até o fim do ano de 2021 a estimativa é que o Brasil tenha mais de 61 milhões de pessoas vivendo na pobreza e 19,3 milhões vivendo na extrema pobreza. Os números de 2019, antes da Pandemia, apontavam que o Brasil já possuía 51,9¹⁹ milhões de pessoas vivendo na pobreza, de modo que o número aumentou em mais de 9 milhões de pessoas comparado com o quadro encontrando antes da chegada do coronavírus ao país.²⁰

Certamente a pandemia do COVID-19 trará como resultado números ainda mais trágicos não apenas no Brasil, mas também em outros países. Um exemplo é o que pode ser visto em Portugal, que já tinha no ano de 2019 um total de 1,7 milhões de pessoas (quase 20% da população) em situação de pobreza, ainda que um em cada três pobres estivessem empregados²¹. Segundo a Fundação Manuel dos Santos, que divulgou uma pesquisa em abril de 2021 sobre o problema da pobreza naquele país, *“uma coisa parece certa: os mais pobres estão a ser mais atingidos do que outras categoriais sociais, esta é uma reflexão inevitável (...) o agravamento da pobreza e da sua intensidade é inevitável”* (DIOGO, 2021, pp’s. 231, 234).

Voltando ao Brasil, de acordo com os números da última “Pesquisa de Orçamentos Familiares (POF) 2017-2018 – Análise da Segurança Alimentar no Brasil”²², divulgada em setembro de 2020, eram mais de 10 milhões o número de pessoas com fome no país (insegurança alimentar grave), em um período pré-pandemia. Por outro lado, a última Pesquisa Nacional de Saúde (PNS) de 2019 (divulgada em 21/10.2020) apontou que mais de 61% dos brasileiros estavam com excesso de peso no ano de referência; entre os anos de 2002 e 2003, o número era de 43%. O excesso de peso e a obesidade são elencadas como as consequências da dificuldade de acesso a alimentos saudáveis por insuficiência de renda e maus hábitos alimentares. Tais números crescem há quase 10 anos no Brasil.

¹⁹ Disponível em: <https://madeusp.com.br/> (Acesso em: 21 de abril de 2021)

²⁰ Disponível em: <https://g1.globo.com/economia/noticia/2021/04/22/auxilio-emergencial-com-beneficio-reduzido-em-2021-brasil-tera-61-milhoes-na-pobreza.ghtml> Acesso em: 21 de abril de 2021

²¹ Retirado de: Observador.pt: <https://shortest.link/fds> (Acesso em: 21 de abril de 2021)

²² Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/multidominio/ciencia-tecnologia-e-inovacao/9050-pesquisa-de-orcamentos-familiares.html> (Acesso em: 12 de abril de 2021)

Total de famílias em extrema pobreza no CadÚnico

Período de janeiro de 2014 a outubro de 2020



Imagem 6

Imagem: g1.globo.com/economia/noticia/2021/01/06

Dados extraídos do Cadastro Único²³ indicam que 23% da população no país está inserida em área rural e apenas 27% da população rural brasileira de baixa renda possui ligação de sua residência a uma rede pública de abastecimento de água. Os danos da falta de abastecimento público são inúmeros, entre eles o fato de que famílias de agricultores familiares em extrema pobreza precisam todos os dias percorrer longos caminhos para buscar água em fontes que nem sempre são de boa qualidade, tendo em vista que não há fiscalização sobre se tais locais recebem detritos poluentes, além do fato de que a água destes locais não passa por tratamento a fim de que haja uma garantia de que a mesma se encontra própria para consumo humano. Nessas condições, as famílias vulneráveis ficam ainda mais expostas a doenças, desamparadas em períodos de escassez e sem mínimas condições para o desenvolvimento de atividades de viés produtivo para geração de renda em suas propriedades.

Ainda que hajam diversas aferições e tabelamento quanto aos diferentes índices de desemprego, quadros de pobreza, e/ou outros indicadores sociais à disposição, a verdade é que há dezenas de milhões de brasileiros em condição de alta vulnerabilidade. Desde 2015, com a crise econômica e a recessão enfrentada a partir daquele contexto, o baixo crescimento econômico e alto nível de desemprego apresentou como gravíssimas consequências os números de riscos sociais que só cresceram, trazendo danos terríveis

²³ Relatório de Informação social, Ministério da Cidadania; ref. Out/2020.

principalmente para as famílias mais pobres. Somados aos outros problemas estruturais da economia do país, tais como a baixa capacidade da indústria nacional em incorporar novas tecnologias, assim como frágil educação formal e técnica só fortalecem o quadro, além da atual crise fiscal resultante do contexto da pandemia, com a maior restrição do teto de gastos e consequente redução dos orçamentos disponíveis para as políticas públicas, impactando ações de inclusão social e produtiva e demais investimentos que trariam dinamismo à economia e crescimento do PIB, resultando em mais oportunidades para a geração de emprego e renda.

Por outro lado, em um país assolado pela pobreza e má distribuição de renda, vemos a proliferação contínua de igrejas evangélicas que alcançam várias camadas sociais, mas que desde a sua origem tem ganhado muito espaço entre o público de baixa renda. Além deste público, estas igrejas também conseguem ter grande penetração entre diversas camadas sociais e, conseqüentemente, teria grande potencial de atuação para a transformação social dos excluídos, principalmente as igrejas neopentecostais, seguidoras da Teologia da Prosperidade, já que, como dito, transitam bem entre as camadas mais vulneráveis da sociedade.

Desde o surgimento da Teologia da Prosperidade, os seus seguidores têm agregado cada vez mais devotos em todas as camadas sociais, de forma que as igrejas adeptas desse tipo de credo apresentam crescimento vertiginoso no País. A disseminação desse grupo não está na contramão do crescimento dos evangélicos em geral no país, tendo em vista que o segmento religioso evangélico foi o que mais cresceu Brasil no período intercensitário.

Nos últimos 30 anos os grupos dessa linha tiveram um crescimento duas vezes mais rápido que a população, atingindo o seu ápice a partir dos anos 1990, também com o advento do movimento *Gospel* capitaneado inicialmente pela igreja neopentecostal Renascer em Cristo (2007, p. 86) e permanecendo em crescimento contínuo, uma vez que, enquanto no ano de 1980 o Brasil tinha 6,6% de evangélicos, o percentual em 1991 era de 9%, no ano de 2000 o número subiu para 15,4% e em 2010 o grupo religioso já alcançava 22,2% do total da população brasileira (IBGE, 2010). As perspectivas nesse sentido apontam que a tendência de tal crescimento do grupo permanecer em ascensão é inegável, ainda que até o momento deste trabalho, não tenham sido ainda apresentados os dados religiosos colhidos pelo Censo 2020.

A SÉRIE HISTÓRICA DAS RELIGIÕES

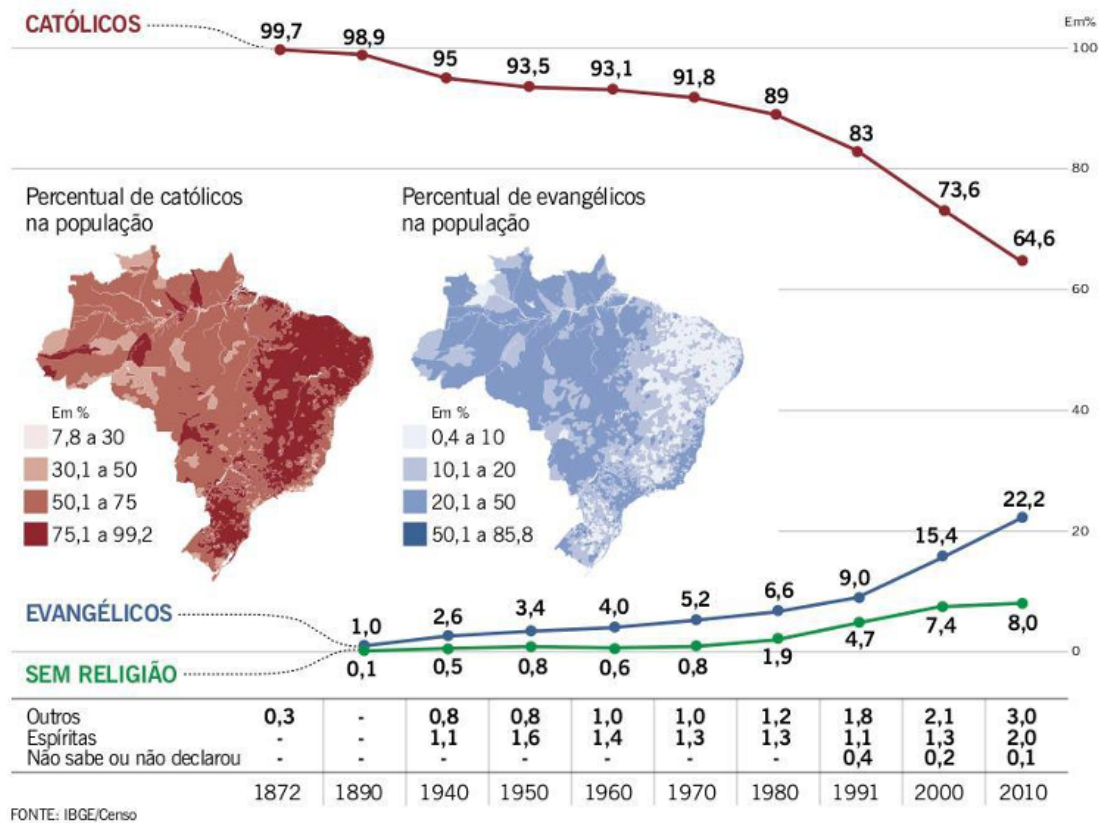


Imagem 7

Por outro lado, no chamado Neocalvinismo, doutrinariamente vê-se uma tentativa de seguir os preceitos do pensamento do teólogo cristão francês João Calvino não a partir da perspectiva interpretada pelos puritanos, que são o foco da análise de Weber em *A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo*. Para os neocalvinistas, a interpretação de João Calvino feita pelos puritanos sofre de equívocos, se desenvolvendo de forma a se tornar conhecida mais materialista do que Calvino pretendia. Para os puritanos, o cristão não deveria se inserir na cultura a fim de não “se contaminar” com o pecado de um mundo caído, mas deveria investir seus esforços no trabalho e acúmulo de capital. Tal acúmulo de capital, a chamada prosperidade material dos fiéis, seria sinal de bênção de Deus. No decorrer de nosso trabalho voltaremos a este ponto a fim de trazer mais profundidade.

Mircea Eliade (1991, p. 161) diz que “*não se deve reduzir a Encarnação apenas ao seu aspecto carnal*”. Ora, levando em consideração que estamos inseridos em um Programa de Pós-Graduação em Ciências das Religiões que tem por objetivo geral a qualificação ampla e aprofundada de docentes, pesquisadores e profissionais para atuarem na produção e transmissão do conhecimento sobre religiões e religiosidades em

todos os âmbitos em que este conhecimento se fizer necessário, vemos como fundamental uma pesquisa que busque compreender a religião em suas relações com a sociedade na interface das ciências sociais.

Nesse sentido, o conjunto social do chamado pensamento neocalvinista (no qual se insere uma das instituições pesquisadas, a Igreja Cidade Viva), é de extrema importância na estruturação não apenas nos campos da religiosidade cristã, mas em expressões culturais diversas, fazendo diferença nos contextos sociais em que atua.

Do mesmo modo, a teologia neopentecostal (em que se insere a outra instituição pesquisada, a Igreja Verbo da Vida) tem importância indiscutível na formação de pensamento e práticas religiosas do movimento evangélico no Brasil, também considerando sua forte penetração em camadas sociais diversas da sociedade, delineando assim nossa categoria de pesquisa e consolidando a contribuição do trabalho à Academia, posto estar intrinsecamente ligada às características de uma teologia, a influência da mesma na *práxis* de dada instituição, e as contrapartidas almejadas pelos que conduzem tais organizações religiosas na aplicação de seus preceitos partindo da vida comunitária para a atuação social, influenciando o seu contexto de diversas formas.

Ensinos do Antigo e Novo Testamentos quanto à diminuição da pobreza

O mundo contemporâneo apresenta um cenário de globalização exaltado por alguns, criticado por outros, mas unanimemente desafiador. Com o advento da comunicação instantânea e em massa, promovido pela *internet*, problemas sociais vivenciados do outro lado da rua ou em outro hemisfério do planeta passaram a entrar em nossas casas por meio de uma ou mais telas, tornando gritante a necessidade de falar sobre pobreza; mais ainda: se tornar agente ativo contra a pobreza em suas mais variadas versões. Para os que lidam com a Teologia cristã, deve haver a convicção de que o problema da pobreza, antes de ser tema de uma sociedade globalizada, é tema das Escrituras Sagradas. Não há como ler a Bíblia em sua totalidade e não perceber o grau de importância que há da parte dos escritores em trabalhar a problemática dos pobres.

Já a partir do contexto do Antigo Testamento bíblico observa-se um Israel caracterizado como um governo teocrático onde, por exemplo, o adultério era uma violação não apenas à união conjugal, mas contra o Estado, sendo assim também punido pelo Estado. A legislação social de Israel era um compêndio de conceitos que conduziam os contatos característicos entre o povo que seguia a Deus, de forma que cada cidadão

tinha por dever obedecer à lei instituída por Deus na totalidade dela. Com a chamada “nova aliança” de Deus com os homens por meio dos ensinamentos de Jesus Cristo e do colégio apostólico, a prática agora seria de submissão ao Estado, ainda que não houvesse sujeição quando tal obediência significasse desobediência a Deus.

Tal ordem de submissão é observada, por exemplo, na fala de Jesus ao ser questionado pelos fariseus²⁴ e herodianos²⁵ se seria justo ou não pagar o imposto ao César. Naquele contexto, o que o relato dá a entender é que eles buscavam um meio de fazer com que Jesus caísse em uma cilada, pois, se afirmasse que deveriam pagar impostos, os que vivam em situação de opressão devido aos altos tributos se levantariam contra ele. Se ele rejeitasse tal necessidade, seria acusado de se levantar contra o César, o que causaria um motivo legal para acusação de rebelião. Ele responde de forma inesperada, incentivando a submissão às autoridades (Mt. 22:20-21): “[...]ele lhes perguntou: “De quem é esta imagem e esta inscrição? “De César”, responderam eles. E ele lhes disse: “Então, dêem a César o que é de César e a Deus o que é de Deus””. Vemos o mesmo viés na fala do apóstolo Paulo quanto à relação das autoridades terrenas à autoridade divina; assim, haveria a necessidade e submissão às mesmas (Rm. 13:1-2):

Todos devem sujeitar-se às autoridades governamentais, pois não há autoridade que não venha de Deus; as autoridades que existem foram por ele estabelecidas. Portanto, aquele que se rebela contra a autoridade está se colocando contra o que Deus instituiu, e aqueles que assim procedem trazem condenação sobre si mesmos.

O Novo Testamento, assim, traz nestes e em diversos outros capítulos e versículos a nova concepção de que a igreja e o Estado seriam instituições separadas, não devendo ser a instituição eclesial um governo que recompensaria os que seguem as ordenanças bíblicas enquanto também usaria de um poder coercitivo a fim de punir os que quebrariam seus princípios morais.

²⁴ Os fariseus eram líderes judeus considerados separados (daí a origem do nome, que deriva do hebraico *prushim*, palavra que vem da raiz *parash*: “afastado”, “separado”). Segundo SORJ & GRIN (2008, p. 179), eram a quem o povo recorria para instrução e liderança. Eram zelosos com a Lei Mosaica, mas criticados por Jesus por terem como prática a religiosidade sem demonstração de amor ao próximo nem intenção real de agradar a Deus. O termo “fariseu” era comumente usado por Cristo de forma negativa.

²⁵ São geralmente citados na Bíblia junto aos fariseus, posto haverem se juntado a fim de criticar as ações de Jesus. Segundo COSTA (2017, p. 37), a dinastia herodiana estendeu-se até a Primeira Revolta Judaica que culminou com a destruição de Jerusalém e do seu Templo no ano 70 d.C. assim como “*todas as principais instituições da nação. Só os escribas fariseus sobreviveram à tragédia. Os zelotas, antes de serem mortos pelo general Tito, mataram os herodianos e a aristocracia sacerdotal saduceia.*”

Não obstante, existem ordenanças proferidas na Lei Mosaica (em um contexto de Estado teocrático) que ainda teriam validade na nova aliança de Deus para com os homens. Na Hermenêutica Bíblica (área da Teologia que se propõe a estudar a interpretação correta dos textos contidos na Bíblia), uma das regras de análise para a aplicabilidade de textos da Bíblia escritos na antiga aliança (ou antigo pacto, compondo os escritos do Antigo Testamento) em contextos culturais distintos dos originais está no fato de determinada ordem informada no Antigo Testamento ser repetida no Novo Testamento, significando que tal preceito continuaria válido na chamada nova aliança (que seria a mudança do antigo para o novo pacto). É constante nos escritos bíblicos a relação do Antigo Testamento pelos autores do Novo Testamento, sendo tal uso, inclusive, um atestado de credibilidade aos seus escritos diante do público que recebia a mensagem. KÖSTENBERGER & PATTERSON (2015, p. 653, 654) trazem a observação quanto a esta lógica:

[...] o Antigo Testamento é a fonte principal da teologia para o Novo Testamento. Jesus citava com frequência o Antigo Testamento, assim como Paulo, Pedro, o autor de Hebreus, entre outros. Por causa disso, é difícil (se não impossível) compreender o Novo Testamento sem o Antigo. [...] No ambiente judaico, esse uso era extremamente convincente, uma vez que as pessoas criam que Deus age com coerência em todo o curso da história. Assim, portanto, sendo possível mostrar que Deus agiria de certo modo em tempos passados, havia elevada probabilidade de que ele tenha agido semelhantemente na história recente e agiria de novo, do mesmo modo, no futuro.

No caso do cuidado com os excluídos, vemos claramente que ações que visem a dignificação proferidas no Antigo Testamento são também confirmadas no Novo Testamento, inclusive nas falas do próprio Jesus, como veremos mais adiante.

No Antigo Testamento vemos diversos trechos em que há um direcionamento para a atuação em favor do pobre, do órfão, da viúva, dos excluídos em geral. No estudo da Hermenêutica bíblica, observa-se que a Bíblia é dividida em diversos gêneros literários (considerando as regras da teologia bíblica²⁶), mas independente do gênero, ela sempre aponta para uma atenção ao excluído. Nos poéticos Salmos 72:11-14 o salmista diz: “[...]ele liberta os pobres que pedem socorro, os oprimidos que não têm quem os ajude.

²⁶ O hermeneuta cristão Henry Virkler, tendo observado a necessidade de se conhecer a estrutura de interpretação bíblica, aponta a diferença entre a forma como trabalham a exegese e a teologia bíblica (2007, p. 2): “A exegese é uma aplicação dos princípios da hermenêutica à compreensão do significado que o autor pretendia dar. A teologia bíblica organiza os significados de uma forma histórica enquanto a teologia sistemática dispõe esses significados em forma lógica.”

Ele se compadece dos fracos e dos pobres, e os salva da morte. Ele os resgata da opressão e da violência, pois aos seus olhos a vida deles é preciosa”.

Provérbios, outro livro poético, também não deixa de lado o zelo pelos pobres, dizendo que “*quem fecha os ouvidos ao clamor dos pobres também clamará e não terá resposta*” (Pv. 21:13); ele ainda diz que qualquer um que desprezar o pobre “*sofrerá muitas maldições*” (28:27). Em um de seus textos mais conhecidos, o escritor fala sobre a mulher virtuosa, uma mulher que é desejada por todos os homens sábios e admirada por todos os que a conhecem; neste texto ele traça uma série de virtudes que só ela tem, e não por acaso ele diz que ela “*acolhe aos necessitados e estende a mão aos pobres*” (31:20). Não são apenas nestes textos que Provérbios cita a necessidade de se amparar os necessitados; esse grupo é citado somente por este livro outras quase 40 vezes.

Apesar de claramente haver uma preocupação bíblica com os pobres, com os considerados excluídos daquela época, permeando praticamente todos os gêneros literários, sem dúvidas a categoria que mais lança crítica à falta de atividade quanto aos excluídos é a que se encontra nos livros proféticos. Tanto no que se refere aos pronunciamentos de julgamento quanto nos de punição (frequentes nesta categoria de livros), há em evidência uma crítica social, com uma ação de condenação de Deus como consequência de uma atividade de opressão dos poderosos em relação aos mais frágeis socialmente, ao mesmo tempo andando em paralelo com o chamado para que os que não passam por tal sofrimento deixem de lado a omissão e também condenem os que costumam praticar tais ações.

É corrente nos escritos bíblicos observar uma fala de Deus carregada de ira contra os que agem desta forma, como vemos no livro do profeta Oséias, que em seu livro traz diversos trechos de acusação de Deus contra a opressão cometida pelos poderosos e alerta seu público-alvo para as consequências de suas atitudes, que demonstravam falta de amor e empatia com o próximo, que seria um sinal de afastamento desse povo em relação ao próprio Deus (Os. 4:1-2,4):

Israelitas, ouçam a palavra do Senhor, porque o Senhor tem uma acusação contra vocês que vivem nesta terra: “A fidelidade e o amor desapareceram desta terra, como também o conhecimento de Deus. Só se veem maldição, mentira e assassinatos, roubo e mais roubo, adultério mais adultério; ultrapassam todos os limites! E o derramamento de sangue é constante. [...]Mas, que ninguém discuta, que ninguém faça acusação, pois sou eu quem acusa os sacerdotes.”

No caso do livro do Profeta Oséias em especial, no decorrer de sua leitura observa-

se que a intenção do profeta é mostrar àqueles a quem ele acusa que Deus é o juiz, e sua repreensão está baseada em seu elevado senso de justiça que entra em contradição com as ações injustas daqueles que se dizem seu povo, mas não agem em prol dos mais frágeis. Agindo assim, estes religiosos estariam tão somente demonstrando vida de rituais sem busca sincera por Deus, o que é reprovável pelo Senhor. Deus, então, repreende o povo pela sua busca mais motivada pelo zelo com o que os outros pensariam a seu respeito do que especificamente pelo que queriam demonstrar a Deus, sem qualquer demonstração de tristeza pelas suas atitudes de rejeição aos que os cercavam. Desta forma, o Senhor decreta a consequência de forma contínua no decorrer do livro (Os. 6:9): *“Portanto, castigarei tanto o povo quanto os sacerdotes por causa dos seus caminhos, e lhes retribuirei seus atos.”*

No livro de Zacarias (também de gênero profético), o escritor traz um alerta quanto ao cuidado, à *responsabilidade* ética dos seguidores de Deus com relação aos excluídos (Zc. 7:9-10): *“Executem a verdadeira justiça, mostrem misericórdia e compaixão uns para com os outros. Não oprimam a viúva e o órfão, nem o estrangeiro, nem o pobre”*. No decorrer de todo o seu livro, o profeta Zacarias repreende o povo pelo modo como viviam de maneira superficial, cercados por ritos religiosos, mas sem uma entrega verdadeira no relacionamento com Deus, demonstrando somente *“motivação religiosa insincera, fingindo tristeza pelas consequências do pecado sem, no entanto, se preocupar com o próprio pecado”*²⁷.

Um outro profeta, Jeremias, conclama o povo a se alegrar em Deus, pois um de seus grandes feitos era de libertar os pobres de seus opressores: *“Louvem ao Senhor! Porque ele salva o pobre das mãos dos ímpios”* (Jr. 20:13). Ezequiel, escritor de um outro livro profético, ao falar sobre as características de um povo abominável aos olhos de Deus, diz que os mesmos têm por prática corriqueira: *“[...]oprimir os pobres e os necessitados [...]”* (Ez. 22:19).

Justiça social como prática sagrada

Antes de desenvolvermos este tema, cabe fazermos uma ressalva quanto ao uso de um termo que é tema de recente debate no meio teológico: ainda que utilizemos “justiça social” como a dignificação do ser humano a partir principalmente da inclusão

²⁷ PINTO, Carlos Osvaldo Cardoso. Foco & Desenvolvimento no Antigo Testamento. (J. C. Martinez, Org.) (2ª Edição Revisada e Atualizada, p. 788). São Paulo: Hagnos, 2006.

social e a redução da pobreza, a definição destas palavras é alvo de debate, tendo em vista que comumente o termo é utilizado de forma a vincular a justiça social à “justiça social ideológica”, sendo o último um uso com o qual este pesquisador discorda. Entendemos que não necessariamente o discurso popularizado atualmente como justiça social é equivalente ao que o cristianismo entende por justiça social, tomando como parâmetro o que a Bíblia Sagrada expressa, devido à natureza fluida da linguagem. Para o cristianismo, justiça tem mais a ver com o que os homens, criação de Deus, recebem dele e contribuem, sendo a justiça pública o modo como os que ocupam cargos políticos oferecem uma forma de viver para o bem comum, enquanto a justiça social seria a contrapartida da sociedade civil, o modo como organizações diversas promovem a justiça.

Há ainda outros modos de diferenciar este uso equivocado que é feito do termo justiça social para alinhá-lo a uma posição ideológica. Um dos primeiros materiais que buscam trazer esta separação e que visa confrontar o segundo uso é *Why Social Justice is Not Biblical Justice*, de Scott David Allen, em que o mesmo diferencia o modo como a Bíblia utiliza o termo “justiça” e o modo como a mesma palavra é utilizada por boa parte das pessoas hoje em dia. O autor define que há uma justiça social ideológica – que é uma deturpação do sentido original de justiça – e não é sobre isso que a Bíblia fala e que é o foco deste nosso ponto inicial de desenvolvimento. No início de sua obra Allen apresenta o que a Bíblia explica como justiça a fim de que o leitor compreenda que há uma distinção deste conceito ao que comumente tem sido utilizado como sinônimo. Ele informa que, para ser condizente com o que a Bíblia entende por justiça, é necessário que as ações atendam ao que o próprio Deus entende por justiça, seguindo o seu padrão moral e revelado nos mandamentos entregues a Moisés. Tal conceito está dividido em dois componentes de justiça, a comunitária e a distributiva, conforme segue (2020, p. 7, tradução nossa):

Conformidade com o padrão moral de Deus, conforme revelado nos Dez Mandamentos e na Lei apresentada pelo Senhor: “*Ame o seu próximo como a si mesmo*”.

Justiça comunitária: viver em relacionamento correto com Deus e os outros; dando às pessoas o que lhes é devido como portadores da imagem de Deus.

Justiça distributiva: julgamento imparcial, correção de erros e punição por transgressão da lei. Reservado para Deus e as autoridades ordenadas por Deus, incluindo os pais na casa, os líderes na igreja, os professores na escola e as autoridades civis no Estado.

Ainda que compreendendo tal diferenciação, utilizaremos o termo “justiça social” em combinação com o entendimento bíblico sobre tal, conforme exposto acima por Allen,

tendo em vista o presente trabalho ter um caráter também teológico e partindo de uma visão mais combinada com o que a Bíblia entende sobre justiça social. Assim, compreendamos que a justiça social exposta em nosso texto segue este entendimento.

A justiça social é tema constante na Bíblia Sagrada, sendo comum os trechos em que há repetida denúncia contra os poderosos, os que detém poder econômico, que usam sua força e para promover opressão aos seus semelhantes. Não obstante haver textos do Antigo Testamento que não se adequam mais à realidade contemporânea por terem um contexto histórico específico, tal não pode ser dito sobre as leis de Moisés quanto à justiça social, visto que, para a crença dos seguidores da Bíblia, elas estão vinculadas e fundamentadas no caráter de Deus que, também para tais seguidores, é imutável.

Para a teologia cristã, um dos mais relevantes papéis do Cristianismo no âmbito dos problemas sociais em sua época está na redução da desigualdade no contexto de sua atuação, promovendo tal reversão a partir da obra de Cristo, que materializou em seu discurso e ações o consolo divino espiritual e social, visto que, pelo fato de a apresentação de Jesus, em consonância com os escritores bíblicos antes dele, a respeito do caráter de Deus sempre ter um direcionamento à inclusão da humanidade em pé de igualdade (tendo em vista que sua justiça é oferecida a todos), necessariamente tal ação implicaria em não haver distinções, sejam étnicas, de gênero, social ou qualquer que se apresente. Assim diz um dos expoentes da teologia social que viria a ser chamada de “socialismo religioso”, o teólogo alemão Paul Tillich (2004, p. 60): *“hierarquia e aristocracia são irrelevantes para a relação divina. Mas elas são muito relevantes para as relações humanas”*. Na mesma obra, Tillich disserta a respeito da suposta contradição entre a bondade de Deus, sua onipotência e como construir uma relação entre tais virtudes divinas e os sofrimentos do mundo, a chamada teodiceia.

A teodiceia é trabalhada por Weber a partir da noção de *desencanto do mundo* quando, com a modernidade e a falta de sentido (expandidas com a racionalização e difusão cultural), há um desencanto em uma existência focada em seres e matérias consumidas pelo homem, só restando a busca pelo transcendental. Porém, ao encontrar-se com o que é metafísico, ele também se encontra com o problema de buscar explicar a justificção para os sofrimentos e tantos problemas existentes no mundo (incluindo a pobreza e os resultados da desigualdade social) diante de um Deus que tem o poder para mudar todas as coisas.

O problema da teodiceia não é incomum ao universo das religiões, principalmente das monoteístas, tendo em vista que o Deus dos judeus seria onipotente, onisciente,

imutável e, sendo assim, teria não somente plena noção do sofrimento, mas também condições de o evitar. Não somente isso, este Deus se tornaria o mesmo Deus que os islâmicos diziam seguir, assim como os cristãos. Desta forma, Weber diz que, sendo o mesmo Deus, o problema também é o mesmo (1991, p. 351): “[...] *quanto mais próxima a concepção de um Deus único, universal e supramundano, mais facilmente surge o problema de como o poder aumentado ao infinito de semelhante deus pode ser compatível com o fato da imperfeição do mundo que ele criou e governa.*”

O mesmo Deus que derrama benesses (chamadas de “bênçãos”) sobre parte da humanidade, que permite a saúde e a provisão para estes, é o mesmo Deus que permite doenças e escassez para outros. O próprio Cristo diz (Mt 5.45): “*Porque faz que o seu sol se levante sobre maus e bons, e a chuva desça sobre justos e injustos*”. A teologia cristã chama tal fenômeno de *graça comum*, pelo fato de Deus ter alguns benefícios que são estendidos a todos, sem distinção.

Cabe ressaltar que graça comum não tem um sentido soteriológico, significando que aqueles que a recebem serão salvos. Para a teologia cristã, alguém ter habilidades, ainda que sejam utilizadas para a pregação do Evangelho, não significa que esta tenha sido alcançada pela graça salvífica, mas sim pela graça comum. Para o cristianismo até mesmo as pessoas mais poderosas do mundo precisam se arrepender de seus pecados para ter a salvação, recebendo a graça salvífica. Esta graça se refere ao relacionamento autêntico com Jesus por meio da crença em sua morte e ressurreição e no cumprimento dos mandamentos bíblicos, o que é diferente da graça comum, ainda que dada pessoa apresente grandes sinais desta segunda, como diz Grudem (1999, p. 557):

Nem mesmo o fato de receber porções excepcionalmente amplas da graça comum significa que aqueles que a recebem serão salvos [...]. Mesmo entre nossos vizinhos, os de moral mais elevada e os mais bondosos ainda necessitam do evangelho de Jesus Cristo, ou serão condenados pela eternidade! Eles externamente podem dar a impressão de não ter necessidade, mas as Escrituras ainda assim dizem que os incrédulos são “inimigos” de Deus (Rm. 5:10; Cl. 1:21; Tg. 4:4) e são “contra” Cristo (Mt. 12:30).

Parte da resolução do problema do sofrimento terreno estaria na noção de que a atual condição da humanidade é passageira, porém virá uma condição eterna, e em ambos os casos (justos e injustos), há a o encontro com a consequência do pecado inicial – a morte - que, deixando de lado as diferenças em vida, ainda assola a todos no fim do caminho desta. Na morte há a concretização da igualdade entre todos os povos que será replicada, segundo a crença cristã, nesta eternidade, onde não haverá raça, etnia, cor ou

condição social que os diferencie; todos se tornam iguais e receberão a promessa ainda dada a Abraão, de serem um só povo de Deus, como diz Paulo em sua carta à Igreja dos Gálatas (Gl. 3:26-29):

Todos vocês são Filhos de Deus mediante a fé em Cristo Jesus, pois os que em Cristo foram batizados, de Cristo se revestiram. Não há judeu nem grego, escravo nem livre, homem nem mulher; pois todos são um em Cristo Jesus. E, se vocês são de Cristo, são descendência de Abraão e herdeiros segundo a promessa.

A questão é que em muitos casos, (principalmente no arcabouço doutrinário das igrejas neopentecostais), há uma proclamação de uma vida bem-sucedida no presente (a “vida próspera”) e tal seria fruto da relação do devoto com Deus. Tendo Deus prometido aos que fossem fiéis uma série de benefícios materiais que serviriam de testemunho para os que não creem, a prosperidade financeira e as expressões terrenas e visíveis como muitos tipos de fartura testificariam, seriam uma espécie de atestado de merecimento diante dos outros, como Weber apresenta (1991, p. 314):

Os afortunados raramente se contentam com o fato de serem afortunados. Além disso, necessitam saber que têm o direito à sua boa sorte. Desejam ser convencidos de que a “merecem” e, acima de tudo, que a merecem em comparação com outros. Desejam acreditar que os menos afortunados também estão recebendo o que merecem. A boa fortuna deseja, assim, “legitimar-se”.

Para muitos teólogos protestantes conservadores, tais observações dos textos bíblicos por alguns movimentos neopentecostais partem principalmente de um distanciamento de uma análise mais profunda da Bíblia devido principalmente a uma hermenêutica frágil e carente de conteúdo, posto ser este livro mais um “acessório” dos fiéis que de fato a regra de fé e prática destes, como aponta Ferreira (2017, p. 37):

[...] as supostas novas revelações entregues, sobretudo, a bispos e apóstolos neopentecostais fizeram da Escritura nada mais que um simples acessório em suas comunidades. Com isso, no âmbito de algumas igrejas, basta unir alguns chavões piedosos à linguagem religiosa e qualquer ideia passará facilmente por “cristã”. E os fiéis a seguem, sem nem mesmo se preocuparem em examinar as Escrituras todos os dias “para ver se as coisas eram de fato assim” (At. 17:11).

Esta atitude não exclui a possibilidade de que as mudanças interpretativas estejam baseadas não apenas em equívocos oriundos de fragilidades hermenêuticas, mas também devido a desencaminhamentos propositais destes líderes religiosos a fim de conquistar

objetivos já antes pensados por tais instituições, mas este é um debate que não pretendemos desenvolver neste momento.

Quanto à forma como a Bíblia se porta diante destes excluídos, a ação de socorro a este público sempre foi proclamada pelos profetas do Antigo Testamento, de modo que em muitos textos deste gênero há denúncias quanto à forma como a opressão ao desvalido desagradava ao Deus de Israel, sendo comum nas falas destes profetas as ameaças de Deus aos poderosos. Tais ameaças frequentemente apontavam para a constatação de que a carência destas pessoas em sua maioria não era resultado de uma ação pessoal ou do destino, mas principalmente das práticas injustas e iníquas dos poderosos, ainda que existam trechos que caracterizem alguns pobres como preguiçosos, mas tal descrição é bem menos observada nas Escrituras, ainda que a Bíblia não exclua tal observação, inclusive condenando maus hábitos que podem levar à pobreza, como vemos em Provérbios 6:9-11:

Até quando você vai ficar deitado, preguiçoso? Quando você se levantará de seu sono? Tirando uma soneca, cochilando um pouco, cruzando um pouco os braços para descansar, a sua pobreza o surpreenderá como assim faz um assaltante, e a sua necessidade lhe virá da mesma forma como um homem armado.

Era muito comum que os profetas bíblicos do Antigo Testamento apontassem de forma muito enfática para a responsabilidade ética que os seguidores do Deus de Israel tinham em relação aos pobres, e nos discursos de tais profetas, quando se referiam a estes excluídos, pareciam dar a entender que, se por um lado eles viviam em sofrimento e desprezo social, da parte de Deus eles recebiam uma compaixão especial na história e seriam acolhidos em um outro plano além do que os olhos veem. Por outro lado, havia também da parte de Deus um intenso repúdio às práticas de opressão, de modo que no decorrer destes livros pode-se observar uma rejeição de Deus às práticas rituais dos que buscavam agradar a Deus em detrimento do tratamento que davam ao próximo, de forma que seu discurso era de desprezo às reuniões religiosas (Am. 5:21), ao ponto de não suportar ouvir os cânticos dos que se diziam seus fiéis, pois agiam de forma ativa ou omissa em relação à prática da injustiça (Am. 5:24).

Ainda no livro do mesmo Profeta Amós, observa-se em seu discurso uma dura e contínua repreensão aos que agiam de maneira egoísta e sem misericórdia, de forma que acabavam por promover a falta de dignidade do povo: “*Ouçam, vocês que pisam os pobres e arruinam os necessitados da terra*” (Am. 8:4) – a partir do “ouçam”, sua fala é

de forte condenação a tais atitudes. Apesar do livro ser bem pequeno (tem apenas 9 capítulos), ele trabalha a opressão aos pobres em outros cinco momentos.

Não são poucos os trabalhos no âmbito da conexão entre o Antigo Testamento e a atuação social que desenvolvem a relação entre os profetas e a crítica social, lançando-se de forma condenatória contra os que não distribuem justiça para todos. Hans Walter Wolff (2003, p. 101) explana esta associação:

Os profetas atacam a falta de justiça [...] Amós condena a prática de escravizar os devedores. Pessoas inocentes perdem a liberdade porque os filhos são considerados devedores do pai morto; os pobres são obrigados a se vender por causa de uma dívida mínima. A força é usada mais que o direito [...] Isaías denuncia o acúmulo de propriedades em Jerusalém. [...] Jeremias condenou o rei Joachim porque se aproveita dos trabalhadores [...]. As classes poderosas nadam no luxo às custas daqueles que são por elas explorados. Realizam festas rumorosas (Am. 6:1-3,6; 4:1) e vivem na mais pretensiosa vaidade (Is. 3:1). Assim, um grande número de abusos de uma sociedade capitalista incipiente era colocado. Em matéria de prosperidade, quem faz e arca com as maiores despesas é sempre o mais pobre.

O profeta Isaías inicia o primeiro capítulo de seu livro apresentando o culto a Deus como expressão de louvor a um ser divino que não apenas se mostra grandioso e misericordioso, mas que tem como uma de suas mais sublimes formas de expressar tais atributos a valorização àqueles a quem os mais poderosos estavam acostumados a desprezar, os incentivando a que agissem ativamente na busca pela assistência plena aos grupos de maior vulnerabilidade na época (Is. 1:16-17): “*Parem de fazer o mal, aprendam a fazer o bem! Busquem a justiça, acabem com a opressão. Lutem pelos direitos do órfão, defendam a causa da viúva.*” Tal noção de “visibilidade ao invisível” o retirando da exclusão era revolucionária naquele contexto, assim como, por incrível que pareça, certamente também seria nos dias de hoje.

Em dado momento de seu livro o mesmo profeta Isaías notifica os seguidores de seu Deus a que ressignificassem os seus ritos religiosos de modo que tais práticas recebessem um sentido mais próximo da realidade, fazendo com que eles saíssem do caráter mais simbólico e meramente figurativo de sua vida espiritual e a expressasse de forma mais ativa, saindo de um tipo de exibicionismo individual apenas para uma que se mostra compartilhada externamente por meio de ações que não apenas transformam, mas que incentiva outros a que saiam da letargia e façam o mesmo. No trecho em questão, ele explica que a prática da caridade tem como consequência a pronta resposta de Deus, derramando sobre eles suas bênçãos espirituais (Is. 58:5-11):

Será esse o jejum que escolhi, que apenas um dia o homem se humilhe, incline a cabeça como o junco e se deite sobre pano de saco e cinzas? É isso que vocês chamam jejum, um dia aceitável ao Senhor? "O jejum que desejo não é este: soltar as correntes da injustiça, desatar as cordas do jugo, pôr em liberdade os oprimidos e romper todo jugo? Não é partilhar sua comida com o faminto, abrigar o pobre desamparado, vestir o nu que você encontrou, e não recusar ajuda ao próximo? Aí sim, a sua luz irromperá como a alvorada, e prontamente surgirá a sua cura; a sua retidão irá adiante de você, e a glória do Senhor estará na sua retaguarda. Aí sim, você clamará ao Senhor, e ele responderá; você gritará por socorro, e ele dirá: Aqui estou. "Se você eliminar do seu meio o jugo opressor, o dedo acusador e a falsidade do falar; se com renúncia própria você beneficiar os famintos e satisfizer o anseio dos aflitos, então a sua luz despontará nas trevas, e a sua noite será como o meio-dia. O Senhor o guiará constantemente; satisfará os seus desejos numa terra ressequida pelo sol e fortalecerá os seus ossos. Você será como um jardim bem regado, como uma fonte cujas águas nunca faltam.

O fato é que pelo menos no discurso dos que falam em seu nome, Deus tem uma atenção especial aos pobres e, como temos apontado, em seu livro sagrado ele sempre expressa por meio de seus representantes tal atenção continuamente apresentando trechos lembrando este fato aos seus leitores, como é o caso dos profetas que acusavam as pessoas de, ao mesmo tempo em que participavam de atos de adoração a Deus e de seguir suas regras religiosas, não se absterem de agir de forma opressora contra os que viviam em vulnerabilidade social (Is. 1:15-17; 58: 6-7).

Podemos ver o exemplo dito acima em trechos diversos das escrituras bíblicas, corroborando o fato de que a injustiça social seria a evidência de que os atos religiosos não refletiam um relacionamento que se pensava ter com o Deus a quem seguiam, de modo que o próprio Deus por meio exatamente do profeta citado revela: *“Escutem: Esse povo se aproxima de mim com a boca e me honra com os lábios, mas claramente o seu coração está longe de mim. A adoração que me prestam só é feita de regras ensinadas por homens* (Is. 29:13) ”.

Nas suas falas em relação ao lugar dos oprimidos e à omissão dos que podiam agir de alguma forma para mudar tal quadro, os escritores destes livros do Antigo Testamento bíblico sempre trazem mensagens que demonstram indignação com a injustiça, com um compartilhamento desproporcional de bens, vindo a fortalecer a justiça desigual – somente um pouco para uns poucos. A perversão no direito fazia com que não houvesse certeza de justiça para ninguém, visto que até os juízes se tornaram agentes do desequilíbrio, “pisando no pobre” e agindo de forma apenas a aguardar a punição que viria dos céus (Am. 5:12): *“Pois sei quantas são as suas transgressões e quão grandes*

são os seus pecados. Vocês oprimem o justo, recebem suborno e impedem que se faça justiça ao pobre nos tribunais”.

A indignação que os profetas expunham com a atitude desprezível dos que estavam à frente dos tribunais vinha seguida de um chamado de proclamação aos seguidores de Deus a que fossem agentes ativos na mudança deste quadro de marginalização dos mais frágeis. CUNHA & WOOD (2019, p. 41-42) trazem a seguinte observação aos que se denominam seguidores da Bíblia Sagrada:

Deus odeia a injustiça. Ele age contra os opressores. Nós temos uma responsabilidade diante dele, de identificar as raízes da opressão e fazer justiça. Outra palavra importante que em português é traduzida por “pobre” ou “necessitado” é *ebyon*²⁸. O *ebyon* não consegue viver independente dos outros por causa da sua necessidade. Pelo plano de Deus para a criação, nunca haverá pobres na terra. Infelizmente, o homem não agiu, nem age hoje, segundo a vontade de Deus. Como resultado, sempre haverá pobres na terra.

Um exemplo de tal prática de cuidado com o necessitado é a ordem de Deus para que os judeus que tinham como costume o empréstimo de dinheiro, que quando o fizessem aos pobres, que não cobrassem juros deles; há também a ordem que repartam bens com os necessitados e que defendam os excluídos, em especial os órfãos e viúvas (Dt. 10:18): *“Ele (o Senhor) defende a causa do órfão e da viúva e ama o estrangeiro, dando-lhe alimento e roupa”.*

Ainda em Deuteronômio, o capítulo 5 explana a ordem de Deus para que a cada 7 anos houvesse o perdão das dívidas dos endividados (no conjunto de leis chamado de *shemitta*), de modo que os credores tinham que anular um dos maiores motivos da pobreza, que é a dívida intensa e profunda. No mesmo capítulo há ainda uma ordem para que se oferte os pobres, não devendo eles receber apenas um auxílio simbólico e emergencial (Dt. 15: 7,8): *“Quando algum dos irmãos for pobre (...), não endureças o coração, nem feches a mão para teu irmão pobre, antes, abrirás a mão para ele e certamente emprestarás o que ele precisa, o suficiente para a sua necessidade. ”*

²⁸ Segundo o Dicionário VINE (2002, p. 232), A palavra hebraica *'ebyôn* está ligada a “necessitado” a alguém que passa por dependência de terceiro, se relacionando também a um tipo de incapacidade ou angústia, sendo muito usada no contexto de trabalhadores que estavam em posição de oprimido. Também é usada para descrever a pessoa humilde ou submissa a outra mais poderosa. Uma outra palavra utilizada para o pobre é *'ānī*, sendo ligada a pobre, fraco, aflito, humilde, e é usada nos casos em que se refere a alguém que está naquela situação devido à opressão sofrida por outrem. Já no Novo Testamento há o uso do grego, e nesse caso as palavras utilizadas são *ptōchos* e *penichros*. A primeira se relaciona aos que vivem em total penúria (geralmente retratando os mendigos), enquanto a segunda é utilizada para se referir a quem depende de outros, sendo muito utilizada nas referências às viúvas.

A ordem expressa no texto do livro de Deuteronômio citado acima se dá no sentido de que aqueles que recebessem tais benefícios tivessem condições de se tornarem autônomos da assistência, recebendo condições de sustento a partir do momento que conseguiram meios de ascender à autossuficiência econômica sem estar dependente de outrem para suas necessidades básicas. A teóloga protestante Landa Cope (2007, p. 80-81) traz uma contextualização necessária para este trecho:

Lembre-se de que, quando tudo isso foi escrito, eles ainda se encontravam no deserto depois de terem passado 300 anos sob escravidão. Deus, conhecendo o coração do homem, avisou-lhes que se Ele os abençoasse financeiramente, eles deveriam pensar além deles mesmo. Ele queria abençoá-los, mas essa bênção vinha com uma responsabilidade para com o bem de toda a comunidade. Note a palavra *precisar*. Alguns cristãos pensam que temos a obrigação de dar aos outros qualquer coisa que nos pedem [...] esse pensamento vai contra os princípios bíblicos, pois pode conduzir pessoas à ociosidade e dependência [...] é uma ajuda para um começo ou uma situação de crise.

No mesmo texto, ao dar a ordem para que um dono de escravo libertasse os seus escravos também havia a orientação para que ele fosse despedido com alimento, equipamento e todos os recursos que fossem necessários para que ele tivesse condições de reiniciar sua vida (Dt. 15:13-14).

Em relação à análise dos tipos de procedimentos utilizados para trabalhar o altruísmo nos que queriam fazer a vontade de Deus e a maneira como o Antigo Testamento enfatiza o cuidado aos pobres, assim como a necessidade da aplicação da generosidade aos excluídos, o teólogo americano Timothy J. Keller analisa a prática descrita (2013, p. 41,43):

O pobre não deveria receber um simples “donativo” simbólico. Ao contrário, crédito e ajuda deveriam ser oferecidos até que a pessoa estivesse completamente livre da pobreza. A generosidade estendida ao pobre não poderia ser interrompida até que sua necessidade não mais existisse ele alcançasse um nível de autossuficiência. [...] O interesse de Deus pelos pobres é tão profundo que ele deu a Israel um conjunto grande de leis que, se fossem exercidas, a classe menos favorecida praticamente desapareceria. [...] É importante destacar que muitas vezes a Palavra de Deus diz que vai “levantar” os *ebyon*. Os nossos planos ministeriais precisam não apenas providenciar “coisas” para os *ebyon*, mas também investir em que se levantem, o que vai requerer muito de nós.

Ainda a respeito das ordenanças bíblicas de atuação social visando a dignificação dos pobres no Antigo Testamento, uma outra lei também registrada na Bíblia, dessa vez não só em Deuteronômio, mas também no livro de Levítico, chama a atenção pelo fato

de que a ordem dada era que os agricultores que fossem proprietários das plantações não poderiam ficar com todo o resultado da colheita. Eles deveriam separar uma parte do que a terra produzia a fim de que os pobres fossem favorecidos com uma parte daquilo, limitando os seus ganhos (Dt. 24:19-20, sendo o mesmo texto repetido em Lv. 19:9-10 e 23:22):

Quando vocês estiverem fazendo a colheita de sua lavoura e deixarem um feixe de trigo para trás, não voltem para apanhá-lo. Deixem-no para o estrangeiro, para o órfão e para a viúva, para que o Senhor, o seu Deus, os abençoe em todo o trabalho das suas mãos. Quando sacudirem as azeitonas das suas oliveiras, não voltem para colher o que ficar nos ramos. Deixem o que sobrar para o estrangeiro, para o órfão e para a viúva.

Nesse sentido, a lei da respigadura não seria uma ação assistencialista de simplesmente dar algo ao pobre para que emergencialmente ele não tivesse fome; a ação iria além porque ela oportunizava ao desamparado suprir suas carências sem necessitar da bondade dos outros, posto que seria necessário ao pobre que ele pudesse ser autossuficiente a partir de seu próprio trabalho na lavoura, demonstrando a dignidade de ver o fruto de seu trabalho, ao contrário de ações assistencialistas que oferecem o donativo e tornam o pobre receptor passivo e, conseqüentemente, dependente da bondade dos outros. Assim, relacionando dois pontos, a preocupação pelos pobres tinha na lei da respigadura um alívio, de modo que o fato de não ter como se suprir já seria motivo para que as suas necessidades fossem supridas na lei, e que em seu trabalho ele tivesse o mínimo de dignidade. O teólogo cristão Richard Foster traz uma percepção sobre tal prática de justiça social (1999, p. 43-44):

Se um vizinho tomasse emprestado seu carro de boi e deixasse a veste em penhor, você tinha de certificar-se de devolver o agasalho antes do pôr do sol, mesmo que ele não tivesse terminado de usar o carro. Por quê? Porque o ar noturno era frio e ele precisava da veste para se agasalhar. Se você se recusasse e seu vizinho clamasse a Deus na noite gelada, Deus advertia: “Eu o ouvirei, porque sou misericordioso” (Ex. 22:26-27). Deuteronômio tornou essa lei especialmente obrigatória se o penhor tivesse sido dado por um pobre, visto que havia forte possibilidade de ele não ter outra veste com a qual se agasalhar (Dt 24:12). A veste da viúva não podia ser recebida como penhor – ela já era indefesa e suficiente na situação normal (Dt 24:17). A mó do moinho não podia ser recebida como penhor – era o meio de vida do homem. Era proibido invadir a casa do vizinho para tomar um penhor. A pessoa devia esperar do lado de fora da porta até que ele o trouxesse (Dt 24:10-11). A amabilidade e cortesia comum deviam permear todos os relacionamentos humanos, até as transações de negócios.

Havia ainda outros diversos tipos de regras no Antigo Testamento cujo intento principal era promover uma mínima proteção aos pobres em suas necessidades, sendo uma das regras a lei do dízimo. A lei para os israelitas era que todos os que faziam parte daquele povo deveriam recolher a décima parte de sua renda uma vez ao ano a fim de que houvesse a manutenção do templo onde se reuniam para cultuar ao Deus a quem serviam. Porém, trienalmente os dízimos eram oferecidos às cidades para que os pobres, órfãos, viúvas e peregrinos fossem amparados (Dt. 14:28-29):

Ao final de cada três anos, tragam todos os dízimos da colheita do terceiro ano e armazene-os em sua própria cidade, a fim de que os levitas, que não possuem propriedade nem herança, e os estrangeiros, os órfãos e as viúvas que vivem na sua cidade venham comer e saciar-se, e para que o Senhor, o seu Deus, o abençoe em todo o trabalho das suas mãos.

Outro ponto nas ordenanças do Antigo Testamento que tinha um foco no cuidado aos pobres estava relacionado à concessão de empréstimos. Tendo em vista que os mais carentes poderiam fazer parte do grupo dos que, ao fim do prazo concedido, não conseguiriam pagar os empréstimos realizados (justamente pela sua contínua escassez financeira), havia uma proibição na Lei Mosaica a respeito da cobrança de juros sobre os empréstimos feitos a tais pobres, pois esta prática era considerada um ato de exploração à necessidade do outro, havendo também uma ordenança (que pode ser vista no capítulo 15 do Livro de Deuteronômio) a que nunca fosse negado emprestar ao pobre que requisitasse algum valor, pois tal negativa seria cobrada pelo próprio Deus de Israel. Ao mesmo tempo, também havia uma determinação aos que se serviam de trabalhadores de que o salário relacionado ao serviço efetuado pelos mesmos fosse pago a eles no mesmo dia em que tivesse sido executado tal trabalho, pois aquele recurso financeiro era necessário para o seu alimento diário (Dt. 24:14-15):

Não se aproveitem do pobre e necessitado, seja ele um irmão israelita ou um estrangeiro que viva numa das suas cidades. Paguem-lhe o seu salário diariamente, antes do pôr-do-sol, pois ele é necessitado e depende disso. Se não, ele poderá clamar ao Senhor contra você, e você será culpado de pecado.

Cabe aqui uma breve explanação sobre um interessante aspecto da cultura israelita a fim de que entendamos claramente um trecho voltado ao cuidado com o pobre no texto apresentado em Deuteronômio 15. Veja que no versículo 9 deste mesmo capítulo, quando trata sobre não negar ao pobre que pedisse emprestado (citado acima), a lei dizia (Dt.

15:9): “*Que nenhum de vocês alimente este pensamento ímpio: “O sétimo ano, o ano do cancelamento das dívidas, está se aproximando, e não quero ajudar o meu irmão pobre’. Ele poderá apelar para o Senhor contra você, e você será culpado pelo pecado”*. O que significa esse tal “ano do cancelamento das dívidas?” – O que se pode verificar é que a cada sete anos as dívidas deveriam ser perdoadas, (com exceção dos que fizessem parte de outros povos). Deste modo, conseqüentemente não deveriam mais existir devedores entre o povo.

O ano do jubileu era comemorado de cinquenta em cinquenta anos. No ano deste acontecimento, além do perdão das dívidas, as terras que haviam sido tomadas dos devedores eram restituídas a eles. Isso se explica porque nesta época muitos conseguiam acumular bens e enriquecer, enquanto outros não tinham a mesma sorte ou a mesma condição e acabavam empobrecendo. ~~O teólogo~~ Timothy Keller escreve ~~explica este contexto~~ (2013, p. 46): “*Em cinquenta anos famílias enriqueciam e adquiriam mais propriedades, enquanto outras [...]perdiam tudo [...], no entanto, a cada cinquenta ano a propriedade teria de ser devolvida aos seus donos originais*”.

Cabe observar que, apesar de milenar, tal prática de devolução não foi anulada com o tempo, mas para os judeus ortodoxos ainda hoje é (ou, para continuar sendo fiel à tradição, deveria ser) usual, como apresenta o rabino judeu Meir Matziliah Melamed (2001, p. 550): “*O ano sabático anulava tanto as dívidas contraídas verbalmente como as escritas [...] Na opinião da maioria dos nossos rabinos, essa lei ainda está em vigor mesmo que na Diáspora, e os judeus tradicionalistas praticam seus empréstimos por meio do Prozbol*²⁹.”

Ou seja: a lei judaica ao mesmo tempo em que diz que nunca deveria negar empréstimo ao pobre (Dt. 15:7,8): “*Se houver algum israelita pobre em qualquer das cidades da terra que o Senhor, o seu Deus, lhe está dando, não endureçam o coração, nem fechem a mão para com o seu irmão pobre*”, também alertava para que, tendo conhecimento da lei do perdão das dívidas no sétimo ano e da lei do jubileu, que aqueles que emprestavam aos pobres não se negassem a emprestar quando lembrassem que no sétimo ano as dívidas dos mesmos deveriam ser perdoadas. A razão para tal ordenança viria do entendimento de que o perdão dispensado ao devedor deveria ser uma atitude realizada como que se fosse uma ação desempenhada para o próprio Deus, uma ação de

²⁹ O *Prozbol* é um documento compilado no primeiro compilado pelo líder religioso judeu Hilel o Ancião, considerado uma das figuras mais importantes da história judaica. O documento em questão explica uma série de regras da Torá e de outros livros de regras dos judeus, inclusive como deveriam ser efetuados pagamento e perdão de dívidas entre os judeus.

generosidade (v. 8): *“Ao contrário, tenham mão aberta e emprestem-lhe liberalmente o que ele precisar.”*

Os registros bíblicos apontam que uma das maiores causas da pobreza entre aquele povo eram as dívidas prolongadas e exorbitantes. Considerando este fato, o mesmo capítulo de Deuteronômio traz esta regra a fim de que, pelo menos durante este período, esta prática acarretaria no fim da pobreza entre o povo, já que o texto de Dt. 15:4 mostra uma certa “intolerância” à pobreza entre aquele povo: *“Assim, não deverá haver pobre algum no meio de vocês”*. Ademais, o mesmo livro de Deuteronômio (Dt. 15:11) diz: *“Sempre haverá pobres na terra”*.

Ora, como conciliar tais textos? Não é complexo perceber a mensagem: se aquele povo obedecesse às regras descritas ali, não haveria pobreza permanente entre os israelitas. Ou seja: haverá pobres na terra, mas não *“no meio de vocês”*, conquanto seja obedecida a regra instituída pelo Deus a quem cultuavam trilhando a seguinte lógica (Dt. 15:5): *“Contanto que obedçam em tudo ao Senhor, ao seu Deus, e colocarem em prática toda esta lei que hoje lhes estou dando”*. Que lei é essa? (Dt. 15:7,8): *“Se houver israelita pobre em qualquer cidade da terra que o Senhor o seu Deus, lhe dá, não endureçam o coração, nem fechem a mão para com seu irmão pobre. Ao contrário, abram a mão aberta e emprestem-lhe liberalmente o que ele precisar”*.

Convém perceber a ênfase que o texto dá ao que Deus chama de “seu irmão” ao israelita (Dt. 15:11): *“Portanto, eu lhe ordeno que abra o coração para o seu irmão israelita, tanto para o pobre como para o necessitado de sua terra”*. Há aqui um evidente chamado para que se faça todo o esforço a fim de que não haja pobres no meio dos que buscam seguir ao Deus bíblico.

Landa Cope (2007, p. 84) afirma que a interpretação que se faz a respeito do texto de Deuteronômio 15 normalmente é superficial, não alcançando a compreensão que, na verdade, também há no texto em questão uma espécie de compilado de lições de Economia para o povo da época, sendo assim especificadas: *“1- limitar dívidas pessoais; 2- eliminar a pobreza no meio do povo; evitar dívida nacional; 4- tratar sabiamente das necessidades legítimas dos pobres.”*

O Pastor presbiteriano Dr. Jorge Henrique Barro traz uma análise a respeito da responsabilidade humana no caos social no qual está inserido como consequência de sua

separação de Deus a partir do pecado, de modo que tal separação resulta em uma desestrutura em dimensões diversas³⁰:

A Bíblia não se escusa de estampar a face do ser humano violento e violentador. Dentre os muitos episódios de violência, dois deles saltam aos nossos olhos: Caim e Abel e a destruição do mundo pelo dilúvio. E ambos são fruto/consequência da primeira violência: o ser humano violentou seu (1) relacionamento com Deus, (2) com ele mesmo, (3) com o seu próximo e (4) com a terra. Tudo, absolutamente o que acontecer no mundo hoje é consequência dessas quatro dimensões de relacionamento, gerando alienações irreparáveis.

Novo Testamento: justiça social e práticas evangelísticas

Ao partirmos para uma análise específica do Novo Testamento, encontraremos um contexto de pobreza que não foi deixado de lado nos discursos atribuídos a Jesus, pelo contrário, o alerta quanto aos excluídos foi o foco de muitas mensagens suas; o seu interesse pelas pessoas em situação de vulnerabilidade se mostrou evidente em suas preleções públicas.

A Lei divina interpretada de forma enviesada naquele contexto histórico fazia com que muitos excluíssem os pobres, pois interpretavam equivocadamente que possuir muitos bens era sinal de um bom relacionamento com Deus, enquanto a escassez e o sofrimento eram sinais da rejeição do Senhor. Contrariando tal ideia e enfurecendo os poderosos religiosos de sua época, Jesus rejeita a noção de que Deus promoveria a exclusão social. Pelo contrário, Jesus busca romper tal estigma, revelando Deus não como quem rejeita os pobres, mas como quem se importa com este público, de forma que o Cristo se aproxima dos que eram considerados pecadores, proclamando a justiça divina ao atrair estes que eram repudiados.

No decorrer dos textos que narram as ações de Jesus, é frequente a narrativa de que, em meio ao seu ministério, havia uma preocupação não apenas com as necessidades espirituais, mas também com os males emocionais e físicos dos que o buscavam. Entre tais carências estavam alimento, abrigo, vestes, etc. Os Evangelhos dizem que ele tinha compaixão dos desamparados que o procuravam (Mt. 9:36): “*Ao ver as multidões, teve compaixão delas, porque estavam aflitas e desamparadas, como ovelhas sem pastor*”. Também é comum a ordem de Jesus para que os seus seguidores que fizessem o que

³⁰ SILVA, Leandro (Org.). Igreja em Movimento – comunidades em transformação. São Paulo - SP: Editora Garimpo, 2016, p. 20;21

estivesse ao seu alcance para a diminuição do sofrimento dos que padeciam necessidades, também salientando que tais ações deveriam ser executadas de forma gratuita (Mateus. 10:8): *“Curem os enfermos, ressuscitem os mortos, purifiquem os leprosos, expulsem os demônios. Vocês receberam de graça; deem também da mesma forma, de graça.”*

A própria origem de Jesus é descrita em um contexto de pobreza, tendo em vista que seu nascimento se deu em um estábulo e suas relações sociais tinham como círculo constante os oprimidos, os marginalizados da sociedade, que eram chamados de “pecadores”. Devido a este fato, inúmeras vezes Jesus foi questionado acerca do motivo de andar em companhia destes rejeitados pela sociedade, como acontece no Evangelho de Mateus, capítulo 9, versículo 11, quando os fariseus questionam aos seus discípulos sobre o porquê de Jesus andar com estes indivíduos: *“Por que o mestre de vocês come com publicanos e ‘pecadores’?”*, ao que o próprio Jesus responde que veio chamar *“não os justos, mas os pecadores”* (Mt. 9:13).

Jesus conversou e andou com mulheres em uma cultura sexista em que elas eram tratadas como pessoas inferiores e em que era desonroso um homem conversar com uma em público como ele fez (Jo. 4:27)³¹; se aproximou de pessoas rejeitadas pelo seu local de nascimento, quebrando a xenofobia que havia de seu povo contra os samaritanos, inclusive colocando-os como personagens mais altruístas que os religiosos judeus em uma de suas parábolas (Lc. 10:25-37). Além destes, outro caso emblemático do envolvimento de Jesus com “párias sociais” se deu com os leprosos.

Os leprosos viviam uma tragédia pública, pois a marca na pele fazia com que eles fossem expulsos da cidade a fim de viver em cavernas ou no Vale dos Leprosos, sendo considerados castigados por Deus. Caso fosse necessário estar perto das pessoas, tinha que tocar um sino ou gritar “imundo!” a fim de que percebessem sua presença. Para os judeus, o leproso era uma das maiores manifestações de impureza de um homem, sendo impossível considerar normal alguém se aproximar de alguém com esta enfermidade.

É diante deste cenário que a Bíblia descreve a relação de Jesus com os leprosos. No Evangelho de Marcos capítulo 1, versículos 40 a 42, Jesus não só informa que vai efetuar a cura no doente, mas toca no leproso que o procura, o que era hediondo para

³¹ Em sua obra *Eunucos pelo reino de Deus*, Uta Ranke – Heinemann abre discussão a respeito de como a mulher foi vítima de exclusão pela igreja de Cristo, ainda que o próprio Cristo houvesse demonstrado o valor destas em seu discurso e ações diante de uma sociedade excludente. Não obstante a discordância do autor desta Tese à grande maioria dos pontos elencados em sua obra quanto à posição da Bíblia quanto à mulher, alguns pontos apresentados são muito válidos, tais como sua repulsa à forma como muitas igrejas trataram as mulheres de forma a inferiorizá-las (1999, pg’s 140-141): *“A história do cristianismo é quase a história de como as mulheres foram silenciadas e privadas de seus direitos. (...) Na raiz da difamação das mulheres na Igreja, encontra-se a noção de que são impuras e como tais se opõem ao que é santo.”*

aquela cultura. Neste ato Jesus demonstra que tal marginalização não era o desejo de Deus, a quem ele representava como filho. Uma situação que exemplifica rejeição semelhante se dava no tratamento concedido às mulheres em período menstrual. Nos Evangelhos de Marcos 5:25-29, Mateus 9:20-22 e Lucas 8:43-48, a Bíblia relata que uma mulher que vivia a discriminação causada pela doença e pelo preconceito social sofria devido a um fluxo sanguíneo constante. Depois de 12 anos vivendo em tamanho suplício, Jesus não só permitiu ser tocado por ela (o que era proibido), como também repreendeu aqueles que a constrangeram. Segundo o relato bíblico e a crença cristã, após aquela mulher tocar em Jesus ela foi instantaneamente curada.

É curioso atentar para o fato de que, antes mesmo do nascimento de Jesus, a sua mãe, Maria, fala com sua prima Isabel (mãe daquele que seria conhecido como João Batista) sobre a relação que Jesus teria com os pobres ao entoar o cântico hoje conhecido por *Magnificat*, e neste hino profetiza que ele se aproximaria dos pobres humildes, mas repudiaria os ricos ambiciosos (Lucas 1:52-53): “*Derrubou governantes de seus tronos, mas exaltou os humildes. Encheu de coisas boas os famintos, mas despediu de mãos vazias os ricos.*”

Cabe salientar que, por mais que se apregoe tal doutrina, Jesus não tem como intenção proclamar uma exaltação aos pobres e uma condenação aos que têm muitos recursos, como alguns teólogos costumam apregoar equivocadamente. Os seus discursos em que há repreensão aos ricos não estão voltados à condenação pelo que se têm, mas sim pela forma como tais ricos valorizavam os recursos que tinham em detrimento dos contextos que os cercavam, pois transforma as práticas cotidianas dos cristãos no âmbito dos relacionamentos com os outros e com a justiça em si, pois para o cristão deve haver a crença de que a mensagem do Evangelho autêntico liberta o homem de sua relação de idolatria à riqueza (pois tal ação seria uma rejeição ao próprio Cristo). Assim, a relação do cristão com o material passa a ser secundária, e não mais o motivo primeiro da vida, de modo que a finalidade da vida não é o acúmulo de bens, mas o foco em cumprir a vontade de Deus, de maneira que o verdadeiro cristão deveria estar mais empenhado em lutar pela justiça comum que pela sua sobrevivência econômica.

Ainda no âmbito de uma ação de Jesus baseada na estratificação social, tal argumento se torna inviável, não encontrando consonância nas narrativas bíblicas. Uma das questões que embasa esta negativa está na forma como Jesus tratou o grupo religioso dos fariseus, de modo extremamente ríspido e sempre utilizando palavras condenatórias, não obstante seus membros fazerem parte de um grupo religioso conhecido pela pobreza,

sendo esta uma comunidade extremamente popular, em oposição aos saduceus, que faziam parte do que era considerada a alta sociedade da época. Os fariseus eram religiosos pobres (chamados de “os segregados”) que tinham como prática a observância das leis de pureza ritualística, mas praticavam ações virtuosas não pelo amor a Deus, mas pelos aplausos dos que os viam como santos, sendo assim valorizados, como Jesus enfatiza no Evangelho de Lucas 11:43: *“Ai de vocês, fariseus, porque amam os lugares de honra nas sinagogas e as saudações em público!”*

O que há no discurso de Jesus e dos demais escritores bíblicos detalhados principalmente no Novo Testamento é a observação de que uma compreensão da justificação promovida por Cristo a partir de um amor divino incondicional, necessariamente é seguida por um desejo de produzir uma sensibilização em relação àqueles que vivem em vulnerabilidade social, os que sofrem injustiça social. Desta forma, para a igreja que entende o equilíbrio desejado por Cristo em suas pregações, existiria uma espécie de simbiose entre a proclamação do Evangelho e a ação social, de maneira que na medida em que o cristão serve ao excluído, há a criação de um processo em que a mensagem pregada encontre concordância nas atitudes práticas dos seus seguidores, apresentando um tipo de atuação que não seria necessariamente uma ação própria do homem pecador, mas inerente ao que é santo, visto que a ação social encontra inspiração nas obras praticadas pelo próprio Jesus e registradas nas narrativas neotestamentárias. Para alguns teólogos protestantes, até as mais simples ações virtuosas do homem seriam na verdade não uma ação própria do indivíduo em si, mas um sinal da atuação de Deus por meio de seu povo, como diz João Calvino (2003, p. 226): *“Certo é que tudo quanto há na lei, até mesmo a sua mínima exigência, é por demais elevado e difícil demais para a nossa incapacidade mental. O que fazemos de bom o fazemos unicamente pela graça e pelo poder de Deus”*.

Neste sentido, o movimento de evangelização da igreja não atinge o objetivo pretendido por Cristo, se tal movimento não vier acompanhado da justiça bíblica, posto ser esta justiça a manifestação da santidade de Deus quando da sua atuação na sociedade. Tal justiça se apresenta de formas diversas, sendo uma delas a denúncia contra a opressão a partir da revelação ontológica de Deus, como Paulo aponta ao afirmar que *“a justiça que vem de Deus não faz acepção de pessoas”* (Rm. 3:22), além do profeta Isaías, que traz uma dura palavra quanto aos que promovem a injustiça, atitude que se opõe ao propósito divino (Is. 10:1-2): *“Ai daqueles que fazem leis injustas, que escrevem decretos*

opressores, para privar os pobres dos seus direitos e da justiça os oprimidos do meu povo, fazendo das viúvas sua presa e roubando dos órfãos!

Uma outra característica do movimento de evangelização explanada na Bíblia e promovida por Cristo seria a contestação das práticas comuns da sociedade, modificando a relação excludente aos considerados de classes inferiores, como o apóstolo Paulo recomenda que “*compartilhem o que têm com os necessitados [...]tendo uma mesma atitude uns para com os outros. Não sejam orgulhosos, mas estejam dispostos a associar-se a pessoas de posição inferior*” (Rm. 12:13, 16).

Em suma, o que o Cristianismo chama de evangelismo deve ter como característica inerente o aspecto que o protestantismo chama de encarnacional³², de forma que, assim como Deus foi revelado às pessoas por meio de Jesus Cristo, que andou em meio a todos, incluindo os rejeitados, a igreja também deve assumir tal aspecto de Cristo: ser reconhecida em meio a todos os tipos de pessoas, inclusive aqueles aos quais a sociedade rejeita, como fez Jesus. Tal premissa de mensagem de inclusão também desenvolve o pressuposto que a mensagem de Jesus não somente inclui os rejeitados, mas também atua de forma a não excluir os que não são considerados rejeitados, como diz Paulo em Colossenses 3:11: “*Nessa nova ordem de vida, não há mais diferença entre grego e judeu, circunciso e incircunciso, bárbaro e cita, escravo ou pessoa livre, mas, sim, Cristo é tudo e habita em todos vós*”.

Assim, deve também haver o afastamento da tese de que Jesus haveria morrido por uma categoria específica de pessoas; Jesus não morreu pelos pobres, pelos judeus, por raça ou gênero, mas pelos pecados de toda a humanidade, que engloba todas as representações de seres humanos, e os seus seguidores deveriam proclamar a sua mensagem sempre com a determinação de que ela viesse acompanhada da dignificação social por meio da aplicação da justiça social a tais, como Barros adverte (2003, p. 36):

A justiça não é uma entidade autônoma que se autodefine. Ela depende dos valores aceitos, que torna seu desenho relativizado na visão de quem não tem padrões definidos. Cristo propôs uma alternativa à justiça dos fariseus, a qual deveria ser excedida (cf. Mt. 5:20), porque não promovia a justiça do reino. Os discípulos tinham que fazer mais que os fariseus. Quando tratamos de justiça, referimo-nos àqueles padrões que dão sustentação a toda expressão de justiça no mundo, incluindo a social.

³² Considerando que Jesus no Evangelho de João, 1:1 o autor diz: “*No princípio era aquele que é a Palavra. Ele estava com Deus, e era Deus*”, no mesmo texto diz (João 1:14): “*Aquele que é a Palavra tornou-se carne e viveu entre nós. Vimos a sua glória, glória como do Unigênito vindo do Pai, cheio de graça e de verdade*”. O conceito se refere ao fato de que Jesus veio ao mundo como homem, mas também como Deus, sendo Deus encarnado em meio ao povo.

De fato, como explicitado acima, mesmo Jesus tendo dito que não era impossível que um rico entrasse no Reino de Deus (Lc. 18:24-27), é notório que os escritos do Novo Testamento relatando os acontecimentos do ministério de Jesus sempre apontam para um auxílio aos pobres e um repúdio aos que oprimiam os necessitados; de modo que não era incomum sua ordem para que seus discípulos abrissem suas casas para repartir o pão não com pessoas da alta classe, de quem poderiam receber algum benefício, mas principalmente para os pobres, aqueles que nada tinham a oferecer. Além disso, o auxílio aos necessitados deveria ser em segredo (Mt. 6:2): *“Portanto, quando você der esmola, não anuncie isso com trombetas, como fazem os hipócritas nas sinagogas e nas ruas, a fim de serem honrados pelos outros”* demonstrando que a motivação em socorrer o excluído era somente pelo senso de justiça, e não para que fossem honrados por tal ação, pois o seguidor de Jesus necessariamente se importa com os que estão desamparados e injustiçados (Lc. 18:1-8).

Segundo os escritos bíblicos, o mundo judaico na época do nascimento de Jesus tinha como rei da Palestina Herodes I, o Grande (Mt. 2:1). No ano 4 a.C., Herodes morre e, com o consentimento do imperador Augusto, o reino é dividido entre os três filhos de Herodes sem, porém, que houvesse outorga de rei a nenhum dos três. Assim, Arquelau se tornou etnarca da Judéia (com Jerusalém como capital) e da Samaria. Enquanto isso, a Galiléia e a Transjordânia couberam ao tetrarca Herodes II Antipas, enquanto Filipe herdou também como tetrarca a liderança do território a leste do Jordão e do lago da Galileia até o Norte.

Em suas inúmeras críticas aos falsos religiosos, era comum Jesus apresentar como uma das evidências de uma falsa espiritualidade as ações de opressão ou de desprezo aos mais carentes. Jesus alertou ao povo contra os escribas³³ porque eles oprimiam às viúvas (Mc. 12:38-40); acusava os que eram insensíveis aos vulneráveis de que tais práticas eram sinal de que não conheciam a Deus e à sua graça.

O discurso de Jesus na atualidade, se desconectado do contexto histórico em que estava inserido, não passa tão intensamente o drama destes grupos citados por ele em suas

³³ Eram os mestres da Lei especializados no estudo e na explicação da lei ou Torá. Foram alvos contantes dos discursos de Jesus por viverem uma vida de continua expressão de religiosidade sem compaixão ao outro. No conhecido Sermão da Montanha, Jesus alertou várias vezes sobre os que davam esmolas, oravam e jejuavam publicamente a fim de serem vistos pelos homens. A estas pessoas Jesus chamou de hipócritas (Mt 6:1-18). Assim eram os escribas e fariseus, que buscavam sempre o reconhecimento e elogios das pessoas.

homilias. Observando mais profundamente o cenário em que Jesus atuou de forma tão contundente contra a discriminação, entende-se de maneira mais ampla como suas ações em prol dos excluídos eram impactantes àquela cultura.

Estratificação e exclusão no contexto neotestamentário

Na região da Palestina havia basicamente três grupos sociais bem distintos em sua condição: o primeiro era o dos ricos, tendo como participantes os príncipes e os membros da família real de Herodes, além dos que faziam parte da corte, famílias sacerdotais, proprietários de grandes porções de terras, grandes comerciantes e cobradores de impostos. O que os registros nos apontam é que o meio religioso tinha um grande respeito em Israel, sendo a classe sacerdotal a categoria que podia pleitear prioridade na sociedade, não obstante esta houvesse perdido prestígio desde que os escribas foram reconhecidos como especialistas na Lei.

No segundo grupo estavam os de condição média, que não eram muitos, estando tal grupo limitado ao território de Jerusalém, tendo em vista que seus recursos eram oriundos do que era arrecadado no comércio do templo e dos peregrinos. Esta categoria era formada pelos donos de hospedarias, pequenos comerciantes, artesãos donos das próprias oficinas e ainda outros que configuravam o baixo clero.

O terceiro grupo, formado pelos pobres, compunha a maior parte da população, fazendo parte desta categoria os operários, camponeses, os pescadores, mendigos e escravos. Os historiadores Mateos e Camacho em sua obra “Jesus e a sociedade de seu tempo” nos apresentam um breve quadro a respeito da penosa situação de sofrimento em que viviam aqueles que eram considerados os excluídos da sociedade onde Jesus estava inserido (1992, p. 17):

A enorme distância entre a classe rica e a humilde, e o porte reduzido da classe média faziam que não existisse para os pobres esperança de promoção humana, nem tivessem meios para mudar sua situação, dependendo sempre da vontade dos poderosos. O pobre era, portanto, ao mesmo tempo, o oprimido, o que desejava ardentemente justiça, o que em casos extremos recorria à violência, único meio de aliviar sua situação, embora fosse questão de momento. Na última época do Antigo Testamento aparece entre estes pobres uma tendência, a dos “pobres de Javé”, mediante a qual, desesperados de toda ajuda humana, punham sua confiança em Deus, o único capaz de lhes fazer justiça e de tirá-los de sua miséria. De fato, até a época de Jesus, tal justiça não chegara nunca.

As preleções de Jesus para os seus seguidores se mostram muito proativas no sentido de que necessariamente seguir a ele, ser um discípulo inevitavelmente significaria ser um agente de transformação no ambiente que o circundasse. É coerente entender que as pessoas às quais o Novo Testamento descreve como seguidores de Cristo não são meramente representantes de um nicho espiritual, antes são tratados como “*ekklesia tou theo*”: assembleia, congregação ou povo de Deus, ou seja: a ação desse povo é determinada por Deus, sendo eles os agentes da missão de Deus apresentada por Jesus (Jo. 20:21): “*Assim como o Pai me enviou, eu vos envio*”. O mesmo Jesus adverte para os seus seguidores que sejam impulsionadores de mudanças em seus contextos (Mt. 5:16): “*Assim brilhe a luz de vocês diante dos homens, para que vejam as suas boas obras e glorifiquem ao Pai de vocês, que está nos céus*”.

Que tipo de relação as referências bíblicas colocadas acima têm com a dignificação dos excluídos? Ora, é evidente que não haveria demonstração de boas obras dignas de uma atuação dos que seguem a um ser supremo sagrado se tal não fosse observada na vida dos excluídos, ainda mais considerando outro trecho bíblico também neotestamentário quanto à ação dos seguidores de Jesus, desta vez ditas por quem é considerado o maior líder do Cristianismo posterior a Jesus Cristo: o apóstolo Paulo (2^a Co. 5:21): “*Deus tornou pecado por nós aquele que não tinha pecado, para que nele nos tornássemos justiça de Deus*”.

Como os já citados Mateos e Camacho trouxeram anteriormente, os pobres não eram alvos da justiça, pois para que assim ocorresse, era necessário que eles fossem retirados da miséria, da condição de exclusão. Levando em consideração esta linha, também devemos ter em mente que uma das atuações principais dos seguidores de Cristo deveria ser a prática da justiça aos miseráveis, atuando como agentes de dignificação destes esquecidos sociais. Jesus ainda complementa esta questão da urgência nas ações em favor dos injustiçados da sociedade de sua época com a máxima (Mt. 6:33): “*Busquem, pois, em primeiro lugar o Reino de Deus e a sua justiça, e todas essas coisas lhes serão acrescentadas*”.

Em outra carta do Novo Testamento de sua autoria, ele reforça o cuidado com os pobres trazendo uma interessante questão quanto ao motivo do trabalho. Não obstante o propósito daquele que se esforça em seu ofício ser receber o rendimento a fim de sustentar sua casa ou para adquirir os seus bens, Paulo diz que o cristão autêntico deve focar em outro ponto como principal finalidade do seu trabalho: há em seu escrito uma exortação para que o indivíduo procure trabalhar e, recebendo o fruto daquele trabalho como uma

graça de Deus, o mesmo deve compartilhar seus ganhos com aqueles que padecem alguma necessidade (Carta aos Efésios, 4:28): *“O que furtava não fure mais; antes trabalhe, fazendo algo de útil com as mãos, para que tenha o que repartir com quem estiver em necessidade”*.

Aqui se mostra a base da caridade cristã. O ato de trabalhar é relacionado diretamente à ação de socorro, ao acudir, posto que uma das principais bases dos ensinamentos de Cristo está no altruísmo, tendo em vista que o próprio Deus entrega o que tem por amor aos outros: o seu filho Jesus. Assim, trazendo para este contexto, haveria a conciliação, um equilíbrio entre as características do que os cristãos chamam de missão evangelística e a ação social de cuidar dos desfavorecidos. Cabe salientar que, para Jesus, tal ação é totalmente proativa, como vemos em Mateus 7:12: *“Assim, em tudo, façam aos outros o que vocês querem que eles lhes façam; pois esta é a Lei e os Profetas”*.

Ora, falar para judeus apegados à Lei Mosaica que a base desta Lei é abrir mão de si pelos outros, é um discurso revolucionário contra a ideia ao mesmo tempo tão antiga e tão contemporânea de que o importante é o ter coisas e não o ser alguém. Jesus intensifica tal discurso, passando a compreensão de que o investimento de seus seguidores deveria ser no que agradava a Deus, e tais coisas eram a devoção a Deus e a ação de amor ao próximo, como pode ser visto em Mateus 6:19-20: *“Não acumulem para vocês tesouros na terra, onde a traça e a ferrugem destroem, e onde os ladrões arrombam e furtam. Mas acumulem para vocês tesouros no céu, onde a traça e a ferrugem não destroem, e onde os ladrões não arrombam nem furtam.”*

No capítulo 25 do mesmo Evangelho de Mateus vemos aquele que talvez seja considerado o discurso mais duro do Novo Testamento quanto à omissão dos que se dizem seguidores de Jesus em relação aos que se encontram em situação de exclusão. No contexto em questão, o próprio Jesus faz uma explanação de forma intensa sobre o assunto, e na sua homilia ele desenvolve um discurso não apenas com referência aos pobres monetariamente, mas com relação aos diversos tipos de excluídos sociais (Mt. 25:31-46):

"Quando o Filho do homem vier em sua glória, com todos os anjos, assentar-se-á em seu trono na glória celestial. Todas as nações serão reunidas diante dele, e ele separará umas das outras como o pastor separa as ovelhas dos bodes. E colocará as ovelhas à sua direita e os bodes à sua esquerda. "Então o Rei dirá aos que estiverem à sua direita: 'Venham, benditos de meu Pai! Recebam como herança o Reino que lhes foi preparado desde a criação do mundo. Pois eu tive fome, e vocês me deram de comer; tive sede, e vocês me deram de beber; fui estrangeiro, e vocês me acolheram; necessitei de roupas, e vocês me vestiram; estive enfermo,

e vocês cuidaram de mim; estive preso, e vocês me visitaram'. "Então os justos lhe responderão: 'Senhor, quando te vimos com fome e te demos de comer, ou com sede e te demos de beber? Quando te vimos como estrangeiro e te acolhemos, ou necessitado de roupas e te vestimos? Quando te vimos enfermo ou preso e fomos te visitar? '" O Rei responderá: 'Digo-lhes a verdade: o que vocês fizeram a algum dos meus menores irmãos, a mim o fizeram'. "Então ele dirá aos que estiverem à sua esquerda: 'Malditos, apartem-se de mim para o fogo eterno, preparado para o diabo e os seus anjos. Pois eu tive fome, e vocês não me deram de comer; tive sede, e nada me deram para beber; fui estrangeiro, e vocês não me acolheram; necessitei de roupas, e vocês não me vestiram; estive enfermo e preso, e vocês não me visitaram'. "Eles também responderão: 'Senhor, quando te vimos com fome ou com sede ou estrangeiro ou necessitado de roupas ou enfermo ou preso, e não te ajudamos? '" Ele responderá: 'Digo-lhes a verdade: o que vocês deixaram de fazer a alguns destes mais pequeninos, também a mim deixaram de fazê-lo'. "E estes irão para o castigo eterno, mas os justos para a vida eterna".

Os capítulos 24 e 25 do livro de Mateus são capítulos escatológicos, ou seja: são escritos que tratam sobre um tempo apocalíptico, o tempo que os cristãos creem ser o que Jesus regressa após a sua morte e ressurreição a fim de implantar o seu Reino entre os povos. Não obstante as muitas visões de grupos cristãos que pensam de forma diferente sobre a forma desta vinda, a crença neste retorno é senso comum entre eles. Nesse contexto se dará o fim do sofrimento, quando Deus julgará toda as nações, abençoando os que o obedeceram e demonstrando sua ira em relação aos que cometeram injustiça, todos os que, não obstante se disserem seguidores de Jesus, esqueceram dos pobres e outros grupos de excluídos.

No cenário descrito no texto, Jesus coloca do seu lado direito as ovelhas, representando os seus autênticos seguidores, que obedeceram aos seus ensinamentos, enquanto à sua esquerda estão os bodes, que representam os religiosos que, em seus discursos, também eram seguidores, mas que em suas práticas não agiam como verdadeiros discípulos. Em sua fala, Jesus resolve colocar em perspectiva como ele vê o mundo, e nesse seu discurso ele aponta que observa o mundo na ótica do oprimido, na perspectiva do que está excluído. Podemos chegar a tal conclusão porque ele fala do que fizeram ao outro (atitudes de auxílio ou de desprezo) como tendo sido feito ao próprio Jesus. Ele se mostra empático à dor dos que sofrem e se identifica mais com ela do que com os prazeres e excessos dos que habitam nos palácios.

Jesus se aproxima e se relaciona com os excluídos porque, naquele contexto, os pobres e esquecidos, diferente dos que possuíam muitos bens, não tinham a quem recorrer quanto às suas necessidades mais básicas, então colocavam toda a sua esperança do amanhã unicamente em Deus, e nisso se mostravam mais próximos a Deus do que os

outros. No texto podemos dizer que Jesus mostra a sua identificação com os excluídos porque também quer passar o ensino que todo homem carrega a imagem de Deus nele, independente da situação em que se encontre, diferente da crença da época de que riqueza simbolizava proximidade com Deus, enquanto pobreza e sofrimento podiam expressar distância dele.

Tanto o Antigo quanto o Novo Testamento em seus escritos apontam para o fato de que um indivíduo não ter o mesmo privilégio ou o mesmo direito que o outro tem de se sentar em uma mesa para se servir de um banquete não é uma situação trivial, mas é injustiça social e deve ser motivo de indignação. Provavelmente devido a este fato, a Bíblia apresenta tantos textos que falam sobre um plano de redenção onde todos os indivíduos comem juntos à mesma mesa.

O livro de Apocalipse de João, narrando o fim dos tempos e a redenção final da humanidade, apresenta o fim de todas as coisas com a alegria da vitória dos que permaneceram firmes em sua fé, e a festa de celebração disso se dá em um banquete onde todos os povos redimidos se alegram sem quaisquer diferenças que os distancie (Ap. 19:9): *“Felizes os convidados para o banquete do casamento do Cordeiro! E acrescentou: ‘Estas são as palavras verdadeiras de Deus’”*.

O mesmo João que escreveu o livro de Apocalipse, agora em sua primeira Epístola rejeita a ideia de que haja manifestação do verdadeiro amor de Deus na vida dos que não agem em prol dos que passam por necessidade, posto que o amor vindo de Deus não é expresso apenas no discursos, nas confissões de fé, no encorajamento, mas em ações práticas, e tais ações seriam indispensáveis ao cristianismo autêntico (1ª Epístola de João, capítulo 3, versículos 17 e 18): *“Se alguém tiver recursos materiais e, vendo seu irmão em necessidade, não se compadecer dele, como pode permanecer nele o amor de Deus? Filhinhos, não amemos de palavra nem de boca, mas em ação e em verdade.”*

Em Mateus capítulo 22, ao ser questionado sobre como seria o cenário do Reino dos céus, Jesus diz aos seus ouvintes que este Reino é semelhante a um banquete, e ao descrever as características do evento (onde há a celebração do casamento de Jesus com aquela que ele chama de sua noiva – a igreja), ele apresenta uma parábola em que pessoas são convidadas para este banquete (Mt. 22:4): *“Digam aos que foram convidados que preparei meu banquete: meus bois e meus novilhos gordos foram abatidos, e tudo está preparado. Venham para o banquete de casamento”*. Na parábola, porém, os que estavam cuidando de suas propriedades e bens são considerados indignos de participar, pois

colocaram o que era secundário como prioritário, então perderam o maior acontecimento pelo qual poderiam passar.

Em um outro texto, Jesus ensina sobre humildade e sobre uma grande celebração no Reino de Deus, então conta uma outra parábola em que também há um banquete, desta vez ele traz a história de um homem que convidou conhecidos para o casamento de seu filho, porém os convidados estavam muito ocupados com suas grandes transações comerciais (Lc. 14:18-19): *“eles começaram, um por um, a apresentar desculpas. O primeiro disse: ‘Acabei de comprar uma propriedade, e preciso ir vê-la, desculpe-me’. Outro disse: ‘Acabei de comprar cinco juntas de bois e estou indo experimentá-las, desculpe-me’”*. Jesus diz que o homem de forma surpreendente manda que o seu empregado chame todos os excluídos que era possível, aqueles a quem a sociedade da época (e ainda hoje) rejeitava (14:21): *“Vá rapidamente para as ruas e becos da cidade e traga os pobres, os aleijados, os cegos e os mancos”*.

Em um outro contexto histórico, novamente na estrutura bíblica do Antigo Testamento, o profeta Isaías ao falar sobre o amor de Deus direcionado aos pobres e descrevendo a maneira como Deus honraria estes excluídos em uma realidade além deste mundo físico, traz a seguinte consideração (Is. 25: 4-6):

O Senhor é refúgio para os pobres, refúgio para o necessitado em sua aflição, abrigo contra a tempestade e sombra contra o calor quando o sopro dos cruéis é como tempestade contra um muro e como o calor do deserto. Tu silencias o bramido dos estrangeiros; assim como diminui o calor com a sombra de uma nuvem, também a canção dos temíveis é emudecida. Neste monte o Senhor dos Exércitos preparará um farto banquete para todos os povos, um banquete de vinho envelhecido, com carnes suculentas e o melhor vinho. ”

Os inúmeros textos bíblicos que trabalham a justiça social colocam como obrigação o princípio da solidariedade, de modo que o pensamento social dos escritores bíblicos tem como foco a promoção do bem daqueles que estão à sua volta, não olhando os pobres como um inconveniente, mas como alvo das ações dos que obedecem a Deus a fim de que todos tenham a possibilidade de uma vida digna.

Também é interessante perceber que nos textos bíblicos que tratam do cuidado aos pobres, não obstante as muitas críticas expressas neste livro quanto aos que têm uma relação de idolatria com o dinheiro, a Bíblia não parece dar um direcionamento que apresente os ricos sempre como seres desprezíveis e os pobres sempre como pessoas amáveis e apreciáveis. Não há um tipo de julgamento nos escritos que esteja limitado

especificamente à posição social de cada um, mas há sim julgamentos que tomam como base as atitudes do indivíduo em no que se refere ao relacionamento com Deus e às suas relações sociais.

Para os seguidores de Jesus, os que se professam cristãos, é incontestável que o discurso de Cristo e dos escritores do Novo Testamento quanto à vontade de Deus está na ordem de que todos os povos reproduzam seu interesse por justiça em relação aos que se encontram em situação de vulnerabilidade. Veja que os primeiros seguidores de Jesus dão uma grande ênfase a tal questão em muitos exemplos, como quando, após um encontro em que decidiam alguns procedimentos a serem desempenhados por Paulo e outros apóstolos, concluíram que, em meio às tantas questões a serem pontuadas, apenas uma deveria ser necessária: a imprescindibilidade do cuidado com os pobres (Gl. 2: 9,10): *“Tiago, Pedro e João, tidos como colunas, estenderam a mão direita a mim e a Barnabé em sinal de comunhão [...] Somente pediram que nos lembrássemos dos pobres, o que me esforcei por fazer.”* O alerta de Paulo neste trecho claramente evidencia à igreja cristã a imprescindível necessidade de sua atuação junto aos excluídos, devendo refletir em suas atitudes a mesma preocupação com os excluídos que foi apresentada por Jesus em seu ministério.

Não obstante as incontáveis diferenças doutrinárias, tanto os participantes da igreja protestante quanto os católicos demonstram unidade em relação à ênfase bíblica na ação da igreja quanto ao excluído. O catolicismo romano apresenta como imprescindível a atuação caridosa da igreja, que caminha em paralelo com o evangelismo³⁴, sendo esta ação caridosa um reflexo da ação do próprio Deus por meio dos que se chamam seu povo como comunidade de fé que pratica a justiça de Deus aos seus irmãos para que sejam um no todo (1977, p. 363):

A paróquia exerce sua função régia, tornando-se comunidade de caridade e justiça, em que todos se sintam irmãos e responsáveis uns dos outros, pela evangelização das pessoas e ambientes, pelo domínio social da justiça e da caridade, de modo a se formar uma única família em Cristo.

Quando consideramos os textos do Novo Testamento, podemos observar que a igreja cristã enquanto instituição que tem como missão representar Jesus cumprindo sua missão, deve se ver como responsável por promover transformação em todas as

³⁴ A pregação do evangelho visando a conversão, também chamada de catequese ou proselitismo.

dimensões da humanidade, não apenas proclamando verdades espirituais que visem à vida devocional, mas também mudança na realidade daquele que é alvo de sua ação.

A Carta de Tiago é considerado um dos livros com um texto mais enfático quanto à necessidade das ações aos excluídos pelos seguidores de Jesus. Porém, no decorrer da história esta carta foi alvo de uma certa negligência em ser utilizada pelos teólogos por dois motivos: o primeiro pela incerteza quanto à origem apostólica do livro, tendo em vista que o seu escritor só se identifica por Tiago, nome muito comum no mundo antigo. O segundo ponto de conflito se dá justamente devido à intensidade de seu discurso em relação à ação para os pobres. O motivo é porque sua mensagem dá um enfoque às obras como sinal de fé, e no decorrer da história muitos teólogos acreditavam que Tiago estava colocando as obras no mesmo “degrau” da fé.

O reformador Martinho Lutero, por exemplo, foi uma das vozes que se levantou com certa resistência a trechos desta carta, a considerando de menos valor, pois para ele havia um ponto de tensão entre a carta de Tiago e os demais livros do Novo Testamento no que diz respeito à justificação pela fé, principalmente quando supostamente há uma contradição de Tiago à teologia enfatizada em Romanos 1:17 quando Paulo diz: *“Porque no evangelho é revelada a justiça de Deus, uma justiça que do princípio ao fim é pela fé, como está escrito: O justo viverá pela fé”*.

A ênfase da carta na declaração de que o crente deveria apresentar sua fé por meio das obras poderia ser interpretado como uma justificação também por obras, conflitando com a certeza luterana de que o indivíduo que crê é justificado somente pela sua fé. O teólogo cristão Douglas J. Moo traz a seguinte observação sobre esta visão de Martinho Lutero (2006, p. 18):

Para Martinho Lutero, Tiago desfigura as Escrituras e, assim, opõe-se a Paulo em todo o texto sagrado; ele também caracterizou a carta como “epístola de palha”. [...] Ele não exclui Tiago do cânon, e tem sido estimado que em suas obras ele cita mais da metade dos versículos de Tiago [...] Até mesmo a referência à “epístola de palha” deve ser compreendida dentro de seu contexto: Lutero não está rejeitando Tiago como se não tivesse valor, e sim, contrastando-a de modo desfavorável com os “principais livros” (Evangelho de João, 1 João, epístolas de Paulo [especialmente Romanos, Gálatas e Efésios] e 1 Pedro).

As resistências ao livro de Tiago não partem apenas de Lutero, mas outros importantes líderes cristãos na história criticaram o livro, sendo um deles Calvino, que admite que o livro é *“mais relutante em proclamar a graça de Cristo do que competia a um apóstolo”* (2015, p. 31), porém, complementa que, não obstante ser destoante neste

sentido, não o repelia: *“inclino-me a recebê-la sem controvérsia, porquanto não percebo razão justa para rejeitá-la”* (Calvino, p. 31).

O curto texto cujas interpretações no decorrer da história promoveram e ainda promovem tantas celeumas em relação à carta de Tiago é o que se encontra em seu capítulo 2, nos versículos 14 a 18:

Meus irmãos, que aproveita se alguém disser que tem fé, e não tiver as obras? Porventura a fé pode salvá-lo? E, se o irmão ou a irmã estiverem nus, e tiverem falta de mantimento quotidiano, e algum de vós lhes disser: Ide em paz, aqueantai-vos e fantai-vos; e não lhes derdes as coisas necessárias para o corpo, que proveito virá daí? Assim também a fé, se não tiver as obras, é morta em si mesma. Mas dirá alguém: Tu tens a fé, e eu tenho as obras; mostra-me a tua fé sem as tuas obras, e eu te mostrarei a minha fé pelas minhas obras.

A advertência de Tiago era que uma fé composta exclusivamente por palavras abençoadoras em relação aos pobres, mas sem o auxílio prático, não passava de uma fé morta, pois a verdadeira fé, a fé salvífica, é vista por meio de obras. O público mais reprovado por Jesus em seus discursos eram os escribas e fariseus, a quem ele chamava de hipócritas (Mt. 13:28), e era sabido que tal público praticava boas obras, mas o faziam pensando que com tal atitude, eles conseguiriam ter uma vida próspera também após a morte, próximos aos pais na fé a quem admiravam.

Na verdade, a repreensão de Tiago em sua carta está voltada à noção de que muitos tinham uma fé apenas externalizada nas palavras, e esta fé era reprovada aos olhos de Deus porque não era evidenciada no amor ao necessitado, a quem ele chama de irmãos. O texto deixa claro que as necessidades dos pobres em questão eram de itens básicos para uma vida digna: ter o que se vestir e o que se alimentar. O público repreendido nesta carta são as pessoas que nada fazem pelos que padecem. Não obstante terem práticas ritualísticas, não tinham compromisso com o chamado de Deus a uma vida de misericórdia, tendo em vista que não tinham qualquer compromisso com os esquecidos, a não ser meras palavras desejando coisas boas.

Em seu texto, Tiago relaciona a caridade como uma ação que tem como consequência grandes consequências espirituais, visto que, nesse sentido, exercer misericórdia ao excluído por meio de ações práticas de dignificação seriam atos de prevaleceriam sobre o juízo de Deus, pois o versículo anterior assim aponta (Tg. 2:13): *“(...) porque será exercido juízo sem misericórdia sobre quem não foi misericordioso. A misericórdia triunfa sobre o juízo!”*

De toda forma, o termo “obras” utilizado por Tiago parece ter uma abrangência semântica maior do que a que entendemos na contemporaneidade. A palavra utilizada originalmente no grego e traduzida por “obra” é *erga*, que significa trabalho, ato, ação (2003, p. 85). O dicionário exegético de Antigo e Novo Testamentos VINE (2002, p. 827) observa que o termo “*ocorre frequentemente em sentido ético acerca das ações humanas, boas ou ruins*”. O teólogo Douglas J. Moo em seu comentário ao Livro de Tiago (2006, p. 101) traz uma interessante observação quanto à possibilidade de uma contrariedade entre a doutrina da justificação pela fé trazida por Paulo e a manifestação da fé por meio das obras em Tiago:

[...] não está claro que em Tiago podemos limitar “obras” aos atos de caridade. Seguramente, ele há pouco havia falado de atividades que cumprem a lei do amor e menciona como ilustração atos de caridade, nos vv. 15-16. Mas estes seus exemplos específicos, extraídos das vidas de Abraão e Raabe (vv. 21-25), não incluem claramente atos de caridade. No caso de Abraão em particular, o que está em vista é sua obediência a Deus *per se*, sem nenhuma referência a qualquer ato de caridade demonstrado a terceiros. Desta forma, parece que Paulo e Tiago estão operando com interpretações de “obras” basicamente semelhantes: qualquer coisa feita em obediência a Deus e a serviço dele.

O fato é que, independentemente do sentido original da palavra “obras”, não apenas o livro de Tiago como todo o compêndio que a Bíblia forma, apontam para a realidade de que aqueles que professam a fé nos escritos deste livro necessariamente devem manifestar sua fé por meio de ações práticas, pois o discurso não só de Cristo como de tantos outros importantes personagens deste livro apontam para esta preocupação. Tais ações devem ser direcionadas de forma urgente e estratégica para uma sociedade que tem mazelas diversas, impossíveis de serem sanadas quando observada a atual conjuntura de crescente discrepância social e pouco engajamento que vise a diminuição da pobreza.

Não obstante tal questão, a manifestação de uma lógica altruísta de cuidado com o outro deve se manifestar na vida dos sujeitos que professam esta fé, desenvolvendo a capacidade de se identificar como parte do que o cerca a fim de apresentar uma função transformacional neste contexto, como apresenta Maurício Cunha, mestre em Antropologia Social e fundador do CADI - Centro de Assistência e Desenvolvimento Integral, que trabalha com transformação social e a relação entre igreja e políticas públicas (2018, p. 16):

Se a nossa fé não “dá conta” da vida real, das múltiplas necessidades das pessoas nos seus dilemas e anseios mais profundos, estamos brincando com uma ilusão, pois a vida real exige de nós respostas concretas para as questões do ser humano e da sociedade em toda a sua complexidade. Ou seja: para a igreja, engajar-se “no mundo” sem ser “do mundo” não é uma opção.

Um outro ponto interessante do discurso de Jesus Cristo a respeito da importância dos pobres é apresentado no Evangelho de Lucas 7:18-23, quando lhe perguntam se ele seria o Messias predito no Antigo Testamento e que traria a libertação tão aguardada, Jesus responde que cegos veem, leprosos são purificados, os surdos ouvem, mortos são ressuscitados e que “*as boas novas são pregadas aos pobres*”. O curioso é que Jesus usa a pregação aos pobres como um sinal do cumprimento de sua profecia, pois o Reino havia chegado para todos, inclusive para aqueles com os quais ninguém se importava: os pobres.

O consenso entre os líderes cristãos que analisam a relação entre Bíblia e transformação social é que o Deus descrito na Bíblia Sagrada odeia a injustiça e espera que seus seguidores se coloquem ao lado dos injustiçados, cabendo aos seus devotos que se esforcem pela promoção da dignificação dos que sofrem com a exclusão, sem viver uma realidade separada, mas trabalhando lado a lado com movimentos e indivíduos que estejam dispostos a promover a inserção destes indivíduos em uma realidade de valorização, principalmente lutando com ações que tencionem a redução da tragédia da pobreza na sociedade.

Da teoria no saber à prática no agir

No meio protestante há uma declaração que busca contrapor as doutrinas rígidas da ortodoxia à vida cristã prática: “*a teologia é somente teoria – o que conta é a ação, a fé vivida*”. Esta máxima em muito se assemelha ao texto já citado de Tiago 2:14-18. Para os cristãos que acreditam que Deus quer que sua igreja se envolva na dignificação dos excluídos e que não há autêntico cristianismo sem atuação social, em que haveria um andar esquivando-se das realidades sofridas da vida, de fato, a fé, se não tiver as obras, é morta em si mesma.

É curioso perceber que a Bíblia faz uma descrição de Deus com uma série de adjetivos, mas há uma listagem em especial em um dos salmistas que caracteriza Deus

como extremamente vinculado aos necessitados (Sl. 146: 7-9): *“Ele defende a causa dos oprimidos e dá alimento aos famintos. Ele liberta os presos, dá vista aos cegos, levanta os abatidos, o Senhor ama os justos. O Senhor protege o estrangeiro e sustém o órfão e a viúva [...]”*.

Nesse sentido, sem a preocupação com os que estão à beira da sociedade, que recebem apenas o som das pregações sobre um Deus que abençoa, mas sem o conhecimento palpável a respeito das bênçãos deste Deus, o que resta à igreja que vive neste contexto são teólogos e membros de assembleias que militam pela tradição e se aprofundam na apologética contra as heresias, acusando e condenando a muitos, mas esquecendo-se que além (e dentro) do templo há muitos famintos esperando que as migalhas caiam da mesa ao chão a fim de que possam se alimentar, como clamou a cananeia do Evangelho de Mateus 15:27.

Com a finalidade de alcançar o propósito de uma teologia transformacional poliédrica cujo objetivo seria sair da esfera meramente ritualística, contemplativa e analítica para então partir dos confessionários católicos ou dos gabinetes evangélicos para a ação a fim de atender a humanidade em todas as áreas passíveis de transformação, caberia à igreja cristã a missão de respaldar os seus seguidores com a reflexão, os parâmetros de julgamento e as indicações de ações acerca do lugar correto a partir de onde se dá o pontapé inicial a fim de que haja o incentivo aos fiéis de que sejam efetuadas práticas humanitárias de solidariedade impregnadas de uma justiça plena convalidada pelos princípios bíblicos.

Derivando de tal premissa, a partir da formulação da doutrina social da Igreja Católica, alguns movimentos passaram a se levantar buscando responder a tal chamado requerido pelas Escrituras sagradas seguidas pelos grupos cristãos. Com base na noção de que o objetivo primordial da igreja cristã seria uma missão que envolva a integralidade do ser humano abrangendo o ser, o fazer e o falar do Evangelho a respeito de Jesus Cristo, tais movimentos surgiram, não se limitando ao cristianismo representado pela Igreja Católica Romana, mas também movimentos cristãos protestantes passaram a se voltar para tal propósito, porém o precursor desta “nova” dimensão missionária foi o movimento cuja estrutura teórica ficou conhecida como Teologia da Libertação.

2: Teologia para os pobres: uma libertação integral

A Teologia da Libertação

Em seu notável trabalho *Era dos Extremos: o breve século XX*, o historiador Eric Hobsbawm, ao dissertar a respeito da onda de revoluções na década de 70, cita a “*grande novidade, ao mesmo tempo intrigante e perturbadora*” para a esquerda anticlerical e para a direita que lutava contra o comunismo. Surgia na América Latina um movimento de teologia prática que daria as mãos aos revolucionários seculares de então, e tal movimento partia de dentro da Igreja Católica Romana, com “*padres católico-marxistas que apoiavam, e mesmo participavam e lideravam, insurreições*”³⁵. O movimento, pautado em uma teologia que promovia a libertação do excluído, havia iniciado após a Revolução Cubana, com a oposição do Vaticano, porém, com o apoio intelectual dos jesuítas.

A Teologia da Libertação se insere no arcabouço das “novas” concepções de cristianismo que afloraram a partir da década de 60 ou das chamadas “teologias libertadoras” (visto que trazem em suas particularidades muitas caracterizações que englobam diversas teologias voltadas às minorias), em um contexto de levantes contra o Cristianismo e as doutrinas bíblicas, nesse caso levantados pelo ateísmo e intelectuais diversos, em outros casos (no que se limita à crítica à instituição cristã em si), estando mais relacionado à visão de que a igreja esqueceu do seu papel primordial de promover transformação nos contextos do sofrimento humano resultantes do afastamento de Deus e passou a olhar somente para dentro, se enclausurando em seus templos.

Assim, este movimento se estabelece a partir de uma nova forma de pensar igreja, e uma igreja que não deve apenas se ver como expressão maior do relacionamento de Deus com as pessoas, a igreja, como dizia BALTHASAR (2003, p. 66), que tem como Jesus o “*fundador e vivificador da igreja, fundada por Cristo e surgida de sua humanidade sacrificada na cruz*” mas, indo além desta esfera de identificação contemplativa, que tem que se esforçar para ser o elo de ligação entre a instituição cristã e os esquecidos, pois, considerando Deus como um ser real (e buscando responder às críticas dos célicos de então), ele não se coloca indiferente à exclusão social, antes deseja que sua igreja saia do templo em direção aos que estão em sofrimento.

³⁵ ROBSBAWN, Eric. **Era dos Extremos: O Breve Século XX** (1914-1991). São Paulo: Cia das Letras, 1995. p. 438.

Partindo deste cenário, a Teologia aqui apresentada surge em uma região desvalida economicamente no globo a fim de trazer uma reflexão que pudesse de alguma forma trazer identidade (posto que os conduziria a um resgate à sua dignidade, princípio basilar de valor do ser humano) e voz aos necessitados. Com o desenvolvimento desta corrente teológica, fazia-se necessário construir uma cadeia de assistência solidária onde os desassistidos pudessem de alguma maneira encontrar o mínimo de refúgio em uma conjuntura de exclusão ao pobre.

Percebamos que, em muitos contextos, princípios religiosos se transformaram em “ópio” quando, desvirtuando sua ação libertadora de transformação interior que também agiria de forma a influenciar positivamente o ambiente exterior, passaram a enclausurar vidas, sendo utilizados como instrumentos de coação e alienação de modo que, no que se refere à estratificação, alguns creem na falácia de que não há perspectiva de mudança de condição, e tal ausência de mobilidade social também é “explicada teologicamente”, visto ser a atual condição de penúria um suposto reflexo da vontade de Deus, que quer ensinar ao pobre que sua prosperidade será na eternidade, no céu, onde então desfrutará da recompensa pelo sofrimento terreno, irreversível, determinado, predestinado. Para os adeptos da Teologia da Libertação, a igreja cristã compreende seu real papel quando, entre outras questões, passa a não apenas questionar tal falácia colocada acima, mas principalmente quando nega a atitude meramente de permanecer em contemplações metafísicas e decide se envolver na realidade do que vive sob opressão, oferecendo aos excluídos opções de mudança.

Em busca dos fundamentos

Para alguns estudiosos da temática, as raízes do movimento teológico da Libertação especificamente nas terras brasileiras partem do fim da década de 1950 e início dos anos de 1960, quando do início das obras da rodovia Belém-Brasília, momento em que começou a haver muita especulação latifundiária a partir da concessão de investimentos fiscais aos interessados em investir na região até então esquecida (Hébette. 2004, p. 38). A relação entre tal momento e o desenvolvimento desta teologia está no fato de que, no mesmo cenário histórico, o Brasil passava pelo contexto de autoritarismo estabelecido em 1964. Muitos grupos começaram a se levantar também em regiões ermas do país, como a região do Araguaia, em discordância à postura dos representantes do Estado.

Devido ao contexto de grilagem de terra incentivada por meio da concessão de incentivos fiscais, muitas propriedades tiveram elevação de preços, além de muitas indefinições quanto às propriedades, tendo em vista as fraudes em cartório e as invasões antes e durante este mesmo período. Entre os invasores estavam os que detinham poder, tomando terras dos pequenos, mas também algumas famílias pobres do campo, que tinham apoio daqueles que seriam considerados os primeiros expoentes práticos da Teologia Social da Igreja junto a tais camponeses, como nos mostra o historiador Fábio Tadeu de Melo Pessoa (2014, p. 67): “ [...] *com o apoio dos religiosos, lutaram ocupando as terras ou resistindo de diversas maneiras naquelas já ocupadas. Os discursos de representantes do Estado e de fazendeiros apontavam os padres, as freiras e os bispos [...] como incentivadores da violência*”.

Nesse sentido, os religiosos passaram então a sofrer perseguição porque auxiliavam os camponeses por meio da Comissão Pastoral da Terra, recebendo também a alcunha pejorativa de “facção da igreja”. Tal grupo de religiosos passou também a ser alvo de questionamentos por, supostamente, estar trocando o objetivo de sua existência, deixando a posição de proclamadores do Evangelho para suscitadores de rebelião (Pessoa. 2014, p. 68): “*Padre pode entender muito de Evangelho, mas não de problema fundiário. Ele não pode usar o nome do Papa e da Igreja para tomar a terra de seus donos*”. Com a repulsa desta ala da liderança da igreja à postura assumida pelo Estado, aos poucos os grupos que se mostravam mais críticos ao Regime começaram a ganhar mais simpatia e voz não somente no seio da Igreja Católica, mas entre a população mais carente, visto que tais passaram a ser reconhecidos como os representantes dos excluídos. Não apenas estes, mas também ainda nos setores do clero, os mais alinhados às pautas progressistas passaram a fazer com que os dessa linha teológica da *práxis* ganhassem mais voz e tivessem hegemonia na Instituição.

Cabe entender que tal postura de parte do clero católico de apoio aos excluídos não surge de repente, mas é fruto de um contexto construído a partir de eventos anteriores, principalmente após 1964 com as constantes acusações por parte do governo aos líderes e fiéis católicos envolvidos em causas sociais de serem estes agentes subversivos. Vendo a perseguição a muitos de seus fiéis, aos poucos, parte da liderança católica começa a se posicionar em ações apoiando alguns grupos repelidos pelo Estado (Pessoa. 2014, p. 69): “*Com o golpe de 1964 e a consequente repressão aos acusados de “subversão” pelos golpistas, entre os quais padres, freiras, agentes de pastoral e muitos jovens católicos engajados em diversas entidades estudantis, a simpatia [...] começa a definhar.* ”

Porém, não obstante tais eventos no Brasil, por parte da Igreja Católica Romana há uma relevante mudança de postura em seu modo de ver o pobre principalmente a partir da *Encíclica Rerum Novarum*, publicada em 1891 pelo Papa Leão XIII. A encíclica trata de questões debatidas no decorrer da revolução industrial e as sociedades democráticas no final do século XIX. O documento católico se tornou uma resposta da Igreja Católica contra o fortalecimento de uma ideia em ascensão na Europa de um estilo de vida que incentivava o individualismo voltado ao consumo materialista em detrimento aos excluídos. Para muitos, na *Encíclica Rerum Novarum* a Igreja expressava sua posição contrária a dois movimentos surgidos naquele momento: o comunismo e o liberalismo.

A *Rerum Novarum* e a Doutrina Social da Igreja

Há pouco mais de um século, mais exatamente em 15 de maio de 1891, o então sumo pontífice da Igreja Católica Apostólica Romana (ICAR), Leão XIII (1878-1903), escreveu a encíclica ***Rerum Novarum: sobre a condição dos operários***. O Papa Leão XIII é denominado como um papa de vanguarda, considerando aspectos da realidade em volta da igreja que até então estavam fora de preocupação nos documentos oficiais da instituição. A encíclica seria a busca pela Igreja Romana de conclamar os que faziam parte da instituição cristã a uma análise do cenário de exclusão social, também oferecendo uma solução cristã para os problemas relacionados aos pobres e excluídos em geral na sociedade de então.

É perceptível a importância que a *Rerum Novarum* teve como estruturante da doutrina social da Igreja Católica quando observamos a forma como os que sucederam a Leão XIII trataram esta Encíclica a partir da formulação de outros documentos sociais vinculados à de 1891. A partir dela, outras surgiram a fim de incrementar o que já havia sido posto nesta. 40 anos depois desta que é chamada de Encíclica social, surgiu justamente em celebração ao aniversário de 40 anos da *Novarum* a Encíclica “*Quadragesimo ano*”, no ano de 1931, pelo Papa Pio XI. Em 1961 o Papa João XXIII promulgou a “*Mater et magistra*” e em 1963, a “*Pacem in Terris*”. Em 1965 o Papa Paulo VI publicou a constituição pastoral “*Gaudium et Spes*” (“Alegria e Esperança”) nomeada como “*Sobre a Igreja no mundo contemporâneo*”, vindo a ser a única constituição pastoral e a 4ª das constituições do Concílio Vaticano II. Abordando a doutrina social da igreja, esta constituição trata fundamentalmente das relações entre

a Igreja Católica e o mundo onde ela está inserida, trazendo para si a responsabilidade de ser o principal agente de Deus na terra a fim de promover a dignificação aos esquecidos.

No ano de 1967 o mesmo Papa Paulo VI publicou outra Encíclica: a “*Populorum progressio*” e em 1971, em comemoração aos 80 anos da “*Rerum novarum*”, foi publicada a Carta Apostólica “*Octagesima adveniens*”. O Papa João Paulo II, por sua vez, publicou três Encíclicas com conteúdo voltado às questões sociais: a primeira no ano de 1981 “*Laborens exercens*”, já em 1987 promulgou a “*Sollicitudo rei socialis*” e por fim, desta vez em 1991 para a celebração do centenário da *Rerum Novarum*, publicou a “*Centesimus annus*”, pouco tempo depois da queda do Muro de Berlim.

Por fim, como resultado do trabalho efetuado pelo Pontifício Conselho Justiça e Paz, a Doutrina Social da Igreja Cristã na representação da Igreja Católica foi apresentada de modo sistematizado e orgânico no ano de 2004, por meio do “Compêndio da Doutrina Social da Igreja”, que visava ajudar a humanidade na busca esforçada do bem comum em prol dos esquecidos e tendo a igreja como agente ativo.

O consenso é que não há como falar sobre atuação social da igreja cristã sem necessariamente citar a *Rerum Novarum*, que é considerado o primeiro documento oficial de doutrina social da igreja, tendo em vista que a partir desta declaração teológica há o surgimento (ou impulsionamento) de trabalhos voltados à atuação dos que se auto denominam igreja de Cristo e que – obedecendo ao seu chamado registrado nas Escrituras Sagradas - age em direção à promoção do socorro aos esquecidos. Não apenas isso, mas a partir da Encíclica há também o estímulo à criação de cooperativas e associações de operários, entre outras estruturas de apoio aos grupos até então “colocados à parte” não apenas pelos que se incluíam entre as elites da sociedade em geral, mas também pelo clero da própria igreja, de forma que muitos afirmam que a *Rerum Novarum* tem para a ação social católica (e mesmo cristã em geral, no sentido das muitas vertentes denominacionais) o mesmo grau de importância do Manifesto do Partido Comunista para a estrutura do pensamento socialista.

O contexto de mundo observado no século XIX é de um ambiente novo, que se via em conflito com as transformações no cenário social, considerando os inúmeros avanços tecnológicos na indústria, os antagonismos nos interesses entre patrões e empregados, a injustiça visualizada na pobreza e desigualdade social evidente. O gráfico que apresentamos abaixo, formulado pela “Our World in Data”³⁶ mostra que, ainda que

³⁶ O “Our World In Data” (ourworldindata.org/about) é um site criado em 2011 sob a tutela da Universidade de Oxford especializado em apresentar pesquisas sobre as transformações ocorridas no modo

atualmente não existem dúvidas que vivemos em um cenário de extrema desigualdade social, no século XIX o cenário era ainda mais caótico tendo em vista que, de uma população total de 1,08 bilhão de habitantes (no ano de 1820), o planeta tinha 94% da população (1,02 bilhão) vivendo em condições de extrema pobreza.

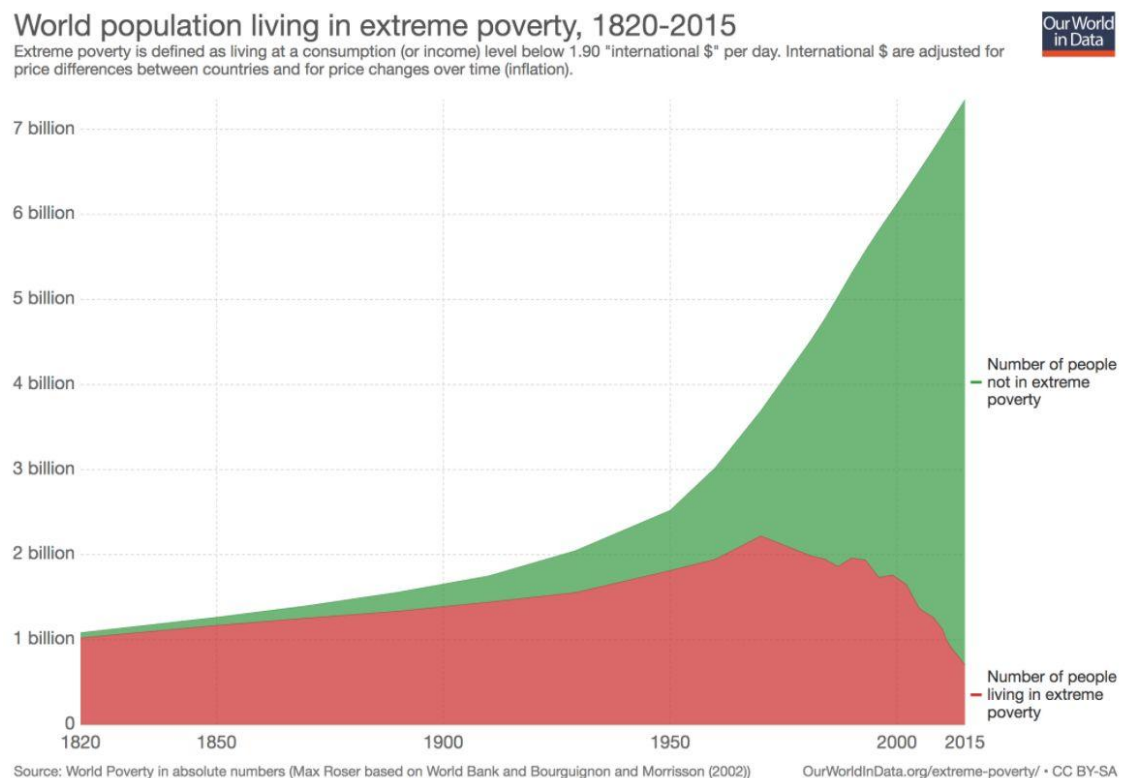


Imagem 8

O Relatório de Desenvolvimento Humano 1997 do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD), ao comparar o quadro de pobreza do presente momento para o que pode ser observado no século XIX, afirma (1997, p. 2, 23) não só que “*os indicadores fundamentais do desenvolvimento humano evoluíram fortemente nas últimas décadas*”, mas também que “*a erradicação da pobreza extrema nas primeiras décadas do século XXI é realizável*”.

Até aquele momento a discussão em relação à pobreza no Ocidente se situava praticamente em dois âmbitos: em um estava alicerçado na ideia de que a pobreza partia de uma questão moral, sendo o resultado da falta de ética de trabalho e de observar o trabalho como dignificante, gerando a acusação ao próprio sistema como excludente. Fora

de viver das sociedades no decorrer da história, também considerando os fatores que levam ao desenvolvimento.

isso, havia a teoria malthusiana, que jogava sobre os próprios miseráveis a responsabilidade pela sua miséria, uma vez que tais carentes não pensavam na consequência de suas ações e geravam filhos de forma não planejada, ainda que não tivessem estrutura financeira suficiente para mantê-los. Assim, tais grupos de conflitos sociais atingiam um crescimento em números geométricos, enquanto a produção de alimentos crescia em ritmo aritmético.

O que se pode concluir de forma concreta é que a conjuntura em que a Encíclica foi formulada era de um caos social, uma realidade de pobreza como habitual e a respeito da qual não haveria como a instituição Católica se mostrar indiferente, certamente algo bem mais complexo do que o já problemático contexto em que a Igreja Cristã em geral encontra-se inserida atualmente.

Para os que se debruçam nas questões relacionadas à atuação social da Igreja, a Encíclica tem papel preponderante nesta temática porque ela, escrita em tal contexto de uma Europa que vivia estes muitos conflitos sociais, serve justamente como uma posição oficial da Igreja Católica a respeito de qual deveria ser a sua ação diante de tantos problemas, com as informações colocadas ali servindo como referência para a estruturação de um pensamento cristão especificamente sobre a atuação social. Para os críticos da Encíclica, o documento católico seria uma reação conservadora justamente às lutas sociais contra uma ordem estabelecida que seria apoiada mais pelo clero da ICAR do que pelos que realmente teriam força a autoridade para a transformação de tais problemáticas: os fiéis da igreja.

Convém observar que a forma como a Encíclica tem seu texto construído parece transparecer uma preocupação em percorrer uma “estrada do meio”, tendo em vista que ela apresenta um conteúdo que em muitos momentos apresenta críticas ao capitalismo, relacionando os marginalizados daquele tempo à desigualdade social promovida pelos poderosos aliada à corrupção nos costumes, haja vista que a falta de valores morais resultaria em falta de empatia e, conseqüentemente, problemas sociais. Observando tais problemas, o Papa Leão XIII teria elaborado a *Rerum Novarum* com o propósito de mostrar a preocupação com as classes excluídas (em destaque os trabalhadores) que estariam sendo castigadas pelas práticas do individualismo e dos desequilíbrios sociais resultantes de relações opressoras daquele momento histórico.

Neste conjunto, o documento desenvolve seu conteúdo apresentando a caridade cristã como a prática da empatia e, conseqüentemente, a solução para os problemas sociais observados. Nesse sentido, há a crítica de haver na *Rerum Novarum* a construção

de um argumento que resulta em uma falácia, pois seria o resultado de uma visão da ICAR (sobretudo no item “a igreja e a questão social”) às classe oprimidas que deixaria evidente a preocupação da Igreja em retirar os pobres da exclusão desvinculando-os da necessidade do envolvimento nas lutas sociais em prol de um empoderamento que resultaria em sua emancipação das classes dominantes, levando em consideração que “*a questão de que se trata é de tal natureza, que, se não apelamos para a religião e para a Igreja, é impossível encontrar-lhe uma solução eficaz*” (1891, p. 30).

Desta forma, a pretendida mobilidade social dos excluídos ocorreria não por ação própria dos que lutam pela dignificação pessoal, mas só teriam a sua existência factual devido à promoção da caridade que, por outro lado, também só seria possível de ser executada por meio da atuação da instituição Católica Romana através de seus devotos comprometidos com a atuação voluntária em sua igreja. Um outro trecho que também discorre sobre esta questão segue abaixo (p. 25):

Vede, veneráveis irmãos, por quem e por que meios esta questão tão difícil demanda ser tratada e resolvida. Tome cada um a tarefa que lhe pertence... [...] Façam os governantes o uso da autoridade protetora das leis e das instituições; lembrem-se os ricos e os patrões dos seus deveres; tratem os operários, cuja sorte está em jogo, dos seus interesses pelas vias legítimas; [...]. Portanto, a salvação desejada deve ser principalmente o fruto de uma grande efusão de caridade, queremos dizer, daquela caridade que compendia em si todo o Evangelho e que, sempre pronta a sacrificar-se pelo próximo, é o antídoto mais seguro contra o orgulho e o egoísmo do século.

No decorrer de seu texto, Leão XIII ainda expõe a análise cristã a respeito dos problemas sociais e declara que a instituição religiosa à qual ele representa apoia o direito dos trabalhadores de formarem sindicatos, não obstante o repúdio ao socialismo, legitimando o direito à propriedade privada. Da mesma forma, apresenta a proposta de uma união dos trabalhadores em organizações católicas com foco no equilíbrio (ou pacificação) das relações entre patrões e operários com a regulação do Estado a fim de que fosse garantido o mínimo de dignidade para os trabalhadores (se opondo à ideia da luta de classes). Um dos resultados desta nova visão se deu em 1919 com a fundação do Partido Popular Italiano, por obra do Pe. Luigi Sturzo.

Não obstante o conteúdo da carta desenvolver uma crítica ao Capitalismo, ela é considerada de teor conservador, posto também se opor ao Socialismo, inclusive o criticando. No item “A solução socialista”, há uma explicação de alguns porquês à crítica ao Socialismo e um apoio ao direito à propriedade privada. Neste texto, o Papa Leão XIII expõe a fragilidade do Socialismo porque tal opção, segundo sua análise, fragilizaria os

próprios trabalhadores, impedindo a possibilidade de mobilidade social dos mesmos a partir do momento em que deixava de lado os talentos naturais destes quando atacava o direito à iniciativa econômica, promovendo os interesses dos que possuíam o capital (1891, p. 2):

Mediante esta transladação das propriedades e esta igual repartição das riquezas e das comodidades que elas proporcionam entre os cidadãos, lisonjeiam-se de aplicar um remédio eficaz aos males presentes. Mas semelhante teoria, longe de ser capaz de pôr termo ao conflito, prejudicaria o operário se fosse posta em prática. Pelo contrário, é sumamente injusta, por violar os direitos legítimos dos proprietários, viciar as funções do Estado e tender para a subversão completa do edifício social.

No trecho “O socialismo como falso remédio”, a Encíclica rejeita a solução apresentada pelo Socialismo, recorrendo em sua análise para a perspectiva de que este viés era inconsistente porque, ao invés de amenizar o problema, promoveria ainda mais dificuldade na ascensão dos pobres, visto que, em sua análise, um ideal socialista propõe a recusa ao direito à iniciativa econômica além de um certo desprezo aos talentos individuais e a abolição da propriedade privada, consequentemente, neste âmbito também haveria o favorecimento dos interesses dos que estão no poder, intensificando a ambição pecaminosa e dificultando a mobilidade social dos mais carentes.

Em seu documento representando a Igreja, Leão XIII considera que a noção cristã é de unidade, e não de divisão. Nesse sentido, a promoção da dignidade não deve ter como pressuposto a luta entre classes, e sim a concórdia entre elas a fim de que da unidade nasça a equidade a partir da empatia. O discurso é de harmonização para a humanização; é partir da noção de irmandade para que desta fraternidade nasça a misericórdia que faz gerar ações práticas em prol do outro (p. 8): “[...] *é de natureza a aproximar e reconciliar os ricos e os pobres, lembrando às duas classes os seus deveres mútuos e, primeiro que todos os outros, os que derivam da justiça*”.

O documento ainda desenvolve, neste sentido de promover a unidade, o ideal de que patrões e operários devem cumprir suas obrigações: o patrão dando ao funcionário o que lhe é de direito, não devendo “*tratar o operário como escravo, mas respeitar nele a dignidade do homem, realçada ainda pela do Cristão*” (p. 9), pois tal atitude de anular a dignidade por meio da escravidão do outro é oposta ao cristianismo, que prezaria pela dignidade humana. Destratar um operário pelo fato de este estar em uma hierarquia inferior no trabalho seria vergonhoso e desumano, como dito: “*é usar dos homens como de vis instrumentos de lucro, e não os estimar senão na proporção do vigor dos seus*

braços. O cristianismo, além disso, prescreve que se tenham em consideração os interesses espirituais do operário e o bem da sua alma (Ibdem).

Na sua crítica à maneira como patrões oprimem operários, a Encíclica por um lado se posiciona contrária à crítica que o Socialismo apresenta à propriedade privada, pois esta, enquanto direito natural do homem, seria não somente *“permitida, sobretudo a quem vive em sociedade, mas ainda absolutamente necessária”* (p. 10). Por outro lado, o texto lança mão do escrito no Evangelho de Lucas 6:24-25 que traz uma dura repreensão aos ricos que oprimiam aos necessitados: *“Mas ai de vocês, os ricos, pois já receberam sua consolação. Ai de vocês, que agora têm fartura, porque passarão fome. Ai de vocês, que agora riem, pois haverão de se lamentar e chorar”*. A partir deste escrito, ataca o mau uso das riquezas.

No documento, Leão XIII informa que, ainda que ninguém seja obrigado a aliviar o sofrimento do próximo ao ponto de privar o que é seu para socorrer ao outro, por outro lado, em tendo condições de se suprir, não o fazer incorre em prática de pecado por considerar a sua riqueza e desconsiderar a necessidade do outro, principalmente quando suas práticas são de esquecer os desvalidos não ofertando a eles a esmola, assim, utiliza suas posses de forma errônea (p. 11):

Ninguém certamente é obrigado a aliviar o próximo privando-se do seu necessário ou do de sua família; nem mesmo a nada suprimir do que as conveniências ou decência Impõem à sua pessoa (...). Mas, desde que haja suficientemente satisfeito à necessidade e ao decoro, é um dever lançar o supérfluo no seio dos pobres: Do supérfluo dai esmolas. É um dever, não de estrita justiça, excepto nos casos de extrema necessidade, mas de caridade cristã, um dever, por consequência, cujo cumprimento se não pode conseguir pelas vias da justiça humana. Mas, acima dos juízos do homem e das leis, há a lei e o juízo de Jesus Cristo, nosso Deus, que nos persuade de todas as maneiras a dar habitualmente esmola

O documento católico advoga pelo repouso semanal, com a suspensão do trabalho no domingo, dia considerado como separado, santificado para o Senhor, segundo a ordem bíblica (p. 19): *“O direito ao descanso de cada dia assim como à cessação do trabalho no dia do Senhor, deve ser a condição expressa ou tácita de todo o contrato feito entre patrões e operários”*. Também há uma defesa à fixação da jornada de trabalho e a conclamação de que haja respeito à condição mais frágil das mulheres e das crianças. Em relação às greves, pede que haja ordem na suspensão dos trabalhos a fim de que tal situação não traga prejuízo não somente aos patrões, mas à sociedade em geral, tendo em

vista que as paralisações trazem perdas para todos, de modo que é necessário conscientização dos patrões para que os operários não sejam impelidos a tomarem tal atitude em busca de seus direitos (p. 18):

O trabalho muito prolongado e pesado e uma retribuição mesquinha dão, não poucas vezes, aos operários ocasião de greves. E preciso que o Estado ponha cobro a esta desordem grave e frequente, porque estas greves causam dano não só aos patrões e aos mesmos operários, mas também ao comércio e aos interesses comuns.

O Papa Leão XIII, sem exageros, pode ser considerado um líder religioso que deu início a uma nova visão em sua instituição e principiou os pilares de novas práticas da Igreja Católica em seu relacionamento com o mundo moderno. Independente dos vieses críticos que se levantem em relação a pontos diversos da Encíclica, é notório que o documento ditou novos rumos não somente da ICAR, mas da igreja cristã no geral quanto ao afimco e envolvimento da Igreja na busca por respostas à luz de uma cosmovisão cristã quanto à problemática dos excluídos e dos direitos dos trabalhadores, e tal foi desenvolvido em um contexto em que o pensamento quanto à relação patrão e operários no sentido de direitos e deveres não tinha lugar nas ações práticas, de modo que tais pontos elencados no texto viriam a influenciar de forma intensa na organização jurídico-trabalhista de estruturas diversas. Isso em si já pode ser considerado um grande ato revolucionário promovido pelo papa Leão XIII e que viria a ser ainda motivo de observação para os seus sucessores.

Cabe observar que no mesmo ano da publicação da *Rerum Novarum* foi realizado na Holanda o Primeiro Congresso Social Cristão, que traria discussões acirradas sobre papel da igreja diante de um mundo de indiferença à dor do outro. Coube justamente a um de nossos objetos de pesquisa o discurso de abertura: o teólogo, jornalista e político Abraham Kuyper. A sua fala seria posteriormente publicada³⁷ e tornada uma obra de referência sobre o posicionamento da igreja protestante e a concordância com o discurso do documento católico quanto à necessidade de ação ativa frente aos vulneráveis.

O Concílio Vaticano II

³⁷ KUYPER, Abraham. **O problema da pobreza: A questão social e a religião cristã**. 1. Ed – Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2020.

A partir de outubro de 1962, quando do Concílio Vaticano II, a Igreja Católica Apostólica Romana mais uma vez tomou a postura de rever seu pensamento quanto à necessidade de atuação junto aos que estavam “além dos muros dos templos”. Tal evento iniciaria uma série de reformas na estrutura da teologia prática católica pelo recém-eleito pontífice João XXIII – então com apenas noventa dias de escolhido para assumir a liderança do Vaticano, representando a maior religião do planeta.

No discurso de abertura do Concílio em questão, o Papa João XXIII afirmou que uma das principais intenções daquela extraordinária Assembleia seria, a partir de um estado de constante renovação, “deixar entrar um pouco de ar fresco” pelas portas do Vaticano, equilibrando a Tradição cristã com os desafios da contemporaneidade a partir do diálogo do clero com o mundo externo, saindo dos limites seguidos pelo Papa que o antecedia, Pio IX.

João XXIII, que para muitos era então considerado meramente um Papa de transição ou que simplesmente daria continuidade ao discutido no Vaticano I, causou espanto ao afirmar que a Igreja Católica passava por um momento em que havia extrema necessidade de uma autêntica renovação. Para debater sobre isso, o Papa convocou um novo Concílio. A última grande assembleia católica (o Concílio Vaticano I, realizado no decorrer de dezembro de 1869 a dezembro de 1870) já tinha seu caráter de ineditismo pelo fato de ser o primeiro Concílio ecumênico da história e por ter representantes das Américas e Ásia. Foi neste evento que se definiu, entre outras questões, a instituição do dogma da infalibilidade papal.

O Concílio Vaticano II foi anunciado sem muita clareza no que diz respeito ao conteúdo a ser tratado naquela assembleia, somente a certeza da necessidade de progresso no pensamento católico quanto à sua cosmovisão e à forma como tal cosmovisão deveria atuar produzindo mudança no cotidiano dos que estavam debaixo de sua égide. Além disso, também houve a promoção da ideia de aproximação do clero com os leigos. O Concílio teve como participantes naquele momento aproximadamente dois mil Padres Conciliares de vários continentes, com os trabalhos sendo divididos em quatro etapas. É interessante ressaltar que, apesar de toda a influência que a religião Católica Romana apresentava em nosso país naquele contexto (o que ainda ocorre atualmente), a participação do clero brasileiro naquela assembleia é considerada bem aquém do que se esperava, como nos traz BEOZZO (2001, p. 383):

Analizando-se a participação do episcopado brasileiro no desenrolar do Concílio Vaticano II, deve-se reconhecer que esta foi modesta, sob vários

pontos de vista, notadamente pela total ausência de bispos brasileiros nos órgãos de direção do concílio [...] Nula também a presença de brasileiros entre os observadores de outras Igrejas cristãs e nenhuma entre as auditrices³⁸. Entre os auditores, apenas um dentre eles, Bartolo Perez, provinha do Brasil. Modesta pelo restrito número de bispos que tomou parte como membros nas Comissões Conciliares, eleitos por seus pares ou nomeados pelo Papa: dez ao todo num universo de mais de três centenas. Modesta também pelo número de intervenções na Aula Conciliar ou depositadas por escrito, se comparadas com o volume de contribuições providas dos países europeus. Modesta enfim, senão pela qualidade, ao menos pela quantidade, bastante reduzida de seus assessores: apenas nove, num universo de cerca de um milhar.

Considerando os “novos ares” que entrariam na Igreja Católica a partir deste Concílio encerrado pelo Papa Paulo VI, observamos que o vínculo principal desta Assembleia com o nascimento da Teologia da Libertação estaria principalmente no fato de que havia uma pretensão do clero de, analisando o atual cenário latino-americano quanto aos pobres, miseráveis e injustiçados, apontar de que modo a Teologia católica poderia influenciar na mudança de tais realidades de exclusão, “forçando” na prática, a espiritualidade cristã a se inserir propositadamente na atuação filantrópica e em todas as relações que tal prática tivesse.

³⁸ *Auditrices* eram as mulheres religiosas que estiveram presentes ao Concílio Vaticano II, na categoria de ouvintes. Apesar de não participarem de nenhuma comissão, o cargo de *auditrices* foi inserido ali por Paulo VI a partir de 1964. Em 1963 ele já havia criado uma nova categoria de membro conciliar, os *auditores*, que eram homens leigos que podiam acompanhar o Concílio sem interferir, agindo apenas como ouvintes. Em 1965 (último período do Concílio), ainda houve o acréscimo de mulheres leigas solteiras e casadas, mas novamente sem participação em qualquer comissão (LIBÂNIO, 2005, p. 99).



Imagem 9

Concílio Vaticano II. Fonte: XP Comunicação (pisdco.org.br)

O ponto de partida da teoria que embasava a Teologia da Libertação era a análise da obra de Cristo a partir da noção de que Jesus Cristo assumiu uma postura de apoio aos excluídos de modo a, andando com eles, compreender suas principais necessidades e promover curas e amenização de seus sofrimentos diversos. Desta forma, o viés utilizado pela Teologia da Libertação se direcionava principalmente para o desencarceramento dos sofrimentos oriundos da exclusão social, seguindo tal interpretação da obra de Cristo, cuja finalidade ministerial seria uma salvação mais voltada ao fim da opressão social que a uma ação soteriológica³⁹ em busca da conversão do homem com base na relação espiritual dele com Deus; mais uma fé política que uma fé metafísica, como diz Rubem Alves, considerado um dos fundadores da TL no Brasil⁴⁰: *“De repente os céus da religião pareceram infinitamente chatos [...] antes a gente queria salvar as almas do inferno para ir para o céu, agora que não acreditávamos nem no inferno nem no céu, nossa missão era salvar o Brasil [...] sem jamais pensar em convertê-los.”*

A Teologia da Libertação nasceu tentando apresentar um diferencial fundamental na busca por atingir o público: a comunicação popular. Desde a Idade Média que a

³⁹ Na teologia é a doutrina que trabalha os aspectos da salvação humana.

⁴⁰ Trecho de documentário sobre Rubem Alves produzido em 2004. Gravação a partir dos 6min e 25s. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=cnJQilAgR70>

Teologia se tornou prerrogativa exclusiva do clero, não apenas isso: o próprio acesso simples aos escritos da Bíblia tinham necessariamente a mediação da Igreja por meio de seus sacerdotes, mas com diversos distanciamentos a começar pela língua (posto ser o latim a língua utilizada nas homilias católicas), sendo tal ação objeto de severo questionamento pelos reformadores do século XVI, que criam na doutrina do sacerdócio universal dos crentes, também chamado de sacerdócio comum.

Os reformadores em questão criam que a igreja era manifestação da ação de Deus na terra, e não necessariamente o seria na figura de um sacerdote, mas na figura do conjunto dos crentes em comunhão espiritual, transformados todos em “representantes de Deus” a partir da mudança de vida, testemunhada por novas práticas cotidianas, abandonando a busca pelo prazer pecaminoso de outrora e se dedicando a agradar a Deus (o que é chamado de conversão), ao mesmo tempo em que compreende ser este crente também um instrumento da ação de Deus na terra, tendo em vista o que o Apóstolo Paulo diz (1ª Co. 3:16): “*Não sabeis vós que sois o templo de Deus e que o Espírito de Deus habita em vós?*”. Ora, se o Espírito de Deus se faz presente na vida daqueles que creem, qualquer um pode exercer o ministério especificado nas Escrituras, e não apenas uma classe especial, tendo em vista que o Espírito Santo passou a habitar nos que criam em Jesus a partir de sua assunção, quando diz no Evangelho de João (Jo. 14:16,17): “*E eu pedirei ao Pai, e ele lhes dará outro Conselheiro para estar com vocês para sempre, o Espírito da verdade*”.

Tal noção ainda é fortalecida por outros textos do Novo Testamento, entre eles a primeira Carta do Apóstolo Pedro (1ª Pe. 2:9,10): “*Vocês são geração eleita, sacerdócio real, nação santa, povo exclusivo de Deus, para anunciar as grandezas daquele que os chamou das trevas para a sua maravilhosa luz*”. Para os primeiros protestantes, não mais haveria uma figura que fosse superior aos demais crentes, que estabelecesse uma divisão entre cleros e leigos. Antes, a partir do momento em que se tornassem cristãos pelo batismo ou pela profissão pública de sua fé, todos tinham o mesmo reconhecimento diante de Deus, como diz o livro de Gálatas (3:27-28): “*(...) pois os que em Cristo foram batizados, de Cristo se revestiram. Não há judeu nem grego, escravo nem livre, homem nem mulher; pois todos são um em Cristo Jesus.*”

Desta forma, para Martinho Lutero, o ato de se tornar um cristão já fazia com que o fiel se tornasse um sacerdote, tendo em vista que ele agora assumia a missão de proclamar o Evangelho para os que estavam à sua volta, independente de fazer uso de um

púlpito para tal, já que agora ele também poderia testemunhar com sua própria vida a palavra de Jesus, como Lutero escreve⁴¹:

Um sapateiro, um ferreiro ou um lavrador têm cada um a função e a obra de seu ofício. Não obstante, todos são igualmente sacerdotes e bispos ordenados, cada um com sua função ou obra útil para o serviço do outro, de modo que as várias obras estão voltadas para a comunidade, para favorecer o corpo e a alma, assim como os membros do corpo físico servem todos uns aos outros.

Este pensamento protestante “passeia” pela Teologia da Libertação quando tenta deixar o uso de uma teologia mais densa para os seminários e foca em se entrelaçar com o povo, se esforçando para chamar o excluído para ser ouvido e tornar-se um com ele na tentativa de promover alguma libertação que tal indivíduo esteja sofrendo pelas estruturas sociais de dominação, para se aproximar deste público e caminhar com eles.

Uma das ações que exemplificam esta forma de atuar (no Brasil da década de 1960) tinha como estratégia iniciar já a partir da alfabetização (principalmente de adultos), utilizando alguns métodos que iam um passo além da decodificação de códigos linguísticos que levassem ao indivíduo a compreensão a respeito da leitura e escrita, mas também a fim de um uso político do conhecimento para o seu cotidiano, alcançando uma conscientização para a revolução.

Um destes métodos, desenvolvido pelo educador e filósofo Paulo Reglus Neves Freire (que se tornaria mundialmente conhecido como Paulo Freire) seria o das “palavras geradoras”, utilizando vocábulos da realidade diária do cidadão - um pedreiro seria muito acostumado a utilizar a palavra “tijolo”, assim como um pintor utilizava em sua rotina cotidiana a palavra “parede” ou um agricultor a palavra “enxada”, como alguns exemplos. Os termos utilizados vinculados principalmente à profissão de cada indivíduo eram ensinados compilando escrita, leitura e memória fotográfica a partir da experiência de cada aluno em seu processo de aprendizagem, mas a transmissão do conteúdo também levaria a um debate que visava promover a conscientização de que tal trabalhador sofria exploração pelo seu patrão.

Paulo Freire parte da visão de uma “teologia popular” que se combina com a ação social buscando uma consciência de classe ao excluído, desde modo ele veio a desenvolver uma estrutura que, paradoxalmente, seria ao mesmo tempo complexa e

⁴¹ *The Reformation and the Priesthood of All Christians* (traduzido por Hans Udo Fuchs e disponível em: <http://www.ultimato.com.br/conteudo/o-dia-da-reforma-e-o-sacerdocio-de-todos-os-crentes>)

simples para a transmissão de conhecimento do mundo e de si, tendo como meio a alfabetização. Sobre sua pedagogia do oprimido, Freire (2018, pg's. 43, 48, 49) diz que tal pedagogia é:

[...] aquela que tem de ser forjada com ele e não para ele, enquanto homens ou povos, na luta incessante de recuperação de sua humanidade. Pedagogia que faça da opressão e de suas causas objeto da reflexão dos oprimidos, de que resultará o seu engajamento necessário na luta por sua libertação, em que esta pedagogia se fará e refará [...] reconhecerem-se limitados pela situação concreta de opressão [...] não significa ainda sua libertação [...] somente superam a contradição em que se acham quando o reconhecerem-se oprimidos os engaja na luta por libertar-se.

A pedagogia desenvolvida e aplicada por Paulo Freire é um dos exemplos de preocupações com o acesso dos populares a um mínimo de conhecimento que antes era privilégio exclusivo de um nicho, e de como tal ação tem estreita relação com a essência da Teologia da Libertação, que, assim como apregoa a ideia que o básico conhecimento teológico deve ser universal, também apresenta como uma das principais bases o pensamento de que o sistema capitalista produziria não apenas a reificação, mas a transferência de uma suposta sacralidade, um “quê” divino. Ou seja: o que em outra visão era atribuído apenas ao que é metafísico, neste outro sentido aplica-se também ao que é palpável, material, e isso se demonstra em sua totalidade na figura do capital, que passa a ser o agente norteador das decisões, o determinante de posições sociais e o objetivo final dos grupos sociais, de modo que a busca por este “ser” se torna acima de qualquer mínima preocupação com a dignidade da pessoa humana.

As influências do movimento

Quando falamos sobre os principais idealizadores desta teologia da *práxis*, podemos dizer que o missionário presbiteriano e Doutor em Teologia pelo Seminário Teológico de Princeton Richard Shaul foi um de seus elaboradores no Brasil a partir de sua integração com o Evangelho Social do cristianismo protestante americano, trazido ao Brasil por este, que até então se dedicava - no Union Theological Seminary de Nova Iorque - a estudos quanto à relação entre exclusão social e a fé cristã. A partir de 1952 o mesmo foi enviado ao Seminário Presbiteriano do Sul, em Campinas-SP, onde lecionou até o ano de 1959. Desta forma, pelo menos no tocante à historicidade, podemos dizer – e isto não é algo irrelevante - que as raízes da Teologia da Libertação são mais protestantes que católicas.

Tal fato mostra como fator preponderante para o desenvolvimento desta doutrina o diálogo entre católicos e protestantes na América Latina a fim de trazer o mínimo de condições para o desenvolvimento da Teologia da Libertação. Percebe-se nitidamente a importância do referido diálogo na formulação de tal doutrina social também quando consideramos o fato de ser Richard Shaull um dos nomes que mais se destacam no que se refere ao desenvolvimento do movimento ecumênico no Brasil, tendo em vista ser ele um dos principais responsáveis pelos diversos encontros entre seminaristas protestantes e católicos a fim de promover diálogo na década de 50, quando o mesmo era professor de História da Igreja no Seminário Presbiteriano do Sul em Campinas-SP (HUFF JÚNIOR: 2009, p. 5).

A Igreja Presbiteriana do Brasil, sendo protestante de linha histórica, tem na estrutura basilar de sua teologia a crença em uma salvação futura, uma eternidade com Deus baseada na conversão do devoto pela fé em Jesus Cristo (tal crença não é exclusiva do Protestantismo histórico; praticamente todos os grupos protestantes e o próprio Catolicismo Romano crêem desta forma). Não obstante tal fato, Richard Shaul sempre se distinguiu da grande maioria de teólogos presbiterianos pelo fato de ter seu pensamento mais voltado a práticas que visassem uma modificação nos quadros terrenos dos adeptos, focando mais em uma teologia que falasse sobre a condição de sofrimento atual dos crentes – sobre o que fazer para que nesta vida houvesse também uma salvação, mas desta vez, da opressão promovida pela sociedade.

A respeito de Richard Shaull e suas críticas a um sistema econômico que privilegiava uma classe em detrimento de outra e a responsabilidade da igreja nesta conjuntura, o mesmo contribui principalmente na estruturação de uma nova forma de protestantismo histórico ativista, que está mais voltado à busca pelas mudanças nos quadros de mazelas sociais que circundam a igreja. Nesse sentido, Guimarães (2012, p. 57) explica que Shaull foi um dos responsáveis por esta mudança no pensamento político e social do Cristianismo em nosso continente:

Richard Shaull contribuiu ao articular o engajamento político e a fé cristã, estabelecendo as bases iniciais para a formulação da Teologia da Libertação e sua inserção no protestantismo. O pensamento de Shaull parte da conjuntura estrutural da sociedade capitalista, marcada pelo estabelecimento de classes, em busca de minimizar as desigualdades sociais no continente latino-americano.

Ao chegar ao Brasil em 1952, Shaull traz uma série de novas percepções quanto ao papel do cristão nas transformações sociais do seu entorno, tendo como cenário de tais

falas inicialmente o seu local de ensino, o Seminário Presbiteriano, ambiente que já começava a ser visto como lugar no qual progressistas se levantavam contra o tradicionalismo de modo que muitos professores e alunos chegavam a ser desligados por este motivo (PAULA, 2013, p. 83). Além dos discursos voltados ao chamamento para um Evangelho social, Shaull também é considerado o primeiro docente de um seminário evangélico no Brasil a ter diálogos amistosos com católicos, principalmente devido à proximidade com os frades dominicanos, mostrando uma forte visão ecumênica em uma época em que havia um intenso conflito entre estes.

A Shaull é atribuída a frase de que “*todo cristão está sob o imperativo do amor*”, tal afirmação se baseia no discurso de Cristo ordenando que amassem ao próximo como a si mesmos, e desta ordem não estão excluídos os famintos, encarcerados e demais esquecidos. Márcio Gimenes de Paula (2013, p.77) diz que o pensamento de Richard Shaull (que também pode ser chamado de Teologia da Revolução e que seria posteriormente desenvolvido por Joseph Comblin) seria a estrutura teológica que estruturaria o que hoje conhecemos como Teologia da Libertação:

(...) nos seus artigos é possível encontrar a discussão sobre a pobreza da América Latina, as desigualdades e as condições pré-revolucionárias de tal situação. Com tal constatação parecia não haver outra saída: a igreja devia tomar parte ativa na revolução que estava em curso. A Teologia da Revolução é, dessa forma, o momento primordial daquilo que hoje denominamos de Teologia da Libertação. Sua função é exatamente essa: ela prepara o terreno para a Teologia da Libertação. Tal posição é ainda bastante marcada pela Teologia do Evangelho Social e pela doutrina cristã do amor.

Mas as percepções de Shaull quanto a um possível novo direcionamento que deveria ser dado ao Cristianismo a respeito de uma integração com o evangelho social do protestantismo americano não se desenvolveram somente a partir de sua perspectiva, mas também tiveram outros pensadores brasileiros e de outras nações bebendo de diversas fontes em busca de desenvolver um pensamento que trouxesse incômodo quanto à situação dos excluídos tomando como base para tal descontentamento principalmente trechos das homilias de Cristo registradas nos Evangelhos.

Soma-se ao pensamento de Richard Shaull o movimento conhecido como Teologia da Esperança, desenvolvido pelo teólogo reformado alemão Jürgen Moltmann em 1964, através da obra que tem o mesmo nome do movimento. Tal “escola” teológica tem como característica o chamado dos cristãos a uma teologia pública que incentiva o fiel a desenvolver em si uma esperança futura baseada no Reino de Deus que ainda não

veio, mas que chegará. A partir de experiências pessoais de sofrimento, Moltmann desenvolveu uma nova compreensão do presente a partir desta esperança, alicerçada na cruz de Cristo. Para ele, a única forma de suportar as dores e dilemas de um mundo em sofrimento seria a partir da expectativa de uma redenção conquistada por meio do sofrimento de Cristo na cruz⁴². Desta forma, a esperança aparece quase como uma chave hermenêutica, direcionando-a, assim, ao centro da Teologia, teorizando não sobre a esperança, mas a partir dela.

Entre os protestantes admirados pelos teólogos mais progressistas, Moltmann é colocado ao lado de figuras conhecidas, como Paul Tillich, Karl Barth, Oscar Cullmann e Dietrich Bonhoeffer, mas provavelmente seja o teólogo protestante reformado ecumênico de maior representatividade na contemporaneidade e extremamente respeitado também no círculo do clero católico romano.

No ano de 1965, incentivado pelo mesmo espírito de incômodo com a omissão da Igreja apresentado por Moltmann, o teólogo batista americano Harvey Cox publicou a obra *A Cidade Secular*, intensificando a necessidade do vínculo da igreja a uma atuação social intensa. Harvey Cox, que viria a se tornar professor na Harvard Divinity School ainda na década de 1960, tem na obra citada a sua maior herança o que se refere à teologia da *práxis*, sendo neste material que ele apresenta o papel da igreja em um mundo novo, chamado por ele de *cidade secular*. Como viver uma espiritualidade que não somente atenda aos anseios internos do homem, mas que traga transformação no ambiente que o cerca, um mundo urbanizado e à parte das questões relacionadas a Deus? Sua obra se desenvolve a partir desta perspectiva.

Em 1967 o teólogo católico Johann Baptist Metz pronuncia na Europa a conferência sobre a Teologia do Mundo, nascendo uma teologia com forte apelo político (chamada de antro-po-política) e que se torna uma das grandes influências à estrutura do que viria a ser a Teologia da Libertação. O foco da perspectiva de Metz é proporcionar uma compreensão das crenças cristãs a partir da prática efetiva de ações de empatia ao próximo. As ações de Metz buscariam proporcionar uma resposta a uma possível “privatização de crenças” onde somente os burgueses teriam acesso à revelação divina, deixando para os demais apenas perspectivas soteriológicas futuras: uma vida de sofrimento, exclusão e escassez terrena teria uma amenização no porvir, tendo em vista que haveria a recompensa no céu:

⁴² KUZMA, 2013, p. 19

[...] esta é, muito mais, na expressão do próprio Metz, uma teologia fundamental do sujeito com caráter crítico-público e prático, que visa reconstruir a consciência cristã a partir de uma nova determinação das relações entre teoria e prática, razão e sociedade, religião e política, inteligência da fé e práxis histórica da emancipação, escatologia e compromisso, utopias históricas e esperança cristã, reino de Deus e história humana, futuro de Cristo e futuro humano.⁴³

De volta a Shaul, quando do seu retorno ao Brasil, o mesmo caminhou junto no desenvolvimento desta teologia com os pastores presbiterianos Rubem Alves e Jaime Wright. Estes dois também se tornaram expoentes desta linha de pensamento apontando para uma mudança de postura da igreja cristã de modo a incentivar os seus participantes a um Evangelho ativo principalmente no que se refere às práticas empáticas ante aos esquecidos pela sociedade, mas Rubem Alves é configurado como um dos maiores expoentes dos ideais da TL, já que a força deste movimento se intensifica no Brasil principalmente a partir da publicação em 1969 de sua obra *Teologia da Esperança Humana* (cujo título anterior era *Teologia da Libertação*), onde constrói uma crítica ao forte clericalismo vivido na Igreja e incentiva a criação das comunidades de base a fim de que haja uma atuação missionária dos leigos e um chamado à libertação integral do ser humano, se despidendo de ideologias alienantes e se vestindo de um evangelho mais encarnado no povo.

No fim da década de 1960 e início de 1970 há efetivamente a ação católica nesta teologia a partir da produção de dois homens que se tornaram talvez os maiores nomes na produção de uma teologia social na América Latina: Joseph Comblin e João Batista Libânio⁴⁴. Comblin, teólogo belga radicado no Brasil, passa a se tornar um dos maiores produtores de conteúdos abordando a temática de uma teologia social a partir da publicação de seu trabalho *A Teologia da Revolução*. Além da elaboração da teologia de mesmo nome, também foi o teórico da chamada Teologia do Desenvolvimento, que preconizava ser o desenvolvimento o motor da história como elemento inerente ao ser humano. Ainda nos primeiros anos de 1970, Comblin se une ao peruano e sacerdote dominicano Gustavo Gutiérrez, ao padre jesuíta uruguaio Juan Luiz Segundo e ao sacerdote chileno Segundo Galilea e, no decorrer de aproximadamente três anos,

⁴³ Revista IHU Online, Edição 546. Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/594902-johann-baptist-metz-a-voz-das-vitimas-em-teologia> (Acesso em 06 de maio de 2020)

⁴⁴ Caberia na lista de grandes influenciadores na construção da TL também o intelectual e militante peruano José Carlos Mariátegui, que trabalhou a dimensão subjetiva e espiritual das lutas sociais. Buscando, por meio de uma proposta revolucionária, agregar diversos grupos populares em prol da conquista de direitos; porém estamos especificando os que tinham uma atuação mais efetiva dentro dos cleros das instituições católica e protestante.

sistematizam o que viria a se tornar a TL. O mesmo Gutiérrez havia publicado ainda em 1969 em Montevideu o livro *“Hacia una teología de la liberación”* (Rumo a uma teologia da libertação), e dois anos depois o mesmo escreveria um outro texto: “Teologia da Libertação”, em que criticava a postura de omissão dos poderosos governantes e dos cristãos ante os oprimidos.

Um nome não tão conhecido nas publicações a respeito da TL, mas de trabalho muito relevante de busca especificamente pela dignificação do público indígena em exclusão é o de Leônidas Proaño, bispo católico equatoriano indicado ao Prêmio Nobel da Paz em 1986. Proaño é classificado como um dos estruturadores da Teologia da Libertação e foi um dos nomes que mais influenciaram nas práticas sociais cristãs junto aos povos indígenas buscando a dignificação destes, sendo conhecido como “o bispo dos índios”. Proaño também foi um dos pioneiros na estruturação das CEB’s (comunidades Eclesiais de Base), com importantíssimo papel no pensamento a respeito da função dos grupos indígenas na igreja (assim como do leigo em geral).

Não obstante a ausência de trabalhos mais densos a respeito de suas obras, é possível encontrar algumas citações à sua contribuição no desenvolvimento de uma *práxis* social do Catolicismo para o público indígena. Em “O mar se abriu” (SUSIN, 2000, p. 247, 248), Pablo Richard relata o elo de Proaño com os índios até sua morte, trazendo o cenário de seus últimos instantes desta forma: “(...) *em seu leito de morte apertou minhas mãos firmemente, pedindo que eu fizesse da causa indígena a alma da Teologia da Libertação. Logo me deu sua bênção, cuja força sinto até hoje.*”

Influências do movimento:

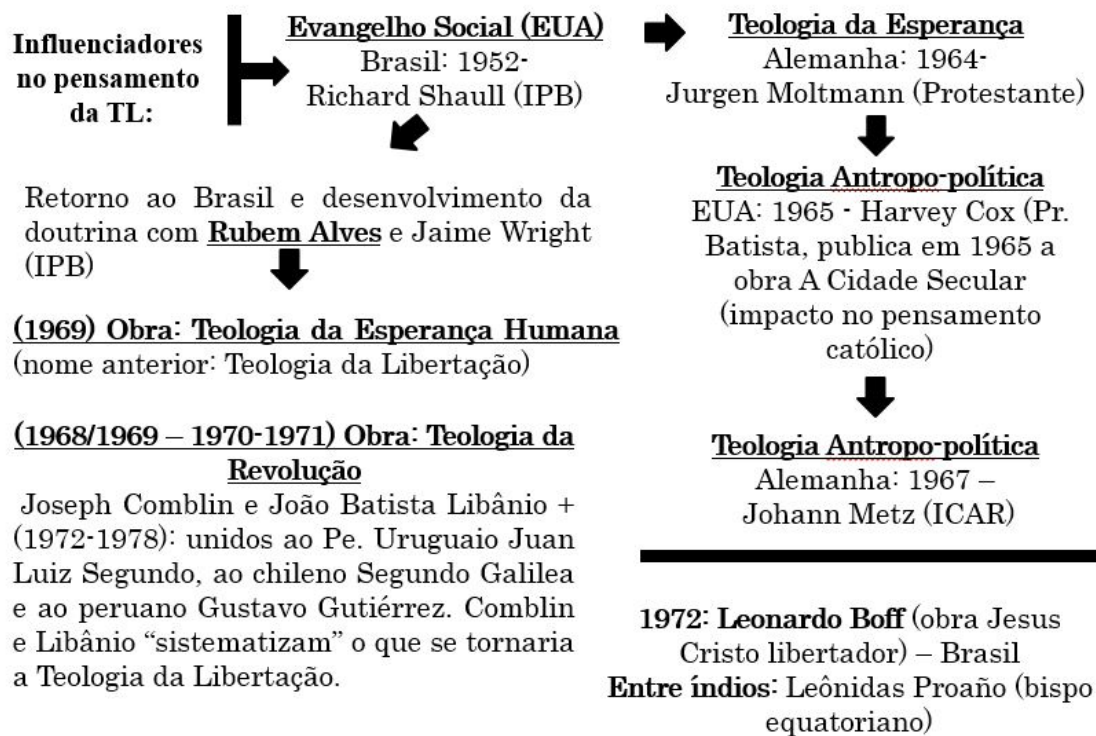


Imagem 10

Fluxograma criado pelo autor

Em suas linhas, a Teologia da Libertação pretende ser uma teologia que foca nos pobres e demais excluídos como elementos de resistência destacados por Jesus ante a opressão dos poderosos. Em sua crítica ao neoliberalismo, desenvolve uma união entre a forma como Deus compreende o sofrimento dos povos e seu chamado à fraternidade em oposição às práticas das instituições religiosas que apontavam apenas para um céu pós morte, mas que não estava preocupada com as mazelas do presente. Nesse sentido, os pobres são os reais sujeitos da evangelização por terem em si a realidade da dor; tal realidade é a expressão do rosto encarnado de Cristo, um sagrado que desce à humanidade como pobre para, pela cruz, apontar a redenção libertadora não apenas das opressões espirituais, mas também das palpáveis, terrenas e cotidianas.

A TL também aponta para as cidades como campos de reflexão teológica a partir da observância de seus problemas e de suas possibilidades de mudança, que devem partir não do clero, mas do próprio povo. A principal ferramenta para a transformação seriam núcleos religiosos em meio ao povo a fim de que houvesse a atuação dos agentes pastorais

se esforçando a fim de que houvesse a promoção do despertar da consciência política social, como aponta COSTA (2010, p. 36):

[...] as CEBs foram de extrema importância para a constituição de uma variedade de lutas por justiça social e incentivaram a formação de lideranças políticas de esquerda. Elas foram influentes na motivação dos fiéis católicos para a luta política, muitos deles se envolveram em organizações comunitárias, movimentos sociais pela reforma agrária, sindicatos e partidos políticos.

Um outro ponto a se salientar no que se refere às CEB's é a importância do papel das mulheres no desenvolvimento de tais Comunidades. Não obstante os poucos relatos de tais participações nos trabalhos publicados a respeito da temática, não é possível aprofundar a discussão a respeito de tais grupos sem inserir no histórico a atuação feminina. Na obra *Women, religion, and social change in Brazil's popular church*, Carol Ann Drogus mostra como o crescimento da Teologia da Libertação promoveu mudanças doutrinárias e na postura prática da Igreja no Brasil, convertendo sua postura de aliada da oligarquia e do *establishment* a ponto focal de oposição popular a governos autoritários.

Em sua análise, a escritora apresenta como uma das mais significativas mudanças a influência das mulheres nas CEBs, tendo em vista serem estas que compunham a maioria de tais comunidades, ainda que tal fato tenha recebido pouca atenção e o destaque tenha sido praticamente para os homens (1997, pg's 27-28 tradução nossa):

Enquanto homens e mulheres participaram desses esforços, religiosas e leigas tiveram um papel especialmente proeminente em muitas áreas, incluindo a paróquia de Santo Antônio. Em contraste com a lista exclusivamente masculina de teólogos e bispos, a lista daqueles cujos trabalhos criaram as CEBs inclui um número desproporcional de Marias.

Buscando preencher o espaço que ficava devido à ausência de ministros ordenados e se voltando à conscientização e posterior empoderamento dos leigos quanto aos problemas sociais que os cercavam, tais comunidades serviram também, como dito, de elemento estruturante para a formação de diversos movimentos sociais a partir da organização dos leigos que, relacionando passagens bíblicas à observações de sua própria realidade, eram incentivados a uma reflexão a respeito de seu papel social. Não obstante tais premissas e intenções, as CEB's parecem não ter alcançado com eficácia o objetivo para o qual nasceram, como pontua o mesmo autor (*Ibd*, p. 38):

(...) como exemplo, uma pesquisa realizada na cidade de Vitória – ES, cuja diocese realizou trabalho de pastoral progressista durante mais de vinte

anos. O levantamento de informações com “70.000 membros ativos das CEBs revelou que a maioria permanecia desinteressada em movimentos sociais ou outros assuntos políticos”

Outros líderes também tiveram destaque no desenvolvimento da Teologia da Libertação e na sua propagação na América Latina. Em 1972 o sacerdote franciscano e teólogo Genézio Darci Boff (que viria a se tornar conhecido como Leonardo Boff) publica a obra *Jesus Cristo Libertador*, tornando-se um dos proclamadores da Teologia da Libertação, posto que no mesmo período Rubem Alves se encontrava asilado nos EUA devido ao então governo militar que atuava no Brasil, mas que permitia uma certa liberdade a Leonardo Boff devido à sua relação com os franciscanos, que eram de certa forma poupados pelos militares.

Em seu trabalho a respeito da nova significância que a Teologia da Libertação trouxe à atuação social da Igreja cristã, o historiador, filósofo e teólogo Alfredo Cesar da Veiga explica que, antes de tal movimento, os grupos em vulnerabilidade social se encontravam marginalizados não apenas das estruturas sociais já conhecidas, mas até mesmo daquela que deveria demonstrar maior interesse e esforço em trazê-los para perto (2016, posição *Kindle* 84-99):

Os empobrecidos, historicamente, habitualmente foram alvos de exclusão: a mãe solteira, o alcoólatra, o deficiente físico, o sem teto, o morador de favela. Pobres são expulsos de suas terras, não têm direito a salário digno, são discriminados, desvalorizados. Até mesmo a religião, fortemente hierarquizada, os afasta.

A América Latina do fim da década de 60 para a de 70, não tão diferente de hoje, apresentava suas mazelas decorrentes de uma estratificação desequilibrada que teimava em deixar o pobre recolhendo as migalhas que caíam da mesa do rico, e as veias abertas deste povo latino-americano denunciavam o flagelo de não ter acesso ao que, basicamente, dá ao ser humano a condição necessária para uma sobrevivência com o mínimo de dignidade.

Para os primeiros expoentes da Teologia da Libertação, a forma mais evidente de Cristo revelar sua face se dá através do rosto dos excluídos, de forma que, por não terem a quem recorrer se não a Deus, o próprio Criador se afeiçoa a estes esquecidos pela sociedade, ao mesmo tempo em que exige que a instituição religiosa que em tese o representa também os acolha, posto que um dos motivos de existência da igreja cristã seria, por meio da comunhão do corpo, levar ao entendimento de que, como nos diz BOFF (2008, p. 29), sendo todos um, que o sejam acima da própria noção jurídica de instituição,

de forma que uma das características do que as faz igreja é “*seu esforço de criar e manter a envolvimento comunitária como um ideal, um espírito a ser recriado, vencendo o rotineiro e o ambiente institucionalizante e nivelador*”.

A TL se tornou alvo de muita perseguição devido a algumas interpretações da Igreja, cuja posição oficial do Vaticano veio por meio do então Cardeal Joseph Ratzinger, que estava à frente da Congregação para a Doutrina da Fé. Ratzinger apresenta a posição oficial da Igreja por meio dos documentos *Libertatis Nuntius* (Instrução sobre alguns aspectos da Teologia da Libertação), de 1984, e *Libertatis Conscientia* (Sobre a liberdade cristã e a libertação), de 1986. Nestes documentos, ainda que haja uma positiva consideração à preocupação de tal movimento quanto aos que vivem na exclusão social, o Cardeal, em nome do Vaticano, expressa⁴⁵ considerar a TL um problema doutrinário tão intenso que, em sua análise, a teologia que a constituiu “*não entra em nenhum esquema de heresia até hoje existente*”⁴⁶. Entre as tantas discordâncias do Vaticano em relação à TL as principais, apresentadas nos dois documentos de Ratzinger, são:

- 1- Traz um caráter de interpretação da práxis cristã mais de cunho marxista que de acordo com o que a tradição Católica preconiza, reinterpretando o Cristianismo, desviando o objetivo final de uma salvação eterna para uma redenção terrena:⁴⁷ “[...] *pretende dar nova interpretação global do Cristianismo, o explicando como uma práxis de libertação e pretende constituir-se, ela mesma, um guia para tal práxis [...] o guia rumo à libertação deve ser para a ação política.*”;
- 2- Apresenta a noção de um Jesus contrário ao apresentado na Fé Católica (citando Bultmann como proclamador desta noção deturpada, que também reconfigura o sentido da hermenêutica bíblica e de uma interpretação existencialista dos Escritos Sagrados⁴⁸, também colocando os ideais de Marx como chave hermenêutica legítima e não a própria Bíblia e o direcionamento da Igreja;

⁴⁵ Cabe a observação que também há a interpretação de que os dois documentos não fariam uma crítica diretamente à TL, mas ao que fizeram com ela, modificando o seu foco principal para um secundário.

⁴⁶ 1984, Item I: O Conceito de Teologia da Libertação e os Pressupostos de sua Gênese.

⁴⁷ *Ibd.*

⁴⁸ *Ibd.*, Item II: A Estrutura Gnoseológica Fundamental do Teologia do Libertação

- 3- Modifica o conceito de “povo” de forma que este acabe por se rebelar contra a estrutura hierárquica, posto ser o próprio povo quem participa da luta de classes⁴⁹;
- 4- Modifica o cunho central da pregação de Cristo apresentada através dos Evangelhos, transferindo o centro do sacrifício de Cristo chamando à conversão e santificação para a salvação, para uma mensagem voltada mais especificamente à libertação das opressões: *“O conceito fundamental da pregação de Jesus é o de “reino de Deus”. Este conceito encontra-se também no centro da teologia da libertação, lido, porém, no contexto da hermenêutica marxista.”*⁵⁰
- 5- Deixa de ser autêntica (e digna de reconhecimento da Igreja Católica) quando cria um novo caminho para a libertação; em antagonismo com o único meio redentivo: o relacionamento com Cristo revelado na Palavra de Deus devidamente interpretada – para uma libertação ideológica, *“afastada gravemente da fé da Igreja”*⁵¹.

Ainda que a posição do Vaticano quanto à TL nos documentos de 1984 e 1986 tenha sido muito negativa, não houve propriamente uma condenação definitiva à Teologia da Libertação, mas sem dúvidas as recomendações desfavoráveis trouxeram muita resistência à aceitação de tal Teologia. Consequentemente, tal postura também trouxe muita desconfiança aos que se mostraram simpáticos à mesma, visto que, por conta da instrumentalização com elementos estranhos à Igreja, a TL tornou-se um movimento complexo mesmo para a Igreja Romana, ainda que no mesmo ano de publicação da *Libertatis Conscientia*, o Papa João Paulo II tenha direcionado uma Carta aos Bispos da Conferência Episcopal dos Bispos do Brasil buscando “amenizar” o ambiente gerado por toda a celeuma. Nesta Carta, o Papa pede que as práticas de valorização aos excluídos que estão por trás desta Teologia sejam desenvolvidas, mas salienta que o papel da igreja não seria especificamente este, e sim de caráter mais pístico do que propriamente de agente revolucionário: *“[...] não cabe à Igreja como tal indicar soluções técnicas para os problemas temporais, mas iluminar a busca dessas soluções à luz da fé; uma práxis*

⁴⁹ *Ibd.*

⁵⁰ Item III: Conceitos Fundamentais da Teologia da Libertação.

⁵¹ 1986, item IV: Uma nova interpretação do Cristianismo.

no campo sócio-político deve manter-se em indefectível coerência com o ensinamento constante do Magistério”.

Diante das desconfianças e resistências à Teologia, percebe-se que a TL não conseguiu o espaço que pretendia e, apesar de ter sido pauta de muitos debates dentro da ICAR devido principalmente ao temor de uma suposta quebra de mudança no propósito final do Catolicismo, aos poucos foi perdendo força. Tal mudança tão criticada estaria no sentido de que a escatologia antes celestial passara a ser terrena, com pautas mais de reivindicações do que de busca pela aproximação de Deus, de modo que a prática cristã supostamente apontaria mais para os fatos das relações acerca das lutas de classes do que as preocupações espirituais, desenvolvendo cada vez mais reações negativas por parte da Santa Sé, visto que, ainda que a Teologia tenha como uma de suas funções a de elaborar uma reflexão crítica do comportamento da Igreja fortalecendo alguns discursos (tais como a dignidade da pessoa pela promoção de caridade e justiça), cada vez mais foi ganhando força uma reprovação a um discurso que, ainda que não proposital, havia se enviesado, com uma tendência a deixar a espiritualidade em segundo plano, considerando também que boa parte do clero sempre apresentou uma certa aversão ao progressismo característico da Teologia da Libertação.

Soma-se a isso o fato de que, enquanto o Catolicismo tentou penetrar nas camadas mais pobres, cada vez mais se observou (principalmente a partir da década de 90, como veremos posteriormente) uma diminuição de número de reuniões da religião Católica junto às periferias, enquanto passou a haver um assombroso crescimento no número de igrejas evangélicas, ocorrendo uma aproximação do pobre a um movimento que também é tema deste trabalho: o movimento da Teologia da Prosperidade.

Vários fatores podem ser colocados como explicação para este fenômeno, mas três parecem ser mais evidentes: primeiro a falta de sacerdotes católicos devido à queda na quantidade de vocacionados nos seminários, contrastando com a facilidade atual de se abrir uma igreja (e, em boa parte dos casos, sem a necessidade de uma formação teológica, o que contrasta com o procedimento católico, cujo período de formação gira em torno de 8 anos). Em segundo lugar, há na igreja evangélica um modelo mais descentralizado para a pregação e envolvimento com as pessoas que ali estão, o que facilita a abertura de locais de reunião, conseguindo assim uma integração na sociedade de forma mais fluida. Por fim, o tipo de pregação das igrejas neopentecostais é muito atrativo junto aos mais pobres. Como veremos no capítulo sobre Teologia da Prosperidade, o discurso de um Deus que intervém na condição financeira e na saúde das pessoas, somado à estética emocional das

celebrações são modelos muito atrativos para os que participam destas reuniões. O fato é que tais fatores promoveram uma ascensão da Teologia da Prosperidade e um declínio da TL, de modo que, entre os seus críticos, se tornou comum utilizar a máxima: “*A Teologia da Libertação escolheu o pobre, mas o pobre escolheu a Teologia da Prosperidade*”.

Em seu artigo “Influência e contribuição: a igreja católica progressista brasileira e o fórum social mundial” (2009), a socióloga Charmain Levy aponta que antes mesmo da década de 90 a Teologia da Libertação começou a perder lugar, também resultado de um declínio das CEBs por meio do afastamento de seus antigos líderes, além de alguns outros fatores:

[...] depois de 1985, as CEBs começaram a perder a sua influência à medida que os movimentos sociais ganharam peso político, participando da vida política na forma de organizações autônomas da sociedade civil. Muitos líderes das CEBs abandonaram o trabalho com os movimentos sociais e entraram para a política. [...] O declínio da Igreja Progressista ao longo da década de 1990 pode ser atribuído a diversos fatores endógenos: o esforço orquestrado do Vaticano para reduzir a influência da Teologia da Libertação na Igreja brasileira; a nova realidade encontrada pela Igreja no trabalho com o novo pobre - vítima desorganizada das políticas econômicas neoliberais; o retorno a um regime democrático que incluía outros atores políticos, entre eles partidos, sindicatos, movimentos sociais e ONGs.

O fato é que, ainda que a Teologia da Libertação até hoje esteja diretamente relacionada à Igreja Católica Romana (mesmo tendo nascido compartilhada também pelas mãos de muitos outros cristãos protestantes), a mesma não se limitou ao desenvolvimento e aplicação uma teologia especificamente de confissão católica, mas pode-se dizer que bases muito semelhantes se expressaram também no seio protestante com outro nome e características próprias das especificidades deste outro movimento, mas com essência paralela. Haveria também uma teologia social própria da Igreja Protestante?

A Teologia da Missão Integral

Assim como a Igreja Católica Romana tem, como vimos, o que podemos chamar de uma teologia social, entre as várias vertentes do protestantismo existem instituições que consideram como um dos fatores primordiais da igreja a atuação a fim de que haja a promoção da dignificação social do excluído.

Boa parte do que se conhece como uma teologia social da igreja protestante é oriundo de movimentos que iniciaram sua atuação entre a década de 60 e 70, em um contexto no qual as denominações protestantes tinham um diálogo mútuo intensificado pelos grupos jovens por meio de entidades que na década de 60 já incentivavam reflexões a respeito da responsabilidade das igrejas junto aos esquecidos, sendo a principal a Confederação Evangélica do Brasil (CEB), com um Setor de Responsabilidade Social da Igreja e o propósito específico de promover debates a respeito da temática. Este Setor caminhava junto à ISAL (Igreja e Sociedade na América Latina), uma instituição ecumênica que buscava contextualizar os debates do cristianismo quanto à prática da atuação social. Mas para construir uma linha histórica de como se estabelece a formação de tal pensamento social, é necessário ir até a primeira década do século passado.

No ano de 1910, a Escócia recebia em sua capital, Edimburgo, aquele que é considerado o congresso missionário evangélico mais famoso do mundo cristão que pensa na dignificação quanto aos seus efeitos: o Congresso Missionário Mundial, cujo objetivo foi debater sobre o papel evangelístico da Igreja Cristã em suas diferentes denominações em um mundo já com tantas distinções.

O evento fracassou nas estratégias de atuação da igreja evangélica para o nosso continente (tendo em vista que, apesar da pretensão ter sido promover um debate sobre a atuação missionária mundial, só foram incluídas as juntas missionárias que trabalhavam com povos não-cristãos, excluindo a América Latina). Apesar disso, tal exclusão serviu para gerar um incômodo nos líderes quanto aos problemas latinos, de forma que foi elaborado um novo congresso três anos depois especificamente sobre a América Latina, onde foi criada a Comissão de Cooperação na América Latina (CCLA), visando uma atuação ecumênica da igreja e em 1916 foi realizado no Panamá o Congresso de Ação Cristã na América Latina, o maior encontro de grupos protestantes até aquele momento (MATOS, 1999, p. 70).

Décadas depois a relação específica entre missão evangelística e responsabilidade da Igreja Evangélica para com os excluídos entrou na pauta principal de vários destes congressos cristãos a fim de ser debatido com profundidade. Em 1925 um congresso no Uruguai (Congresso de Ação Cristã na América do Sul), em 1929 um outro em Havana (Congresso Evangélico Hispano-Americano) e a partir deste se iniciaram os encontros que são hoje conhecidos como os que de fato deram o pontapé inicial nos debates que originaram a estruturação de uma teologia social da igreja protestante na América Latina: as Conferências Evangélicas continentais (CELAs), realizados em 1949, 1961 e 1969 e os

Congressos Latino-Americanos de Evangelização (CLADEs), realizados em 1969, 1979, 1992 e 2000.

As CELAs buscavam uma aproximação do pensamento católico pós Concílio Vaticano II e tinha muita identificação com a doutrina social que estava sendo desenvolvida no meio católico e que daria origem à Teologia da Libertação, esta que havia recebido muita notoriedade no meio católico após a Conferência Episcopal Latino-Americana (CELAM) de 1968. Pouco tempo antes, em 1962, havia sido criada uma organização protestante a fim de aproximar o protestantismo do pensamento da Teologia da Libertação, como aponta o historiador e teólogo Alderi Souza Matos (1999, pg. 71): “(...) os protestantes criaram a organização Igreja e Sociedade na América Latina (ISAL) (...) ela tornou-se o centro de convergência dos teólogos protestantes da libertação, tendo como órgão o periódico *Cristianismo e Sociedade*. ”

Ainda na década de 60, no ano de 1966 na cidade de Wheaton, Illinois, evangélicos de 71 países em meio a esta onda de debates buscando uma “revolução” na forma de pensar igreja, se reuniam para também debater especificamente de que modo a Igreja deveria atuar na dignificação dos esquecidos. Aquele denominado “Congresso sobre a Missão Mundial da Igreja” aprimorou o debate a respeito da atuação social da igreja cristã, trazendo para o próprio corpo eclesiástico grande parte da culpa pelas mazelas sociais observadas no mundo de então, também assumindo a responsabilidade de planejar estratégias para promover ações de mudança.

Entrando no período dos CLADEs, em 1969 é realizado o CLADE I em Bogotá, com o peruano Samuel Escobar presidindo o encontro que visava um intercâmbio teológico entre líderes evangélicos a fim de que chegassem a um denominador comum quanto à forma da igreja ser igreja não só para os que estavam dentro dos templos, mas também (e principalmente) para os que estavam do lado de fora, impossibilitados de participar da “comunhão do corpo”. Neste CLADE surgiu uma nova geração de pensadores no meio protestante, liderada por figuras como René Padilla, Samuel Escobar e Pedro Arana, entre outros. A maioria destes nomes eram oriundos de movimentos vinculados à Comunidade Internacional de Estudantes Evangélicos (ABU) e tinham como intenção a promoção de um evangelismo inculturado e com responsabilidade social e política. Este encontro iniciou os trâmites para a criação da Fraternidade Teológica Latino-Americana, em 1970, com a intenção de que este fosse um espaço fraterno, inclusivo e de unidade em meio à diversidade da Igreja brasileira e Latino-Americana,

além de promover a reflexão prática da igreja a partir de eixos como a teologia bíblica, a teologia pública e a teologia interdisciplinar.

Em 1974 é realizado o Congresso Internacional para a Evangelização Mundial em Lausana (em francês Lausanne, como passou a ser comumente usado), na Suíça, com a participação de representantes de mais de 150 nações, sendo ali criado o Comitê Mundial das Igrejas Evangélicas. Neste Congresso houve um compromisso para que as denominações trabalhassem juntas visando atingir os propósitos discutidos no mesmo. A este acordo foi dado o nome de Pacto de Lausanne, que se tornou o principal instrumento de norteamiento do movimento evangélico latino, além de iniciar um processo que visava implementar nas igrejas os contextos de contextualização e missão considerando o todo e não somente o âmbito espiritual, por isso o nome Missão Integral. As entidades que tomaram a frente destes conceitos foram a Fraternidade Teológica Latino Americana e a Comunidade Internacional de Estudantes Evangélicos (CIEE).

Em 1979, no Peru, ocorre o CLADE II, com a Fraternidade Teológica Latino Americana conduzindo os trabalhos e em 1992 há o ápice da TMI a partir do CLADE III em 1992, em Quito. Neste, foram colocados como objetivos traçados para a Igreja:

- 1- Reafirmar o lugar essencial das Escrituras Sagradas na formação do pensamento, vivência e missão da comunidade do Espírito;
- 2- Destacar, a partir da Trindade, o papel e a presença do Espírito Santo na vida, espiritualidade e missão da Igreja na América Latina;
- 3- Refletir sobre as diversas expressões teológicas, missiológicas e litúrgicas da espiritualidade atual da Igreja Evangélica no Continente;
- 4- Desafiar a Igreja Evangélica no seu testemunho, como comunidade do Reino de Deus, a ser agente de mudança e transformação em uma sociedade violenta, corrupta e injusta;
- 5- Dar testemunho público e agradecer a Deus pelo crescimento da Igreja na América Latina ao longo do século e entender a vontade de Deus para o novo milênio.

Alguns pesquisadores como o historiador Zózimo Trabuco consideram que a Teologia da Missão Integral (TMI) - também chamada por ele de Protestantismo da Libertação (2011, p. 2) – pode também ser considerada, como a TL é para o Catolicismo, a teologia social protestante, e foi desenvolvida a partir da esquerda evangélica atuante entre as classes trabalhadoras: *“Alguns eram do protestantismo da libertação, outros da tendência evangelical, além de ex-militantes das esquerdas secular e católica que ao se*

converterem ao protestantismo incorporaram a militância política à identidade religiosa.” (Ibdem, pg. 9).

Os idealizadores da TMI acreditavam que a igreja havia perdido o seu sentido primordial ao esquecer ou deixar como secundário o seu chamado junto aos esquecidos. O teólogo peruano Pedro Arana, um dos idealizadores da Teologia da Missão Integral, diz que *“em sua função profética, a igreja deve ser defensora da vida e dos direitos de todos os seres humanos (...) a função profética da igreja deve anunciar uma nova ordem mais justa, mais solidária e mais humana”* (Apud PADILLA, 2011, p.154-155). Tal chamado profético da igreja teria mais a ver com colocar em prática o que ela diz crer do que com melhorar as condições sociais dos indivíduos. Na verdade, o amor a Deus seria o motor de propulsão para levar o fiel a ser empático com os que não têm o privilégio de viver com o mínimo de dignidade.

Teologias gêmeas na essência

Não há como dissociar a origem da Teologia da Missão Integral e as suas características da Teologia da Libertação, não só pelo fato de que os mesmos autores evangélicos que participaram da construção da TL estiveram diretamente engajados na construção da TMI, o que é evidente; mas também porque as aproximações teológicas entre os autores no que se refere à missiologia, é inegável. O teólogo e missiólogo evangélico equatoriano René Padilla, maior expoente vivo da TMI, ao ser perguntado se a Teologia da Missão Integral seria uma versão protestante da Teologia da Libertação, respondeu assim⁵²:

Depende de como se define a Teologia da Libertação, da qual há várias versões. É “protestante” ao afirmar várias das ênfases fundamentais da Reforma Protestante do século XVI (a clássica e a anabatista). Ao mesmo tempo, dá muita importância à dimensão histórica da revelação de Deus e à dimensão contextual da experiência da salvação por meio de Cristo Jesus. Nisto coincide com a aproximação teológica de alguns dos autores que se identificam como teólogos da libertação e, conseqüentemente, enfocam a Palavra de Deus como “proveitosa para ensinar, para redarguir, para corrigir, para instruir em justiça [incluindo necessariamente seu aspecto social], para que o homem de Deus seja perfeito e perfeitamente instruído para toda boa obra” (2 Timóteo 3.16-17).

⁵² Disponível em: <https://www.ultimato.com.br/conteudo/10-perguntas-fundamentais-sobre-missao-integral> (Acesso em 8 de maio de 2020)

Quanto aos personagens que trabalharam na concepção das duas doutrinas, o mesmo Richard Shaull, pastor que atuou na estruturação da Teologia da Libertação, esteve presente como um dos pensadores para esta renovação teológica no protestantismo latino. Seus livros relacionavam o protestantismo com movimentos revolucionários na América Latina a luta por direitos civis de minorias e as lutas pela libertação nacional. Isso pode ser visto em suas obras *O cristianismo e a revolução social* (1953), *Alternativa ao desespero* (1962) e *As transformações profundas à luz de uma teologia evangélica* (1966). Além dele, Rubem Alves também esteve na gênese dos dois movimentos, assim como outros pastores. O teólogo Luiz Longuini Neto ressalta que outro líder religioso que empreendeu grande contribuição para o surgimento da Teologia da Missão Integral da Igreja, com muito traços da Teologia da Libertação, foi o missiólogo porto-riquenho Orlando Costas, tendo em vista que “*iniciou um frutífero processo na busca de uma missiologia contextual e integral*” (2002, pg. 183). Porém, outros líderes protestantes participantes da formação da TMI não pensavam em combinação com os princípios da TL, pois se mostravam críticos à influência marxista e ecumênica evidentes no pensamento desta Teologia.

Como havia por parte dos protestantes principalmente uma busca pela contextualização da fé à realidade, o desenvolvimento desta Teologia social protestante caminha com características mais adaptadas à sua realidade, de forma que os pastores protestantes do “protestantismo da libertação”:

[...] defendiam a contextualização da fé às condições sociais latino-americanas, mas diferentemente do primeiro trabalhavam não com o conceito de *libertação*, mas de *missão integral*, conciliando a *conversão individual* com a *reforma social*, e em comum com os fundamentalistas e com o proselitismo pentecostal enfatizavam a autoridade da Bíblia como principal critério para a reflexão. (*Ibidem*, pg. 3)

A fim de compartilhar os princípios estabelecidos no Pacto de Lausanne com várias regiões do Brasil, em 1983 foi realizado o Congresso Brasileiro de Evangelização e em 1988 o Congresso Nordestino de Evangelização. No Congresso de 1983 se tornaram mais conhecidos nomes como o bispo anglicano Robinson Cavalcanti, Manfred Grellert e Caio Fábio D’Araújo Filho. Este último viria a se tornar um dos pastores mais vistos no Brasil na década seguinte. Estes e outros nomes, influenciados pelo Congresso de Lausanne, tentaram fazer da Teologia da Missão Integral a base utilizada pela igreja para alcançar

“toda pessoa com todo o Evangelho em todo o seu contexto social e cultural” (ROSA, 2012, pg. 6).

Já no presente século, no ano 2000, foi realizado o CLADE IV em Quito, capital do Equador, desafiando as igrejas evangélicas da América Latina a que atuassem como agentes de transformação na sociedade, voltando a um caminho de relevância e sanidade na atuação junto aos excluídos, seguindo a ordem de Jesus Cristo. A partir deste último CLADE, outros nomes da Missão Integral se tornaram mais populares entre o público evangélico, tais como e outros líderes como Ariovaldo Ramos, Ricardo Gondim, Jorge Barros, Carlos Queiroz, entre outros que foram “discipulados” principalmente pelos líderes Orlando Costas, René Padilla e Samuel Escobar.

Não obstante a popularização da TMI nos últimos anos, a mesma, assim como a TL, encontra muita resistência entre os evangélicos também pelo fato de que muitos líderes evangélicos entenderem que esta teologia propaga uma deturpação ao propósito final do Cristianismo, posto que trocaria a pregação de repreensão contra o pecado e chamado ao arrependimento para conversão espiritual, por um evangelho limitado às questões temporárias, como a luta de classes, e não às questões eternas, como uma vida de santidade. Além disso, há também a crítica de que o propósito da Missão Integral também seria uma tentativa de introduzir o Marxismo na pregação da igreja, pretensamente trocando a salvação em Cristo pela revolução social, de modo que líderes evangélicos contrários apontam que esta missiologia latino-americana seria nada mais do que marxismo missiológico, uma tentativa de aplicar padrões sócio-analíticos de esquerda à leitura da Bíblia Sagrada.

O Pastor Caio Fábio D’Araújo Filho, antigo pastor da Igreja Presbiteriana do Brasil, foi um dos expoentes da Missão Integral no país e também era, entre as décadas de 80 e 90 o ativista social que concebeu e liderou a Fábrica de Esperança, considerado na época o maior projeto de cunho social de iniciativa de evangélicos da América Latina, inclusive citado pelo então Presidente Fernando Henrique Cardoso como referência para o Brasil e outros países⁵³. Caio Fábio declarou⁵⁴ que a melhor oportunidade que as igrejas

⁵³ [https://wikifavelas.com.br/index.php?title=F%C3%A1brica_de_Esperan%C3%A7a_\(Acari\)](https://wikifavelas.com.br/index.php?title=F%C3%A1brica_de_Esperan%C3%A7a_(Acari)) (Acesso em 15 de maio de 2020).

⁵⁴ Entrevista concedida a Danilo Fernandes e Carlos Moreira para a Revista Cristianismo Hoje em 20 de dezembro de 2011. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=eLZhFtM5YC8> (Acesso em 15 de maio de 2020).

evangélicas tiveram para caminhar juntas em um propósito de teologia social comum foi o período da década de 80, sendo a TMI a melhor ferramenta para tal agregação para promoção da *práxis* social tendo em vista a força que o Movimento passou a ter no Brasil nesta década: “*A teologia da prosperidade não existia por aqui, o que prevalecia era a Teologia da Missão Integral. Havia uma quantidade enorme de pastores [seguindo essa teologia]*”.

Os planos de Caio Fábio e de tantos outros líderes da Teologia da Missão Integral ao que parece, foram frustrados principalmente devido à ação da Teologia da Prosperidade por meio das igrejas seguidoras de suas doutrinas, inclusive fazendo com que passasse a haver a partir daí um conflito evidente entre os seguidores das duas Teologias, com um chamado ao outro de não seguirem à sua doutrina, como traz o pesquisador protestante Júlio Severo (2013, pg. 6):

A unificação evangélica colossal que quase ocorreu no começo da década de 1980 foi destruída por um instrumento imprevisível: Pouco tempo depois [do início da década], veio o movimento neopentecostal com sua Teologia da Prosperidade, com força total, quebrando a espinha dorsal do monopólio da Teologia da Missão Integral (...). A ascensão do neopentecostalismo destroçou o consenso que, de acordo com Caio Fábio, estava se avolumando entre as igrejas com relação à Teologia da Missão Integral. A destinação da Teologia da Missão Integral por parte das igrejas neopentecostais foi tratada como um golpe “imperdoável”. As igrejas neopentecostais passaram a ser criticadas pelas igrejas que sustentavam a Teologia da Missão Integral sob o pretexto de não terem seriedade espiritual e verdadeira devoção.

A fala dos críticos à TMI de que haja nela um viés ideológico de esquerda em sua estrutura não demonstra ser sem fundamento. De fato, há no discurso de boa parte dos seguidores da TMI uma acentuada ênfase a princípios marxistas, relacionando os pensamentos de Marx à pregação de Jesus. Há também, como já dito, a relação por muitos deles desta Teologia com a Teologia da Libertação.

O Pastor Presbiteriano e pesquisador da TMI, Revendo Augustus Nicodemus conduziu um debate sobre o assunto, do qual participaram os filósofos cristãos Jonas Madureira e Filipe Fontes. Neste debate, em dado momento Jonas Madureira, que além de Doutor em Filosofia é também escritor e teólogo, analisou as mudanças pelas quais passou a TMI, principalmente em relação à forma como foi pensada, e sua relação com a

TL e a metodologia utilizada por ela a fim de buscar aplicar conceitos marxistas na sua proclamação⁵⁵:

Inicialmente a intenção do Pacto de Lausanne, de onde nasceria a TMI, seria o envolvimento do Cristianismo em todas as áreas da sociedade, porém o que a Missão Integral no contexto latino americano fez, na verdade, foi focar somente no pobre. “Isso decorre da influência da Teologia da Libertação, que influencia os teólogos da Missão Integral (...) o projeto da Teologia da Libertação em seus manuais é priorizar o momento da aplicação em relação à exegese bíblica, e este momento é onde haverá o recorte daquele que você quer alcançar com a Teologia, que é o pobre e o oprimido e a instrumentalização do Marxismo em relação a isso.

Há muito incômodo por parte de boa parte dos pastores que falam em nome da TMI de que haja uma comparação com a Teologia da Libertação. Tal desconforto existe pelo fato de a TL já ser por si só alvo de muitas críticas de, como vimos, supostamente desviar o foco do Evangelho da salvação para o Evangelho da revolução social, assim também pelo fato de ter a TL uma identidade Católica Romana, o que também não é confortável para líderes que não admitem ter como base de uma atuação missiológica um movimento que foi construído a partir de contextos próprios de outra religião, ainda que de mesma raiz cristã. Se contrapondo a esta crítica de ser a Teologia da Missão Integral uma espécie de cópia protestante da Teologia da Libertação, o Pastor, Teólogo e Mestre em Ciências da Religião Valtenci Oliveira (2018, pg. 34) explana que há características diversas que distinguem as duas Teologias, sendo uma delas a própria origem deste movimento teológico:

(...) a Teologia da Libertação surge no contexto da própria ICAR, por intermédio de teólogos e missionários que, ao olharem para a situação caótica, especialmente, da América Latina, chegaram à conclusão que o tipo de evangelização praticada pelos colonizadores católicos não levou em consideração os aspectos culturais, políticos e sociais destes povos. Por isso a necessidade e uma “nova evangelização que não fosse apenas proselitista, mas que se preocupasse com todos os aspectos da vida humana, tendo uma opção especial pelos pobres.

Uma outra discordância apresentada pelo mesmo autor está no fato de que, para os críticos a esta relação, há um segundo distanciamento entre as duas Teologias: um suposto viés mais de ativismo político-religioso por parte da Teologia da Libertação em sua *práxis*, de modo que sua experiência é menos sustentada pela teologia bíblica e mais

⁵⁵ Entrevista a Augustus Nicodemus sobre Teologia da Missão Integral. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=081e-9OFyoI&list=PLwjK845yvs-vNT9TiAkR5Ywcqts7OBFwT> (Acesso em: 15 de maio de 2020). Publicado em 04 de abril de 2019

pela observação das mazelas sociais que circundam o universo observado por aqueles que buscam aplicá-la (OLIVEIRA. 2018, p. 38): “ [...]em uma análise minuciosa da práxis da TL, percebe-se que ela se aproxima mais um ativismo político-religioso, com base na história concreta da sociedade do que de uma missão libertadora centrada nas Escrituras”.

Por fim, há também uma crítica à acusação de que a TMI teria como base uma visão marxista para a atuação contra a exclusão social; apontando que esta é uma característica da TL, mas não da TMI ((OLIVEIRA. 2018, p. 40-42):

[...] os principais fomentadores da TL na América Latina e, especialmente no Brasil, concebem a utilização do marxismo e de seu método histórico-dialético para a compreensão dos aspectos relacionados à opressão e a pobreza [...] seu método e elementos não são seguidos, por razões óbvias, pelo Movimento de Missão Integral.

O fato é que, devido principalmente a questões como estas que elencamos no decorrer final deste capítulo, a Teologia da Missão Integral, (assim como ocorreu com a Teologia da Libertação no meio Católico Romano), também não conseguiu encontrar forças para se estabelecer no meio Protestante como pretendia, de modo que é um movimento muito teorizado, muito discutido principalmente no âmbito das conferências sobre ação social da igreja, mas efetivamente perdeu a força que iniciou e já não tem o vigor que pensava que teria em termos de agregação de adeptos e de factual relevância na dinâmica das igrejas evangélicas no Brasil.

3: Teologia da Prosperidade, Neocalvinismo e pensamento social

Teologia da Prosperidade: Histórico e influências

O protestantismo tem sua face mais conhecida no século 16 a partir da divulgação das 95 teses escritas por Lutero como um contraponto à suposta mercantilização da fé pela Igreja Católica. Não obstante tal fato, os movimentos de protesto contra determinadas práticas da Igreja já vinham ecoando muitos anos antes por nomes como João Wycliff (1325? -1384), João Hus (1372-1415) e Jerônimo Savonarola (1452-1498), entre outros. Apesar dos manifestantes predecessores, em Lutero é que vemos a formatação do que se tornaria o principal cisma da igreja cristã e uma das maiores rupturas da história das religiões⁵⁶.

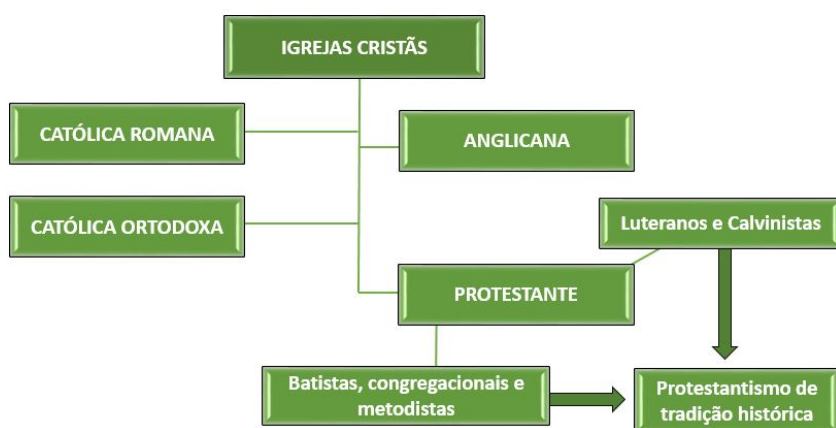


Imagem 11

Organograma criado pelo autor

Antônio G. Mendonça (2005, p. 50-51) divide as igrejas cristãs em quatro linhas: a Católica Romana, a Católica Ortodoxa, a Anglicana e a Protestante, com os luteranos e calvinistas como grupo original desta última, assim como as posteriores (batistas,

⁵⁶ A fim de estruturar uma linha de trabalho uniforme, nossa pesquisa tem trabalhado os conceitos de protestantismo e evangelicalismo como sinônimos, mas convém salientar que há debates quanto ao tema discordando de tal unificação.

congregacionais e metodistas). Este grupo é comumente classificado como “protestantismo de tradição histórica”.

O Cristianismo atualmente vive uma crise sobretudo na Europa, com a perda de relevância em muitos cenários, mas principalmente com a queda no número de fiéis católicos romanos e no número de vocacionados ao sacerdócio, ainda que em muitos países esta religião tenha estreita relação com a cultura destes povos. Muitas são as tentativas de explicações – desde a falta de referência devido aos escândalos de pedofilia entre o clero da Igreja Católica, até a falta de comunicação com o mundo moderno pela igreja evangélica, como explica Anselmo Borges⁵⁷ (2021):

[...] na Espanha, o número de agnósticos e ateus supera o dos católicos praticantes. Na França, a maior parte da população já não é católica. Na República Checa, mais de 60% declaram-se ateus. Nos Países Baixos, na Noruega, na Suécia..., o número dos que se declaram sem religião ronda os 50% da população. E tudo indica que o número de católicos e dos que se confessam cristãos vá diminuindo na Europa em geral e é, de facto, notória a exculturação do cristianismo... Quanto à juventude, os números são alarmantes: "Uma grande parte vive à margem da Igreja, que, para ela, se converteu numa pequena e estranha seita." A situação se reflete queda vertiginosa das vocações, com seminários vazios, muitas paróquias - o seu número aumentará sempre - não têm padre. E não é só "um inverno eclesial europeu", assistimos também a um exílio de Deus...

Não obstante este fato, no outro lado do mapa o Brasil não é um exemplo deste problema, tendo em vista que, ainda que o Catolicismo tenha perdido muitos membros nas últimas décadas, um outro ramo do Cristianismo - o Protestantismo (ou evangelicalismo, como temos tratado neste trabalho) - tem demonstrado um crescimento vertiginoso no país. No capítulo inicial deste trabalho, vimos os dados de crescimento no número de evangélicos no Brasil, porém a projeção é de um aumento ainda mais significativo, tendo em vista que o número de fiéis cresce quase 1% ao ano⁵⁸. A partir do crescimento em números, há uma outra consequência que se vislumbrará mais adiante na realidade brasileira: cada vez mais os fiéis protestantes tendem a influenciar as políticas públicas, as relações sociais e os meios em geral onde estão inseridos.

⁵⁷ BORGES, Anselmo. Fim do Cristianismo na Europa? **Diário de Notícias**. Lisboa, 27 de fevereiro de 2021. Disponível em: <<https://www.dn.pt/opiniaao/fim-do-cristianismo-na-europa-2-13396200.html>>. Acesso em 30 de março de 2021.

⁵⁸ Disponível em: <https://vidadeteologo.com.br/ibge-aponta-que-ate-2040-evangelicos-serao-maioria-no-brasil/> (Acesso em: 10 de maio de 2021)

Em 2040, evangélicos vão superar católicos

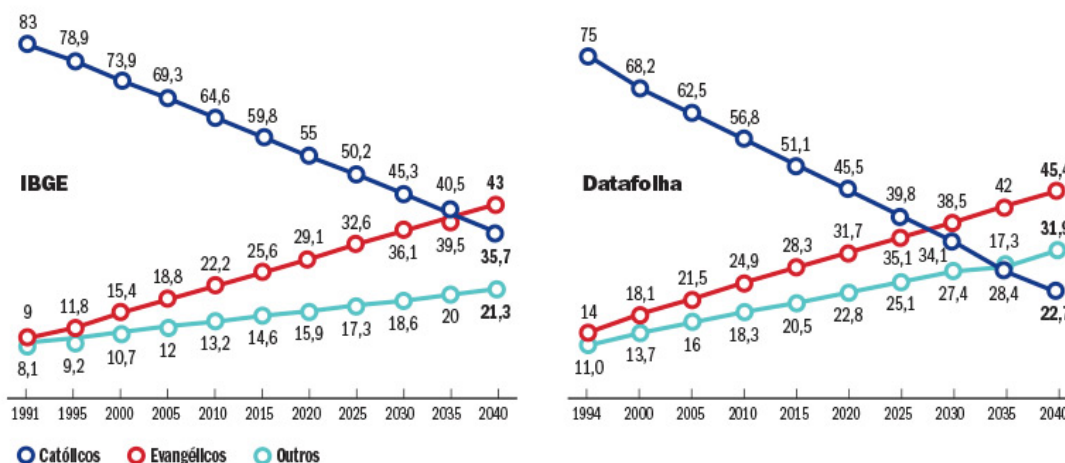


Imagem 12

Imagem: vidadeteologo.com.br

No Brasil, ainda que haja ampla diferença na dinâmica do culto e em outros detalhes secundários, o termo “evangélico” é popularmente adotado para todos os grupos, desde os históricos até os pentecostais das três ondas. Assim, quando se referindo às expressões religiosas, o termo torna-se sinônimo do termo protestante, conquanto o grupo cristão em questão tenha atitude de separação em relação a outras religiões e a muitas práticas da Igreja Católica Romana, posto que já em sua origem tal expressão esteve relacionada aos que rejeitavam a autoridade do Papa e concordavam com outras doutrinas defendidas por Lutero, tais como a salvação somente por meio da fé e não por obras humanas, a crença de que somente Deus pode ser objeto de devoção e louvor, a infalibilidade da Bíblia Sagrada como única fonte de revelação dada por Deus aos homens e pela exclusividade de Jesus Cristo enquanto perdoador de pecados e único mediador entre Deus e os homens, tanto no sentido soteriológico (o agente único para a salvação humana) quanto na figura central quando da oração do fiel, que não admite a prática católica da intercessão dos santos.

Ainda que possamos considerar o monge Lutero como o maior expoente do cisma do século 16, boa parte dos pesquisadores defende a tese de que a Reforma Protestante, como dito pouco acima, trouxe de fato uma revolução no Cristianismo, mas não a ponto de modificar por completo sua estrutura como popularmente costuma se promulgar, posto que não rachou algo que era totalmente unificado, antes, a Reforma seria apenas o

“empurrão” que derrubaria o que já estava prestes a ruir, tendo em vista que já haviam muitas fragilidades na estrutura da igreja que brotavam diretamente de seu seio, como nos trazem Fernandez e Armesto (1997, p. 75):

Apesar de sua reputação de ter dividido a Igreja, achamos que ela foi o grande tema unificador da história cristã nos tempos modernos. Os projetos da Reforma tiveram continuidade. A Reforma não veio como uma torrente em terra ressequida. As pessoas reagiram às ideias desafiadoras dos pregadores e propagandistas emancipados porque elas pareciam ir ao encontro de necessidades já detectadas.

Ainda que tal ação tenha promovido uma nova visão externa da Igreja cristã de uma polarização Catolicismo Romano *versus* Protestantismo, o que se vê é que, ainda que a Igreja Católica Romana se esforce para ter no Vaticano um centro de unidade, enquanto que o protestantismo tenha “em sua estrutura interna, uma forte propensão ao cisma” (OLIVEIRA, 2004, p. 24), ambas têm, se não divisões internas, grupos com muitos pensamentos distintos em questões diversas que vão desde controvérsias doutrinárias a posicionamentos políticos em choque.

No âmbito geográfico, nossa pesquisa recorta o protestantismo em solo brasileiro, e neste caso muitas são as denominações existentes. Mesmo considerando que o protestantismo tenha chegado ao Brasil ainda no período colonial (SILVA, 2011) pelos franceses no Rio de Janeiro entre os anos de 1557 a 1558 e posteriormente pelos holandeses que tentavam se estabelecer por aqui com muitas igrejas fundadas no século XVII na região do Nordeste, é no Brasil republicano que a religião protestante encontra sua grande oportunidade de se acomodar no território, tendo em vista que a liberdade religiosa constitucional permitiu tal possibilidade.

O sociólogo Paul Freston desmembra a história do protestantismo brasileiro tomando como centro a história do movimento denominado pentecostalismo, que por sua vez tem em seu esteio delineador de estudo o intitulado movimento das “três ondas” (termo que se refere às etapas de implantação das igrejas), indo dos anos de 1910 até a década de 1980 (1994, p. 70):

A primeira onde é a década de 1910, com a chegada da Congregação Cristã (1910) e da Assembleia de Deus (1911). [...] A segunda onda pentecostal é dos anos 50 e início de 60, na qual o campo pentecostal se fragmenta, a relação com a sociedade se dinamiza e três grandes grupos (em meio a dezenas de menores) surgem: a Quadrangular (1951), Brasil Para Cristo (1955) e Deus é Amor (1962). O contexto dessa pulverização é paulista. A terceira onda começa no final dos anos 70 e ganha força nos 80. Suas

Assim como Freston, Mariano também demonstra o desenvolvimento do protestantismo brasileiro tendo como um dos eixos principais a evolução do movimento pentecostal, que para boa parte dos pesquisadores tem sua origem no ano de 1906 a partir do Reavivamento da Rua Azusa, em Los Angeles, California, através do pregador afro-americano William Joseph Seymour, quando várias manifestações espirituais que traçam a identidade do pentecostalismo se tornam conhecidas e causam atração, principalmente tipos de experiências místicas devido ao modo como compartilhavam a fé.

Na argumentação pentecostal, tais fenômenos na verdade não seriam algo inédito, mas sim um retorno dirigido por Deus, um reavivamento de ações movidas pelo Espírito Santo e que já ocorriam no cristianismo primitivo e se perderam com o tempo devido à omissão da igreja. Tais fenômenos estão baseados em uma ênfase na atuação do “sobrenatural” promovido pelo Espírito Santo, notadamente por meio dos dons espirituais, manifestando-se pela operação de curas milagrosas, glossolalia⁵⁹ e demais fenômenos, tais como a ação de Deus falar diretamente à sua igreja através de um fiel.

Estas características estão presentes principalmente em igrejas do chamado pentecostalismo clássico, desenvolvido a partir do início do século 20 com a criação da Igreja Congregação Cristã no Brasil em 1910 e um ano depois com a chegada da Igreja Assembleia de Deus (FRESTON. 1994, p. 70). Contudo, pode-se também inserir no arcabouço do pentecostalismo clássico igrejas da chamada segunda onda, que vão do período de 1950 a 1975 e do qual fazem parte igrejas como O Brasil para Cristo e Deus é amor, pois, ainda que tenham diferenças doutrinárias, no aspecto do uso de dons, milagres e atuação do Espírito Santo nos fenômenos no decorrer do culto (apesar de o culto permanecer centrado em uma apresentação do texto bíblico, ainda que os fenômenos “participem” da celebração), as duas igrejas são por demais semelhantes.

A explosão do movimento pentecostal comumente é relacionada ao chamado avivamento da Rua Azusa, uma reunião de cristãos pentecostais em Los Angeles liderada em 1906 pelo pregador afro-americano William Joseph Seymour, tendo como característica principal a glossolalia, gritos e manifestações diversas atribuídas ao “mover

⁵⁹ Glossolalia seria o uso de línguas incompreensíveis, chamadas por muitos fiéis de línguas de anjos e citadas principalmente no livro bíblico de Atos dos Apóstolos. Também há um debate no meio evangélico de que as línguas estranhas relatadas na Bíblia seriam o fenômeno da xenolalia, uma capacidade dada por Deus de o fiel falar línguas em outros idiomas não antes conhecidos por ele, a fim de facilitar na comunicação do Evangelho a outros povos.

do Espírito Santo”. As manifestações espirituais ocorridas naquele período e local não foram exclusivas ou nasceram ali, mas o ocorrido no velho prédio da Rua Azusa foi o que catalisou o movimento, pois agregou os frequentadores daquela região e se espalhou por vários locais do mundo, tendo em vista que multidões chegavam e partiam para lá somente para ver o que estava acontecendo no decorrer da reunião religiosa.

Com toda a dimensão que toma, o movimento pentecostal se expande a outros países, até chegar ao Brasil poucos anos depois de haver se tornado conhecida nos cultos na Rua Azusa. Chamado de Avivamento da Rua Azusa, este momento é considerado pelos historiadores como o marco para a disseminação do pentecostalismo no século XX. O maior país da América do Sul se mostra um excelente terreno para as sementes do movimento pentecostal.



Imagem 13

Missão de Fé Apostólica na Rua Azusa, berço do movimento pentecostal⁶⁰.

Ao traçar a identidade religiosa do pentecostalismo, Freston explana sua origem tendo como linha de desenvolvimento esta sucessiva criação de novas denominações com

⁶⁰ Retirado de <http://speakingoffaith.publicradio.org/programs/azusarevival/particulars.shtml> (Acesso em 29 de março de 2021).

características próprias, apesar da similaridade. Aos poucos o movimento pentecostal clássico de primeira e segunda onda vai “perdendo espaço” para um outro momento em que as manifestações de experiências sobrenaturais continuam ocorrendo, mas agora agregando outras ações, tais como um distanciamento da pregação bíblica como foco central do culto. Neste novo modelo, as manifestações milagrosas, exorcismo e uso de elementos ritualísticos com votos e promessas de cura passam a tomar o centro do culto. Ao detalhar as características de cada período, Mariano descreve a “terceira onda” como Onda Neopentecostal, associada à Teologia da Prosperidade e representada no Brasil principalmente por denominações como a Igreja Universal do Reino de Deus, Igreja Internacional da Graça e Igreja Mundial do Poder de Deus.

Cabe observar que comumente os movimentos pentecostais e neopentecostais não costumam ser colocados na mesma categoria. Robson Cavalcanti argumenta que, na Argentina, o movimento também é chamado de isopentecostalismo (parece pentecostalismo, mas não é), assim como também é descredenciado como pentecostalismo no próprio Brasil, categorizado como pseudopentecostalismo, tendo em vista sua incompatibilidade social e teológica entre igrejas pentecostais diante das neopentecostais, de modo que, para os que analisam de forma mais sistemática, o neopentecostalismo deve ser tratado como uma seita paracristã: “*Se o pseudopentecostalismo não é pentecostalismo, nem tampouco, evangelicalismo, também não é protestantismo*”, daí a sugestão do autor de tratar o movimento como seitas paracristãs (CAVALCANTI, 2008, p. 36-37).

Esta terceira onda se mostra mais radical que as duas primeiras em termos de modificação do “jeito de ser” pentecostal, tendo em vista que, a partir dela, muitos pesquisadores passam a modificar a própria nomenclatura (de pentecostal para neopentecostal), posto que a modificação doutrinária passa a ser evidente não apenas quando há um debruçar sobre o pensamento do novo grupo, mas torna-se explícita a mudança quando, por exemplo, há uma comparação dos cultos pentecostais de primeira e segunda onda e os cultos as igrejas da terceira onda.

Um novo modo de ser pentecostal

Os pentecostais de primeira e segunda onda têm um discurso frequente de “diferenciação do mundo na forma de ser”, com homens vestindo ternos, mulheres com vestidos e cabelos amarrados (fugindo de uma suposta vaidade no vestuário), ambos

carregando grandes exemplares da Bíblia e pregando com púlpitos improvisados em meio ao público das praças, paradas de ônibus ou onde tiverem oportunidade, além de rejeição ao esporte, lazer, música não evangélica e mídia televisiva ou outros meios que possam “mundanizar” a igreja. Estas práticas são comumente criticadas por outros grupos por supostamente demonstrar falta de diálogo intercultural, construindo uma cosmovisão e desenvolvendo uma teologia sem levar em conta as manifestações culturais típicas dos locais onde tais instituições estão inseridas.

Ao abordar este tema, o teólogo e missiólogo evangélico René Padilla entende que nenhuma cultura representa integralmente o propósito de Deus, conquanto suas práticas não atentem contra os princípios primários do Evangelho, tendo em vista que “*o evangelho nunca se encarna totalmente em nenhuma cultura em particular. Ele vai além de qualquer cultura, ainda quando esta tenha sido influenciada por ele*” (1992, p. 98).

Tal ação poderia apresentar uma cultura evangélica como superior àquela onde ela está inserida, sendo de um etnocentrismo que talvez vá de encontro ao que o próprio Cristo apregoou, tendo em vista que o mesmo se comunicou com mulheres publicamente (Jo. 4:5-29), tocou em leprosos para curá-los (Lc. 5:12-16), andou com excluídos, os “pecadores” da época (Mt. 11:19). Tais práticas eram proibidas pela religião judaica daquele tempo, além de outros costumes que mostravam que ele se preocupou mais em mostrar o amor de Deus que transcendia a cultura, mas que buscava a mudança de vida dos que estavam perdidos, chamando os que estavam cansados, independente de como eram vistos na sociedade: “*Venham a mim, todos os que estão cansados e sobrecarregados, e eu lhes darei descanso*” (Mt. 11:28).

Ricardo Gondim, renomado pastor pentecostal da década de 1990, afirma que há por parte dos pentecostais uma fragilidade em compreender o real significado da palavra, ao ponto de apresentar a decisão de determinada igreja quanto à punição que deveria ser empregada aos membros que tivessem atitudes mundanas, punindo com disciplina (afastamentos das atividades de serviço na igreja) ou exclusão do rol de membros, prática comum aos que cometem pecados que promovam repulsa (chamado de “escândalo”) aos participantes da igreja (GONDIM, 1998, p. 19):

Ir à praia ou piscina pública, ficar seminu ou tomar banho; ir à praia ou piscina pública e só assistir aos banhistas e ficar no seu traje normal vendo o pecado, é proibido segundo a Bíblia em: Sl. 1:1’Rm. 6:12-13; 1Co. 5:8; Ap. 3:18; Ap. 16:15.

Punição: Banhistas

Membros:

1ª vez – 6 meses;

2ª vez – 1 ano;

3ª vez – exclusão;

Obreiros:

1ª vez – 1 ano;

2ª vez – exclusão

Punição: Assistentes

Membros:

1ª vez – 3 meses;

2ª vez – 6 meses;

3ª vez – 1 ano;

4ª vez – exclusão;

Obreiros:

1ª vez – 6 meses;

2ª vez – 1 ano;

3ª vez - exclusão

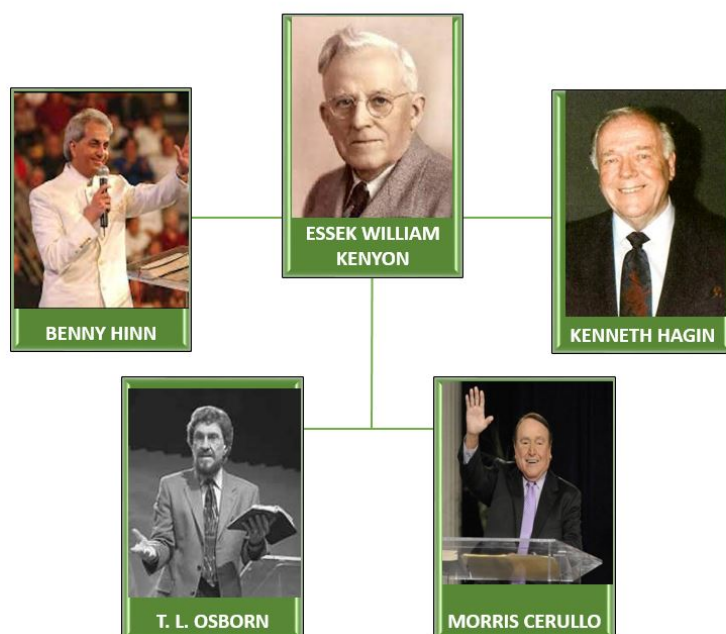


Imagem 14

Organograma criado pelo autor

Como dissemos no início deste tópico, o novo grupo de pentecostais/neopentecostais se diferencia dos grupos das duas primeiras ondas em aspectos diversos, e tais práticas são nítidas desde a estética dos cultos ao modo de se comportar diante da sociedade, e tal característica não é uma construção a partir da identidade brasileira, tendo em vista que este movimento não nasce no Brasil, antes foi importado dos chamados “movimentos de confissão positiva” (também chamados de “movimentos palavra de fé”) e do evangelho da prosperidade americanos, ambos muito

proeminentes naquele país nos anos 1940, com “paternidade” atribuída ao pastor e evangelista itinerante americano Essek William Kenyon, porém popularizada posteriormente pelos também americanos pastores Kenneth E. Hagin, Benny Hinn, T. L. Osborn e Morris Cerullo.

Os movimentos de confissão positiva são não necessariamente igrejas, mas doutrinas proclamadas por grupos evangélicos cuja missão é trazer uma revelação de Deus que seria o sinal de um “novo avivamento” à igreja evangélica. Consta em literalmente trazer à existência o que se declara com a boca. Na interpretação dos que seguem tal doutrina, a fé pregada nas escrituras se refere a confessar algo com a boca que ainda não é real (por isso está no campo da fé) para que se torne material. Paulo Romero (1993, p. 6, 7) compara tal doutrina a uma outra de grande expressão nos primórdios da igreja cristã: o gnosticismo. Tal doutrina ensinava um dualismo que classificava o corpo e a alma como dois elementos distintos, de modo que um continha o pecado (o corpo, sendo este totalmente corrompido) e em outro as virtudes (o espírito, totalmente bom). Para os gnósticos, era possível ter uma vida envolta nos prazeres da carne ao mesmo tempo em que espiritualmente poderia ter uma vida pura. A confissão positiva traria questões do mundo espiritual para a esfera carnal, consolidando uma união mística céu e terra a partir da confissão da boca do devoto.

Deus havia revelado tal mistério a homens seus de modo que os mesmos compartilhassem isso com sua igreja, rompendo limitações espirituais desenvolvidas pelo pecado, entre elas, a imprescindibilidade da ação humana diante de ataques do inimigo, posto que seus seguidores costumam crer que Deus impôs a si algumas limitações a fim de que as mesmas fossem “desbloqueadas” pela ação humana: a palavra de fé. Um dos maiores expositores do movimento de confissão positiva é o pastor americano Kenneth Erwin Hagin. Como dito anteriormente, Hagin era seguidor das doutrinas de Essek Kenyon, sendo também o fundador do Centro de Treinamento Bíblico Rhema. Sua convicção da atuação humana em cooperação com a ação divina diante de uma certa limitação da segunda torna-se evidente em alguns escritos seus narrando algumas visões espirituais que teve (HAGIN, [s.d], p. 37, 38):

Em 1952, o Senhor Jesus Cristo me apareceu numa visão e falou comigo por mais ou menos uma hora e meia sobre o diabo, demônios e possessão demoníaca. No final daquela visão, um espírito maligno que parecia um macaquinho ou um duende correu entre mim e Jesus, espalhando alguma coisa parecida como fumaça ou nuvem escura. Então este demônio começou a pular, gritando com uma voz estridente [...]. Eu não podia ver a Jesus, nem entender o que Ele dizia. [...] Não podia compreender por que

Jesus permitia ao demônio fazer tanta algazarra. [...]. Esperei algum tempo, mas Jesus não tomou nenhuma atitude com relação ao demônio; Jesus ainda estava falando, mas eu não podia entender uma palavra sequer [...]. Pensei comigo mesmo: “Será que o Senhor não sabe que não estou ouvindo o que Ele queria que eu ouvisse? ” Fiquei tão desesperado que gritei: “No nome de Jesus, espírito tolo, te ordeno que pares”. No mesmo instante que disse isso o demoniozinho caiu no chão [...] ordenei e ele foi embora correndo. [...]eu estava pensando: Por que Ele não fez nada? Porque Ele permitiu isso? "Jesus me olhou e me disse: Se você não tivesse tomado uma atitude a respeito, eu não poderia também".

O neopentecostalismo não é homogêneo, sendo geralmente qualificado como neopentecostalismo rústico e alto neopentecostalismo (JÚNIOR, 2008, p. 153), com o primeiro movimento no Brasil nascendo em fins da década de 1970 e início de 1980 contendo as igrejas pentecostais que agregavam as camadas mais pobres, perdendo suas referências, então sendo admitidas pela Igreja Universal (IURD), Internacional da Graça e posteriormente Mundial do Poder de Deus, com cultos de liturgia regada de elementos materiais sacralizados (semelhantes aos comumente empregados em religiões de matriz africana, tais como sal grosso, plantas, entre outros – possivelmente também como estratégia para atrair simpatizantes destas religiões). Tais objetos são geralmente oferecidos como forma de “trazer à existência o que ainda não se via”, tanto para conquistar bênçãos como para repreender espíritos, dando ao líder a liberdade para alegorizar textos bíblicos a partir das vinculações que queiram fazer aos elementos apresentados no culto, desenvolvendo uma hermenêutica bíblica desapegada de estruturação mais embasada em uma teoria em si desta área.

A partir da segunda metade dos anos 1980, chegam ao Brasil os movimentos celulares. As células são grupos pequenos de reuniões, geralmente nas casas, sendo a estratégia de crescimento mais utilizada pelo movimento. Motivados por novas revelações de Deus (chamados de “nova visão”), boa parte das igrejas neopentecostais utilizaram o modelo conhecido como G-12, método de discipulado em pirâmide e de encontros para consolidação da visão do grupo. A sigla vem da junção do “g” de “grupo” somado ao número de discípulos de Jesus. Na interpretação dos seguidores deste método, Jesus utilizou este número porque era o número ideal de pessoas para serem treinadas para a obra missionária e para servir como grupo de expansão baseado no treinamento individual. Este método foi importado da Colômbia e chegou ao Brasil por meio da missionária pernambucana Valnice Milhomens, figura central na expansão do movimento neopentecostal no Brasil, visto ter sido a primeira líder evangélica mulher a usar a televisão como meio de evangelismo e por ter utilizado de forma muito eficaz este

instrumento para divulgação do pensamento neopentecostal, principalmente a confissão positiva, por meio da igreja fundada por ela: o Ministério Palavra da Fé⁶¹.



Imagem 15

Valnice Milhomens (imagem: Alcibiades TV)

Além dos grupos celulares e do método G-12, também ajudaram na consolidação do movimento os megaeventos de louvor, com a popularização do termo “gospel” pelos festivais promovidos por Estevam Hernandes, da Igreja Renascer em Cristo, sendo intensificados os espetáculos de música evangélica capitaneados principalmente pelas bandas Renascer *Praise*, Katsbarnea, Resgate, Oficina G3 entre outros grupos (nem sempre de igrejas neopentecostais), atraindo um público jovem que ajudou no fortalecimento do movimento devido à identidade equivalente e à facilidade na comunicação para suas “tribos”.

Acompanhando esta tendência, na década de 1990, além da intensificação dos movimentos de música gospel já explorados na década anterior, explodem os também importados movimentos de adoração espontânea, comandados principalmente pelo Ministério Diante do Trono, de Belo Horizonte - MG, capitaneado pela pastora e líder de louvor da Igreja Batista da Lagoinha, Ana Paula Valadão e demais membros (pregadores e músicos) da família Valadão, que apresentaram também um novo estilo de música congregacional e passaram a influenciar não apenas o movimento neopentecostal, mas praticamente todo o movimento evangélico nacional.

⁶¹ <http://www.insejecfortaleza.com.br/nossa-historia/> (Acesso em 30 de março de 2021)

Uma outra mudança promovida pelo Ministério Diante do Trono no meio evangélico foi a importação para o Brasil de “manias evangélicas” de sucesso em outros países, tais como novas formas de utilizar o poder da música durante os cultos. O estilo musical conhecido como *worship* é uma destas “manias” que se tornou extremamente difundida no Brasil. Apesar de os primeiros registros do estilo estarem mais relacionadas ao casal de missionários americanos Dan e Marti Duke e ao músico irlandês naturalizado brasileiro David M. Quinlan (que começaram a utilizá-lo no país ainda no início da década de 1980), foi o Ministério Diante do Trono quem popularizou este estilo musical que atrai jovens e adolescentes por ter uma linha mais melancólica cheia de harmônicos e cujos acordes mais simples também promovem uma maior propensão ao uso das emoções. O estilo de música *worship*, apesar de ser o mais utilizado nas igrejas neopentecostais, não é exclusivo delas, tendo em vista que talvez seja hoje o estilo musical mais comumente utilizado nas igrejas evangélicas no Brasil e praticamente em todo o Ocidente.

Teólogos mais conservadores costumam criticar a profundidade teológica das músicas utilizadas no estilo *worship*, deixando de lado uma exposição mais apurada do texto bíblico por meio da arte, para um foco em descontextualização dos escritos bíblicos com um amplo destaque ao antropomorfismo de Deus, avivamento e ênfase no individualismo através das experiências pessoais e na busca pelo estímulo aos sentidos (SOUZA, 2016. p. 171).

Além da mudança no modo de se fazer música evangélica no Brasil, o Ministério Diante do Trono também se mostrou fundamental no processo de mudança quanto à expectativa no dimensionamento da influência do público evangélico, sendo um dos exemplos o grande aumento no número de pessoas em eventos evangélicos de música, posto que seus shows costumam apresentar números impressionantes. Em um único evento no ano de 2003, o Ministério Diante do Trono reuniu mais de 2 milhões de pessoas no Campo de Marte em São Paulo, sendo o segundo maior público em show no país (perdendo apenas para o festival *Rock in Rio*) e um dos maiores eventos de público cristão do mundo⁶². Além dele, o Troféu Promessas – também evangélico – reunindo um público de mais de 100 mil pessoas, testificou a força da música gospel no Brasil.

⁶² https://en.wikipedia.org/wiki/Quero_Me_Apaixonar (Acesso em 29 de março de 2021)



Imagem 16

Festival Promessas de 2012 (imagem: livresdt.com/2012)

Com a liberação do rigor quanto aos usos e costumes, característica marcante do pentecostalismo até então, esta nova onda neopentecostal intensifica o uso de comunicação de massa e contextualizada (a chamada mídia eletrônica ou televangelismo), lideranças sólidas e carismáticas, adoção de técnicas de *marketing*, pregação centrada na teologia da prosperidade e geralmente discurso agressivo em relação ao catolicismo e às religiões de matriz africana.

Para os propagadores desta doutrina, Deus deseja que aqueles que o seguem tenham uma vida de prosperidade financeira e em todos os aspectos, geralmente utilizando como fundamento argumentativo frases adaptadas de versículos da Bíblia quase sempre descontextualizados e com problemas hermenêuticos. Há um intenso discurso sobre batalha espiritual e sobre como o diabo é ativo na atuação contra os crentes, sendo necessário que ocorram cultos de libertação ou momentos de rituais a fim de

demonstrar a vitória dos seguidores de Jesus contra as legiões pertencentes ao diabo, amarrando-o e repreendendo-o, como traz Oliveira (2004, p. 37):

De acordo com o neopentecostalismo, o diabo ganha uma importância sem precedentes, e todas as igrejas desta onda realizam rituais de exorcismo em seus cultos. A confrontação com o diabo é constante através da batalha espiritual, cujo significado expressa uma luta constante entre os fiéis e os poderes das trevas, responsabilizados estes pelos males da vida como: doenças, desemprego, etc. Durante a batalha espiritual, os fiéis são ensinados a amarrar, repreender e determinar a derrota do diabo.

Não obstante o permanente discurso conservador⁶³ (e equivalente ao discurso pentecostal) quanto à condenação de práticas de cunho sexual (tais como consumo de pornografia, sexo antes do casamento ou relacionamento entre pessoas do mesmo sexo), aborto, uso de álcool e outras drogas ou práticas já socialmente condenadas (práticas de crimes), o neopentecostalismo se difere em muito do tradicional movimento pentecostal, construindo o que Cunha (2007, p. 203) designou de “cultura gospel”, cujas práticas se adaptaram ao desenvolvimento da sociedade contemporânea: *“A cultura gospel lhes permitiu inserirem elementos [...] integrantes da cultura de mercado, como o consumo e o entretenimento, na forma de viver a fé e relacionar-se com o sagrado”* tais práticas passam também a serem assimiladas por outros grupos evangélicos a partir de uma absolvição do que antes era rejeitado; *“ou seja, um processo de sacralização de elementos profanos que dá ao duo consumo-entretenimento, mediado pelos meios de comunicação eletrônicos, o status de expressão de fé”*.

No entanto, Morais chama a atenção para um equívoco que haveria nesta “dessecularização”, à interpretação de pretensa adaptação do universo evangélico neopentecostal (e de outras linhas) ao discurso mais integrado à sociedade contemporânea. Tal mudança estaria presente apenas na estética, mas, na prática, não na cosmovisão, posto que os ideais continuam os mesmos. Para isso, Morais usa Berger e Habermas (2019, p. 33):

A religião [...] era submetida a um papel negativo e irrelevante frente aos desenvolvimentos da modernidade ocidental. Porém, o fenômeno religioso

⁶³ Por vezes o termo fundamentalista é colocado como sinônimo de conservadorismo. Tal relação não é admitida pelos grupos conservadores, que assimilam o fundamentalismo a movimentos extremistas e intolerantes, enquanto que, na sua ótica, o conservadorismo seria a postura de grupos de cristãos que se opõem ao liberalismo teológico principalmente a partir do século XIX e XX, considerado não cristão pelo fato principalmente de desconsiderar a Bíblia como verdade revelada de Deus, logo, essencialmente inerrante e irrefutável. Tal debate não será desenvolvido no presente trabalho.

se apresenta dinâmico como a própria realidade social ao se reformular sob novos aspectos e tomando contornos cada vez mais plurais na contemporaneidade. Entre os intelectuais internacionais, citamos Peter Berger (2000) como um dos principais expoentes da Sociologia da religião, que defendia esta vertente, mas depois escreveu um artigo decretando o processo inverso, a “dessecularização” e a retomada de uma religiosidade fundamentalista em alguns contextos. E Jürgen Habermas, que também defendia o processo de secularização, mas a partir de 1990 revisou a teoria e passou a conceituar as sociedades contemporâneas de “sociedades pós-seculares”, porque as religiões não deixaram de legitimar a vida da maioria das pessoas e têm sido cada vez mais motivo de notícias jornalísticas.

Quando analisado no contexto mundial, o movimento neopentecostal tem sua origem a partir de movimentos americanos de reavivamento espiritual. Ricardo Mariano (2010, p. 33) destacou quatro características fundamentais das igrejas que compõem este segmento, sendo elas: excessiva pregação a respeito de batalhas espirituais contra demônios, ênfase intensa na teologia da prosperidade, rejeição aos usos e costumes como evidência de espiritualidade e sistematização empresarial.

Como veremos adiante, algumas igrejas consideradas neopentecostais repudiam este título, considerando que não o são, tendo em vista que as igrejas neopentecostais teriam um culto muito voltado à “troca de favores” com Deus mediante votos que seriam acordados a partir do depósito de determinado valor financeiro. Desta forma, ainda que estas igrejas terem práticas comuns também às igrejas neopentecostais (como a confissão positiva ou um forte apelo às pregações sobre batalhas espirituais, entre outros), não necessariamente as faria serem incluídas na mesma categoria, que engloba Igreja Universal do Reino de Deus, Internacional da Graça de Deus, Mundial do Poder de Deus, Renascer em Cristo, entre outras.

Algumas igrejas que têm características semelhantes, mas que repudiam esta inclusão são, por exemplo, a Assembleia de Deus Vitória em Cristo, do Pastor Silas Malafaia e a Igreja Verbo da Vida, objeto de nossa pesquisa. As duas se classificam como pentecostais, ainda que tenham entre os materiais mais recomendados para os fiéis, livros de líderes diretamente relacionados ao neopentecostalismo, tais como Kenneth E. Hagin. Benny Hinn, T. L. Osborn e Morris Cerullo. Este último esteve no programa televisivo de Silas Mafaia algumas vezes e no ano de 2009 neste programa ele apresentou a sua “Bíblia da Batalha Espiritual e Vitória Financeira”. Ao pedir que o mesmo explicasse o diferencial daquela Bíblia, Cerullo falou, entre outras coisas, que quem comprasse aquela Bíblia receberia em poucos meses todas as promessas que Deus tinha reservado para a sua vida: “Você irá semear 900 reais para, quando semear o que Deus está pedindo para fazer, você receberá da parte de Deus algo que você nunca recebeu antes [...] eu te

prometo que antes do próximo dia 1º, Deus cumprirá toda a promessa dele para a tua vida)⁶⁴. Em valores atualizados, a Bíblia de Cerullo no presente ano de 2021 custaria o equivalente a pouco mais de R\$ 2.200,00.

Na década de 1990, quando a igreja que pastoreava ainda se chamava Igreja Assembleia de Deus⁶⁵, o pastor Silas Malafaia era um ferrenho crítico da Teologia da Prosperidade, porém nos últimos anos aparentemente mudou sua postura. Em um culto realizado em um luxuoso hotel no ano de 2014, enquanto instruía seus líderes sobre como proceder para “chegar ao lugar da vitória”, Silas declarou:

Hoje eu levo minha família toda (a hotéis quatro estrelas) e não tô nem aí. Não tô roubando. Não tô nem aí pra você, ô mané, que tá me assistindo [...] Eu não vou deixar de usufruir do lugar vitória porque eu sei o preço que eu paguei e que eu tenho pago [...]. Você quer saber o valor do meu anel? Quatro mil dólares. Com meu dinheiro. [...] Tá vendo o Mercedes e500, blindado na Alemanha? Foi um parceiro meu que me deu de presente de aniversário.⁶⁶

Em sua obra “*O toque de Midas: uma abordagem equilibrada para a prosperidade bíblica*”, o pastor americano Kenneth E. Hagin expõe uma visão que não seria necessariamente focada no conceito de que o dinheiro seria o objetivo principal do cristão neopentecostal (2004, p. 22): “*Algumas pessoas estão mais interessadas em ganhar dinheiro do que em servir a Deus. Mas, se você quiser ser espiritual, as coisas espirituais devem vir em primeiro lugar. Você deve amar os assuntos de Deus – os espirituais – mais do que os terrenos*”. Alguns líderes de igrejas conhecidas como neopentecostais, mas que costumam se posicionar de forma crítica ao uso de ritos como forma de barganha com Deus, costumam citar que autores como Kenneth E. Hagin são alvos de descontextualização de seus escritos para justificar a ideia de que o mesmo propaga teologias heréticas ou muito opostas às comumente aceitas por igrejas históricas. Não obstante ser esta apenas uma das muitas obras do teólogo, o livro citado é muito utilizado como defesa à argumentação de que o pastor Hagin seria alvo de deturpação de seus ensinamentos.

⁶⁴ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=QXyTDsbjsnc> (Acesso em: 21 de abril de 2021)

⁶⁵ Em 2010 a igreja de Silas Malafaia se desvinculou da Convenção Geral das Assembleias de Deus no Brasil, tornando-se assim uma igreja independente, mas se constituindo em uma denominação própria já com doutrinas mais semelhantes ao neopentecostalismo do que ao pentecostalismo clássico da Assembleia de Deus.

⁶⁶ Disponível em: <https://folhagospel.com/silas-malafaia-causa-constrangimento-ao-falar-de-bens-pessoais/> (Acesso em: 23 de abril de 2021)

De fato, os críticos a Hagin têm alguns motivos para questionar o pastor, principalmente porque ele consegue chegar a conclusões sobre textos bíblicos que não necessariamente são os que o bom uso da Hermenêutica bíblica indica. No mesmo livro citado, o teólogo aborda uma passagem bíblica de maneira confusa para levar ao entendimento de que Jesus não era pobre, pelo contrário (Hagin. 2004, p. 54):

Gostaria de lembrar a você que Jesus não foi um homem pobre durante os 33 anos de sua existência terrena, inclusive durante os três anos de seu ministério. Ele fez-se pobre sobre a cruz, quando se tornou nosso substituto e pagou o preço pelos nossos pecados. Em Isaías 53 é narrado que Jesus carregou nossos pecados e tudo que se relaciona a eles. A palavra traduzida por paz no versículo cinco é, em hebraico, a palavra *shalom*, que tem os significados: seguro, bem, feliz, bem-estar, saúde, prosperidade e repouso. Essa passagem fala-nos que Deus permitiu que Jesus carregasse nossas dores e iniquidades para que, pelo seu sofrimento, recebêssemos cura, paz, segurança, bem-estar, felicidade, descanso e prosperidade.

O texto do livro do profeta Isaías 53:5 em que Hagin informa o significado da palavra “paz” diz o seguinte ao se referir ao sacrifício do Messias, identificado pelos cristãos como sendo uma referência à morte de Jesus na cruz: “*o castigo que nos traz a paz estava sobre ele, e pelas suas pisaduras, fomos sarados*”. Vejamos o que dizem os linguistas VINE, UNGER e WHITE sobre quais são todas as traduções possíveis para a palavra *shalom*, no Dicionário Exegético e Expositivo das Palavras do Antigo e do Novo Testamento (2002, p. 217):

“Paz, completude, perfeição, bem-estar, saúde (...) em tranquilidade, descansadamente, despreocupadamente (...), ileso (...). A septuaginta dá as seguintes traduções: *eirene* (paz, bem-estar, saúde); *eirenikos* (pacífico, calmo); *soteria* (libertação, preservação, salvação) e *hugiainein* (gozar de boa saúde, são). Outro substantivo relacionado é *shelêm*, que ocorre 87 vezes e significa “oferta de paz” (...).

Independente da discussão quanto a se Jesus foi ou não pobre, a questão é que o texto de Hagin comete um grande erro e usa tal problema teológico como base principal para a sua argumentação. Hagin não usa ferramentas básicas para desenvolver uma hermenêutica do texto bíblico coerente, formulando uma exegese sem fundamento, tendo em vista que cria um significado para a palavra bíblica cuja consequência é mudar radicalmente o sentido que originalmente o escrito intentava. Desta forma, percebe-se que um dos autores mais proeminentes do meio neopentecostal ou pentecostal de terceira onda carece de profundidade teológica em sua hermenêutica, o que sem dúvidas fragiliza muito o seu conteúdo.

Para os adeptos do neopentecostalismo, há uma “relação de sacrifício” do devoto para com Deus, de modo que, para eles, entregar algum valor no culto ou comprar alguma flor ou sabonete “ungidos” ou quaisquer outros objetos que possuiriam algum efeito espiritual, assim como “fazer um voto” mediante a entrega de algum bem na igreja, seria uma troca com Deus, pois enquanto o fiel demonstra sua fidelidade, Deus demonstra sua gratidão doando do céu as bênçãos ao fiel da terra, inclusive o livrando de infortúnios, de sofrimentos, pois a vida do devoto fiel a Deus deve ser uma vida próspera, tal qual deve ser a vida do filho do rei, do dono de todas as riquezas. RIBEIRO (2018, p. 93) explica que, para os seguidores do neopentecostalismo da teologia da prosperidade, o sofrimento seria resultado de uma vida em que há falta de fé:

Para a corrente doutrinária em questão, qualquer tipo de sofrimento advém da falta de fé ou de práticas de pecado pelo devoto, de forma que é necessário desenvolver fé, mas não apenas dizer ou acreditar nisso, mas apresentar esta fé por meio de atos sacrificiais, de maneira que, havendo o ato sacrificial e a fé, necessariamente incorrerão prosperidade material e saúde física, espiritual e emocional, chamados pelos seguidores da doutrina de marcas do cristão cheio de fé. O discurso dos seguidores desta doutrina está pautado em uma espécie de troca de favores do homem com Deus.

É pertinente destacar que um dos mais famosos nomes da Teologia da Prosperidade, o pastor Benny Hinn, a partir de 2019 passou a mudar o seu discurso, decalrando que agora compreende de forma diferente o que pregara. Em pregações nos últimos anos ele tem dito que está corrigindo a própria teologia e que “é uma ofensa ao Senhor dizer ao fiel para doar uma alta quantia [...] é ofensa ao Espírito Santo colocar um preço no Evangelho. Para mim chega”⁶⁷.

Algumas igrejas se destacaram na propagação do “modo de ser neopentecostal”. Ainda segundo a classificação de Mariano, podem ser listadas cronologicamente a partir da década de 1960 as seguintes: Igreja de Nova Vida (1960), Igreja Universal do Reino de Deus (1977), Igreja Internacional da Graça de Deus (1980), Igreja Evangélica Cristo Vive (1986), Sara Nossa Terra (1976), Comunidade da Graça (1979), Renascer em Cristo (1986), Igreja Nacional do Senhor Jesus Cristo (1994) e Igreja Mundial do Poder de Deus (1998). Além destas, uma instituição americana trouxe grande influência teológica ao movimento neopentecostal: o instituto bíblico fundado por Kenneth Hagin: o Rhema Bible Training Center, principal nome da teologia da prosperidade (MARIANO, 2010, p.

⁶⁷ Disponível em: <https://overbo.news/benny-hinn-arrependido-teologia-da-prosperidade/> (Acesso em: 31 de março de 2021)

137; 151). Tal centro de formação foi fundamental também para a criação da igreja Verbo da Vida, objeto de nosso estudo.

Uma outra característica doutrinária das igrejas que fazem parte desta terceira onda no escopo da batalha espiritual é a crença em espíritos territoriais, que é a noção de que satanás divide hierárquica e territorialmente o seu domínio a partir de demônios, com os mesmos produzindo todo tipo de dano social: quanto mais uma região é violenta ou apresenta um certo grau de problemas sociais ou de ordem moral, significa que há mais atuação demoníaca. Cabe à igreja buscar conhecer as estratégias do inimigo (o diabo) para que descubra as regiões onde ele mais atua e que legiões dominam aquele local a fim de que, utilizando estratégias espirituais, possa “tomar posse” daquele lugar através de atos de fé, decretos, jejuns e orações de guerra.

Nesse sentido, quando a igreja não se porta de forma combativa e em nível estratégico para batalhar contra tais espíritos territoriais quebrando o poder dos mesmos, está impedindo o avivamento de Deus e, conseqüentemente, não experimentará as bênçãos dele nem poderá contemplar a atuação dele para a evangelização do mundo. Desenvolvendo a temática, MORAIS discorre (2019, p. 77):

A teologia dos espíritos territoriais afirma que o Diabo delega demônios específicos para áreas e regiões geográficas específicas para dominarem e ali permanecerem. Estão organizados sob hierarquias de ação, assim, existem aqueles que dominam bairros, cidades e nações, instituições públicas e privadas, grupos étnicos, culturas e religiões. Estes espíritos se tornam chaves-explicativas para todo tipo de problema social ou contrariedade da moral cristã, como por exemplo, a corrupção na política, a prática homossexual, a traição extraconjugal, o alto índice de violência e morte em estradas, bairros ou cidades; tudo é posto na conta do Diabo que, por meio de seus espíritos demoníacos, dominariam estas localidades. Para promover a libertação, Deus necessita que os cristãos declarem em voz alta por meio de orações e atos proféticos a expulsão e o destronamento daquele espírito. Mas antes é preciso fazer um estudo da localização e descobrir os sinais e os símbolos que representariam o espírito correto.

Além de tais características, os cultos das igrejas deste movimento têm como boa parte de seu foco a proclamação de atos de cura e vitória. A linha do discurso costuma caminhar pelas considerações de, se os cristãos são filhos de Deus, eles não podem sofrer pelo fato de serem filhos dele, pois Deus é pai. Sendo um bom Pai e tendo todo o poder, este Deus não deixaria que seus filhos sofressem.

Como já posto, a forma de cultuar do neopentecostal em muito se difere dos movimentos pentecostais clássicos, tendo em vista, entre outras questões, o desapego a questões de usos e costumes. Enquanto que o movimento anterior condenava práticas

como, por exemplo, o uso de tatuagens devido à interpretação de que a ordem divina em Levítico 19:28 “*não fareis lacerações na vossa carne pelos mortos, nem no vosso corpo imprimireis qualquer marca*” se referia também às atuais tatuagens, agora os cristãos desta linha se vestem conforme a moda vigente, com pastores “estilosos”, com permissão para usar desde alargadores, brincos e tatuagens, até mulheres maquiadas e com milhares de seguidores nas redes sociais. Nos rituais do terceiro grupo a ênfase no modo de se vestir, na glossolalia durante os cultos e na separação de práticas típicas de um “mundo profano” caem por terra.

Participantes de igrejas que têm foco em público mais jovens, como Sara Nossa Terra, Renascer em Cristo, Bola de Neve, além de muitos novos ministérios independentes ou que nascem a partir da dissidência de outros, têm não apenas roupas modernas, mas cultos com iluminação estroboscópica, paredes escuras (para uma melhor estética na transmissão de vídeo), muito investimento em equipamentos de áudio e vídeo para os cultos via *streaming*, além de liberação quanto à apreciação de outros estilos musicais que não apenas os evangélicos, tornando-se comum, por exemplo, cantores populares terem entre suas gravações alguma música gospel, para terem acesso também a este público, tendo em vista muitos destes renomados cantores também se denominem evangélicos. Além disso, passa a ser comum que celebridades do esporte ou de outras formas de entretenimento compartilhem clipes, pregações e imagens dos pregadores desta nova linha, tendo em vista a popularidade deste novo nicho.

O estilo musical também é distinto das igrejas pentecostais de primeira onda. Diferente dos pianos e músicas clássicas mais utilizados por igrejas históricas mais tradicionais e dos chamados “hinos de fogo” das pentecostais de primeira e segunda onda, igrejas neopentecostais utilizam mais o estilo pop e o *worship*, explicado anteriormente.

Uma outra característica das igrejas neopentecostais ou pentecostais de terceira onda é que, enquanto as igrejas pentecostais tradicionais comumente promovem uma supervalorização dos pregadores americanos, os líderes neopentecostais são nacionais em sua maioria, também sendo comum na atualidade que estes pregadores façam suas preleções acompanhados por um instrumental de teclado com uma música envolvente e com o espaço tomado por iluminação dimerizada, em modo de penumbra. Tal estratégia típica (por vezes relacionada à Programação Neurolinguística) cria um ambiente que facilmente leva à comoção, sendo responsável também – e nem sempre propositadamente – pela diminuição no público da capacidade crítica, sendo facilmente abertos à recepção da mensagem que é transmitida pelo orador.

Esta característica tem encontrado um diferencial a partir do advento de pregadores que se tornaram conhecidos desassociados de alguma igreja local. São pastores ou missionários que se comunicam menos expondo textos bíblicos de forma depurada e mais utilizando algumas referências do livro sagrado de forma alegórica e como pano de fundo para pregações de autoajuda. Nem sempre se denominam como pastores, mas sim como *coachings espirituais*. Estas “celebridades gospel” costumam vender milhões de livros e é constante que tenham milhões de seguidores nas redes sociais, geralmente com publicações com suas próprias imagens pregando em grandes eventos e com as fotos esmaecidas com frases de motivação.



Imagem 17

Victor Azevedo, Tiago Brunet e Deive Leonardo, líderes religiosos chamados de “*coachings*” espirituais
(Imagens: Youtube)

O pastor Tiago Brunet (que costuma não utilizar o pronome religioso), um dos grandes nomes desta tendência, em entrevista a um site confirmou esta mudança da pregação bíblica em suas palestras, como forma de adaptação a um novo cenário

(ROSARIO, 2018): “*Não uso termos bíblicos. Em vez de falar em Deus, gosto de usar a expressão ‘algo maior’ ou ‘conspiração divina’ (...) o mundo e as pessoas mudaram, mas os líderes religiosos não perceberam isso*”.

Além de Tiago Brunet, outros líderes se destacam por este perfil, tais como Deive Leonardo e Victor Azevedo, com pregações de pouco foco em questões centrais do Cristianismo, tais como arrependimento, cruz de Cristo e caridade, mas postadas em redes sociais e muito bem produzidas em som e imagem, além de emotiva música de fundo. Tais pregadores costumam cobrar alto por uma pregação em eventos, em alguns casos, R\$ 100,00 por “cabeça” e são tratados como a cura para uma geração carente, porém são alvos de duras críticas pelo viés humanista das mensagens (IBIAPINA, 2019)⁶⁸:

O "Cristianismo Coaching" caracteriza-se especialmente pelo humanismo e pela auto-ajuda: fala-se pouco de teologia, pouco de bíblia, pouco de moral. Não se fala de cruz, de necessidade de arrependimento, conversão, estudo e caridade. Ao contrário: foca-se no afago de egos, nas questões emocionais, parecendo Deus serve ao ser humano, e não o ser humano a Deus. O nome mais famoso dessa "corrente" é Deive Leonardo, auto-intitulado como "bálsamo de cura para esta geração"

Os movimentos neste perfil ainda se encontram em fase de crescimento, sendo também comuns os movimentos de “desigrejados”, cujas reuniões quase sempre têm as mesmas características das citadas acima, porém, frequentemente os ambientes de cultos são locais distintos, tais como casas de recepção, salões de prédios residenciais, ou outros espaços diversos. Os frequentadores geralmente são uma mistura de dois grupos: o primeiro de jovens evangélicos de denominações diversas que, ainda que sejam participantes de uma igreja, frequentam os cultos destes movimentos pela identificação com jovens diferentes do estilo de sua igreja atual. É comum ocorrer de igrejas tradicionais perderem membros jovens devido à transferência dos mesmos para estes movimentos. O segundo grupo é composto por grupos de evangélicos decepcionados com as igrejas às quais faziam parte e que agora vivem em uma estrutura de culto idêntica, porém sem um nome de igreja tradicional para chamar de sua, por isso é comum que os críticos adjetivem os frequentadores destes cultos por “desigrejados”. Outras faixas etárias são exceção nos eventos deste tipo. Geralmente na nomenclatura destes movimentos há alguma palavra que remeta ao evangelismo ou a algum conhecido evento de avivamento espiritual do Cristianismo antecedido pelo nome “Movimento” (ex.: “Movimento Atos 2”, “Movimento Rua Azusa”, etc.).

⁶⁸ Disponível em: <http://www.blogdosilverioalves.com/2019/08/deive-leonardo-e-os-problemas-do.html>



Imagem 18

Movimento desvinculado de igreja reunido em salão de festas na Paraíba (paraibaonline.com)

Igreja Verbo da Vida

Não obstante a negativa ao termo, a Igreja Verbo da Vida é identificada por pesquisadores e por outros cristãos críticos como uma igreja neopentecostal. A negativa à classificação como neopentecostal se dá pelo fato de seus pastores entenderem que há mais pontos negativos no ser identificado neopentecostal do que pontos positivos, tendo em vista que a memória popular quanto ao neopentecostalismo geralmente está vinculada às falas sobre dinheiro e “vendas de bênçãos”. Desta forma, os líderes da IVV preferem se denominar pentecostais, justificando tal postura na entrevista apresentada no decorrer deste texto.

A Igreja Verbo da Vida tem sua origem ligada ao trabalho missionário de um casal de americanos: Harold Leroy Wright – mais conhecido na denominação como “Bud

Wright”, e Janace Sue Wright, sua esposa. Convertido ao evangelicalismo na década de 1970, Bud Wright passou a buscar escutar pregadores famosos na época para que tivesse um direcionamento quanto à sua atividade missionária. Foi a partir de momentos escutando em fitas k-7 pregações do pastor Kenneth E. Hagin que Bud afirmou ter recebido claramente um chamado de Deus para a obra que deveria empreender em sua vida. Segundo ele, Deus usara claramente o pastor Kenneth Hagin para lhe dizer sua vontade: pregar aos brasileiros. Segundo Bud, Deus o direcionou: *“Quero que você estude por dois anos no RBTC, e depois vá levar a minha Palavra para o meu povo no Brasil, para que eles sejam livres”*⁶⁹.

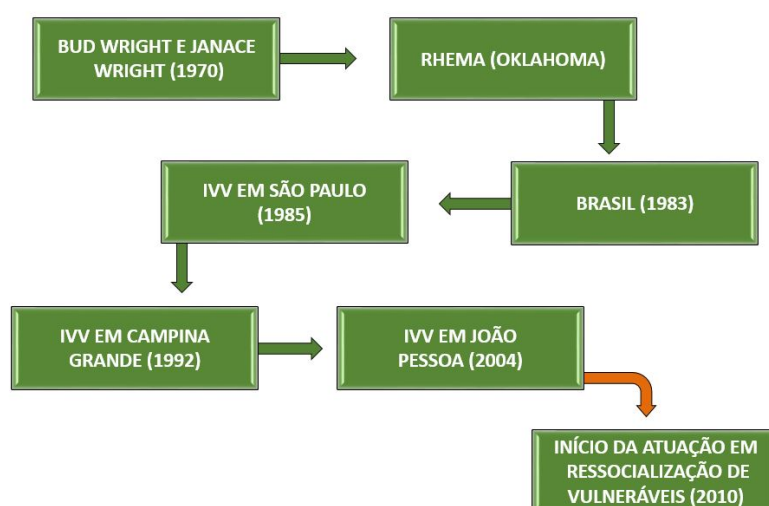


Imagem 19

Fluxograma criado pelo autor

Buscando obedecer a esta ordem que ele considerava vir do próprio Deus, Bud resolveu intensificar seus estudos a fim de se aperfeiçoar teologicamente para a obra que Deus separara para ele, então decidiu matricular-se em um instituto de preparação teológica, o Rhema Bible Training Center (RBTC) fundado por Kenneth Hagin, em Tulsa, Oklahoma. Dois anos depois, ao concluir o curso, agora já casado com Janace Wright, ambos decidiram se preparar para a viagem ao Brasil, o que aconteceu em 1983, mas partiram vinculados a uma agência missionária com fins de promover evangelismo de maneira interdenominacional (várias igrejas envolvidas, e não de uma denominação

⁶⁹ Disponível em: <https://verbodavida.org.br/bud-jan/historia/> (Acesso em: 10 de abril de 2021)

específica) em Campo Mourão-PR. Meses depois eles se mudaram para Guarulhos-SP, ali iniciaria a primeira Igreja Verbo da Vida, em 15 de setembro de 1985.

Em 1987 Bud e Janace transferiram a liderança da igreja na cidade de Guarulhos para um novo líder e decidiram se mudar para Barueri-SP a fim de iniciar um novo trabalho, instalando uma congregação da igreja naquela cidade. Um ano após aberta a congregação, os dois fizeram o mesmo procedimento realizado no Paraná, deixando uma pessoa à frente da igreja a fim de que iniciassem a missão em outro local, mas agora bem mais distante. O casal decidiu que o novo local deveria ser na região Nordeste, então viajaram para conhecer alguns Estados. Bud e Janace passaram por várias capitais litorâneas, mas chegando à Paraíba, ao conhecer a cidade de Campina Grande, decidiram que ali seria o local apropriado para a nova obra.

Não é incomum o fato de, após passar por várias cidades, a escolha do casal ter sido a cidade de Campina Grande, tendo em vista esta cidade ser conhecida como um polo de atividade religiosa, principalmente por atualmente serem realizados neste local dois grandes eventos religiosos anuais: um evangélico (a Consciência Cristã, inclusive com pautas críticas à Igreja Verbo da Vida, como veremos posteriormente) e o Encontro da Nova Consciência⁷⁰, um dos mais importantes eventos ecumênicos nacionais e considerado pela imprensa como termômetro do cenário religioso brasileiro e paraibano, sendo o mesmo bastante divulgado não somente pela mídia local, mas também propagado de maneira considerável por diversos veículos da imprensa nacional.

No decorrer de apenas dois dias na cidade de Campina Grande, Bud chegou a pregar no culto dominical de uma Igreja Presbiteriana, que coincidentemente anos depois emitiria uma declaração de seu Supremo Concílio aos membros de sua igreja e de caráter público, classificando a igreja fundada pelo casal Wright como seguidora de doutrinas heréticas, como veremos em seguida.

Em 1990, dois anos após a visita à cidade paraibana, o casal de missionários voltou à cidade para agora estabelecer morada e desenvolver o plano de plantação⁷¹ da igreja, iniciando os trabalhos em duas localidades: uma na casa de um empresário da

⁷⁰ O mesmo autor do trabalho aqui apresentado realizou pesquisa de Mestrado sobre um outro movimento religioso cujo ponto de partida foi o Encontro da Nova Consciência. O trabalho pode ser acessado no repositório da UFPB, com endereço nas referências ao final do trabalho.

⁷¹ O termo “plantar” é muito utilizado no meio evangélico a fim de se referir ao início de um trabalho de viés evangelístico. Geralmente missionários executam tal papel. Com o estabelecimento da igreja, ou o missionário é ordenado ao cargo de pastor ou uma outra pessoa é assim estabelecida, para que o missionário plantador possa iniciar o trabalho em outro local. No caso de Bud, sua característica estava voltada à plantação ao mesmo tempo em que exercia a função pastoral.

cidade convertido na época do início do trabalho, e outro no pátio de uma escola privada. Com aproximadamente 100 pessoas, o casal oficialmente inaugurou em 17 de janeiro de 1992 a Igreja Evangélica Verbo da Vida em Campina Grande, seguido dias depois pela inauguração do Centro de Treinamento Bíblico Verbo da Vida (CTBVV).

Seguindo a característica peculiar ao neopentecostalismo (ou pentecostalismo de 3ª onda, como os líderes da IVV costumam corrigir ao serem chamados assim) de ter um foco em pregações sobre prosperidade financeira e milagres, o relato do *site*⁷² da instituição segue este mesmo raciocínio de linha teológica ao relatar os momentos iniciais da igreja, também sendo perceptível o discurso sobre a influência espiritual resultante da atuação da igreja não apenas sobre os participantes do grupo, mas sobre a própria cidade onde está inserida:

Provisão chegava cada dia mais. O casal prosperava em todas as áreas, e o amor deles pelo povo brasileiro só aumentava, e era recíproco. Milagres ocorreram, promessas se cumpriram e presentes inesperados chegaram como resultado da vida de fé que eles apresentam até hoje. Fizeram muitos discípulos para o Senhor e sinais continuaram a operar sobre a pregação e o ensino da Palavra de Deus. É visível na própria vida econômica e social da cidade os efeitos benéficos que a Palavra de Deus tem gerado. Os campinenses, assim como todos os brasileiros que os conhecem, amam este casal e são amados por eles.

Segundo os líderes da igreja, atualmente existem mais de trezentas Igrejas Verbo da Vida no Brasil, além de aproximadamente cem centros de ensino teológicos da denominação (Centros de Treinamentos Bíblicos RHEMA BRASIL), espalhados por vários Estados. Para os fiéis, ter uma igreja em cada Estado seria um cumprimento do propósito que Deus tinha dado ao pastor Bud em sua visão no início de seu ministério, então, ainda que não haja igreja, como em todos os Estados há pessoas graduadas no Centro Rhema, eles seriam os propagadores da visão.

Em 2013 Bud (que havia sido ordenado apóstolo e não mais pastor), que já vinha sofrendo de algumas doenças, após sentir-se mal enquanto realizava uma hemodiálise, foi socorrido e levado para a UTI para então falecer.

A Igreja Verbo da Vida objeto de nossa pesquisa foi implantada inicialmente na Avenida João Cândio da Silva - 431, Bairro de Manaíra, em 18 de janeiro de 2004, coincidentemente no mesmo ano de “nascimento” dos projetos sociais da outra igreja pesquisada, a Igreja Cidade Viva. Naquele momento o prédio da igreja tinha estrutura

⁷² Site da história da igreja <https://verbodavida.org.br/bud-jan/historia/> (Acesso em 26 de março de 2021)

para receber 30 pessoas em seus cultos. Um ano após fundada, a IVV recebeu o seu atual pastor, Eduardo Ramalho.

Pouco tempo depois de assumir a igreja, o pastor Eduardo viu a necessidade de mudar de local devido à limitação de espaço, transferindo os trabalhos da igreja para um outro prédio já no bairro do Bessa, na Rua Ivanice Martins da Câmara, 68, uma nova estrutura em local nobre, ao lado do Aeroclube da Paraíba, com capacidade para receber 150 pessoas.

No período de atuação da igreja neste primeiro local no bairro do Bessa foi quando paralelamente também iniciaram alguns trabalhos junto aos excluídos. Uma das principais características da igreja é sua atuação social muito evidente, trabalhando principalmente na ressocialização de egressos do sistema prisional por meio de projetos de geração de emprego e renda, além de criar uma estrutura de formação teológica dentro do ambiente penitenciário, visando trabalhar conceitos não apenas de importância da espiritualidade, mas de resiliência e longanimidade diante do complexo ambiente prisional. Tal atuação da igreja se deu a partir do ano de 2010, tendo em vista que cada vez mais aquela igreja percebia como a exclusão social estava presente na cidade, mas focando sua atuação principalmente junto ao público encarcerado nos complexos penitenciários de João Pessoa.

Para a liderança da igreja Verbo da Vida, seria necessário atuar junto ao público carcerário não apenas com ações de evangelismo (que é o foco principal da atuação, como veremos posteriormente), mas também com ferramentas que apontassem para a geração de emprego e renda e para a educação teológica do público encarcerado. No ano de 2014 a Igreja instalou o auditório Luís Augusto Emery na própria área da Penitenciária de Reeducação Feminina Maria Júlia Maranhão de João Pessoa, a fim de iniciar os trabalhos do Rhema Prisional.



Imagem 20

Primeiro prédio do Rhema prisional no sistema prisional (imagem: verbodavida.org)

O intuito do trabalho era fornecer educação teológica de apenadas com o propósito de trabalhar novos conceitos neste público que visassem apontar para uma vida de proclamação de uma liberdade espiritual, como explanou o Apóstolo Luís Augusto Emery, o presidente do ministério, ao comparar a atual realidade das apenadas com a realidade do apóstolo Paulo quando de suas escritas às igrejas neotestamentárias: *“Esta sala será um lugar para salvação. Se uma boa parte das cartas de Paulo foi escrita dentro das prisões, o que a prisão de João Pessoa não poderá fazer?”*⁷³.

Atuar socialmente não levou a igreja apenas a se envolver com os problemas dos excluídos, mas também a receber em suas reuniões e demais eventos pessoas que desejavam de alguma forma aliar sua vida espiritual, com suas práticas de celebração comunitária a ações de humanidade junto ao público-alvo dos projetos sociais desenvolvidos pela igreja. O grupo cresceu nesse período no bairro do Bessa de tal forma que os líderes tiveram a necessidade de se mudar para um local que pudesse acolher pelo menos duas vezes sua atual capacidade.

No ano de 2016 eles iniciaram a construção do novo local com uma estrutura mais moderna e com grandes dimensões, *“agora com capacidade para mais de 500 pessoas em sua nave”*, como apresentam em seu *site*⁷⁴. Como dissemos no início deste trabalho,

⁷³ Matéria: **O Rhema prisional em João Pessoa aceitou mais um desafio**. Publicação em 18 de agosto de 2016. Disponível em: <https://verbodavida.org.br/destaques/participe-desta-visao-o-rhema-prisional-em-joao-pessoa-aceitou-mais-um-desafio/> (Acesso em 31 de março de 2021).

⁷⁴ Disponível em: <https://verbodavida.org.br/sem-categoria/verbo-em-joao-pessoa-esta-avancando-para-um-novo-tempo/> (Acesso em 31 de março de 2021).

o local atual de funcionamento da Igreja Verbo da Vida do Bessa fica a poucos metros de nossa outra instituição pesquisada neste trabalho, a Igreja Cidade Viva.

Um dos desafios externos que a Igreja Verbo da Vida encontra por parte de algumas denominações históricas está relacionado às críticas à sua teologia, posto que é comum que pastores tratem a denominação como uma igreja mercantilista, comparando-a a outras denominações neopentecostais, tais como a Igreja Universal do Reino de Deus e a Igreja Internacional da Graça.

Em 2014, o Supremo Concílio da Igreja Presbiteriana do Brasil (comitê que representa a igreja, sendo sua maior autoridade diante das Igrejas Presbiterianas no Brasil) emitiu um comunicado a todas as suas igrejas classificando a IVV como seguidora de heresias, com “práticas de seita” e orientando seus pastores a se absterem de relações eclesiais (SILVA, 2014, p. 2):

Considerando:

- 1) Que a Igreja Verbo da Vida é ligada ao Kenneth Hagin Ministries;
- 2) Que a Igreja é defensora e praticante do "evangelho da saúde e da prosperidade" também conhecido como "Teologia da Prosperidade", "Confissão Positiva", "Palavra da fé" e "Movimento da Fé";
- 3) Que a igreja verbo da vida foi implantada no Brasil pelo "apóstolo" Bud Wright, e em seu blog existem afirmações que apontam as convicções e ensino da referida igreja;
- 4) Que a Igreja em seus encontros apresenta práticas muito similares das que são praticadas na IURD - Igreja Universal do Reino de Deus - fato facilmente constatado nos vídeos espalhados na internet;

O SC/IPB 2014 RESOLVE:

1. Reconhecer que a Igreja Verbo da vida apresenta uma orientação teológica neo-pentecostal e com muitos elementos característicos de seita;
2. Determinar aos concílios inferiores que se abstenham de relações intereclesiais com a Igreja Verbo da Vida e só recebam por batismo e profissão de fé; 3. Responder ao concílio consulente que a Igreja verbo da vida não pode ser tratada como igreja co-irmã.

Tal fato promoveu um constrangimento na relação com algumas igrejas históricas, tendo em vista que o Igreja Verbo da Vida não teve a oportunidade de ser ouvida pelos líderes da IPB antes da divulgação, de modo que sofre uma espécie de “marginalização” por igrejas-irmãs da Igreja Presbiteriana, e ainda mais em relação às que pertençam à própria IPB, tendo em vista a recomendação de que seus líderes se abstivessem de algum tipo de relação com esta.

Em fevereiro de 2021 o Reverendo Giacomé Travassos, responsável pela supervisão das Igrejas Verbo da Vida na Paraíba - e cuja posição confere autoridade para falar em nome dos líderes da IVV na Paraíba - em uma entrevista a um blog respondeu sobre a posição da IPB e sobre suas crenças a respeito do neopentecostalismo, colocando a IVV em posição contrária às principais características da linha neopentecostal seguida pela IURD, Internacional da Graça e Mundial do Poder de Deus⁷⁵:

1- É correta a afirmação de que a IVV é uma igreja neopentecostal? Se não for, o que os distingue do neopentecostalismo?

R. Não, a IVV não se entende neopentecostal. A diferença está na relação com o hall de membros que a IVV possui. A IVV não realiza campanhas de cunho financeiro, não há ênfase nos demônios, ou na libertação, a mensagem privilegia Cristo e não é centrada nas narrativas do VT e outras mais.

Percebe-se aqui que há uma clara negação no pensamento da igreja em relação à afirmação de que esta seja neopentecostal, não pelo fato da inserção em primeira, segunda e terceira onda, mas pela comparação das igrejas com algumas características marcantes das igrejas de terceira: ênfase nas campanhas e votos com foco financeiro, apresentações de exorcismos públicos (comuns, por exemplo, em cultos de libertação da IURD e outras igrejas do primeiro período da terceira onda). Para o líder, ser neopentecostal é estar vinculado a uma espécie de mercantilização da fé demonstrada por meio dos sacrifícios em que é necessário pagar determinada quantia para se adquirir algum item que materializaria a fé, tais como óleos ungidos, água de Israel, sabonete ungido, entre outros. Há, neste caso, uma rejeição neste tipo de aplicação da mensagem bíblica.

Também se percebe uma rejeição à cultura de centralizar as mensagens dos cultos em narrativas bíblicas, vinculando-as a fatos contemporâneos, mas de maneira nem sempre equilibrada no sentido do que é expressado nos manuais de hermenêutica bíblica. São comuns em cultos neopentecostais o uso de narrativas bíblicas com aplicação distinta do propósito inicial do texto, utilizando, por exemplo, comparações de ritos culturais típicos dos judeus com aplicação à cultura ocidental, tais como uma supervalorização à primogenitura, a comparação de povos inimigos dos israelitas com criaturas que habitam o mundo espiritual e atacam os devotos atualmente, entre outros.

2- Em relação às bênçãos de Deus, a IVV crê que uma pessoa pode ser abençoada por Deus mesmo passando por limitações financeiras? Ainda

⁷⁵ Disponível em: <http://sedesconformando.blogspot.com/2021/03/perguntas-e-respostas-ivv-somos.html> (Acesso em: 31 de março de 2021)

neste âmbito, a IVV crê que ao fazer certos sacrifícios (como dizimar e ofertar), necessariamente Deus derrama o seu favor sobre o crente?

R. A IVV crê que a condição de bênção conquistada pela cruz do calvário inclui sim bênçãos financeiras e nisso a Bíblia é exaustiva. Mas jamais ensinou que a prosperidade é prova de espiritualidade. Sobre esse ponto segue citação de Kenneth E. Hagin: *"Creio firmemente que Jesus era próspero, no entanto, sua prosperidade não era medida pelo acúmulo de riquezas ou de bens mundanos. Ele não morava em um palácio com salas cheias de ouro, olhando para campos repletos de gado e ovelhas. Seu estilo de vida não era pomposo nem extravagante; Ele não era movido pelo desejo de posse e ganância. Podemos prosperar exatamente como Jesus, mas isso significa que os nossos motivos para sermos prósperos também devem ser iguais aos dEle."* Quanto a dízimos e ofertas, entendemos o princípio de honra para com nosso Senhor e provedor de tudo Jesus Cristo, como também o princípio de plantio e colheita. Essa prática não nos torna "mais abençoados", pois já somos abençoados, também não fazemos troca com Deus, porém também entendemos que a prática desses princípios com a devida revelação do que estamos fazendo, permitirá o agir de Deus em nossas vidas, pois estaremos andando em honra, reconhecimento, consideração e obediência ao nosso Senhor.

Em relação a este tema, talvez a maior crítica das igrejas históricas ao neopentecostalismo seja um discurso centralizado em uma “troca de favores”: Deus dá ao homem na proporção em que o homem sacrifica algo por ele. Facilmente são encontrados vídeos no Youtube de pastores ensinando sobre “investimentos no Reino”, de modo que, quanto mais o devoto entregue no “altar” em valores financeiros, mais Deus estaria “coagido” a dar de volta.

No artigo “Coloque Deus contra a parede”, a pastora americana neopentecostal Virgínia Brandt Berg, uma das primeiras evangelistas da rádio na década de 1960, em uma conversa com uma mulher de sua igreja que não conseguia “receber a bênção prometida por Deus”, testemunhou a crença de que fé, como diz o título de seu artigo, também é colocar Deus contra a parede (BERG, 2018): *“Eu certamente não esperaria mais” — disse para ela. “Há dois anos você pede o dinheiro ao Senhor, mas nunca mostrou por suas ações realmente esperar que Ele o proveria.”*

Em sua resposta, o pastor, apesar de entender que a prática de dizimar e ofertar seria uma abertura para uma bênção do Senhor, também afirma discordar de práticas que necessariamente apontem para uma “troca de favores” do devoto junto a Deus, tendo em vista que a bênção de Deus já foi derramada sobre os seus filhos a partir do sacrifício de Cristo na cruz.

3- Em 2014, o Supremo Concílio (SC) da Igreja Presbiteriana do Brasil (IPB), uma igreja histórica muito conhecida no Brasil, adotou uma postura drástica em relação à Igreja Verbo da Vida. Em seu documento, o SC aponta que há nesta denominação “muitos elementos característicos de seita” e orienta seus pastores a se absterem “de relações intereclesiais”.

O documento diz que o Verbo da Vida “apresenta práticas muito similares das que são praticadas na IURD – Igreja Universal do Reino de Deus”, denominação que desde 2010 é considerada seita pela Igreja Presbiteriana, assim como a Igreja Mundial do Poder de Deus. Os mesmos apontam, entre outros:

- a) Que a igreja é defensora e praticante do “evangelho da saúde e da prosperidade” também conhecido como “teologia da prosperidade”, “confissão positiva”, “palavra da fé” e “movimento da fé”;
- b) Que a igreja em seus encontros apresenta práticas muito similares das que são praticadas na IURD – Igreja Universal do Reino de Deus;

Em relação a este ponto acima:

1- Qual sua posição, enquanto um dos líderes da denominação, a respeito da postura da IPB?

R. Equivocada e preconceituosa. Ainda assim, não temos a menor intenção de fazer qualquer coisa a respeito.

2- A IVV concorda com a teologia seguida pela IURD e IMPD? Se há discordância, quais os principais pontos de discordância?

R. Existem mais discordâncias do que concordâncias. A participação em um culto provaria isso facilmente. A IVV ensina, exaustivamente, que todas as bênçãos são resultado da obra da cruz e não do esforço, ou da compra de indulgências. Na IVV não existem "muletas" como "água ungida", água do rio Jordão, unções de homens especiais. Na IVV não se faz entrevista com demônios ou espetáculo com as curas recebidas.

3- A igreja segue a Teologia da Prosperidade? A Igreja crê na confissão positiva e na palavra da fé?

R. Como já dissemos a IVV sim crê que bênçãos financeiras estão disponíveis na conquista da cruz do calvário, não apenas isso, mas isso está incluso. A IVV crê que a fé se expressa no que dizemos e que devemos confessar a palavra de Deus, de conformidade com Rm 8.8-10, Mc 11.23-24 e outros.

4- O sr. crê que há na verdade um equívoco na interpretação das crenças da IVV ou há de fato crenças na IVV incompatíveis com o que creem denominações como a IPB?

R. Existe um equívoco em enquadrar a IVV na categoria de neopentecostal, apesar de acreditarmos, como já dito, que as bênçãos financeiras e a saúde divina estão entre as bênçãos conquistadas por Jesus na cruz, mas a ênfase que a IVV dá a essas bênçãos são diferentes das neopentecostais. No entanto, a crença que temos nas manifestações das bênçãos de Deus sobre o crente, nas manifestações do Espírito e nos milagres como presentes na Igreja até os dias de hoje são, de fato, diferentes da crença das igrejas reformadas, e aí incluindo a IPB, que são essencialmente cessacionistas, além de termos uma soteriologia eminentemente arminiana, diferenciando assim, totalmente da visão calvinista da IPB.

Quanto aos dons e milagres, há uma distinção (entre várias outras) dentro das igrejas chamadas históricas. As igrejas continuístas, como a Igreja Verbo da Vida, creem que os milagres e dons ministeriais continuam nos dias de hoje. Igrejas cessacionistas

(como o Verbo da Vida afirma ser o caso da Igreja Presbiteriana) creem que os milagres e curas não existem mais, pois cessaram quando do fechamento do cânon bíblico. Assim, as manifestações extraordinárias teriam sido permitidas por Deus para demonstrar que os seus pregadores eram realmente enviados como mensageiros dele antes de terem o Novo Testamento como meio de proclamação da mensagem do Evangelho.

A questão aqui não é se o uso de dons e milagres são ou não utilizados como fenômenos presentes no momento do culto, mas se a igreja acredita que eles existem hoje em dia. A Igreja Presbiteriana do Brasil oficialmente segue a Confissão de Fé de Westminster, construída na Assembleia de Westminster por teólogos ingleses a fim de uniformizar as doutrinas das igrejas reformadas; é hoje adotada não só pelas igrejas presbiterianas, mas por diversas outras igrejas reformadas no mundo. O grande debate está no fato de que, para grande parte dos pastores da Igreja Presbiteriana do Brasil e de outras denominações que a seguem, a Confissão é notadamente cessacionista, mas para outros, esta interpretação é equivocada. De toda forma, alguns líderes da IPB, não obstante adotarem a confissão de fé em suas igrejas, não a interpretam como cessacionista, de modo que esta minoria presbiteriana crê no continuísmo.

Neste sentido, o que se destaca na fala do Reverendo Giácome é que a Igreja Verbo da Vida discorda do pensamento de boa parte das igrejas históricas cessacionistas. Sendo este o caso da Igreja Presbiteriana, eles também estão em desacordo.

Um outro ponto de discordância está no âmbito da soteriologia. A soteriologia, formada a partir das palavras gregas *σωτηρία* (*sōteria*, significando salvação) e *λόγος* (*logos*, significando palavra, princípio, ensino ou conhecimento) é o estudo sobre a salvação humana. Assim como outros termos, a doutrina da salvação é plural no meio protestante, tendo em vista que há posições divergentes, como explica o teólogo Millard J. Erickson (1997, p. 369): *“Embora o termo salvação talvez pareça ter um significado um tanto óbvio para as pessoas familiarizadas com ele, existem, mesmo em círculos cristãos, concepções bem distintas do que se entende por salvação”*. É este o caso em questão: enquanto a Igreja Presbiteriana tem uma soteriologia calvinista, a Igreja Verbo da Vida é arminiana.

Entre os meses de abril de 2018 e outubro de 2019 o pesquisador autor deste trabalho compareceu a aproximadamente cinco cultos dominicais (o chamado culto principal, às 18h) da Igreja Verbo da Vida Bessa anonimamente, sem informar aos líderes que estaria no local. Não obstante a impossibilidade de apresentar neste trabalho os detalhes do culto, o mesmo aponta que os argumentos do entrevistado quanto à liturgia e

pregações condizem com o que foi observado nos dias em questão, não havendo, porém, contato do mesmo com outras igrejas Verbo da Vida na mesma cidade ou em outras, assim como outros contextos que possam ser apresentados.

Apesar de ter como seu pastor titular Eduardo Ramalho, a Igreja Verbo da Vida do Bessa ainda conta com outros cinco pastores que o auxiliam no acompanhamento dos fiéis, tendo em vista que, com o crescimento, tornou-se muito complexo conseguir auxiliar um público com apenas um pastor à frente, então há hoje uma estrutura de acompanhamento descentralizada, sendo os atendimentos realizados tanto nos grupos pequenos (grupos familiares) quanto na dinâmica de acompanhamento pastoral pela equipe de pastores. Hoje, além dos trabalhos junto às unidades prisionais não apenas no Estado da Paraíba, mas também em Pernambuco, a Igreja Verbo da Vida também atua em ações de dignificação junto a população vulnerável em comunidades carentes em João Pessoa, justificando a escolha do grupo para a análise de tal atuação.

Neocalvinismo: Histórico e influências

Com o advento da cultura pós-iluminista que predominava no Ocidente no início do século 20, um novo conceito de cristianismo envolvido com o meio passou a responder a esta cultura por parte do pensamento cristão a partir principalmente do teólogo, jornalista, pastor, educador, filósofo, primeiro-ministro da Holanda e fundador do Partido Antirrevolucionário holandês e da Universidade Livre de Amsterdã: Abraham Kuyper. Kuyper passou a apregoar que era necessário que os cristãos exteriorizassem a cosmovisão cristocêntrica que estava explícita na Bíblia. Na verdade, ele foi além: não só apregou tal noção, mas a manifestou em suas práticas pessoais e discursos centralizado na ideia que o pensamento de Calvino era o melhor compêndio desta noção, de modo que era necessário que a interpretação que o calvinismo trazia fosse vivenciada de forma integral, e não apenas no sentido teológico, como até então era posto. Devido a esta “nova interpretação de Calvino” os que compartilharam do pensamento principalmente de Kuyper passaram a ser denominados de neocalvinistas. Porém, um conceito base deve ser compreendido a fim de que apresentemos o delineamento do pensamento de Calvino e o uso do Neocalvinismo: o conceito de cosmovisão.

A cultura ocidental construiu durante séculos uma narrativa sobre desenvolvimento tomando como base a ideia de que nosso percurso aponta para uma

liberdade cada vez maior, baseado somente nos princípios científicos e do direcionamento exclusivamente da mão humana. Tal noção funciona para a sociedade como uma lente por meio da qual o indivíduo enxerga e interpreta o mundo à sua volta. Kuyper compreendeu esta noção trazendo uma outra: seria necessário que a igreja cristã compreendesse que só o evangelho oferece uma visão do mundo verdadeira e abrangente, desenvolvendo o termo “cosmovisão” de modo que, a partir de tal compreensão, houvesse uma atitude de libertação do evangelho de uma escravidão à cultura ocidental contemporânea (GOHEEN. 2016, p. 33).

Cosmovisão é um termo originado da filosofia desde o século 18 e de origem alemã (*Weltanschauung*: visão de mundo), sendo o modo como enxergamos a vida e as coisas de forma integrada, uma visão de completude ou uma perspectiva de vida. Buscando a comparação com outros conceitos, Albert M. Wolters diz que seriam os princípios que alguém usa para nortear as suas atitudes (2006, p. 14): “*Um marxista o chamaria de ‘ideologia’; a expressão que prevalece na ciência secular social atual é provavelmente ‘sistema de valores’, (...) já a cosmovisão é definida como ‘a estrutura compreensiva da crença de uma pessoa sobre as coisas’*”. Já no século 20 os pastores James Orr (1844-1913) e Abraham Kuyper passaram a usar o conceito de cosmovisão como forma de compreender e responder aos ideais do pós-iluminismo que já tomavam forma no ocidente.

O cristianismo é muitas vezes visto de forma dualística, tratado por muitos como um cativeiro cultural. Quando o devoto está no domingo na igreja ele tem uma vivência pietista, além de utilizar vocabulário e ritos religiosos. No decorrer da semana, o mesmo fiel tem mais uma “identidade”, é um profissional cujas práticas não têm qualquer relação com sua fé, por exemplo, como se fossem áreas totalmente separadas da vida. A cosmovisão no sentido apregoadado pelo neocalvinismo atua como um guia para a vida do fiel, posto que orienta a este de uma forma que lhe apresenta, entre outras questões, a noção do que é positivo e negativo e certo e errado diante dos acontecimentos com os quais o indivíduo é confrontado diariamente (*Ibidem*, p. 15). Na visão de Kuyper, a cosmovisão cristã, fundamentada na noção de criação, queda e redenção, deve abarcar a vida de modo que isso interfira no seu todo, de modo que tal necessidade de perspectiva orientadora é fundamental à vida humana.

Sem tal ação, cada vez mais a sociedade se deteriora, tendo em vista o pensamento moderno haver propagado uma outra cosmovisão que se opunha à narrativa bíblica que dera base para o Cristianismo e se mostrava totalmente deturpada. Para os neocalvinistas,

quando não se acredita em uma divindade soberana e santa, mas que ao mesmo tempo cobra uma certa limitação das ações humanas, surge neste lugar uma crença na onipotência humana. Quando não se acredita em Deus, se Deus está morto, como apregoeou Nietzsche, o homem que aparece em seu lugar é o que “pode tudo”, pois todos os valores que temos como valores absolutos da sociedade partem da crença de que existe um bem supremo. Logo, se não existe bem supremo, tudo é relativo. Se não há crença de que existe um *summum bonum* religioso, um absoluto, um bem maior, tudo passa a ser questão de interpretação, então a lei social estará voltada a se fazer tudo o que o ser humano quiser. E fazer o que o ser humano quer é algo que, de acordo com a crença cristã, é oposto ao propósito de Deus.

Desta forma, o teólogo holandês se via como chamado para cumprir um dever diante de Deus sendo este objetivo final viver de modo a cumprir um propósito diante de Deus (2002, p. 5): *“apesar da oposição terrena, as santas ordenanças de Deus serão estabelecidas novamente na Família, na Escola e no Estado, para o bem do povo. Para esculpir na consciência da nação as ordenanças do Senhor, para que a Bíblia e a Criação deem testemunho”*.

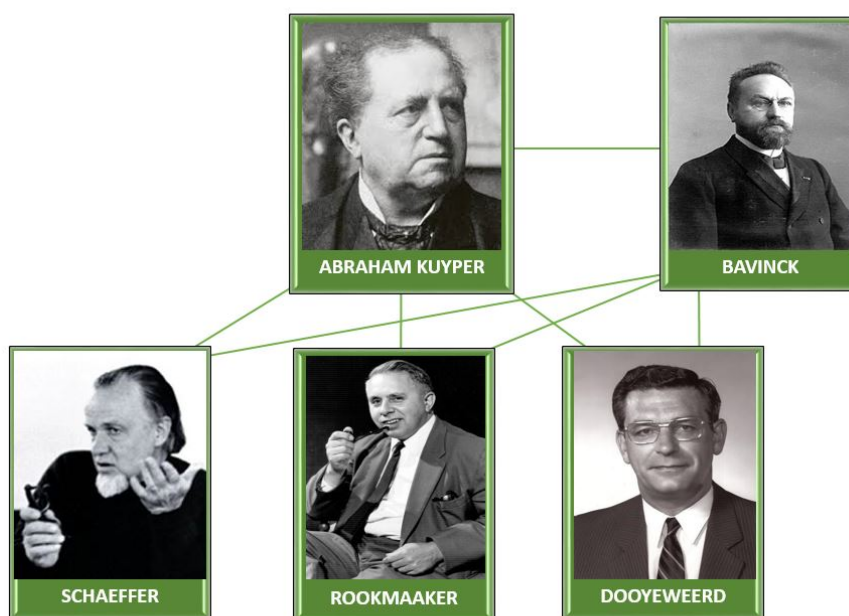


Imagem 21

Quadro elaborado pelo autor

A ideia é que o cristianismo oferece algo ao mundo e isso vai além de uma visão sobre jejum, oração, vida ritualística. O cristianismo oferece uma visão do cosmos, de toda a existência, da forma como o mundo deve ser observado em sua completude; desde o modo como o indivíduo age no seu trabalho, como educa os seus filhos, como se relaciona com os vizinhos ou mesmo como desenvolve um dispositivo que facilita a comunicação entre as pessoas. A ideia de Kuyper é que a cosmovisão cristã afeta toda a vida do crente, inclusive sua atuação sobre a ciência, tendo em vista que sua pedagogia, psicologia, etc., tudo é lido a partir das lentes do cristianismo.

Deste modo, para o pensador holandês, esta visão de mundo era construída a partir da perspectiva de que a presença de Deus é observada em todas as áreas da vida, e o calvinismo seria a melhor sistematização da prática da cosmovisão cristã, tendo em vista que, para sintetizar o seu pensamento: não era o calvinismo apenas uma crença religiosa, mas um sistema múltiplo que fundamentou o pensamento, cultura e sociedades inteiras em boa parte do mundo, pois, a partir dele, estadistas e filósofos construíram universidades, partidos políticos, desenvolveram filosofias tendo como ponto de partida as ideias da Reforma e aplicaram isso à cultura de uma forma muito particular. Outros pensadores cristãos são também muito importantes no desenvolvimento desta noção, como por exemplo Francis Schaeffer, Herman Dooyeweerd e Hans Rookmaaker.

Quanto à definição do ser e a forma como tal concepção influencia o meio, o entendimento de Kuyper era de rejeição à autonomia da razão humana. Para ele, a atividade correta da razão neutra necessariamente conduzirá o ser humano a uma perspectiva cristã do mundo, ao mesmo tempo em que, perante a adversidade apresentada pelo modernismo ao modo de viver do cristianismo, a aproximação mais conveniente está na compreensão das estratégias apontadas pela cosmovisão apresentada pelo calvinismo, sendo possível desenvolvê-la por vias não apenas da religião, mas também da política, ciência e da arte, considerando que o cristianismo estava “batalhando” com o seu sistema de mundo contra um outro (2002, p. 10):

O cristianismo está exposto a grandes e sérios perigos. Dois sistemas de vida estão em combate mortal. O modernismo está comprometido em construir um mundo próprio a partir de elementos do homem natural, e a construir o próprio homem a partir de elementos da natureza; enquanto, por outro lado, todos aqueles que reverentemente humilham-se diante de Cristo e o adoram como o filho do Deus vivo, e o próprio Deus, estão resolvidos a salvar a ‘herança cristã’.

Principalmente das bases do pensamento de Kuyper é que surge o que chamamos de Neocalvinismo, ao ponto de tal pensamento também ser chamado de pensamento kuyperiano, não obstante outros terem auxiliado no desenvolvimento deste pensamento. Além dos já citados anteriormente, mais pensadores como Herman Bavinck (contemporâneo de Kuyper) e outros teólogos evangélicos da atual geração difundiram o pensamento, sendo os mais conhecidos no presente meio evangélico: John Stott - que popularizou o tema no Congresso de Lausanne (apresentado no tópico “A Teologia da Missão Integral”, no Capítulo 2, com o discurso sobre a necessidade de uma visão a respeito de todas as áreas da vida a partir da tradição cristã - temática de Kuyper), além de Arthur Holmes, Charles Colson e Nancy Pearcey, entre outros. Na tentativa de popularizar os conceitos do neocalvinismo, alguns teólogos buscam sistematizar esta tradição oriunda do pensamento de Kuyper. Michael W. Goheen apresenta da seguinte forma (2016, p. 42):

- Na redenção de Deus em Cristo e por meio dela, a graça restaura a natureza. A graça é como um remédio que restabelece a saúde de um corpo doente. A obra salvífica de Cristo está voltada para a criação como um todo, a fim de restaurá-la para que alcance o objetivo que Deus sempre teve em mente para ela.
- Deus é soberano e, pela sua lei e palavra, ordena toda a realidade.
- O mandato cultural dado em Gênesis 1.26-28 (de administrar regidamente a criação) tem relevância contínua: Deus chama a humanidade a desenvolver, para a glória dele, a criação dele ao longo da história.

Nos pontos elencados acima, podemos entender que o Neocalvinismo compreende que em Gênesis Deus apresenta ao homem um mandato cultural a fim de que o homem utilize todas as áreas ao seu alcance (incluindo a política, a tecnologia e a cultura popular, entre outros) para que a glória de Deus seja visto por meio dele; há também a compreensão de que existe uma antítese do pecado impregnado em todo o universo ao mesmo tempo em que Deus permite que crentes e incrédulos trabalhem em prol do bem geral (a graça comum) e a soberania das esferas. Neste último há um dos fundamentos mais trabalhados nos estudos sobre o Neocalvinismo, originalmente desenvolvido pelo próprio Calvino, mas popularizado por Abraham Kuyper e organizado pelo seu sucessor, o teólogo Herman Dooyeweerd.

A teoria das esferas está baseada na ideia de que Deus projetou a sociedade para que houvesse uma divisão em esferas de soberania que compreendem a organização da vida e sociedade, sem que formações humanas de naturezas diferentes intervenham em outras. Seria este o único modo de a vida evoluir em todos os aspectos.

Abraham Kuyper acreditava que toda visão de mundo necessariamente tinha como base uma tendência religiosa, e tal visão influenciaria todas as noções de vida do ser humano. Para ele (e esta era a principal base do pensamento naocalvinista), Deus era soberano absoluto sobre o cosmos e, desta forma, ele era a autoridade máxima sobre todas as esferas e reinos nos céus e na terra, de modo que a frase mais conhecida de Kuyper faz referência a esta crença (1998, pg. 461): *“Nenhum pedaço de nosso mundo mental deve ser hermeticamente selado do restante, e não há um centímetro quadrado em todo o domínio de nossa existência humana sobre o qual Cristo, que é Soberano sobre todos, não clame: É meu!”*

Kuyper também acreditava que os cristãos deveriam ter uma cosmovisão prática de modo que esta cosmovisão viesse a influenciar e redimir o mundo, posto que a soberania de Deus deve ser revelada em toda a extensão que temos acesso, revelando-se na sociedade, na Igreja e no Estado. Para ele, o cristão necessariamente deve ter sua visão de mundo moldada pela Bíblia Sagrada. Se o indivíduo compreendeu a Escritura como palavra vinda de Deus para os homens, ele deve aplicar sua cosmovisão sempre a espelhando com o que diz as Sagradas Escrituras, visto serem estas a resposta de Deus às indagações humanas, desde as que se relacionam às suas práticas “ritualísticas” até sua atitude quanto à forma de criar os filhos, suas posições políticas, etc. Abraham Kuyper não definia as práticas cristãs reunindo-as somente nos contextos da teologia e da vida devocional eclesiástica, mas acreditava que a fé cristã deveria ser ampliada para sua cosmovisão, interferindo na sua vida prática em todos os âmbitos, tomando para si a responsabilidade pelo avanço nos estudos sobre cultura e incentivando a atuação política. Este ponto é muito evidente no pensamento neocalvinista: há uma intensa crítica a um modelo dualista tradicionalmente demonstrado no cristianismo prático, havendo um incentivo à interação com a esfera cultural, posto que é defendida uma compreensão de cristianismo como força transformadora e redentora da cultura na qual está inserido.

Quanto a esta visão dualista da realidade criticada por Kuyper, esta noção foi construída a partir da interpretação de que haveriam coisas espirituais (boas) e coisas materiais (ruins), devendo o cristão se esquivar ao máximo do que não fosse sagrado, de tudo o que fosse profano. O trabalho na igreja realizado pelo sacerdote é prazeroso para Deus, mas o emprego “comum”, o vendedor, zelador, qualquer outra função em si não é tão boa assim, pois é secular. Esta separação entre coisas sagradas e coisas não sagradas seria equivocada e estaria baseada em uma visão incorreta da criação de Deus, sendo propagada por muitos teólogos uma visão de vida em “dois andares”. No inferior estaria

as coisas terrenas ou profanas e no superior as coisas sagradas, as coisas de Deus. Neste sentido, há uma desvalorização ao trabalho, à vida social, à simples rotina cotidiana, a lógica, a gramática, ao que é belo na criação de Deus. Desconsidera-se a ênfase no que é terreno, mas que também é expressão da soberania de Deus.

Não é incomum no meio “gospel” observar que há uma tensão quanto o modo de viver do protestante: como estar inserido em um mundo que geralmente vive práticas contrárias ao que a Bíblia orienta e não se contaminar com os pecados praticados neste mundo opositor ao Criador? Uma das soluções equivocadas é a criação de uma subcultura gospel onde as artes, os relacionamentos, os eventos e etc. para serem utilizados pelos cristãos, necessariamente precisam ter a “cara” do gospel, precisam ter a “cultura evangélica”. Assim cria-se um escapismo e dualismo, no sentido de que tradicionalmente há a noção de que o cristão deve viver aqui no “mundo”, mas se separando das pessoas, vivendo em “guetos” espirituais e aguardando sua verdadeira morada nos céus, além de sustentar uma conformidade de que este mundo não tem solução, de modo que cabe ao cristão converter outros à fé e aguardar para que todos cheguem um dia ao céu e este presente mundo seja enfim destruído pela ira divina.

A ideia de Kuyper vai no sentido oposto: há a crença no envolvimento dos cristãos em todas as esferas da criação de modo que elas sejam ao máximo aperfeiçoadas pela atuação de pessoas que busquem o propósito maior da restauração da Criação. Neste sentido, o problema não está no mundo físico criado por Deus (que é originalmente belo, por ter sido criação dele), mas na ordem deste mundo, no pecado (pois o pecado manchou o que era belo) – e a solução para o pecado é a transformação das pessoas pela pregação do evangelho a fim de que possam ao máximo levar a dignificação para as pessoas e a restauração inclusive do meio ambiente, que também foi maculado pela atuação do pecado dos homens. Em suma, todas as coisas são feitas por Deus e todas as coisas devem apontar para a glória, para a soberania dele – para isso é necessário que os seus súditos sejam agentes que promovam a remissão da criação.

Tal ação caminhava na contramão dos calvinistas americanos e de outros locais, totalmente voltados meramente a debates teológicos como a doutrina da predestinação, pouco envolvidos com os problemas práticos do cotidiano, como traz KOYZIS (2014, pg. 275): *“As ideias políticas de Kuyper não se desenvolveram numa torre de marfim, mas sim no decorrer de uma vida de reflexão e de ação na esfera pública. Ele não criou uma teoria política sistemática, mas lançou os alicerces necessários para esse tipo de projeto.”*

O pastor holandês propagava um conceito que ele chamou de “soberania em sua própria esfera” ou “responsabilidade diferenciada”, que implica na crença de que existia uma soberania última pertencente ao Criador, de modo que todas as demais instituições sociais estariam vinculadas a este fato, não limitando o emprego do pensamento apenas às autoridades políticas, igreja e Estado (*Ibdem*, pg. 278-279):

A família, a escola, a empresa, o trabalho, as artes e demais aspectos da sociedade são todos soberanos em suas respectivas esferas. Cada uma dessas múltiplas comunidades e projetos detém autoridade dentro de uma esfera específica, cujos limites são estabelecidos pelo Criador. Tais limites não poderiam ser transgredidos sem que disso resultem graves prejuízos à estrutura social ordenada por Deus. Assim, por exemplo, quando o Estado age de forma totalitária e tenta invadir ou subjugar as outras esferas sociais, a soberania própria das esferas é transgredida. Kuyper afirmou estes princípios, de um lado, contra as concepções estatistas totalitárias e, do outro, contra o clericalismo ou integralismo medieval, que, em última análise, tentava subordinar toda a sociedade à autoridade da igreja instituída. Foi tendo em mente essa doutrina da soberania das esferas que Kuyper deliberadamente fundou a Universidade Livre (...) em se tratando de uma comunidade educacional, sua missão era distinta da missão da igreja e do Estado; ela possuía, portanto, sua própria esfera de autoridade, a ser respeitada por essas outras instituições.

O contexto em que o Neocalvinismo holandês se desenvolveu era o de contraponto aos ideais postos na revolução francesa, sendo este um dos motivos de o partido criado por Kuyper na Holanda ser o Partido antirrevolucionário. A intenção do holandês e de seus posteriores foi que o cristianismo permanecesse relevante nos espaços públicos, mas para tal era necessário revisar algumas posturas identitárias, inclusive a noção de soberania, tendo em vista que os termos anteriormente colocados não tinham combinação com o pensamento dele quanto à legitimação do poder e sua relação com o cristianismo, que tinha Deus como soberano (REICHOW. 2014, p. 48):

Para Kuyper e seus seguidores, a soberania não poderia encontrar seu fundamento no contrato social – seja ele hobbesiano, lockiano ou rousseauiano. Um modelo contratualista de legitimação da soberania era, de acordo com Kuyper, a expressão suprema, em termos políticos, da autonomia humana em relação a Deus, que fora desenvolvida no período moderno. Essa expressão teria suas raízes em um motivo religioso. Tal autonomia foi expressa em Hobbes, por exemplo, quando defende que o Estado moderno recebe sua soberania do pacto realizado pelos indivíduos, que em troca de segurança, doam sua liberdade ao Leviatã, que passa a ter direito sobre outras esferas da vida. A partir da compreensão kuyperiana, no entanto, não são os direitos individuais nem o Estado moderno - como ente essencializado - que fundam e legitimam o poder. A partir de uma perspectiva cristã, defendiam eles, só há um soberano: o próprio Deus. Uma primeira afirmação que se faz, portanto, em relação ao Estado é a seguinte: o Estado não pode ser Deus.

Considerando tal pensamento reformado, compreende-se, por exemplo, que o governo civil não pode desrespeitar o direito que a igreja tem de governar a si mesma, do mesmo modo que a igreja também não pode controlar as ações do governo, de maneira que a soberania das esferas envolve a noção de que não existe hierarquia entre as esferas na sociedade, apesar de haver as hierarquias de autoridade internas, próprias de cada esfera. Assim, no que se refere à autoridade do Estado, há uma diferença entre esta e as demais pelo fato de ter a justiça como particularidade que a define ou “*o Estado e suas autoridades de governo se diferenciam das outras comunidades por uma relação particular entre o poder e a justiça. No conceito proposto por Dooyeweerd, o Estado é historicamente fundado e juralmente qualificado*” (KOYZIS. 2014, pg. 292).

Para que haja equilíbrio e a soberania das esferas seja aplicada, o Estado não teria que instituir novas instituições, antes, deveria condescender com as existentes e oportunizar preservação legal, também estabelecer relações entre as autoridades das demais esferas, tendo em vista o entendimento reformado de que o propósito de existência do governo civil é a ação em benefício da sociedade, controlando o mal (resultante do pecado promovido pela humanidade). Deste modo, todas as esferas têm sua soberania, não devendo o Estado agir de modo onipotente.

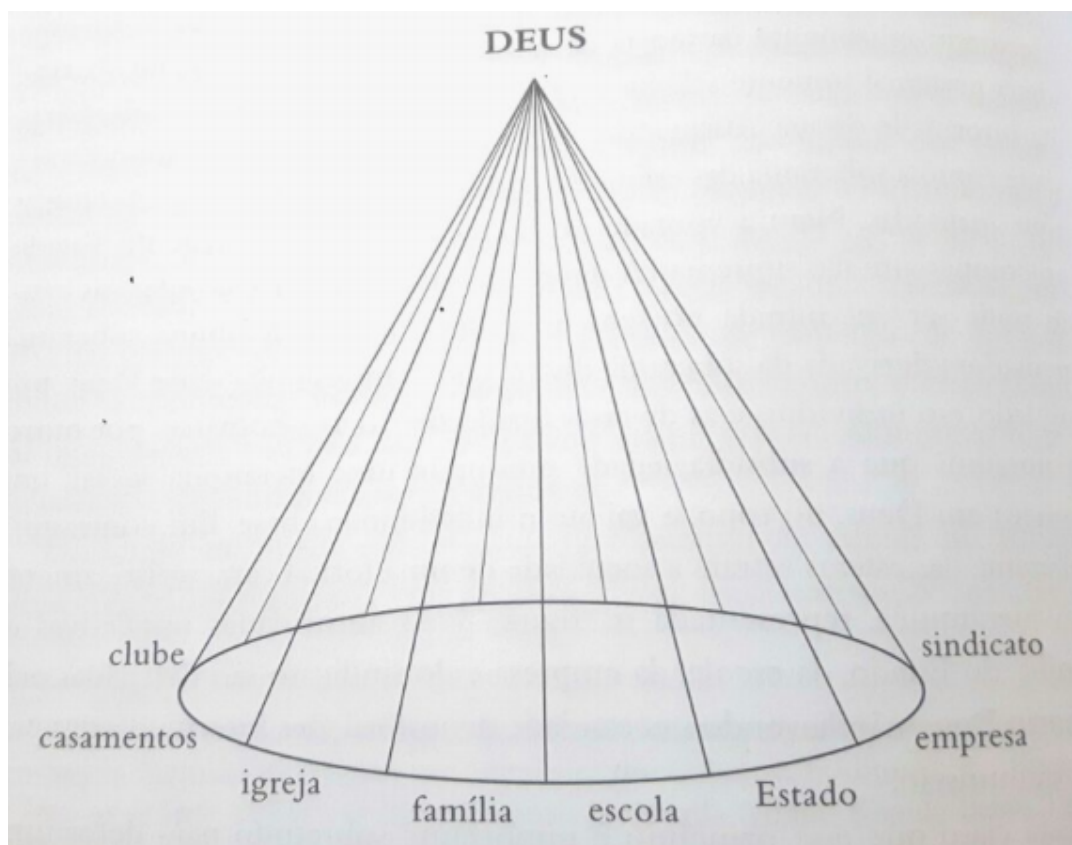


Imagem 22

Kuyper também absorve o pensamento de Calvino que, embora não fosse um teórico especificamente da política, tratou sobre a temática em sua principal obra “As Institutas da Religião Cristã”. Calvino coloca os cidadãos como envolvidos ativamente na vida comum do seu meio, posto considerar que a comunidade política seja uma *res publica* (coisa pública). Os reformadores concebiam a ideia de que toda autoridade necessariamente é instituída por Deus, e tal conceito não é original a homens como Calvino, mas é apresentado em vários trechos das Escrituras, como traz o Apóstolo Paulo em sua carta aos Romanos, 13:1-5: “*Todos devem sujeitar-se às autoridades governamentais, pois não há autoridade que não venha de Deus; as autoridades que existem foram por ele estabelecidas. Portanto, aquele que se rebela contra a autoridade, se opõe contra o que Deus instituiu (...)*”.

Por ter autoridade sobre a estrutura da criação, há uma determinação divina de que toda autoridade terrena seja relativa e dividida de acordo com as áreas da vida. Neste cenário estão as relações humanas com todas as associações que a cercam, como explicam Leonardo Ramos e Lucas Freire em sua contextualização da abordagem do neocalvinista Herman Dooyeweerd em “Estado e Soberania” sobre o princípio da doutrina da soberania absoluta e incondicional de Deus (KOYZIS. 2014, p. 19): “*este princípio determinava que a origem última de qualquer autoridade humana era o próprio Deus, e não um contrato social ou qualquer outra coisa pertencente ao ser humano: autoridade sobre homens não pode emergir dos homens*”.

Algo que pode ocorrer ao observar tal linha de pensamento é a interpretação equivocada de que este pensamento é teocrático. Quando o Neocalvinismo interpreta Calvino, considera que a “licença” para uma teocracia ocorreu apenas em Israel, posto que, segundo as Escrituras, o governo era diretamente efetivado por Deus que, diretamente, intervinha nas decisões por meio dos seus seguidores. Calvino acreditava que o problema da política deveria ser analisado a partir de discussões políticas, tendo como consequências ações políticas e tendo como canal de respostas o corpo político, estando este naturalmente submetido à soberania de Deus.

Já para o pensador Dooyeweerd, tais questões colocadas por Calvino e posteriormente por Abraham Kuyper estão postas de modo que as interações do homem com o seu meio têm como base as experiências com as “esferas modais” (sendo quinze

delas) de maneira que há um contraponto entre o aspecto lógico e os não lógicos de nossa experiência. Ramos & Freire dizem que esta noção mais amplamente desenvolvida por Dooyeweerd apresenta uma articulação “*mais detalhada e rigorosa do caráter plural dos aspectos modais. Uma vez que as atenções são voltadas para o ‘núcleo irreduzível’ de cada uma de tais dimensões, seria possível identificar pelo menos quinze aspectos modais da realidade*” (*Ibdem*, pg. 25).

Antes de apresentar a explicação de Dooyeweerd a tal conceito, cabe colocar que o princípio da subsidiariedade - conceito adotado e expandido pelo francês Jacques Maritain (1882-1973). O princípio da subsidiariedade foi uma teoria que teve estreita relação com a teoria das esferas e que buscava fazer uma distinção entre Estado como instituição específica e corpo político ou sociedade política, por um outro (*Ibdem*, p. 264):

O Estado é a parte superior, a que mais diretamente lida com a manutenção da ordem e da justiça no corpo político. O Estado é superior aos outros grupos na sociedade porque os organiza em prol do interesse comum e geral. No entanto, apesar de ser a parte superior ou mais elevada, o Estado é, num sentido importante, inferior ao corpo político como um todo e deve ser visto como seu servo (...) só Deus tem soberania no sentido estrito. Qualquer autoridade que o Estado possua é concedida por Deus.

A figura abaixo mostra a hierarquia do princípio da subsidiariedade com o mundo sendo a pirâmide em que Deus está sobre tudo e as demais estruturas submetidas a ele, sendo a igreja a que está imediatamente abaixo dele (por transmitir a graça aos fiéis por meio da pregação da palavra de Deus, assim como por ser responsável pelo cuidado com as almas das pessoas rumo à vida eterna). Logo depois temos o Estado baseado na capacidade racional humana em busca de que todos tenham acesso ao bem, ao que lhes é fundamental. O Estado é então seguido pelas estruturas intermediárias, as várias comunidades subsidiárias que exercem suas funções sociais, seguidas pelo indivíduo, discordando de ideologias que colocam o Estado e o indivíduo em correlação como se fossem os únicos componentes sociais. Antes, as demais estruturas se inserem entre os mesmos, apresentando alternativa a uma totalização do Estado e protegendo as pessoas contra as autoridades políticas (*Ibdem*, pg. 267):



Imagem 23

Imagem: A ontologia social hierárquica da subsidiariedade (KOYZIS. 2014, pg. 266)

O princípio da subsidiariedade não quer dizer que se anulem as hierarquias de autoridades, os demais poderes existentes. O que ocorre é que tais autoridades são vistas como ocorrendo uma limitação da sua natureza, pois a autoridade que lhe é atribuída em dada circunstância permanece limitada a dado contexto, não se expandido para outras esferas. Não há uma relação hierárquica permanente e irreversível que não do próprio Deus, por ser ele o soberano sobre todas as coisas.

Herman Dooyeweerd também acreditava que a criação não era um mero resultado do acaso, mas seguia as regras estabelecidas pela graça dele. Ainda que considere a lista abaixo provisória, Dooyeweerd igualmente acreditava que somente Deus é absoluto, e todas as coisas criadas por ele fazem referência a uma outra coisa, então esta criação cria sentido ao fazer referência a algo, mas perde o sentido quando é tomado em si mesmo. Comumente o pensamento teórico não teísta atribui grau de importância apenas a um dos modos apresentados em qualquer representação de divisão social.

O aspecto modal é seguido por um momento nuclear que atesta a inflexibilidade de seu significado. Ele entende que o princípio estrutural de algo deve ser investigado além das leis que regem uma única esfera modal, rejeitando compreensões focadas apenas em um sentido, tratando tais como reducionistas.

Aspecto modal	Momento nucleal
Numérico	Quantidade discreta
Espacial	Extensão contínua
Cinemático	Movimento
Físico	Energia / matéria
Biótico	Vida orgânica
Sensitivo-psíquico	Sensação e sentimento
Lógico	Distinção analítica ou racional
Histórico	Poder de formação cultural
Linguístico	Significação simbólica
Social	Intercurso social
Econômico	Alocação frugal
Estético	Harmonia
Jurídico	Retribuição, juízo
Ético	Amor / caridade sacrificial
Pístico / fé	Confiança / crença

Imagem 24

Fonte: Livro Estado e Soberania (Herman Dooyeweerd). Imagem com base nos estudos de Dooyeweerd e nos comentários de Guilherme de Carvalho e Jonathan Chaplin.

No sistema filosófico propagado por Dooyeweerd são debatidas as estruturas nas quais se fundamentam a teoria que o autor difundiu designando-a como filosofia cosmonômica. Com uma leitura crítica da realidade, o holandês também buscou denunciar o que ele chamou de dogma da autonomia religiosa da razão, ao mesmo tempo em que incentivou o incontestável diálogo entre fé e racionalidade em conversa com o desenvolvimento de uma Teologia Pública.

A proposta cosmonômica difundida por Dooyeweerd (assim como pelo Calvinismo em geral) compreende que há uma ordem no cosmos, mas cujo sentido parte

em seu início e busca a sua conclusão com os resultados apontando para a existência de um Criador. Neste Criador – e não no próprio cosmos – está o fundamento de todas as coisas. Deste modo, assim como a Bíblia apresenta no Evangelho de João 1:1: “*No princípio era o Verbo (o arché), e o Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus*”, o filósofo holandês afirmava que o sentido de todas as coisas estava baseado neste *arché*, ele é ao mesmo tempo a origem da busca humana por sentido, e ele também é o próprio sentido, pois a nossa visão de realidade é maculada, incompleta, equivocada, limitada, como traz CARVALHO (2006, pg. 95):

Isso seria nada menos que uma admissão irrestrita do teísmo cristão como ideia de origem e ordem cósmica; não do teísmo no sentido aristotélico-tomista, propriamente, mas no sentido calvinista: [...] Deus soberano, princípio da ordem cósmica, além de toda lei – mas sustentador de todas as leis, transcendente e distinto de todas as criaturas, e de todas as esferas da nossa experiência temporal.

Para o Neocalvinismo, a natureza da criação de Deus e a redenção promovida por Jesus na cruz do Calvário estão totalmente ligados; de modo que há uma separação existente, mas – como já dito anteriormente - não entre um ambiente físico profano e um outro metafísico e sagrado, mas entre os atos considerados pecaminosos e os atos que testificam a remissão; entre o agir contra a vontade de Deus se entregando aos prazeres mundanos e a ação de negar a si mesmo, obedecendo aos mandamentos apresentados na Escritura Sagrada. Dooyeweerd então explica o posicionamento do coração como centro religioso da existência humana (2014, p. 43-45):

Deus criou a humanidade à imagem dele. No coração da humanidade – a raiz da religião, o centro da existência humana, Deus concentrou toda a criação para o seu serviço. No coração, ele colocou a raiz supratemporal de todas as criaturas temporais. Esse coração humano, de onde, segundo as Escrituras, procedem as fontes da vida, transcende todas as coisas temporais a serviço de Deus. Todo o sentido (significado) religioso da criação de Deus reside em nosso coração, todo o nosso ego, nosso *self* completo. Esse coração em que, conforme a Palavra, a eternidade foi colocada é o verdadeiro centro supratemporal da existência humana. Ao mesmo tempo, é também o centro criatural de toda a criação de Deus.

Ao mesmo tempo, no mesmo texto o autor desenvolve a crítica à noção de que a razão seria o centro da existência do ser humano. Para ele, o que ocorre verdadeiramente é que há um agente que corrompe a relação do homem com Deus, e isto traz consequências para todas as áreas da vida humana. O pecado original é este agente e consiste no coração estar voltado contra a vontade Deus de maneira que a humanidade,

em uma atitude enganosa, se vê como virtuosa em si mesmo, buscando a Deus de forma equivocada, dentro da temporalidade e não da eternidade, nascendo assim uma visão errônea de que a existência humana estaria fundamentada na razão, se contrapondo à ideia bíblica de que o próprio Deus é a razão absoluta (*Ibdem*):

Contudo, a filosofia pagã ensinou que a natureza de uma pessoa, o que inclui a natureza de todas as coisas temporais, encontra seu centro supratemporal na “razão”. Mas essa “razão” é, na verdade, nada mais que uma combinação de funções temporais da consciência (...) a vida temporal orgânico-biótica, o sentimento, o senso de beleza, nossa função no desdobramento histórico, na linguagem, na vida jurídica e econômica, etc. – todas essas são também funções do coração nesse sentido. Tão logo o pensamento cristão misturou-se com essa filosofia pagã, a relação verdadeiramente bíblica entre a vida no mundo temporal e o reino de Deus deixou de ser compreendida, e construções filosóficas falsas começaram a obscurecer a verdade clara e profunda da revelação de Deus.

O pensamento de João Calvino, sendo o fundamento sobre o qual se estrutura a obra não apenas de Kuyper, mas de Dooyeweerd, Rookmaaker e os demais neocalvinistas, deve ser analisado com o máximo de afinco a fim de que não haja uma leitura equivocada do seu sentido, sendo este o motivo de críticas que o trabalho de Weber recebe por parte de alguns estudiosos do teólogo reformista.

O ponto de partida para tal leitura, tendo em vista que o autor é fruto de seu tempo, começa por compreender a contextualização histórica em que Calvino está inserido: ele estrutura seu pensamento tomando como base os acontecimentos que cercam os séculos 14 ao 16, enraizado em uma transição do feudalismo para o modelo capitalista, sistema de governo teocêntrico bem contaminado por uma série de ideias, entre elas a venda de indulgências e outras práticas, as grandes navegações, o início das primeiras cidades com renascimento comercial e urbano e as estruturas que dão início ao capitalismo comercial ainda sendo montadas. Considerando tais pressupostos, como nos diz BIÉLER (2012, p. 34), “*não seria possível visualizar o pensamento econômico e social do reformador sem vinculá-lo estreitamente aos principais acontecimentos sociais e religiosos que, em longa medida, o determinaram*”.

Afirmar que o foco de Calvino seria tratar especificamente do contexto de riquezas parece um tanto quanto forçoso, tendo em vista que o propósito dele em suas obras não é necessariamente entrar em uma discussão econômica, antes o seu motivo é, não somente, mas, principalmente, teológico, posto que ele se debruça bem mais sobre o questionamento a respeito de porque que uns seriam agraciados por Deus com riqueza e outros não. O que Calvino destaca em sua fala e que usa como fio condutor de seu

pensamento principalmente em “As Institutas”, é a noção de que há uma conduta particular do sujeito, que deve refletir as convicções religiosas do mesmo no que ele e a teologia cristã chamam de mordomia (Livro III, pg. 244):

Nessa altura, devo dirigir a palavra àqueles que, não tendo nada de Cristo exceto o título, entretanto querem ser reconhecidos como cristãos. Que atrevimento daqueles quererem se vangloriar (...) o evangelho não é uma doutrina de língua, mas de vida. E, diferentemente das outras disciplinas, não se aprende só pela mente e pela memória, mas deve envolver e dominar a alma e ter como sede e receptáculo as profundezas do coração. Devem os cristãos nominais deixar de se gabar do que não são, com o que afrontam vergonhosamente a Deus, ou que tratem de mostrar que são de fato discípulos de Cristo.

Ao abordar a questão econômica nesta obra, Calvino busca andar por outro caminho quando se debruça sobre estes pontos: especificamente ela pretende se voltar ao entendimento sobre o papel do pobre e do rico na sociedade. O diferencial está no fato de que o cenário para seu enredo não é a economia em si, mas o questionamento: “Se Deus é o proprietário de tudo, porque uns têm oportunidade de serem agraciados e outros não?”. Além disso, precisamos ter em mente que a Reforma lida acima de tudo com um problema religioso (não obstante as críticas a tal afirmação), que está baseado no debate acerca da quebra de relacionamento entre Deus e os homens, sua salvação e os problemas que a própria igreja construiu devido a este fato.

Considerando tal questão, é preciso então focar o estudo em Calvino no pressuposto de que as coisas circundantes a este problema são inúmeras, entre elas os conflitos quanto ao lucro, o consumismo, a riqueza, entre outros pontos, pois tais questões têm estreita relação com a religiosidade do homem, tendo em vista que ele tem sua consciência e sua religiosidade atingidas conforme relaciona tais questões ao que considera pecaminoso. A compreensão do pensamento de Calvino leva o homem ao entendimento de que os problemas concernentes à economia são só parte dos tantos problemas que têm origem no modo de ser do homem, mas as orientações bíblicas mostram o motivo da deturpação humana ao mesmo tempo em que ali também se apresentam soluções para a adversidade.

Quando trata sobre a maneira como o homem deve compreender sua riqueza e como deve relacionar isso com sua relação com Deus e com o mundo, ele não lida com o aspecto das posses da forma de propriedade privada apresentada pós capitalismo, excluindo também as denominações próprias deste modelo, assim como também apresenta

no seu livro IV das *Institutas* um conjunto de regras para que haja um equilíbrio no uso dos bens, como explica BUENO (2021, pg. 144):

Não há em seu repertório um desenvolvimento de categorias como a de propriedade privada contraposta a de propriedade coletiva ou pública. Calvino trabalha primariamente com a noção de soberania divina, ou seja, que todas as coisas, incluindo os próprios seres humanos, com suas aptidões, pertencem a Deus, que usa desses recursos para suprir as necessidades pessoais (...). Portanto, tudo o que estiver em posse de um determinado indivíduo, incluindo sua capacidade de lidar com essas posses, deve seguir determinados critérios ou regras divinamente estabelecidas (...) a primeira delas é a gratidão a Deus (...) a segunda regra seria a meditação na imortalidade feliz (...) o terceiro ponto nesta lista é a paciência na pobreza e a moderação na riqueza (...)

Na sua quarta regra, ainda tratando da questão de como o homem lida com os seus recursos, Calvino passa a ideia de que o ser humano, enquanto criação de Deus, é administrador, mordomo dos seus bens, e não proprietário. Ele “recebeu emprestado” do Criador, logo, deve prestar contas da forma como os administra, fazendo-o da forma como Deus ordenou, e não como lhe apraz, assim também como explica que o critério estabelecido para esta prestação de contas é a repulsa à banal satisfação em acumular bens. Antes, a motivação deve ser que haja a prática do amor na gestão de tais recursos, posto que tais recursos devem sempre ser exercitados em favor do outro. Em suma, Deus concede riquezas a alguns indivíduos, mas o faz para que os que a recebem tenham em vista a gestão de tais recursos para que os outros também sejam beneficiados por eles tendo em vista os atos de misericórdia (*Ibidem*, pg. 145):

(...) a quarta regra que é princípio geral para o uso dos bens materiais: reconhecer que somos mordomos ou administradores dos bens de Deus. Assim, ao usar a analogia de um mordomo ou administrador, deve ser observado em primeiro lugar que o objetivo de Calvino era comunicar o conceito de que tudo o que estivesse sob o domínio de um indivíduo não lhe pertencia de fato. (...) de início já se descarta o mero acúmulo ou multiplicação de um patrimônio deixado sob custódia, mesmo porque a moderação, a modéstia e a frugalidade são conceitos característicos de uma ética calvinista (...) esta mordomia sempre deve ser exercida em relação a alguém.

Calvino também tem toda a sua filosofia construída na crença de que há uma natureza humana. Se há natureza humana, o homem é o mesmo em todo século e lugar, ou seja: para Calvino, o que for dito sobre o homem vale para o ser humano em todas as suas categorias históricas, desde o homem do Egito Antigo, ao homem da Grécia Antiga ao homem dos séculos 16, 17 e os demais até o presente momento. Se ele irá tratar da concepção das riquezas e da pobreza, ele entenderá que dado fato vale para a história da

humanidade até a posteridade. O problema aqui não repousa na questão material, mas no próprio homem.

O homem é dotado de paixão e de razão, então racionalmente ele pode até entender e querer utilizar racionalmente os seus bens, sua riqueza, mas por outro lado ele tem o que lhe é passional, aquilo que muitas vezes a razão não controla. A condenação do homem para Calvino está no ponto de, apesar de o homem já ter algo, ele mover a sua vida em busca de querer ter mais, não controlando sua sanha de sempre querer adquirir, consumir mais, não apenas o que consumir no hoje, o que lhe é necessário pra a subsistência, mas de deixar mais para manter a si mesmo atualmente e até suas gerações posteriores.

Ainda que haja uma apresentação da economia primitiva como abundante, suficiente para atender às necessidades da sociedade, um elemento também existe nesta sociedade que leva a humanidade a desconsiderar tal fato: o pecado. Biéler nos diz que este mal metafísico atua de forma tão evidente nos corações humanos, que rompe a solidariedade, mas o sinal de Deus para a restauração dos laços deve ocorrer por meio de sua igreja, de modo que Deus provê para a restauração um ato: *“preparar a redenção do universo inteiro e suscitar uma sociedade nova, em que os bens econômicos reencontram sua primeira destinação. A Igreja de Jesus Cristo é incumbida de dar ao mundo, já agora, alguns sinais desta restauração, a que é chamada a humanidade toda”* (2012, p. 380).

Para o cristianismo (e Calvino concorda totalmente com tal afirmação), não há uma separação entre a existência espiritual e a vida material, antes, os bens materiais devem ser sinais da graça de Deus, instrumentos para abençoar os povos, pois, *“até onde são o veículo e o sinal da graça geral de Deus, não têm apenas um valor espiritual objetivo. São ainda dotados de um valor pedagógico subjetivo: por eles quer Deus a si conduzir os homens. São, pois, figura do Reino celestial.”* (Ibidem, pg. 381).

Tal noção está pautada na ideia de que não se pode desejar os bens ao ponto de que isto domine o homem. Calvino entende que muitas pessoas se afastam de Deus mesmo depois de conquistarem muitos bens justamente porque não compreendem a razão de ser daqueles bens, que justamente têm tanto a utilidade de ajudar os que nos cercam quanto de nos lembrar de onde vêm o sustento: *“as questões materiais são uma forma de Deus nos lembrar, constantemente, de que somos pecadores e que esta enfermidade do nosso espírito nos impede de enxergar que uma vida material equilibrada é o passaporte para a vida eterna na contemplação do Senhor”* (Ibidem, pg. 124).

O problema para a visão de mundo calvinista não está no fato de desejar os bens, mas sim de que tais desejos dominem o homem ao ponto de ele esquecer qual o seu propósito, pois a vida equilibrada é essencial ao cristão genuíno. Ao buscar responder porque uns têm mais e outros menos, Calvino explica que, assim como ocorria na economia primitiva, em que não era necessário um explorar o outro (pois a natureza oferecia o sustento), a base de sua teologia perpassa pela ideia de que é preciso olhar para esta mesma economia primitiva, e se tal ação não é vivenciada (com a dignificação dos pobres e não somente dos ricos), isso ocorre porque o indivíduo se apropriou e monopolizou parte daquela economia, então falta para todos. Ao mesmo tempo, há no discurso de Calvino nas suas Institutas uma contínua referência ao cuidado com os pobres, de modo que ele chega a vincular as posses da igreja proporcionalmente à necessidade dos vulneráveis (As Institutas, Livro IV, pg. 82):

A cada passo se pode encontrar, tanto nos decretos dos sínodos, quanto nos escritores antigos, que tudo quanto a Igreja possui, seja em propriedade, seja em dinheiro, é patrimônio dos pobres. E assim frequentemente ali é entoada esta cantilena aos bispos e diáconos: que se lembrem que estão a manejar não valores próprios, mas os destinados à necessidade dos pobres; valores que, se de má fé são suprimidos ou dilapidados, se constituem réus de sangue. Daí serem admoestados a que, com sumo tremor e reverência, como à vista de Deus, os distribuam, sem acepção de pessoas, àqueles a quem se devem.

Ao analisar o contexto histórico das falas de Calvino, André Biéler também apresenta o cenário da Europa naquele momento de início de século 16: crescimento no número de proletários miseráveis, concentração de riqueza na mão de poucos, gerando grande desequilíbrio econômico e social. Calvino passou a ser uma relevante voz no combate ao amor pelas riquezas e a favor do auxílio dos ricos em relação aos pobres, alertando para a necessidade de demonstração de empatia dos que possuíam bens em relação aos vulneráveis (2012, pg. 203).

A partir da análise tanto do discurso de Calvino quanto de seus interlocutores, vemos uma ênfase ao cuidado da igreja em relação aos que sofriam marginalização social, sendo uma das principais colaborações do Neocalvinismo justamente a releitura que traz do sentido pretendido por Calvino quanto ao homem e sua relação com seus bens. A postura de Calvino quanto ao uso das riquezas sai do âmbito teórico para a observação de uma teologia aplicada: compreende-se o que é exposto na sua perspectiva sobre a divindade e suas aplicações para a vida cotidiana do cristão a partir da noção de que somos

mordomos de Deus, administradores dos bens graciosamente emprestados por ele, como nos traz BUENO (2021, pg. 159):

Calvino buscava desenvolver o que podemos chamar de teologia uma aplicada. Partindo do conceito de soberania divina, sua conclusão é que não somos proprietários de nenhum tipo de bem material. Aliás, não pertencemos nem a nós mesmos, pois tudo nos foi dado em custódia, e, como administradores, vedemos nos orientar pela vontade do real proprietário – Deus.

Para Calvino, Deus concede riquezas a alguns indivíduos para haja, em primeiro lugar, um sustento pessoal e depois para que os necessitados tenham como ser acudidos em suas dificuldades materiais. Não fazê-lo é, na perspectiva de Calvino, um grave pecado, pois tal pessoa possuidora de bens estaria inviabilizando que o outro seja abençoado pelas suas posses (2009, posição Kindle 3553): *“negligenciar aos santos, quando necessitam de nosso socorro, é algo mais do que apenas ausência de bondade, é usurpá-los daquilo que lhes é devido.”*

Qual o motivo de tanta ênfase nos pobres, nos desvalidos? Na verdade, não se observa em si uma condenação às riquezas, mas sim a repreensão à demonstração de amor por elas ao ponto de que tal apego levasse ao esquecimento dos que não tinham condições de desfrutar de uma vida digna. Há nele um destaque à fala de que o que muito possui deve usar os seus bens para cuidar, para dignificar aquele que não tem, concordando com a fala do Apóstolo Paulo (Efésios 4:28): *“(…) antes trabalhe, fazendo com as mãos o que é bom, para que tenha o que repartir com o que tiver necessidade”* e com o Apóstolo Tiago em sua repreensão aos ricos que esqueciam dos pobres (Tiago. 5:1-5):

Ouçam agora vocês, ricos! Chorem e lamentem-se (...) o ouro e a prata de vocês enferrujaram, e a ferrugem deles testemunhará contra vocês e como fogo lhes devorará a carne. Vocês acumularam bens nestes últimos dias. Vejam, o salário dos trabalhadores que ceifaram os seus campos, e que por vocês foi retido com fraude, está clamando contra vocês. O lamento dos ceifeiros chegou aos ouvidos do Senhor dos Exércitos. Vocês viveram luxuosamente na terra, desfrutando prazeres, e fartaram-se de comida em dia de abate.

Neste sentido, não há problema em possuir riqueza, contanto que o que a possui compreenda que Deus o agraciou a fim de que ele seja um instrumento divino na vida do pobre a partir de quanto passa a compartilhar seus bens com estes necessitados. Por consequente, os pobres existem como um chamado de advertência ao rico, uma voz de Deus dizendo ao que muito possui: *“compartilhe sua riqueza!”* – além disso, há um

chamado para que haja algum incentivo a que condições sejam apresentadas aos vulneráveis de maneira integral, de forma que eles também tenham acesso ao conhecimento para que a partir de suas própria ação, tenham a dignidade de promoverem a seu desenvolvimento pessoal (BIÉLER. 2012, pg. 214):

“A ação social reformada não se limita à assistência. Visa o homem em sua totalidade, ser espiritual e material. Os reformadores também estão constantemente preocupados com a formação profissional da população em geral e da juventude (...). Desde 29 de dezembro de 1544, intervém Calvino junto ao Pequeno Conselho para que este desenvolva a indústria da tecelagem a fim de contribuir para a riqueza e o bem-estar da população.

Um outro campo de influência do neocalvismo é o da Economia, com pensadores como Bob Goudzwaard, Nicholas Wolterstorff, Roland Hoksbergen, entre outros. Kuyper acreditava que era fundamental se desenvolver especificamente uma teoria econômica estruturada no pensamento de Calvino, extraíndo o âmbito especificamente teológico e analisando todas as vertentes capazes de se inferir atenção a partir das conclusões de seus textos. Kuyper criticava o formato apresentado pelo socialismo, apresentando como melhor alternativa a teoria das esferas a partir do que denominou “comunidade confessional”, de modo que cada comunidade teria condições de produzir instituições em esferas diversas, permanecendo com sua confissão de acordo com seus princípios de manifestação da crença.

Nessa perspectiva, o conceito de “comunidade confessional” estava ligado à crença de Calvino exposta anteriormente de que o ser humano é necessariamente um sujeito naturalmente religioso, de maneira que necessita apresentar seus pecados pósticos em algo ou em alguém. Tomando como parâmetro que Kuyper acreditava que todo o pensamento humano estaria estruturado de forma transversal aos pressupostos religiosos, a economia também estaria envolvida nisso. Desta forma, a economia deveria ser mais um instrumento utilizado para produzir justiça, sendo que ao governo (garantidor de justiça) deveria ser também um promotor da garantia das leis trabalhistas e do assistencialismo aos seus dependentes.

Kuyper demonstrou uma preocupação com o aspecto prático desta questão ao chamar a atenção de seus ouvintes para não apenas reconhecer a falha da igreja em sua postura de omissão quanto aos vulneráveis, mas muito além disso, para a prática das ações e misericórdia.

Como dito anteriormente, em novembro de 1891 ele abriria o primeiro Congresso Social Cristão na Holanda (poucos meses após a publicação da Encíclica católica *Rerum*

Novarum) com uma fala intitulada *O Problema social e a religião cristã*. Porém, sua preocupação com os vulneráveis não surge somente a partir de seu discurso, como apresenta James Bratt (2001, p. 38):

A paixão dele pelo pobre foi persistente não apenas em 1891 no Congresso Social Cristão, mas muito antes e também depois. Não apenas seus pronunciamentos sobre ética social, como também sua política, sua história, seu comentário bíblico, sua eclesiologia, suas reformas para a escola e para a universidade: em todo o lugar, o pobre é citado. Em todo lugar Kuyper coloca Deus do lado deles.

Uma outra contribuição do neocalvinismo está relacionada à construção de uma nova forma sobre como a igreja cristã deve se envolver com a arte. Neste campo o escritor holandês Henderik Roelof “Hans” Rookmaaker (1922-1977) tornou-se o maior expoente, tendo em vista que a partir dele houve um incentivo à compreensão do papel da arte enquanto comunicadora do mundo à sua volta e servindo como expositora da cosmovisão dos artistas de cada época. Rookmaaker teve contato com o pensamento dos “pais” do neocalvinismo quando da sua prisão na Ucrânia. Entre os anos de 1942 e 1945. Rookmaaker, então cadete naval do exército holandês, foi preso no período da invasão da Alemanha de Hitler ao seu país. Enquanto encarcerado, teve contato com o capitão Johan Meeks que passou a mentoreá-lo teologicamente e o apresentou aos escritos do pensador Herman Dooyeweerd. Quando se libertou, passou a se dedicar ao estudo das artes, vindo a ingressar na vida acadêmica, tornando-se professor da Universidade Livre de Amsterdã, fundando naquela instituição o departamento de História da Arte.⁷⁶

Em 1948 Rookmaaker conheceu o teólogo cristão Francis Schaeffer e se aproximou ainda mais dos estudos sobre o Calvinismo, analisando a crise contemporânea na perspectiva cristã, mas pontando que esta não estava limitada às questões morais, mas tal crise também se mostraria evidente na cultura. Tornando-se membro do L'Abri⁷⁷, na Suíça, Rookmaaker fundou a filial holandesa deste centro e também utilizou do local para compartilhar suas ideias a respeito de como a arte havia se colocado à margem do pensamento cristão e como se fazia necessário desenvolver uma arte dialogal e profunda,

⁷⁶ PORTO. 2016, p. 162

⁷⁷ Fundado por Francis Schaeffer e sua esposa Edith em 1955, o L'Abri é conhecido como um dos mais importantes centros de propagação do pensamento neocalvinista.

fugindo do esvaziamento e de uma realidade achatada diante dos olhos, perdendo o significado do mundo.

Para ele, as artes tinham o compromisso ao mesmo tempo de nos conectar com o belo, dando forma aos sentimentos mais complexos do homem, mas também participando de seu tempo histórico como defensores, críticos, ou mesmo como um dos principais responsáveis pela transição de uma era para a outra. O artista ao mesmo tempo seria fruto de seu tempo e de suas circunstâncias, com sua visão de mundo focado na busca pelo belo nas formas e técnicas de sua arte, também promovendo a expansão da imaginação e da emoção da sociedade.

Em sua crítica à atuação do Iluminismo na arte, explica que os artistas passaram a observar apenas fatos ao invés de significados (2015, p. 69): *“Os quadros históricos neoclássicos ou românticos já mostram a perda do significado: muitas vezes, eram grandes reconstruções de uma cena de muitos anos atrás, uma espécie de fotografia ampliada de como o pintor pensava que seria.*

O autor também constata que os protestantes dos séculos 18 e 19 agiram de forma anti-intelectual, se limitando a uma fé meramente experiencial e tomada por emocionalismo, descompromissada de estudos mais profundos sobre o contexto em que estavam inseridos, de modo que, entre outros, *“a pintura de temas bíblicos acabou por adotar o espírito da época, registrando os eventos com precisão fotográfica, mas sem indicar significado”* (PORTO, 2016. p. 165). Rookmaaker também conclui que tal postura inclusive acabou por induzir nas demais representações utilizadas no meio protestante, transformando Jesus em um homem manso, demonstrando um afeto desligado desta realidade, de modo que a própria compreensão sobre a pessoa de Jesus passou a sofrer de uma certa reformulação (2015, p. 86):

(...) as falsas ideias que muitas pessoas, cristãs e não cristãs, fazem de Cristo como um homem sentimental e, de certa forma, afeminado, manso, “afetuoso”, que nunca foi realmente deste mundo, sejam consequências da pregação inerente das imagens dadas às crianças ou penduradas na parede? Sua teologia e sua mensagem não são as da Bíblia, mas do liberalismo do século 19.

Em suma, Hans Rookmaaker situa a música, a pintura, as expressões artísticas em geral como o belo, e o belo como o bom, e este último como o justo – e todos têm sua origem em Deus, que usa a mente e o talento do artista para manifestar a beleza divina através de seus pincéis, cordas, metais ou quaisquer instrumentos utilizados. O Apóstolo Tiago diz que *“Toda boa dádiva e todo dom perfeito vêm do alto, descendo do Pai das*

luzes, que não muda como sombras inconstantes” (Tg. 1:17). Na visão de Hans Rookmaaker e dos demais expoentes do Neocalvinismo, a expressão artística não precisa ter um “selo protestante” para ser boa, para ser contemplável. O prazer que a arte promove é oportunizado por Deus para que o homem se deleite nisso, e a diversão, o lazer até então condenado por algumas alas do cristianismo, passam a ser apresentados de outra forma por Rookmaaker (2010, pg’s. 74,76):

Não se deve interpretar que o entretenimento em si é errado. Até certo ponto, toda arte é entretenimento, uma oportunidade dada por Deus para relaxar com boa música, boa arte e bons livros. Nada há de errado com a balada, com a música dançante (Mozart compôs várias desse tipo); nada há de errado em se produzir desenhos, cartazes e ilustrações. Porém, tudo terá de ser feito com qualidade (...) jamais dizer que nosso trabalho é diretamente inspirado e feito por Deus. Seria blasfêmia dizer que nosso trabalho é obra de Deus. Contudo, podemos louvá-lo pela força renovadora que ele nos deu em Cristo e por sua ajuda quando conquistamos algo que reflete amor, vida, beleza, justiça paz e alegria – talvez após muitas pesquisas e estudos.

Nesta visão, a beleza da realidade de Deus é vista em tudo o que manifesta o encanto harmônico que o divino criou. Não apenas no uso da arte, mas também em outras questões do cotidiano, o que geralmente se considera trivial, mas que trazem o que é belo à vida humana. Desde o uso das palavras, as habilidades diversas, a descrição da vida humana e tudo aquilo que pode ser bom ao apresentar valores virtuosos e que não transmitam algo que deturpe a noção divina apresentada nas Escrituras Sagradas pode ser considerado dádiva divina manifestada através do belo. Se transmite tais conceitos, pode ser considerado um presente de Deus, ainda que esta corrente creia que estes são meios para a conexão com Deus, e não o fim em si mesmo.

Francis Schaeffer, “tutor” de Rookmaaker, diz que o pecado original fez com que o ser humano perdesse, além de seu estado de inocência, o seu domínio pela natureza. Porém, ele também acreditava que ambos poderiam ser recuperados ainda em vida. Um deles poderia ser resgatado por meio da religião e da fé, enquanto que o domínio da natureza poderia ser recuperado pela arte e pela ciência (2010, pg. 19):

A arte e a ciência têm um lugar na vida cristã – não são periféricas. Para o cristão, redimido pela obra de Cristo e que vive segundo as normas das Escrituras e sob a liderança do Espírito Santo, o senhorio de Cristo deve incluir o interesse pela arte. O cristão deve usar a arte para glorificar a Deus, não simplesmente como propaganda evangelística, mas como algo belo para a glória de Deus. Uma obra de arte pode ser, em si, uma doxologia.

Não apenas a arte, mas tudo o que seja belo e justo, se são representações da existência de Deus para manifestação do que é belo, devem ser recebidos como presentes de Deus. O apóstolo Paulo diz que tudo o cristão faz deve de alguma forma glorificar a Deus (1ª Carta aos Coríntios, 10:31): *“quer vocês comam, bebam ou façam qualquer outra coisa, façam tudo para a glória de Deus”*. Ou seja: tudo à volta se torna “santo”, se sacraliza, a partir do momento em que é realizado reconhecendo que são presentes de Deus para o fiel. Seja abraçar os filhos, beijar a mulher, rir com os amigos, escrever um poema, tocar um instrumento; tais coisas glorificam a Deus quando são vistos desta forma: presentes de Deus que estão em consonância com os valores dele. Deus quem deu a habilidade, Deus quem deu aquele bom momento.

Igreja Cidade Viva

No ano de 2002, mais especificamente no dia 05 de dezembro, a Primeira Igreja Batista de João Pessoa, presidida pelo pastor evangélico Estevam Fernandes de Oliveira, emancipou uma congregação nascida poucos anos antes, autorizando sua instalação no Bairro do Bessamar, em uma pequena capela de madeira, na beira-mar da praia de mesmo nome. Naquele período, o líder da igreja era o pastor Inaldo Camelo. Naquele momento a igreja contava com aproximadamente quarenta frequentadores.

Passados menos de dois anos de sua emancipação, em julho de 2004, o então pastor de jovens da Primeira Igreja de João Pessoa, Sérgio Augusto de Queiroz, foi convidado para liderar aquela pequena e jovem igreja instalada em um bairro naquele período considerado de classe média alta. Sérgio não era pastor em tempo integral, mas o que no cristianismo é denominado de “bivocacionado”, pois também exercia a função de Procurador da Fazenda Nacional.

Era metade do ano de 2004 quando a igreja conheceu seu novo líder. A comodidade de um lugar à beira mar, uma pregação expositiva e contextualizada foram alguns dos elementos que fizeram com que a igreja atraísse muitas pessoas. Aos poucos a igreja mudou alguns paradigmas até então muito presentes nos cultos evangélicos na Paraíba: dispensou as cadeiras que tradicionalmente ficaram atrás do púlpito para que a alta liderança da igreja sentasse em lugar de destaque no decorrer do culto, além de descentralizar a liderança, incentivando o “sacerdócio universal”, tendo em vista a crença

do novo pastor que todos seriam chamados por Deus para uma missão, e não apenas o líder religioso, de modo que não haveria no líder necessariamente algo essencialmente superior aos demais em termos de espiritualidade.

Poucas semanas depois de assumir a igreja, o pastor recebe uma senhora que buscava ajuda para um filho dependente de crack, substância ainda pouco conhecida no Nordeste naquele período. Pensando na internação, perceberam que João Pessoa não tinha muitas opções na época além de instituições psiquiátricas e uma ou outra comunidade terapêutica com estrutura precária, mas desconhecidas pelo grupo. Desta forma, decidiram inicialmente a internação psiquiátrica e posteriormente o envio para uma Comunidade Terapêutica em outro Estado.

A partir deste fato, o pastor Sérgio compartilhou um antigo sonho de ter um lugar no qual a igreja investiria seu voluntariado para a ressocialização de excluídos. No mesmo ano de 2004 o pastor e parte da equipe encontram uma grande propriedade com cerca de 150 hectares (aproximadamente 370 acres) que estava à venda às margens da BR-101, cerca de doze quilômetros do centro de João Pessoa. Buscando aproveitar a oportunidade, o pastor resolveu que era o momento de convocar a igreja para uma atitude mais incisiva: ter um local para o tratamento de dependentes químicos – não somente isso – desafiaria a igreja para comprar uma área tão grande que serviria como base para o cuidado de vários rejeitados pela sociedade.

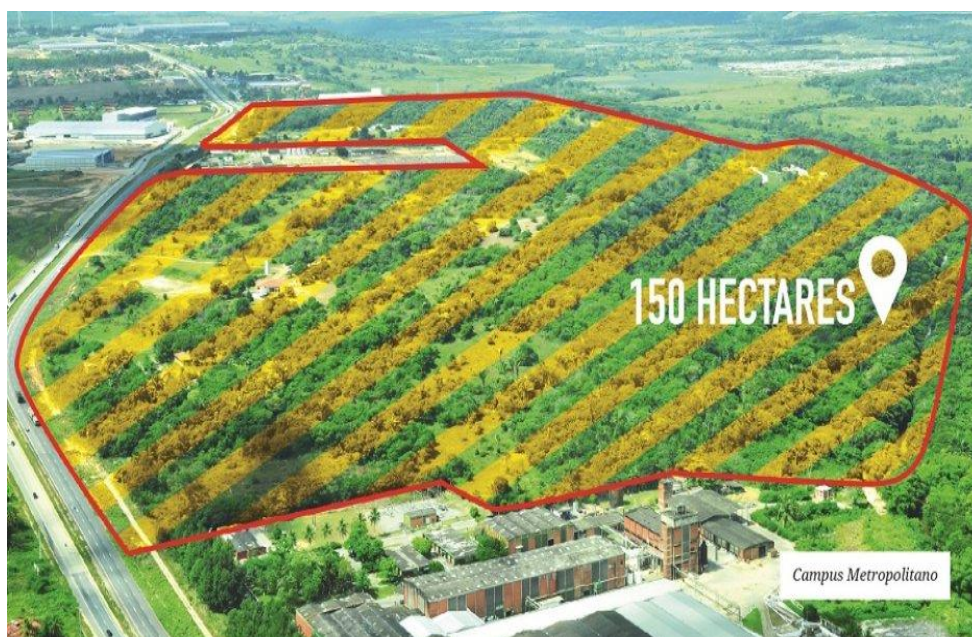


Imagem 25

Área adquirida pela Igreja Bessamar em 2004 onde funcionaria o Projeto Cidade Viva, que viria a tornar a Igreja conhecida pelo mesmo nome.

O projeto foi desenhado e chamado de Projeto Cidade Viva, com pretensão de abrigar um centro de reabilitação para dependentes químicos, centros de profissionalização para jovens e adultos carentes, área de esportes, entre outros. Naquele mesmo ano o projeto foi apresentado à igreja. O terreno naquele período custaria aproximadamente 1 milhão de Reais. A igreja tinha uma entrada de aproximadamente 12 mil Reais por mês e naquele momento tinha pouco mais de 5 mil Reais em caixa.

O discurso da liderança da igreja era que era necessário que cada um fizesse um sacrifício financeiro pessoal não para que (como é comum em discursos já citados aqui), recebessem algo de Deus, mas para que aqueles desprovidos de condições financeiras pudessem ter algum tipo de auxílio. No ideal desta interpretação bíblica, é doar não pedindo para receber algo em troca, mas doar como forma de gratidão devido ao fato de já ter recebido algo de Deus, além de ser aquele local um tipo de “oásis” aos que viviam no deserto da exclusão, como traz o pastor Sérgio Queiroz, idealizador do Projeto, no site da instituição, ao explicar o porquê da construção (QUEIROZ, 2018):

Surgiu então o plano inicial de construirmos uma cidade naquele lugar. Isso mesmo, uma cidade. Um lugar de refúgio, de esperança, de restauração, de comunhão e de inclusão. Uma cidade sem barreiras raciais ou sociais, um lugar especial onde ex-presidiários pudessem ser treinados e reinseridos na sociedade, onde crianças carentes pudessem ter uma educação de qualidade, onde idosos fossem acolhidos com amor e respeito, onde dependentes químicos encontrassem o caminho da restauração. Sem falar em áreas dedicadas ao esporte, à arte, à cultura, ao lazer, à tecnologia, à educação superior e ao desenvolvimento de soluções para os grandes males da humanidade. Um projeto de missão integral além da teoria. [...] A ideia de vivermos juntos um cristianismo integral, voltado à restauração de todas as áreas da existência humana, por amor a Deus e ao próximo, serviu como mola propulsora para o nosso envolvimento com a cidade e com os nossos semelhantes.



Imagem 26

O projeto apresentado, já com as divisões de como funcionaria cada estrutura
(imagem: cidadeviva.org)

Com a divulgação do projeto, várias pessoas passaram a frequentar a igreja, de modo que em poucos meses mudaram de local do culto dominical, da inicial capela de madeira para o ginásio de uma escola, logo depois para um salão de eventos de um *shopping* na capital paraibana. Atuar como igreja em uma quadra ou em um *shopping* causou, na época, crítica pelos grupos evangélicos mais conservadores, que afirmavam que a igreja deveria estar reunida em um templo que demonstrasse visivelmente ser aquela uma igreja protestante, e não com estrutura que não fosse possível tal distinção do que é “sagrado” quanto ao que é “profano”.

Como veremos posteriormente, a Igreja Cidade Viva se identifica como instituição Neocalvinista, e acredita ter como um de seus objetivos desafiar a lógica dualista no campo do sagrado. Um dos argumentos bíblicos utilizado para tal classificação é o texto da Carta de Paulo aos Coríntios, capítulo 6, versículo 19: “*Acaso não sabem que o corpo de vocês é santuário do Espírito Santo que habita em vocês, que lhes foi dado por Deus, e que vocês não são de si mesmos?*”. Ao falar sobre a prostituição e a importância de preservar a integridade física, Paulo recorda àquela igreja que o templo não é o lugar onde Deus habita, pois, na crença cristã, Deus agora está dentro dos que creem nele. Tal noção também foi seguida pelos líderes da Cidade Viva ao desvincular o culto à necessidade de uma estrutura predial que lembrasse um templo religioso, como

mais uma vez o pastor Sérgio Queiroz explana no site da instituição (QUEIROZ, 2018): *“Isso nos ajudou a entender que nós somos o templo do Deus Vivo, e não os prédios onde nos reunimos. ”*

Em cerca de quatro anos, por meio de campanhas de seus próprios membros, a igreja conseguiu pagar o terreno ao mesmo tempo em que construiu ali um centro de recuperação de dependentes químicos e um centro de treinamento. Para eles, este era evidentemente um milagre de Deus.



Imagem 27

Primeiros equipamentos do Projeto Cidade Viva construídos: comunidade terapêutica para dependentes químicos e centro de treinamento (imagens: cidadeviva.org)

No decorrer destes anos iniciais, ao mesmo tempo em que já tinham dependentes químicos sendo tratados na comunidade terapêutica, vários trabalhos com foco na transformação social de públicos em vulnerabilidade foram iniciados, com os membros da comunidade realizando trabalhos nos locais que já necessitavam de cuidado: junto a pessoas em situação de rua, no atendimento a crianças em instituições de acolhimento, na operação de ações junto aos hospitalizados, entre outros.

Ainda em busca de um local fixo, no ano de 2006 um empresário paraibano, sabendo das ações sociais da igreja, resolveu construir um grande prédio para alugar à igreja, onde até hoje funciona a sede da instituição. Em dezembro de 2007 a comunidade inaugurou o Centro de Convenções Cidade Viva, com um auditório para 1.500 pessoas,

além de outros espaços criados para desenvolverem os trabalhos, como o da Fundação Cidade Viva (FCV), que foi criada em 2008.

A FCV foi criada a fim de facilitar a atuação junto a instituições prisionais, hospitais, instituições de acolhimento de menores, escolas públicas, instituições de longa permanência para idosos, público em situação de rua, comunidades carentes e tantos outros lugares onde a dignidade humana precise ser afirmada ou restaurada, contribuindo em áreas sociais relevantes por meio de ações de apoio à família, educação, esporte e cultura, saúde, geração de emprego e renda, ao meio ambiente, promoção da ética, direito, cidadania e valores cristãos. Uma outra intenção da liderança ao criar a FCV foi desenvolver o trabalho com mais credibilidade, tendo em vista que as contas da Fundação sofrem constante auditoria pelo Ministério Público de Fundações e têm suas despesas e receitas abertas ao escrutínio da sociedade civil.

Enquanto a Igreja Cidade Viva no bairro Aeroclub (local de nossa pesquisa) conta com um público de pouco mais de 15 mil pessoas cadastradas entre membros e não membros, a Fundação Cidade Viva conta atualmente com quase 3 mil voluntários fixos registrados, sendo estes desde profissionais qualificados a jovens e adolescentes que dispõem de parte do tempo para auxiliar em demandas contínuas ou esporádicas da sociedade sempre que convocados.

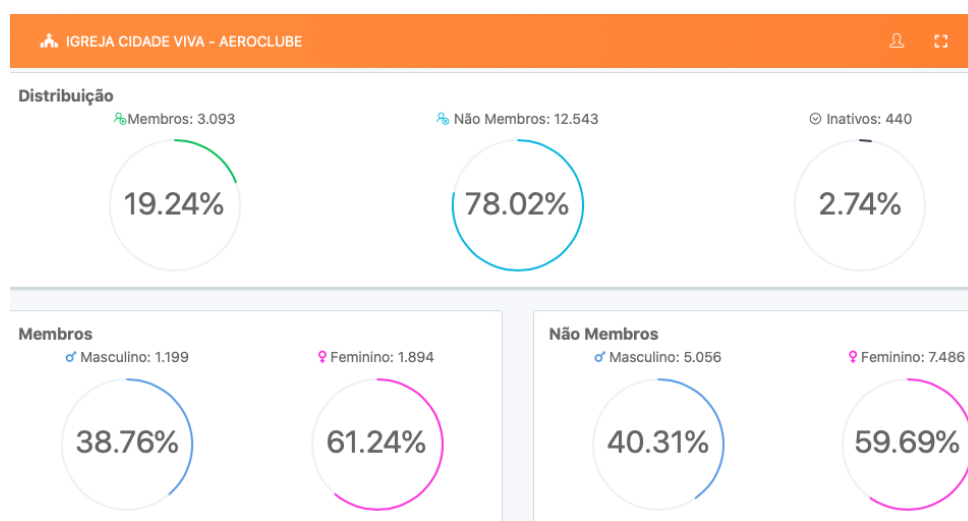


Imagem 28

Página do Sistema *Ekklesia*, onde são registrados os dados de todos os participantes da Igreja Cidade Viva. Em abril de 2021 a ICV tinha registrados um total de 15.636 participantes, entre membros e não membros. (Imagem cedida pela ICV)

Devido às ações na busca pela dignificação do ser humano, a Fundação Cidade Viva gradativamente foi sendo reconhecida não só pela sociedade civil, como pelos órgãos públicos, de forma que várias certificações lhe foram conferidas: Lei N° 11.491, de 1° julho de 2008: declarada Instituição de Utilidade Pública pelo Município de João Pessoa; Lei N° 618, de 29 de setembro de 2010: declarada Instituição de Utilidade Pública pelo Município do Conde; Lei N° 9.313 de 29 de dezembro de 2010: declarada Instituição de Utilidade Pública do Estado da Paraíba. Pela Portaria N° 3.101 de 26 de setembro de 2013, a Fundação Cidade Viva foi declarada Instituição de Utilidade Pública Federal.

No ano de 2010, foi iniciada a Escola Internacional Cidade Viva, braço da Fundação Cidade Viva voltado à promoção de uma educação de alto nível, com educação em tempo integral e ensino bilíngue, possuindo parcerias com as Universidade do Missouri, do Texas, a *Liberty University* da Virgínia e Universidade de Cambridge, funcionando como entidade certificadora da língua inglesa. O diferencial da escola também está no fato de receber ao mesmo tempo alunos oriundos de famílias de alto poder aquisitivo, ao mesmo tempo em que recebe, por meio de um programa de bolsas, pessoas de baixa renda, de modo que um grande percentual do lucro obtido na Escola é revertido para absorver o público de famílias vulneráveis.

Em dezembro de 2014 a Fundação Cidade Viva recebeu da Secretaria Nacional de Políticas sobre Drogas (SENAD), vinculada ao Ministério da Justiça do Governo Federal, o diploma Mérito pela Valorização da Vida 2014, em reconhecimento à contribuição de seus profissionais voluntários nas ações de implementação e fortalecimento da Política Nacional sobre Drogas.

Hoje a Igreja Cidade Viva tem um Núcleo voltado especificamente à atuação social, com 23 projetos sociais e 54 frentes de trabalho. Fora os locais de atuação pontuais, os voluntários da Igreja e Fundação Cidade Viva atuam de forma fixa em estruturas públicas de desenvolvimento social, divididos em 7 presídios e cadeias, 5 instituições de acolhimentos de crianças em vulnerabilidade, 2 abrigos de moradores em situação de rua, 3 unidades de ressocialização de menores em conflito com a lei, 5 hospitais, 2 instituições de longa permanência de idosos, mais de 10 comunidades com atuação fixa e mais de 40 cidades também com atuação fixa.

Além disso, há programas diversos de atuação junto a públicos vulneráveis, tais programas tanto podem ser tanto de longo quanto médio e curto prazo, como é o caso do

Projeto 21 Dias⁷⁸, um programa de acolhimento de público em situação de rua para ressocialização, encaminhamento para o emprego e aplicação de um modelo de intervenção semelhante ao *Housing First*, que ainda não tem sido muito divulgado no Brasil, mas já tem apresentado muitos resultados tanto nos projetos pilotos do Brasil (iniciado em 2018 pelo INRua em Curitiba-PR e em Porto Alegre-RS como políticas municipais e em 2019 pelo Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos como política do Governo Federal) como em ações já efetivas em outros países, sendo um modelo que consiste em um conjunto de oito princípios que oferecem uma estrutura direcionadora e promotora de eficácia em programas que visam responder à necessidade do “*acesso mediato a uma casa, habitação permanente e individualizada, habitação dispersa e integrada, escolha sobre a habitação e os serviços e apoios individualizados e orientados para a promoção da recuperação e inclusão social*” (BRASIL, 2019. p. 23).



Imagem 29

Quadro base de formato do Housing First (imagem: housingfirsteurope.eu)

A fim de facilitar sua estratégia de atuação social, a Cidade Viva dividiu sua gestão em 7 núcleos de trabalho, de forma que em seu organograma para cada área há um setor responsável, sendo o Núcleo de Cuidado Comunitário o setor responsável por toda atuação social realizada pelos seus milhares de voluntários (em sua maioria participantes

⁷⁸ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=VEj2fTYV1ck> (Acesso em: 15 de abril de 2021)

da igreja, ainda que haja um público diverso – inclusive de outras crenças - envolvido nas ações), além de desenvolvimento de projetos em outras áreas como, por exemplo, a construção de espaços para geração de emprego e renda em unidades prisionais (semelhante ao que é realizado pela IVV), os cursos de panificação utilizando a panificadora escola localizada na área adquirida pela Cidade Viva ou a reforma de instituições públicas de acolhimentos de crianças e adolescentes, entre outros.

Uma das formas de a ICV buscar enfrentar a pobreza é fazendo com que as pessoas desenvolvam o seu potencial pessoal a partir da descoberta de suas próprias habilidades e aperfeiçoando-as, também tomando decisões, avaliando os resultados de suas decisões e então iniciando o processo de tomada de decisões novamente, enfraquecendo o ciclo de ação-reação.

Um dos pontos fundamentais para que se atinja êxito na atuação social está na identificação de qual a necessidade daquele que é alvo da ação. Steve Corbett e Brian Fikkert na obra “Quando Ajudar Machuca” (2019, p. 146) explicam que, quando não se percebe a real necessidade do vulnerável, a atuação em prol deste pode ser mais danoso do que positivo, posto que existem casos em que é necessário atuar de forma a promover alívio, mas em outros o foco deve ser a reabilitação ou o desenvolvimento.

O “alívio” tem relação com a necessidade de uma ação de provisão urgente com objetivo de diminuir o sofrimento naquele instante. É o caso, por exemplo, de alguém que acabou de sofrer um acidente e está perdendo sangue. É necessário que ocorra uma ação urgente para que aquela pessoa permaneça viva. Os outros dois passos são a reabilitação e a desenvolvimento, que MARTINS exemplifica (2019, pg. 211):

Se não há mais (ou nunca houve) necessidade de fornecer alívios emergenciais, passamos à reabilitação e ao desenvolvimento. O trabalho de reabilitação deve começar assim que o sangramento é interrompido. Você precisa dar o peixe para quem está tão faminto que não consegue pescar, mas as aulas de pescaria devem começar assim que o beneficiado começar a chupar as espinhas. Devemos procurar um caminho de restauração para as pessoas e suas comunidades. A principal característica da reabilitação é uma dinâmica de trabalho com as vítimas da miséria para que elas possam participar da própria recuperação

A Cidade Viva coloca estes itens como direcionadores de suas ações, utilizando inclusive materiais que detalham estes processos a fim de que os voluntários trabalhem com a compaixão da empatia, porém considerando-a como um agente que surge sempre “carregada” pela visão racional do problema. Treinar os líderes de cada área para desenvolver suas equipes de modo a equilibrar as duas ações é extremamente complexo,

tendo em vista que em situações de atuação social há comumente muito envolvimento afetivo e desejo de responder aos anseios que se mostram mais gritantes no momento da ação. Não ter a frieza de analisar todos os âmbitos da atuação pode ter como consequência a fragilização do que foi planejado, então as equipes da instituição afirmam que este é um processo inegociável no processo de planejamento, por isso também consideram fundamental ter uma equipe de profissionais voluntários que trabalham especificamente no desenvolvimento do planejamento estratégico das ações.

Desta forma, a possibilidade de atingir a eficiência inicialmente inserida como meta no planejamento estratégico desenhado pela equipe adquire mais possibilidades de ser realizada, assim como seus indicadores se tornam mais visíveis tendo um corpo de pessoas estruturado somente para trabalhar (voluntariamente) com a intenção de chegar aos números pretendidos.

Organograma de Núcleos da Cidade Viva:

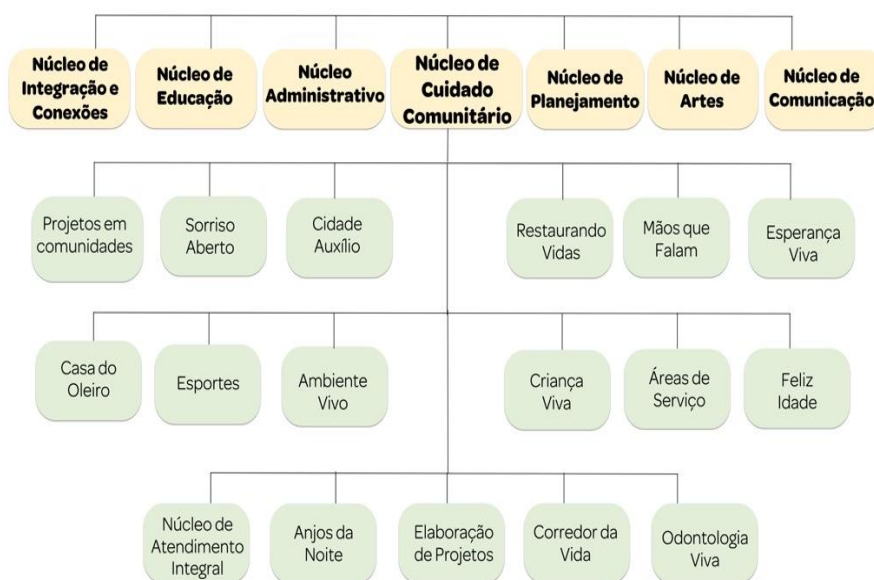


Imagem 30

Organograma desenvolvido pelo autor com base nas informações da Cidade Viva

No ano de 2020, devido à crise social ocasionada a partir do Covid-19, a Cidade Viva apresentou um plano de ação⁷⁹, iniciando uma campanha de auxílio a instituições diversas, doação de cestas básicas a famílias em situação de vulnerabilidade e de auxílio à população em situação de rua. Em outubro do mesmo ano, não obstante a campanha de auxílio permanecer, a Igreja, com vistas a prestar contas aos seus membros, apresentou um relatório público⁸⁰ posto que as doações são oriundas de recursos da própria igreja, por meio de doações dos fiéis, e não recebe recursos públicos para tal.

Em seu relatório divulgado em novembro de 2020, a instituição informou que dividiu sua atuação em duas grandes fases: a fase um consistiu em uma intervenção emergencial em massa no mês de abril, e uma segunda fase nos meses posteriores, até que os danos sociais imediatos da COVID-19 fossem amenizados. Por meio de um detalhado formulário social (inserido nos anexos ao fim deste trabalho), a Fundação Cidade Viva efetuou doações diretas a quase 3.000 famílias, todas cadastradas e cada uma com sua condição analisada por uma equipe de voluntários a fim de que só as que realmente estivessem em necessidade pudessem receber as cestas. Em muitos casos a família beneficiada pelas doações recebe até duas cestas básicas por mês, além de outras necessidades que considerem pertinentes, tais como enxovais para bebês, medicamentos, entre outras carências. Já havia um formulário social aplicado pela Cidade Viva para auxílio às famílias que demandavam algum tipo de necessidade, porém, com o aumento do fluxo devido ao problema da pandemia, o formulário foi reduzido a fim de que facilitasse a análise dos casos elegíveis em menor tempo.

De acordo com a apresentação do Núcleo de Cuidado Comunitário, o mês de maio de 2021 teve o maior pico de doação de alimentos, tendo queda nos meses posteriores devido principalmente à queda no número de solicitações, que podem ser resultado de melhoria econômica ou devido à queda no índice de desemprego registrada no 2º trimestre de 2021 em comparação com o primeiro trimestre (dos atuais 14,1% comparando com os anteriores 14,7%)⁸¹, mas que, por não haverem estudos específicos para este contexto, qualquer conclusão seria meramente especulativa.

⁷⁹ Disponível em: <https://fonte83.com.br/cidade-viva-lanca-plano-de-acao-social-para-atender-familias-vulneraveis-durante-a-pandemia/> (Acesso em: 30 de março de 2021).

⁸⁰ Disponível em: <https://www.clickpb.com.br/paraiba/cidade-viva-reforca-campanha-para-doacoes-e-distribui-cestas-basicas-para-familias-na-paraiba-304113.html> (Acesso em: 30 de março de 2021).

⁸¹ Disponível em: <https://g1.globo.com/economia/noticia/2021/08/31/desemprego-fica-em-141percent-no-2o-trimestre-diz-ibge.ghtml> (Acesso em: 31 de outubro de 2021)

No ano de 2020 foram destinadas mais de 50 toneladas de alimentos. Para o ano de 2021 as ações permanecem. A captação de recursos acontece através da campanha uma família ajuda outra família. Até o momento foram destinadas 7,5 toneladas de alimentos mediante demanda solicitada e com registro de cadastro social efetuado.

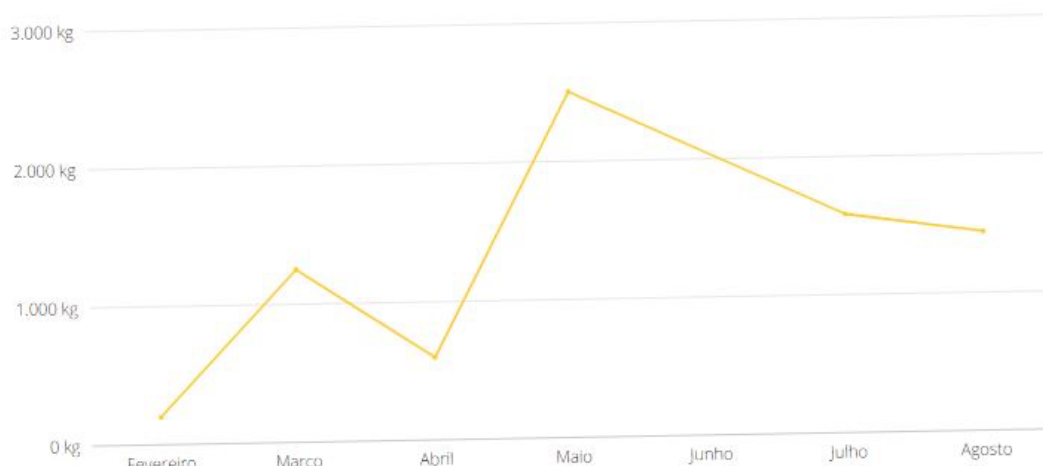


Imagem 31

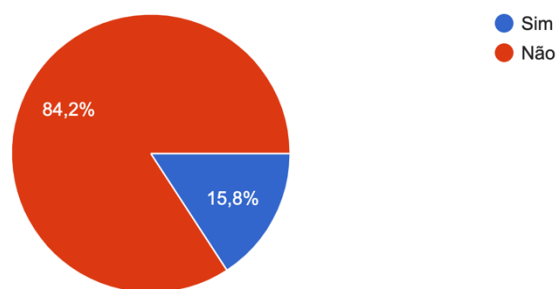
Quadro da apresentação do Núcleo de Cuidado Comunitário, em agosto de 2021

Dos 2.646 cadastros realizados até o momento⁸², 2.607 foram aprovados para receber cestas básicas e outros benefícios, então a partir do momento da aprovação, as famílias já passaram a receber tais auxílios. Vários dados são colhidos dos cadastros que servirão para estudos sobre desenvolvimento social, tendo em vista que a Fundação também tem parceria com universidades e centros de pesquisa para análise de resultados quanto a ações junto a públicos em vulnerabilidade. Alguns dados coletados apresentam a dimensão do problema social derivado principalmente da pandemia do Covid-19. Entre alguns exemplos, observa-se que, do total geral de cadastros preenchidos, 2.228 famílias declararam não terem trabalho no momento, 390 famílias não têm qualquer tipo de saneamento (seja rede coletora de esgotos ou fossa séptica), 595 não têm acesso à rede de abastecimento de água convencional e 863 declararam que no momento do cadastro não estava recebendo nenhum tipo de benefício, como pode ser constatado nos gráficos apresentados abaixo:

⁸² A última atualização é de 30 de março de 2021.

Está Trabalhando?

2.646 respostas



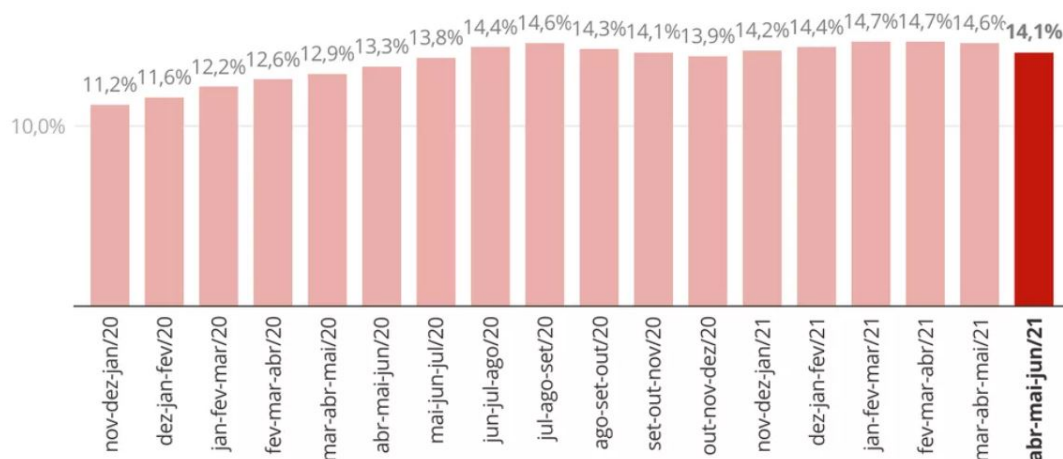
Gráficos fornecidos pela Cidade Viva

No dia 31 de março de 2021 o IBGE divulgou os resultados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (Pnad Contínua)⁸³. Os números mostraram um dos resultados da pandemia do COVID-19 no Brasil: um aumento na taxa de desemprego, que atingiu 14,2%, ou aproximadamente 14,3 milhões de pessoas desempregadas no país. No ano de 2019 o número foi de 11,9%. A pesquisa é executada em mais de 200 mil casas de aproximadamente 3500 cidades. Porém, novas pesquisas trazem resultados diferentes e mais animadores para o segundo semestre de 2021, como a divulgada em outubro pelo IBGE (mais detalhada no quadro seguinte) e comentada acima.

⁸³ Disponível em: <https://www.infomoney.com.br/economia/taxa-de-desemprego-no-brasil-se-mantem-em-142-em-janeiro-diz-ibge-desempregados-totalizam-143-milhoes/#:~:text=A%20taxa%20de%20desemprego%20foi,14%2C3%20milh%C3%B5es%20no%20per%C3%ADodo>. (Acesso em: 10 de abril de 2021)

Evolução da taxa de desemprego

Índice no trimestre



Fonte: IBGE

Taxa de desemprego cai em junho de 2021 — Foto: Economia/G1

Imagem 32

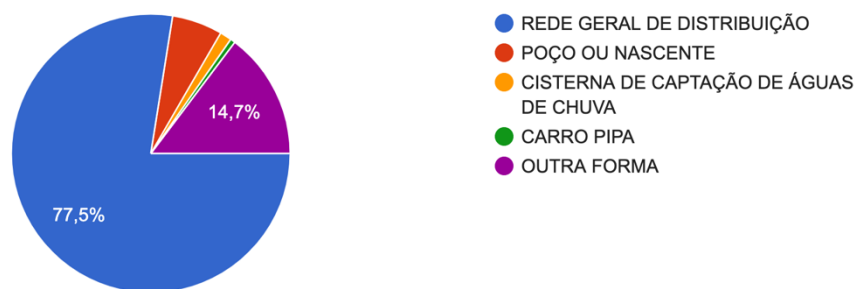
Evolução da taxa de desemprego. Fonte: Economia G1⁸⁴

Apesar de também existirem outros índices de mensuração de desemprego apresentados pelo Governo Federal tomando como base os registros do CAGED (Cadastro Geral de Empregados e Desempregados, do Ministério da Economia), utilizamos os números apresentados acima por abrangerem um quantitativo de melhor mensuração (pois são considerados desempregados todos os que não têm trabalho, ainda que tais não estivessem registrados oficialmente) havendo mais amplitude, tendo em vista os outros números terem como base apenas os empregos com registro de carteira assinada.

⁸⁴ Disponível em: <https://g1.globo.com/economia/noticia/2021/08/31/desemprego-fica-em-141percent-no-2o-trimestre-diz-ibge.ghtml> (Acesso em: 31 de outubro de 2021)

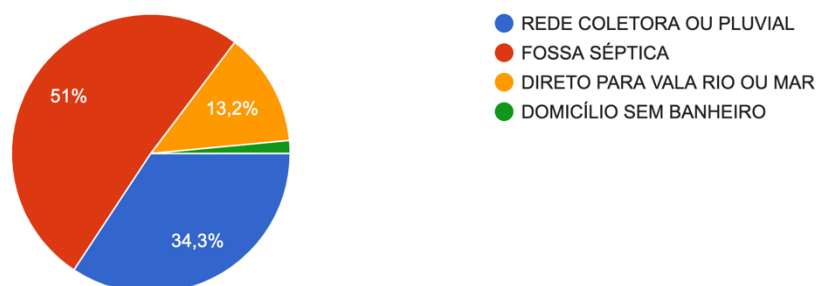
FORMA DE ABASTECIMENTO DE ÁGUA

2.646 respostas



ESCOAMENTO SANITÁRIO

2.646 respostas



A importância de a Fundação Cidade Viva ter acesso a tais dados se dá pelo fato de que, a partir dos mesmos, a Instituição pode também mensurar o grau de vulnerabilidade em que a família que preencheu o cadastro está inserida. Ainda que no Brasil o saneamento básico (conjunto que inclui abastecimento de água, esgotamento sanitário, limpeza urbana, drenagem urbana, manejos de resíduos sólidos e de águas pluviais) seja um direito estabelecido pela Constituição Federal e garantido pela Lei nº. 11.445/2007, dados do Sistema Nacional de Informações sobre Saneamento (SNIS 2017)⁸⁵ apontam que por regiões o quadro é de muita exclusão quanto a tais direitos, havendo algumas em que a discrepância é ainda maior.

⁸⁵ O último ano divulgado do relatório do Sistema Nacional de Informações sobre Saneamento é de 2017, o próximo (de referência 2020) será divulgado no segundo semestre de 2021. Disponível em: <http://www.snis.gov.br/> (Acesso em: 10 de abril de 2021).

Na Região Nordeste, 26,75% da população de baixa renda não têm acesso a água tratada. Na Região Sudeste são 8,75% da população que não têm este direito, enquanto na Região Sul são 10,32%. Na Região Centro Oeste o número é de 9,87%, enquanto que na Região Norte são impressionantes 42,51% da população de baixa renda que não têm acesso a água tratada.

As consequências negativas oriundas da falta de abastecimento público ou de acesso a escoamento sanitário são inúmeras, desde uma maior exposição a doenças (principalmente infecções gastrointestinais), até outros diversos danos, apresentados pelo Instituto Trata Brasil (dados apresentados no ano de 2015, mas com alguns dados com ano de referência 2013 a 2015) e pela Organização Mundial da Saúde (OMS)⁸⁶ :

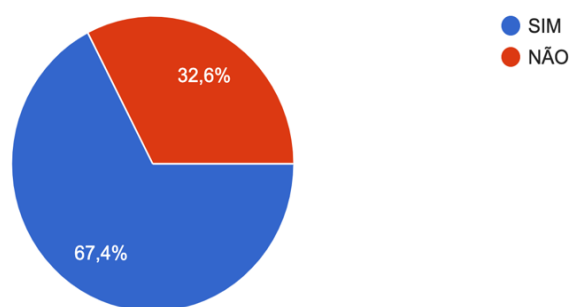
- Em 2013, o DATASUS (do Ministério da Saúde) divulgou que foram notificadas mais de 340 mil internações por infecções gastrintestinais no Brasil;
- Para o Sistema Único de Saúde (SUS) o custo de uma internação por infecção gastrintestinal foi de cerca de R\$ 355,71 por paciente para a média nacional.
- Se 100% da população brasileira tivesse acesso ao sistema de abastecimento e saneamento, haveria uma redução, em termos absolutos, de 74,6 mil internações. 56% da redução em questão ocorreria na Região Nordeste.
- No ano de 2013 o Brasil teve mais de 14,9 milhões de casos de afastamento do trabalho por diarreia ou vômito (grande parte dos casos de diarreia e vômito em público de baixa renda estão relacionados à qualidade da água). A cada afastamento as pessoas ficaram longe de suas atividades por aproximadamente 3,32 dias. Este número indica que tais doenças causaram 49,8 milhões de dias de afastamento ao longo de um ano, gerando prejuízos não somente à economia, mas principalmente à qualidade de vida dos enfermos.
- No ano de 2015, o custo com horas não trabalhadas chegou à cifra dos R\$ 872 milhões. Para o ano de 2035 há a estimativa de um custo com horas não trabalhadas de R\$ 730 milhões. Este número é equivalente a uma economia de R\$ 142 milhões no ano de 2035 em relação ao estimado para o ano de 2015.
- No ano de 2013 tivemos 391 mil Internações por conta de doenças gastrointestinais infecciosas (relacionadas à qualidade da água consumida e falta de saneamento básico);

⁸⁶ Disponível em: <https://www.inbec.com.br/blog/mais-35-milhoes-brasileiros-nao-possuem-abastecimento-agua-tratada-quase-100-milhoes-nao-tem-acesso-coleta-esgoto> (Acesso em: 10 de abril de 2021).

- Em vinte anos (de 2015 a 2035), considerando o avanço gradativo do saneamento básico, o valor presente da economia com saúde, seja pelos afastamentos do ambiente de trabalho, seja pelas despesas direcionadas aos casos de internação no SUS deve alcançar R\$ 7,239 bilhões no país.
- No ano de 2013 foram registrados 4.809 óbitos em razão das infecções gastrointestinais. 2.614 dos óbitos vitimaram mulheres e 2.195 dos atingidos são registrados como do sexo masculino.

A FAMÍLIA RECEBE ALGUM BENEFÍCIO?

2.646 respostas



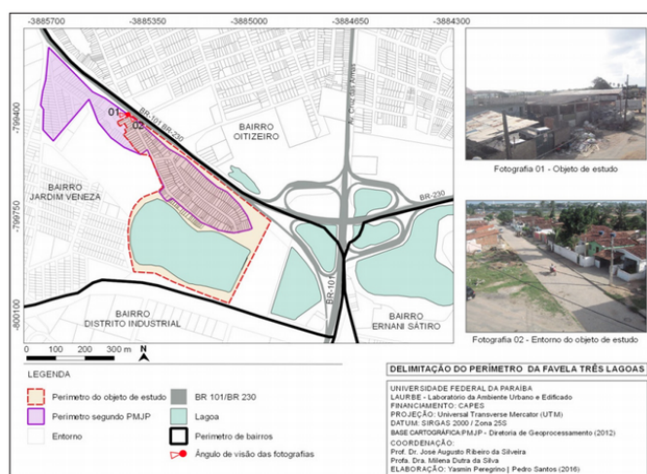
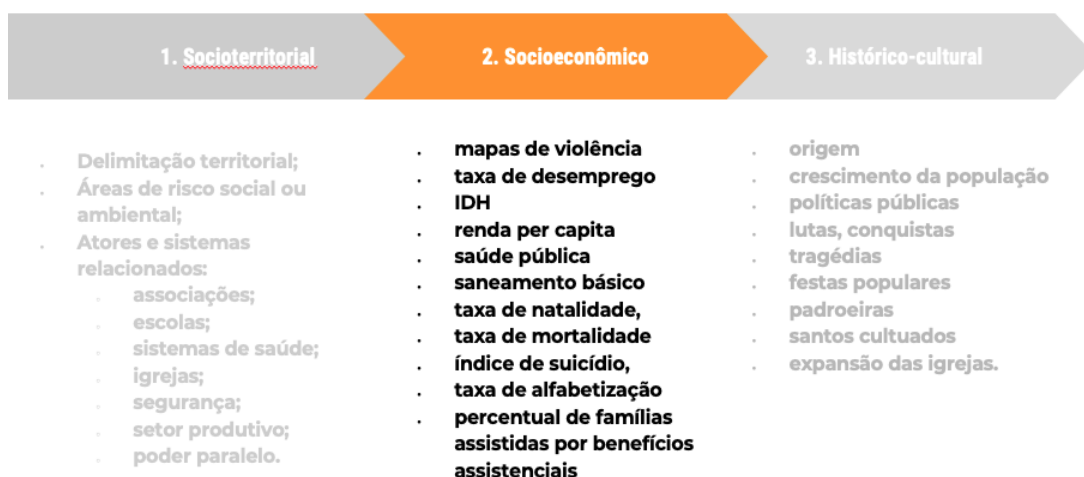
A partir do mês de abril de 2020, a Cidade Viva contatou instituições privadas e públicas e questionou quais as necessidades primárias diante do quadro de complexidade social. A partir da informação recebida, disponibilizou, por meio dos recursos doados pelos seus membros, protetores faciais (*face shields*), máscaras de tecido e descartáveis, fraldas geriátricas e infantis, produtos hospitalares e de limpeza, toneladas de alimentos, entre outros. As instituições que receberam e permanecem recebendo os auxílios vão desde hospitais a institutos de longa permanência, presídios, comunidades de ciganos (situados em Souza-PB), associações de catadores de materiais recicláveis, até unidades da Polícia, entre outros.

Os trabalhos de atuação social em comunidades carentes implementados pela Igreja Cidade Viva geralmente envolvem uma análise de campo prévia a fim de que, investigadas as viabilidades de voluntários, recursos e eficiência das ações, possam então decidir por executar ou não a ação. Algumas ferramentas simples de gestão para apoio na formulação de estratégia são utilizadas, tais como Análise SWOT e 5W2H, além de abordagens voltadas à solução de problemas, como a *Design Thinking*.

Nas comunidades carentes que estrategicamente são escolhidas para que sejam montados pontos de atuação, há o desenvolvimento do NAI (Núcleo de Atendimento Integral), que desenvolve ações de relacionamento com a comunidade a fim de que, atuando junto ao público, possam perceber que tipos de problemas podem ou não ter o auxílio dos voluntários da ICV, considerando as limitações e possibilidades.

As imagens abaixo se referem a trechos de um mapeamento para análise de uma comunidade em que há atuação da Cidade Viva com projeto iniciado em novembro de 2019 e tomando como base o *Design Thinking*, a Comunidade Beira Molhada, localizada no Bairro das Três Lagoas e onde há intensa atuação da Cidade Viva:

Mapeamento



Fonte: Peregrino, Y. (RE)CONHECENDO A FAVELA: UMA ANÁLISE SOCIOESPACIAL URBANÍSTICA DE TRÊS LAGOAS EM JOÃO PESSOA, PARAIBA, BRASIL, 2016

Três Lagoas

Também chamada de **Beira Molhada**.

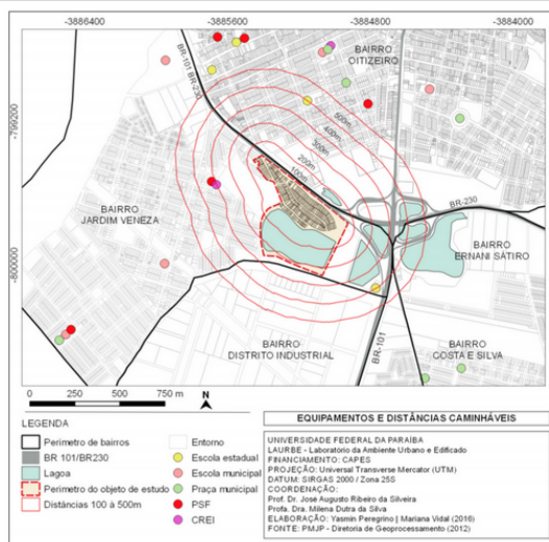
Área periurbana e de preservação ambiental de beira d'água, com amplos espaços livres públicos.

Oficialmente delimitada pela prefeitura como favela e **Zona Espacial de Interesse Social (ZEIS)**

Serviços de saúde e educação

Em um raio de 500m é possível acessar a pé alguns serviços públicos, como:

- Posto de saúde da Família (PSF)
- Creches
- Escolas



Pessoas em condição de pobreza (Três Lagoas)

72 %

das pessoas estão em situação de pobreza.

Renda per capita menor que R\$ 450,00



CRONOGRAMA:

23/11- Apresentação da metodologia, definição do desafio e alinhamento da equipe (4h)

30/11- Pesquisa de Campo (7h) - dia mais intenso

5/12- Análise dos dados coletados (4h)

7/12- Conclusão da análise dos demais atores, redefinição do desafio (2h)

18/01 - ideação e prototipação

04/02 - validação e lições aprendidas

(Intervalo para evoluir protótipos, fazer novas rodadas de validação, elaborar relatório final)

7/03 - evento para apresentação do resultado para comunidade

Imagem 33

Entre as cidades e Estados envolvidos nas ações da Cidade Viva no período da pandemia estão João pessoa (com 22 comunidades em alta vulnerabilidade social atendidas⁸⁷), Cabedelo, Sapé, Cruz do Espírito Santo, Conde, Campina Grande, Sousa e Pombal⁸⁸, além de cidades nos Estados de Pernambuco, Acre, Rio de Janeiro, São Paulo, Rio Grande do Norte, Mato Grosso do Sul, Alagoas, Goiás, Ceará e Distrito Federal, por meio de ações de envio de recursos e treinamentos realizados em parceria com igrejas locais que atuam em comunidades carentes⁸⁹. Também há trabalhos em parceria com instituições de Portugal, Guiné-Bissau e Maputo (África) visando a dignificação de famílias em situação de extrema pobreza e treinamento para líderes que atuam em comunidades locais nas áreas de educação, saúde, planejamento estratégico e geração de emprego e renda.

⁸⁷ Bessa, São José, Mandacaru, Esplanada, Cristo, Geisel, Valentina de Figueiredo, Gramame, José Américo, Mangabeiras, Treze de Maio, Novais, Cruz das Armas, Indústrias, Colinas do Sul, Altiplano, Aratú, Laranjeiras, Funcionários I, Ilha do Bispo, Cabo Branco e Tambaú

⁸⁸ Disponível em: <https://wscom.com.br/cidade-viva-distribui-cestas-basicas-para-familias-em-areas-vulneraveis/> (Acesso em: 30 de março de 2021).

⁸⁹ Disponível em: <http://godstock.global/evento/> (Acesso em: 30 de março de 2021).

4: Aplicação e análise da pesquisa

Tendo em vista que nossa pesquisa visa compreender e aprofundar os fenômenos investigados tomando como fundamento a perspectiva dos próprios participantes destes, interpretando os materiais que trabalham a temática e as circunstâncias experienciadas pelos dois grupos, a mesma pode ser descrita como qualitativa, também considerando que buscamos ao máximo não interferir na fidelidade da captação de informação, quer no modelo do formulário enviado como na percepção dos ambientes visitados.

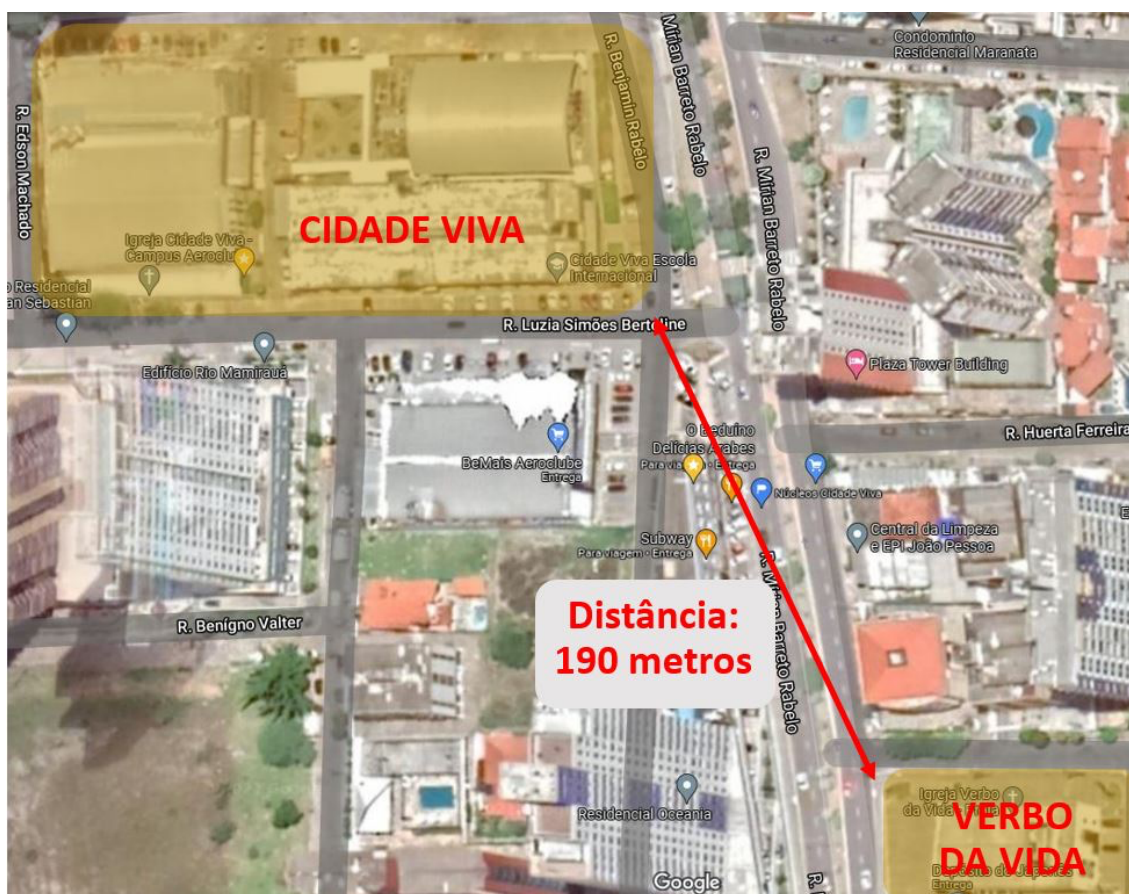


Imagem 34

Imagem do Google maps em fevereiro de 2021

Convém salientar que nossa pesquisa se abriu para pensar conceitos não ponderados preliminarmente, inclusive aprofundando interpretações que já tínhamos – quer a respeito da noção de neopentecostalismo apresentada e questionada à Igreja Verbo da Vida, quer pela necessidade de rever o contexto socioeconômico do país e as consequências da pandemia do COVID-19 especificamente para as populações que

aumentaram o seu grau de vulnerabilidade (tendo em vista a pandemia ter ocorrido no último período de nossa pesquisa).

Cabe informar que as duas instituições religiosas se encaixariam no perfil de OSC's (Organizações da Sociedade Civil), cuja natureza jurídica as caracteriza como pessoas jurídicas de direito privado (Código Civil, artigo 44, IV) com liberdade de criação e funcionamento, posto tal norma se referir também às organizações religiosas.

A legislação que regulamenta a relação entre as OSC's e suas relações de parceria com o Estado é o Marco Regulatório das Organizações da Sociedade Civil (MROSC), regulamentado pela Lei nº 13.019, de 31 de julho de 2014.

Convém observar que o fato de ser uma igreja não faz dela uma OSC nem a assegura como apropriada para captar verbas públicas. O que a torna uma OSC é a comprovação de sua atuação social, observados os resultados de suas intervenções sociais e a adequação a especificidades documentais e de atuação:

Art. 1º Esta Lei institui normas gerais para as parcerias entre a administração pública e organizações da sociedade civil, em regime de mútua cooperação, para a consecução de finalidades de interesse público e recíproco, mediante a execução de atividades ou de projetos previamente estabelecidos em planos de trabalho inseridos em termos de colaboração, em termos de fomento ou em acordos de cooperação. (Redação dada pela Lei nº 13.204, de 2015)

Uma OSC pode receber verbas públicas (ainda que as duas instituições pesquisadas ainda não usufruam deste direito por decisão própria de suas lideranças). A Lei nº 13.019/2014, denominada Marco Regulatório das Organizações da Sociedade Civil e que estipula o regime jurídico das parcerias entre administração pública e as organizações da sociedade civil com fins de celebrar termos de colaboração, termos de fomento ou acordos de cooperação. Com base no art. 2º, I, c. o Marco estabelece que as organizações religiosas, como as duas aqui caracterizadas, devem também se destinar à atuação em programas que visem o interesse público assumindo um caráter social cujas atuações em seus aspectos se diferenciem das atividades de cunho exclusivamente religiosas. Deste modo, cooperações entre administração pública e entidades religiosas levam menos em conta o credo dos que fazem parte ou da instituição religiosa em si, antes o que é levado em consideração seria o objetivo intencionado pelos mesmos no que se refere à atuação social em seus projetos desenvolvidos na comunidade, analisados os resultados sociais da ação em questão.

Tal Marco não contrapõe o princípio da laicidade, antes reconhece a atuação das entidades religiosas no fortalecimento da dignificação dos excluídos por meio do acesso destes aos seus direitos básicos, também combinando com o princípio da discricionariedade, analisada a partir da legalidade e do mérito. Na administração pública, a palavra mérito denota que o Estado precisa atender ao que é legal e público tendo como enfoque o motivo (oportunidade) e o objeto (conveniência), sendo a discricionariedade o meio utilizado a fim de que os interesses públicos sejam atendidos na administração, de maneira que a oportunidade e a conveniência compreendem os elementos motivo e objeto no arcabouço do mérito.

Como dito, em nosso trabalho foram analisados dois campos. No primeiro, o em que se estabelece o grande número de grupos religiosos evangélicos seguidores da Teologia da Prosperidade com o foco ampliado no decorrer do trabalho para que, por meio de uma análise histórica pudéssemos inserir a IVV no melhor cenário teológico, focados no pensamento e trabalho social da Igreja Verbo da Vida do bairro Jardim Oceania. No segundo, a teologia e o trabalho social de um outro grupo evangélico de origem paraibana, situado no mesmo bairro, adeptos da linha doutrinária do chamado Neocalvinismo: a Igreja Batista Cidade Viva.

Tivemos fácil acesso aos dois públicos e instituições pesquisadas, ainda que no início da pesquisa tivéssemos uma mínima resistência devido à liderança da Igreja Verbo da Vida questionar se o trabalho não traria mais críticas à Igreja, tendo em vista (e tal foi abordado no decorrer de nosso texto) a rejeição que muitos líderes protestantes de outras denominações têm aos mesmos, inclusive com manifestações públicas de igrejas históricas convocando suas lideranças para que não mantivessem relações fraternais com os pastores da primeira.

Ao apresentarmos o teor do trabalho e a possibilidade de que, por meio dele, o discurso da liderança – até então recluso - pudesse ser apresentado para então ser interpretado, deu a eles certeza de que a pesquisa não tinha intenção de trazer prejuízos à instituição, antes apenas apresentar o pensamento e a atuação social.

Quanto à revisão da literatura, utilizamos materiais formulados e divulgados publicamente pelas próprias igrejas, concomitantemente também analisando outras literaturas que remetiam à temática da história das igrejas (e de suas teologias) tais como livros, revistas científicas, teses, arquivos disponíveis na *internet* e documentos de profissão de fé, assim como trabalhos sobre desenvolvimento social, com indicadores e elementos paralelos relacionados à prática social.

Os dados foram coletados a partir de observação participante, entrevistas e análise documental de ambos, encontrando uma amostra homogênea o máximo possível de pessoas que experimentam a mesma ação a fim de que houvesse uma descrição o mais próximo possível da realidade quando da análise dos temas compartilhados culturalmente.

Para coleta de informações também utilizamos como ferramenta dois tipos de formulários (apresentados no Apêndice), um formulário para preenchimento dos voluntários e outro para preenchimento pelos líderes. O segundo grupo também foi alvo de uma entrevista semiestruturada com perguntas disparadoras que serviram de referência para a estrutura conclusiva. Utilizamos de *software* (de aplicação compreensível e segura, neste caso os Formulários do Google, que também têm mais viabilidade pelo fato de serem gratuitos), transcrição de entrevistas, análise dos discursos por meio da confrontação entre as pregações e demais exposições teológicas analisando as diferenças e similaridades dos discursos e a práxis. Com tais ferramentas, consideramos que a possibilidade de apresentar a verdade se tornaria mais possível devido à maior exatidão na forma como os dados foram colhidos.

A entrevista do primeiro grupo foi criada utilizando *Google Forms*, de modo que pôde ser realizada em local que os mesmos considerassem mais confortável e livre de constrangimentos levando em conta o princípio da preservação, além de não ser necessário que o pesquisador estivesse presente, visto que o preenchimento pôde ser totalmente respondido *online* e enviado instantaneamente para o *e-mail* do pesquisador assim que finalizado. Para as respostas deste formulário foram entrevistados 20 voluntários, sendo 10 de cada igreja.

Em relação ao segundo grupo, o formulário também foi criado utilizando *Google Forms*. No Termo de Consentimento que utilizamos para o desenvolvimento da pesquisa, nós solicitamos que os líderes e/ou pastores voluntários participantes deste trabalho autorizassem a divulgação das respostas e, por também haver a possibilidade de responder ao questionário à distância, houve assim mais liberdade do entrevistado, possibilitando a este pesquisador a produção de mais conteúdo para a análise do discurso que veio a servir como base para a sustentação teórica que apresentamos no decorrer de nossa pesquisa. Para que chegássemos às respostas deste formulário, foram entrevistados 6 voluntários, sendo 3 de cada igreja.

A princípio o segundo grupo de entrevistados também poderia optar por responder pessoalmente em local que considerassem mais adequado, fosse o gabinete pastoral ou

qualquer outro à escolha dos mesmos, conquanto que fossem livres de quaisquer incômodos ou constrangimentos ao participarem do processo. A intenção de tal flexibilidade se deu pelo fato de o mesmo poder preencher automaticamente o questionário em meio eletrônico. Tal possibilidade não se tornou plenamente favorável pelo fato de a pandemia ter ocorrido no período relacionado a esta etapa do trabalho, de modo que também apresentamos as possibilidades de chamadas de vídeo ou ligações telefônicas a fim de que quaisquer questionamentos que viesse a surgir pudessem ser respondidos de forma imediata.

Quanto à análise de dados, tendo em vista a necessidade de que buscasse ao máximo evitar o dualismo entre o que se faz e o que se diz, os mesmos foram avaliados a partir da relação entre as respostas de cada grupo e a comparação com a descrição das confissões de fé de suas instituições a fim de se chegar a uma conclusão, também analisando as contrapartidas a partir da análise do discurso. Assim, buscamos a relevância necessária nas conclusões que chegamos, alcançando o fim proposto de que houvesse a relevância necessária para o campo científico no qual estamos inseridos.

Considerando tal estrutura, o foco da análise abaixo é responder a duas perguntas: 1- Como as teologias influenciam nas *práxis* das igrejas Verbo da Vida e Cidade Viva em João Pessoa e: 2- Que tipo de contrapartida ambas esperam do público alcançado por sua atuação social?

Além das duas perguntas, outras informações foram colhidas que servem para enriquecer a pesquisa com elementos importantes para que apresentemos um maior conjunto de ideias a respeito do trabalho das duas igrejas na atuação social junto aos públicos em vulnerabilidade.

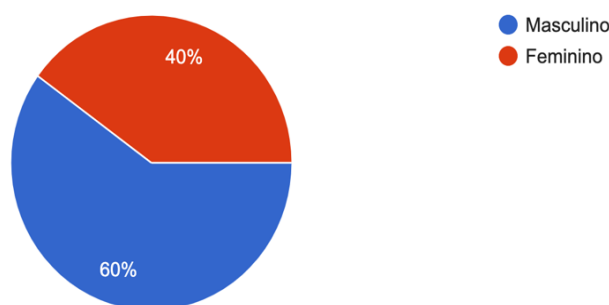
Voluntários

Uma característica que a pesquisa apresenta é que, dos entrevistados pela pesquisa, 40% do total de voluntários das duas igrejas são mulheres⁹⁰. Porém, quando dividimos os números por instituição, o total difere um pouco, sendo 60% do público que respondeu como voluntário na Igreja Cidade Viva do sexo feminino, enquanto na Igreja

⁹⁰ Das respostas recebidas, quatro não responderam o gênero, mas inserimos os dados como feminino pelo fato de que as respostas foram preenchidas por voluntárias conhecidas nas igrejas pesquisadas, também havendo o fato de que os textos destas quatro respostas identificavam as autoras como mulheres. A pergunta no primeiro link equivocadamente não estava selecionada como obrigatória. Após identificar este equívoco, o pesquisador modificou o formulário, mas entendeu ser mais prejudicial excluir os dados recebidos do que considerar esta diferença.

Verbo da Vida, dos que preencheram o questionário as mulheres correspondem a 20% dos voluntários. O quadro nacional aponta para uma vantagem feminina no número de participantes da religião evangélica. As estatísticas da última pesquisa realizada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística em 2010⁹¹ apontaram que as mulheres correspondiam a 56% do público evangélico no Brasil, sendo 23,5 milhões de mulheres contra 18,7 milhões de homens⁹².

15- Gênero
20 respostas



As mulheres sempre tiveram um papel de destaque no universo protestante. Ainda que haja ainda muitos debates quanto a algumas posições que a figura feminina possa assumir no universo eclesiástico, a Reforma Protestante incorporou um agrupamento significativo de mulheres, principalmente no que se refere aos ministérios de misericórdia (ações de filantropia). No artigo “As mulheres protestantes: educação e sociabilidades”, Elizete da Silva aborda esta intensificação da atuação da mulher na igreja herdado da Reforma (2015, p. 165):

A Reforma Protestante, apesar de não ter transformado radicalmente as concepções e as práticas femininas, trouxe mudanças substanciais nas representações e nos papéis designados às mulheres, comparados com a visão predominante no catolicismo medieval. Alguns especialistas chegam a afirmar que a Reforma proporcionou mudanças fundamentais na esfera familiar ou do mundo feminino, tanto quanto na esfera econômica e política. (...) Na concepção luterana, a vocação não estava apenas reservada à vida religiosa dos clérigos e monges, mas ela poderia ser exercida em

⁹¹ Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/populacao/9662-censo-demografico-2010.html?edicao=9749&t=destaques> (Acesso em: 30 de março de 2021)

⁹² Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2013/11/18/politica/1384814411_373235.html (Acesso em: 30 de março de 2021)

qualquer atividade humana, até nas domésticas, tipicamente femininas. Não obstante ser considerada num patamar inferior, a novidade é que a mulher e o serviço doméstico por ela prestado, diante de Deus estão em pé de igualdade com o homem e os cargos públicos a ele destinados. A vocação do cristão, o serviço que ambos prestam a Deus se feitos para servir ao Criador se equivale em importância dentro da sociedade.

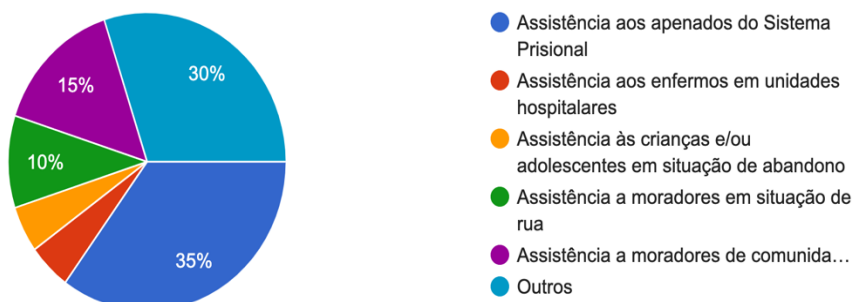
Tal diferença no percentual de mulheres quando comparadas as igrejas pode estar relacionada ao fato de que a Igreja Verbo da Vida atualmente só atua em atividades no sistema penitenciário. Apesar de terem outros trabalhos realizados pela igreja que exigem voluntariado (tais como ministério de música, diaconia, etc), notadamente voltados ao público em vulnerabilidade só foram identificados os que são exercidos no ambiente do sistema penitenciário ou voltado para o público deste. Ainda que 20% dos que responderam ao questionário terem assinalado “outros”, não foram identificados outros trabalhos de cunho social.

Tal percentual não quer dizer que, em números totais, haja mais mulheres atuando na Cidade Viva do que na IVV. O fato de na IVV existir o trabalho social apenas neste contexto naturalmente causa uma cautela do público feminino, tendo em vista os riscos envolvidos típicos deste tipo de ambiente, principalmente quanto à atuação feminina em presídios masculinos. Ainda que alguns trabalhos da Igreja Verbo da Vida sejam executados também na Penitenciária de Reeducação Feminina Maria Júlia Maranhão, o ambiente também tem muitos riscos, e a atuação maior da IVV está nas outras unidades prisionais.

Tal contexto é um pouco diferente na atuação da Igreja Cidade Viva por ela apresentar mais oportunidades de serviço voluntário, posto que, só entre os que preencheram a pesquisa, foram informadas cinco áreas de atuação, sendo elas: assistência às crianças ou adolescentes em situação de abandono, a moradores em situação de rua, aos enfermos em unidades hospitalares, aos apenados do Sistema Prisional, a moradores de comunidades carentes, além 40% dos que preencheram os cadastros pela Cidade Viva terem respondido que se voluntariavam em outros serviços não inseridos no formulário enviado ao público pesquisado.

6- Em que tipo de trabalho social da igreja você é envolvido(a)? (Caso haja mais de um, selecione o trabalho ao qual você dedica mais tempo)

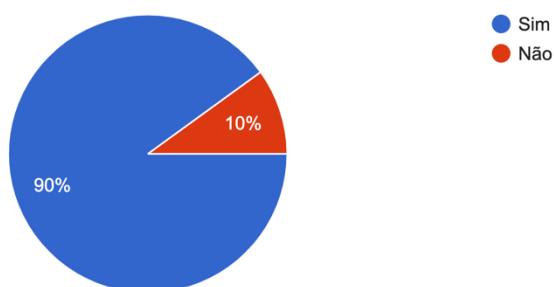
20 respostas



Como dito no item em que foram especificadas as áreas de atuação da Igreja Cidade Viva, a instituição atua em estruturas que comumente recebem intensa atividade feminina, tais como instituições de acolhimento de crianças e adolescentes em vulnerabilidade, auxílio a mulheres em situação de aborto e acompanhamento a mães de filhos em situação de dependência química, entre outros. Tal abrangência pode justificar o porquê de a amostragem apresentar esta larga diferença nas comparações de percentual quando apresentado o gênero do entrevistado.

2- Você já participou de algum trabalho voluntário antes do atual?

20 respostas



No gráfico acima observamos o percentual de entrevistados que relataram que não haviam participado de trabalhos voluntários antes do atual. Pouco mais de 35% do público que preencheu o formulário relatou que atuou anteriormente em ações de filantropia. Um ponto a se considerar é que no ato da conversão religiosa ao evangelicalismo há um constante discurso voltado ao serviço voluntário tanto na Igreja Cidade Viva quanto na

Verbo da Vida. Nas respostas textuais encontramos argumentações que trazem uma certa similaridade na cobrança pessoal quanto à necessidade de realizar atos de voluntariado quando, por exemplo, observamos algumas respostas à pergunta: “Agora com suas próprias palavras, explique o porquê de sua atuação social levando em consideração o que você compreende sobre a Bíblia Sagrada”:

“Meu trabalho voluntário é muito pouco diante de tudo que Ele já fez por mim. Devemos ser missionários da Palavra de Deus. E o trabalho voluntário pode ser um canal. ”

“Porque Deus nos ordenou a servir ao próximo. Entendo que precisamos fazer isso em gratidão ao sacrifício de Jesus por nós. ”

“Fazemos parte da grande comissão. E dentro disso está o social. Não tem como separar o ser Cristão do social. Não tem como ao meu ver pregar a Cristo sem se importar com os menos favorecidos. Não tem como pregar o amor e não estender as mãos para o próximo. Não tem como amar a Deus e não amar ao próximo. ”

“Realizar um trabalho voluntário me fez entender o amor de Cristo na prática e mudou meu relacionamento com Ele, me levando à conversão e através do meu serviço busco falar de mudança de vida e da verdadeira liberdade encontrada no amor de Deus. ”

“Atuo no cuidado dos excluídos por gratidão a Deus pela minha salvação em Cristo Jesus para que os outros possam ter suas vidas transformadas”

“Somos coparticipantes da restauração do Reino, resgatando vidas para Cristo e lutando por justiça social. Cristo é nosso exemplo de caminhada missional, ele se importou em trazer dignidade aos excluídos e miseráveis. ”

“Porque acredito que a fé sem obras é morta e que ela opera pelo amor. Então como cristão, o primeiro mandamento é amar ao próximo a através dessas atitudes é que demonstramos Jesus e alcançamos as pessoas. ”

“Ao longo de toda a Escritura o Senhor Deus demonstra seu cuidado com os marginalizados. A Israel Ele determina o apoio aos órfãos e às viúvas mediante a Lei. Em Jesus os leprosos são curados e os paralíticos restaurados. Assim, comunitarismo, generosidade e apoio ao desfavorecido fazem parte das virtudes cristãs a serem desenvolvidas. Aos Efésios no capítulo 4:28, Paulo afirma que o alvo do trabalho é abençoar os irmãos. Assim, tudo o que temos é graça de Deus e, por isso, somos devedores de amor e cuidado ao próximo. Somos mordomos dos bens que Deus nos dá. ”

“A Bíblia é muito clara em Mateus 25, quando a gente ajuda um humilde, estamos ajudando ao próprio Jesus. ”

“A Bíblia Sagrada, notadamente os evangelhos, a nova aliança que temos em Cristo é um chamado social. Não um chamado socialista, no sentido ideológico ou político da expressão. Isso que dizer que Jesus nos chama a praticar as boas obras e isso não é uma condição para a salvação proposta por sua doutrina, mas sim uma consequência. Portanto, a atuação social do cristão deve estar intimamente ligada a sua fé para a expressão do amor de Deus por seu filhos. “Amai-vos uns aos outros” foi o que Jesus disse. ”

“Primeiramente atendendo ao chamado de Deus ao ministério comum à todo cristão, Ministério de Socorros. ”

“A Palavra de Deus é muito clara quanto ao ide e fazer discípulos, ela também é muito clara quanto ao auxílio aos menos favorecidos. Penso que a obra social é um forte instrumento na evangelização mundial. Só acredito em aderência social com perspectiva de mudança na vida do assistido. E nunca acerta verdadeira mudança sem primeiro a mudança interior, nascer de novo. O amor do Pai foi derramado em nossos corações. Assistência social junto com o evangelismo é a expressão desse amor e da nova vida que hoje temos. ”

“Se alguém tiver recursos materiais e, vendo seu irmão em necessidade, não se compadecer dele, como pode permanecer nele o amor de Deus? Filhinhos, não amemos de palavra nem de boca, mas em ação e em verdade. ”

“Se eu conheço Jesus, eu quero que as pessoas saibam que ele quer a pessoa com o mínimo de condições. Quando a Bíblia diz que devemos visitar os presos, a gente tem que obedecer a levar Jesus para eles, pregando a Palavra e ajudando no que estiver ao nosso alcance. ”

Nas respostas dos voluntários das duas instituições é comum a ideia de que ser cristão necessariamente deve ser seguido pelo servir aos excluídos. Vale salientar que as duas igrejas foram escolhidas justamente por apresentarem forte atuação social, além de que os entrevistados são pessoas que participam de ministérios de atuação social, então seria evidente esperar que o discurso tivesse um forte apelo ao voluntariado, porém é possível observar que há estreita relação entre a filantropia com o que se crê em termos teológicos. No discurso do público entrevistado há uma tendência a considerar que a atuação social deve ser uma predisposição do que vive um relacionamento com Jesus, de modo que o cristão deve, assim como faz o próprio Deus, buscar alcançar a todos, até os que “não merecem” a misericórdia, e tal não deve ser uma ação reativa, mas proativa, de modo que o cristão deve ser diligente em buscar os que estão em situação de vulnerabilidade para serem agentes da graça e misericórdia de Deus, pois há a compreensão de a mesma ação aconteceu de Deus para os que são seguidores, como explana Timothy Keller (2016, p. 101):

Mas devemos ser misericordiosos apenas com amigos e parentes? Esse não é o padrão de misericórdia de Deus. A graça de Deus também mostra que não devemos esperar inertes até que o necessitado implore por ajuda. Ao contrário, devemos entender, descobrir e satisfazer as necessidades humanas básicas. Cristo ficou sentado lá no céu, esperando que implorássemos sua misericórdia? Não, ele nos procurou e nos encontrou. [...] A Bíblia ensina que o amor sempre deve ser oferecido em boas obras (1a Jo. 3:17-19) e não somente em palavras. João, claro, está dizendo que a seus leitores que amem os irmãos em Cristo em ações e em verdade. [...]. Amar toda e qualquer pessoa significa amá-la tanto em ações quanto em palavra.

Os ministérios de atuação junto a públicos em vulnerabilidade têm ampla aceitação nas duas igrejas. Nos discursos preenchidos nos cadastros há uma similaridade em relação à motivação quanto ao serviço de tal forma que não há como diretamente relacionar as frases aos voluntários de uma ou de outra igreja. Também é notório nos discursos dos devotos de ambas, que não parece haver uma ideia de que o voluntariado tenha relação com a conquista da salvação, antes, seria este uma consequência desta: *“Jesus nos chama a praticar as boas obras e isso não é uma condição para a salvação*

proposta por sua doutrina, mas sim uma consequência”. Curiosamente, a declaração foi dada por um voluntário da Igreja Verbo da Vida, comumente acusada de “barganhar” com Deus, de ter uma ideia deturpada da vida cristã por supostamente apregoar que as ações do fiel estariam pautadas no que este receberia de volta de Deus, pois, enquanto da terra há o esforço material, do céu necessariamente desce a bênção de Deus também em forma material, de modo que, dentro desta visão teológica, o esforço, a dedicação e, principalmente as finanças seriam um “*contrato: ao ofertar à casa do senhor, o crente coloca-se na condição de credor, praticamente obrigando a Deus a retribuir-lhe com riquezas na medida de sua contribuição*” (PROENÇA, 2002, p.113).

A declaração acima não é um caso isolado na pesquisa. As respostas dos voluntários da IVV em geral seguem a mesma linha, apresentando discurso semelhante de a ação ser pautada no desejo de agradar a Deus sem necessariamente aguardar correspondência divina, como vemos no discurso a seguir, de um voluntário que informou ser membro e voluntário da IVV há mais de cinco anos: “*(...) acredito que a fé sem obras é morta e que ela opera por meio do amor. Então como cristão, o primeiro mandamento é amar ao próximo a através dessas atitudes é que demonstramos Jesus e alcançamos as pessoas.*”

Convém também analisar outras respostas a uma pergunta que foca diretamente na pergunta: “*Quando você realiza o trabalho voluntário em seu ministério, qual o seu objetivo individualmente falando?*”. As respostas gerais (somadas as duas instituições) foram de 85% de respostas para: “*Não espero nada em troca, eu faço por gratidão a Deus e isso basta*” e 15% de respostas para: “*Meu objetivo é somente fazer o bem, independente de outras questões*”, totalizando os 100% de respostas.

Quando é analisada apenas a Igreja Cidade Viva, o percentual é de 100% para “*Não espero nada em troca, eu faço por gratidão a Deus e isso basta*”. A análise somente da Igreja Verbo da Vida, mostra o percentual de 70% para a primeira resposta e 30% para a segunda: “*Meu objetivo é somente fazer o bem, independente de outras questões*”. Isto é: as respostas de ambas são similares e apontam que nenhuma das respostas dos voluntários das duas igrejas indica um desejo de receber bênçãos, favores de Deus em troca de suas ações.

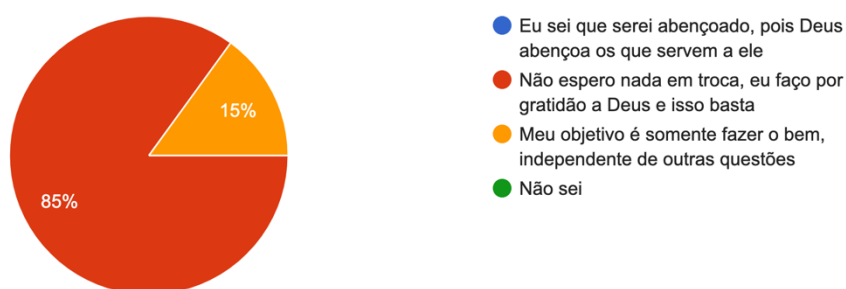
Os percentuais de respostas a este questionamento nos levam a uma análise mais apurada sobre uma das perguntas principais de nosso trabalho: “*Que tipo de contrapartida ambas esperam do público alcançado por sua atuação social?*”, tendo em vista que o percentual pode, complementada pelo conjunto de outras respostas, aferir de que forma

os voluntários entrevistados relacionam a sua ação a algum tipo de compensação espiritual ou material vinda dos céus.

O leitor do presente trabalho pode argumentar que, sabendo que sua resposta será analisada (ainda que o faça de forma anônima), o pesquisado poderia responder ao questionário de maneira diferente de sua expectativa real ao realizar a ação de filantropia, porém tal argumentação não poderia ser aplicada pelo fato de que na pesquisa a análise visa diretamente investigar o discurso, então as intenções não podem ser colocadas à prova neste caso, tendo em vista a subjetividade de tal afirmação.

10- Quando você realiza o trabalho voluntário em seu ministério, qual o seu objetivo individualmente falando?

20 respostas

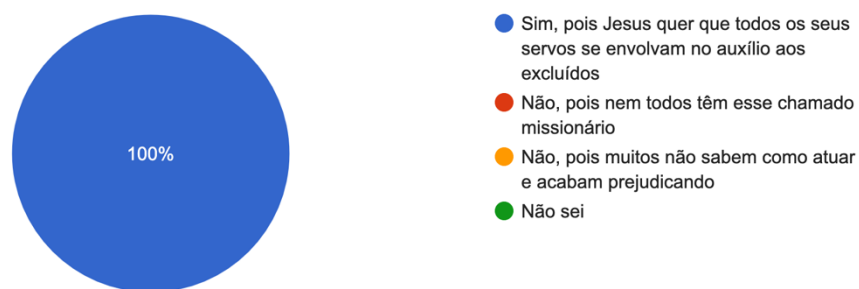


É prudente deixar claro que não se pode afirmar que tais falas representariam o discurso oficial da Igreja Verbo da Vida, mas, considerando o discurso das igrejas que seguem a Teologia da Prosperidade, pelo menos na instituição específica podemos ter duas respostas: ou o discurso do (limitado) público entrevistado difere do que poderia ser um padrão de pensamento comum aos seguidores da TP (e aos fiéis da instituição em geral), ou especificamente a instituição pesquisada se difere do que pensa uma igreja que segue tal linha doutrinária, tendo em vista não ser este o conteúdo apresentado em qualquer dos discursos colhidos pela pesquisa.

Em um outro gráfico vemos as respostas à questão: “*Na sua opinião, todo cristão deve se esforçar para atuar junto aos excluídos?*”. Das 18 perguntas com 16 gráficos criados (outras duas questões foram de escrita livre, sem resposta a alternativas), esta foi a única resposta unânime. 100% dos entrevistados responderam “*Sim, pois Jesus quer que todos os seus servos se envolvam no auxílio aos excluídos*”.

9- Na sua opinião, todo cristão deve se esforçar para atuar junto aos excluídos?

20 respostas



Como já temos pontuado, as duas igrejas têm um forte discurso quanto à relação que o cristão deve ter com o envolvimento na dignificação dos excluídos (e tal visão explica o porquê de terem sido escolhidas para a pesquisa). A Igreja Cidade Viva chega a ter um Núcleo formado por voluntários especialistas em Planejamento Estratégico para desenvolver projetos utilizando ferramentas diversas usadas na implementação de políticas públicas, tais como indicadores, diagnósticos baseados em análises *ex ante* e *ex post*⁹³ entre outros, de forma que os projetos se profissionalizam a fim de que encontrem mais eficácia. Além disso, a mesa instituição criou uma rede de parceria para treinamento gratuito de instituições com o propósito de que haja maior profissionalização e, conseqüentemente, mais eficácia na atuação social. Tal característica não é comum em igrejas que buscam se envolver socialmente. O comum é que as igrejas chamem os voluntários a uma ação social e desenvolvam um plano de ação básico para atingir um objetivo claro utilizando a motivação cristã de levar a pregação do Evangelho.

Ainda que tais análises mais detalhadas dos contextos sociais não sejam característica comum às igrejas, cada vez mais existem obras evangélicas voltadas à atuação junto aos vulneráveis, assim também como têm crescido o número de publicações incentivando as igrejas a que tenham um foco mais especializado nos projetos de atuação junto a públicos em vulnerabilidade. A obra *Quando Ajudar Machuca*, publicada no Brasil em 2019, é totalmente voltada a analisar de forma muitas igrejas têm se equivocado na sua atuação devido ao amadorismo. O autor Steve Corbett cobra uma mudança de

⁹³ Análises *ex ante* e *ex post* são utilizadas em avaliações de políticas públicas para verificar se a política responderá e se respondeu a um problema bem delimitado e pertinente e se há clareza no propósito de sua atuação, além de indicar se a resposta pode ser alcançada por meio de um objetivo claro de desempenho e se pode ser atingido por meio de um desenho realizável.

comportamento, utilizando análises de cenário como ferramentas essenciais para a mudança de quadro do público alvo das ações já no início do contato (2019, p. 77):

Definir pobreza não é simplesmente um exercício acadêmico, pois a forma como definimos a pobreza – implícita ou explicitamente – desempenha um papel importante na determinação das soluções que usamos em nossas tentativas de reduzir a pobreza. (...) Se tratarmos apenas os sintomas ou se diagnosticamos mal o problema subjacente, não melhoraremos a situação deles, e poderemos realmente piorar a vida deles.

Com planejamento ou sem planejamento, como já exposto, é comum que, ainda que não haja a prática, que pelo menos na teoria o discurso cristão tenha um forte apelo à filantropia. Instituições cristãs historicamente sempre tiveram forte apelo social, investindo em hospitais, instituições de longa permanência para idosos, nos antigos orfanatos⁹⁴, entre outros.

Na obra *Ministérios de Misericórdia*, Timothy Keller aborda esta linha de relacionar o fato de ser cristão necessariamente à prática de ações de filantropia, e tal noção mostra ser algo presente no discurso da liderança da igreja a tal ponto que cada um se identifique como um sacerdote no sentido de ser um proclamador desta crença (2016, p. 178): *“é preciso comunicar no púlpito, nos grupos de estudo, de boca em boca, que cada cristão é um ministro, e que ministrar é descobrir e suprir necessidades com o objetivo de proclamar o reino de Cristo”*⁹⁵. Sendo esta a linha de discurso das duas instituições pesquisadas no ato da conversão ou do discipulado⁹⁶ de seus fiéis, talvez seja este um dos motivos para que as pessoas das igrejas em questão procurem estes como seus locais de vivência religiosa, tendo em vista existirem ali ministérios que atuam socialmente.

Abraham Kuyper, teólogo holandês considerado um dos maiores nomes do Neocalvinismo, teologia seguida pela Igreja Cidade Viva, em “O problema da pobreza” também expressa a ideia da inviabilidade de se separar uma vida cristã de práticas de

⁹⁴ Desde a promulgação do Estatuto da Criança e Adolescente (ECA), em 1990, houve uma mudança na nomenclatura dos locais de abrigamento de crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade. O antigo termo limitava o local a abrigar crianças órfãs. Como os acolhimentos também são de crianças retiradas de seus responsáveis pelo fato de, por exemplo, estarem expostas a situações de violência ou a demais ausências de cuidados, os termos foram modificados para casa lar (quando há até 10 crianças e adolescentes), abrigo institucional (acima de crianças e adolescentes) e família acolhedora (quando uma família recebe a criança ou adolescente para o cuidado temporário, não sendo adoção).

⁹⁵ No meio evangélico, é comum usar o termo “no púlpito” como sinônimo de uma comunicação constante em pregações na igreja. (Inserção nossa ao texto citado)

⁹⁶ Enquanto que a conversão é o momento em que o fiel se torna seguidor de dada religião ou prática espiritual, discipulado é um processo do Cristianismo em que a pessoa conhece as especificidades básicas das crenças de sua igreja, como alguém que se relaciona com Jesus, tornando-se um discípulo dele.

dignificação social, e tal noção deve perpassar as questões do discurso. Antes, devem ter atuação como prática essencial da igreja (2020, p. 97-98):

[...] há uma ligação direta e simplesmente inegável entre a questão social e a religião cristã. Nós nos envergonhamos ao perceber que essa convicção não nos atingiu de forma mais profunda e não nos tem levado à prática das boas obras. Isso nos leva à culpa e nos move a nos humilhar, ao ver que, quando tamanha necessidade estava exposta, não tivemos a ousadia de agir em nome de Jesus [...] o que se espera de mim nesse momento, e o que eu ao menos tentarei fornecer, apelando ao seu juízo caridoso, é expor os laços por meio dos quais ambos os fenômenos da vida, a saber a religião cristã e a questão social, estão entrelaçados. Não é suficiente crer na existência de tal elo entre ambos. Essa convicção ainda precisa tomar forma. Somente então essa verdade falará profundamente à nossa consciência.

Apesar de ninguém haver escolhido a resposta “*Não, pois muitos não sabem como atuar e acabam prejudicando*”, afirmar isto não tem a ver com ser mais ou menos propenso a retirar alguém da situação de sofrimento. Pelo contrário, existem movimentos na igreja evangélica que defendem que muitas igrejas prejudicam os vulneráveis quando não se preparam para tal.

O pastor Yago Martins tornou o seu livro “A Máfia dos Mendigos: como a caridade aumenta a miséria” em *best-seller* ao desenvolver a tese de que a filantropia pode ser tão inútil quanto um programa assistencialista mal-feito. Ainda que o título (talvez propositadamente pensado como estratégia de *marketing*) dê a entender que não se deve fazer caridade, no decorrer do material é evidente que o autor (que passou um ano vivendo entre mendigos para escrever o livro) busca denunciar a falta de profissionalismo das igrejas e ONG’s nos trabalhos sociais.

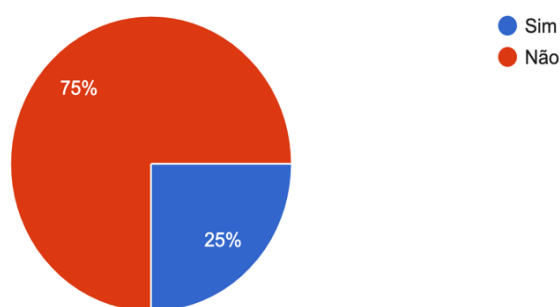
Em sua obra, o pastor Yago declara que não apenas faltam às igrejas e demais instituições estratégias para a mudança do quadro das pessoas em situação de rua, mas elas carecem de um real envolvimento com o problema do excluído, de modo que a caridade sem conhecimento de cada história, cada realidade pode gerar não apenas uma dependência do público aos que praticam a caridade, mas também o fomento a uma indústria da mendicância e à perpetuação da miséria. O autor explica que “[...] *quem mora na rua por inadequação à vida comum não vai aproveitar as oportunidades dadas por ações governamentais, e os preguiçosos que poderiam ser produtivos vão se dar bem usando a rua como um passo atrás para dar dois passos à frente*” (2019, p. 62). Em um outro trecho, jogando para as ONG’s e trazendo para si a culpa pela falta de profissionalismo da igreja (tendo em vista que a igreja do próprio Yago atuava junto a públicos em mendicância), ele fortalece o discurso de que tal falta de conhecimento e

ausência de boas estratégias de desenvolvimento social não apenas não provocam mudança no quadro da pobreza, como também podem ser responsáveis por produzir ainda mais miséria (2019, p. 57):

Quais os resultados de nossa caridade na vida dos moradores de rua? Por darmos sem nos importarmos de fato com quem recebe, acabamos gerando efeitos negativos na vida dos recebedores. Se estamos dando o que achamos que o outro deveria precisar, achamos suficiente. O problema é que a criação de novos moradores de rua tem sido incentivada pela caridade irrestrita e impessoal que transforma a mendicância em uma experiência comum. Assim, políticos, igrejas e ONGs estão ajudando a criar uma cultura de miséria nas grandes cidades do Brasil.

3- Você é voluntário em outro local fora de sua igreja?

20 respostas



O gráfico acima mostra que tal noção de aproximação da causa social devido à importância de demonstrar a gratidão a Deus pelas suas ações de misericórdia para com o próprio devoto tendem a levar o fiel a se voluntariar em algo que tenha o mesmo viés “cristão”, pelo menos para a realidade da Igreja Cidade Viva. Todos os entrevistados da Cidade Viva responderam que não são voluntários em outras ações filantrópicas em geral, operacionalizadas pela sociedade “comum” (não envolvida em sua igreja). No caso da IVV tal realidade é bem diferente, pois 50% dos que responderam ao questionário afirmaram que eram voluntários fora do contexto da igreja. Havendo esta ampla diferença, os números separados influenciaram totalmente no resultado geral do gráfico, que ficou em 75% para os que não se voluntariam fora e 25% para os que se voluntariam.

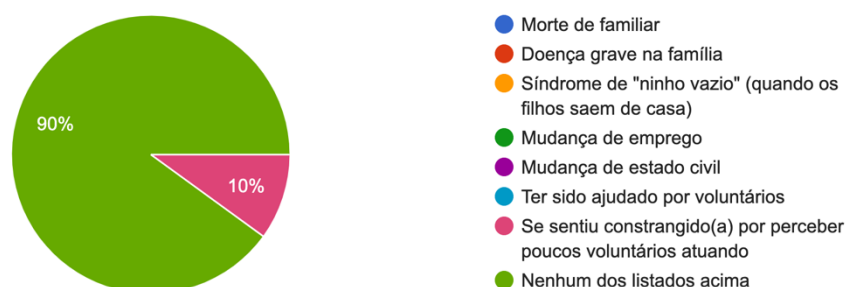
Um outro gráfico a ser analisado a partir da necessidade de demonstrar a motivação de ser voluntário é o gráfico com a pergunta: “*Algum dos eventos abaixo*

estimulou a sua busca por atividade voluntária? ” As respostas iam desde morte de familiar a constrangimento por não haver outros se voluntariando. Assinalar qualquer opção que não “*Nenhum dos listados acima*” poderiam indicar que a motivação estaria vinculada primariamente a uma mais com estímulo “temporal” do que por uma motivação primeiramente espiritual, tendo em vista que as cinco primeiras perguntas respondiam a uma necessidade emocional ou de conjuntura geográfica enquanto a última separava a causa das principais que não um desejo de agradar a Deus.

Dos voluntários das duas igrejas que preencheram o formulário, 90% declararam que nenhum dos motivos apresentados na pergunta respondiam ao motivo de se voluntariar e 10% responderam “*Se sentiu constrangido (a) por perceber poucos voluntários atuando*”. Os números foram exatamente iguais quando dividimos por igrejas, com 90% para uma resposta e 10% para outra.

4- Algum dos eventos abaixo estimulou a sua busca por atividade voluntária?

20 respostas



O fato de 10% responderem que ficaram constrangidos parece estar ligado ao fato de que, ao faltar um voluntário para fazer dada ação, o trabalho que Deus ordenou que fosse feito pela igreja se fragiliza. No Cristianismo há forte discurso direcionado à unidade, à comunhão. O Novo Testamento tem um forte discurso voltado à noção de uma vida eclesial onde os laços de afetividade entre os fiéis são fortalecidos, pois são todos filhos do mesmo Pai (então chamam uns aos outros de irmãos). Deixar um ministério sem condições plenas de fazer o seu serviço seria abandonar os seus irmãos, causando não só uma tristeza em Deus, que é misericordioso, mas também fragilizando o capital moral do próprio indivíduo.

Capital moral é um termo constantemente usado pelos neocalvinistas, mas, apesar de pouco conhecido, também é alvo de ação pela sociedade, intensificado o sentido no meio cristão. Em seu livro *Capital Moral* (2019), o neocalvinista Roel Kuiper explica que capital moral representa, entre outras questões, a forma como as pessoas se veem e como percebem o seu progresso, e tal noção interfere em todas as suas atividades, desde sua atividade nos âmbitos econômicos e políticos, até o empenho em torcer por um time de futebol, de modo que também desperta outros valores, se transformando em um conjunto de valores vividos ou *“a capacidade (individual e coletiva) de estar junto ao próximo e ao mundo de uma forma preocupada (...) está ancorado nas práticas sociais cotidianas (...) tais valores são precursores das práticas sociais – não o produto delas – mas se realizam nas práticas”* (2019, p. 24-25).

Ao viver igreja, o cristão é impulsionado a se juntar a outros para uma missão transformacional, de modo que é honroso trabalhar junto com os outros, ao mesmo tempo em que é desonroso não o fazer. Paulo, um dos escritores do Novo Testamento mais citados pelos protestantes, diz que a igreja é o corpo de Cristo manifestado na terra, sendo formado por vários membros com uma coisa em comum são todos direcionados em unidade, de modo que não deve haver ações que enfraqueçam ao corpo, mas devem ter unidade (1ª Co. 12:12-13, 24-26)

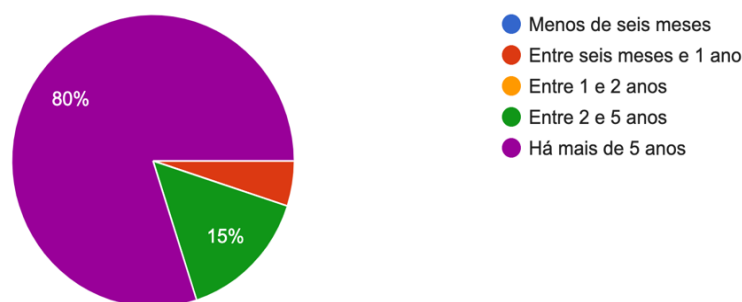
Ora, assim como o corpo é uma unidade, embora tenha muitos membros, e todos os membros, mesmo sendo muitos, formam um só corpo, assim também com respeito a Cristo. Pois em um só corpo todos nós fomos batizados em um único Espírito: quer judeus, quer gregos, quer escravos, quer livres. Mas Deus estruturou o corpo dando maior honra aos membros que dela tinham falta, a fim de que não haja divisão no corpo, mas, sim, que todos os membros tenham igual cuidado uns pelos outros. Quando um membro sofre, todos os outros sofrem com ele; quando um membro é honrado, todos os outros se alegram com ele.

Timothy Keller também ressalta a necessidade de a igreja estar como um todo envolvida nas causas sociais, ao dizer que as igrejas precisam conectar-se aos pobres e serem envolvidas com seus melhores recursos (de equipamentos e pessoal) na atuação juntos aos que estão em vulnerabilidade, explica que estas igrejas *“(...) precisam de voluntários, de trabalho gratuito de diferentes profissionais, de dinheiro e, quem sabe, até que alguns de seus melhores líderes de sua igreja morem e trabalhem com as comunidades carentes”* (2013, p. 138).

Outros dois gráficos nos trazem mais um cenário da pesquisa:

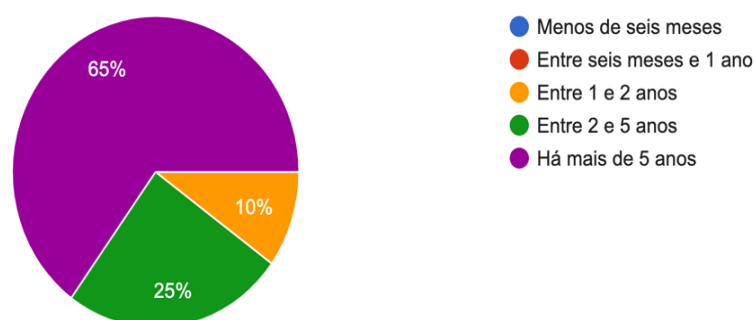
7- Há quanto tempo você é membro/congregado(a) da sua igreja?

20 respostas



8- Há quanto tempo você atua voluntariamente na sua igreja?

20 respostas



O primeiro gráfico mostra que 80% dos que preencheram o questionário são membros de sua igreja há mais de 5 anos. Na Igreja Cidade Viva o número é de 70%, enquanto na Igreja Verbo da Vida o número é um pouco maior: 90% dos voluntários têm mais de 5 anos de igreja. Tendo em vista que os ministérios de atuação social junto a vulneráveis comumente atuam em locais de risco, não surpreende que pessoas com mais tempo de igreja estejam envolvidos nos mesmos. Já em relação ao segundo gráfico, 65% do público geral a responder declarou que está como voluntário há mais de 5 anos. Estes números têm pouca diferença no detalhamento, sendo 70% para a IVV e 60% da ICV.

No caso da diferença de tempo entre uma e outra, isto poderia indicar que em uma igreja existem mais voluntários que decidem entrar antes no serviço junto aos vulneráveis que em outra, por exemplo, mas os números de ambos os gráficos são tão parecidos que qualquer tipo de inferência seria baseado em suposições, tendo em vista que para chegar a este grau de detalhamento era necessário um maior número de pesquisados e respostas

mais direcionadas, o que não foi o caso. A única certeza que podemos extrair destes números é que, no caso dos ministérios em questão, os voluntários têm mais tempo de vivência na igreja e, em sua maioria, permanecem nestes ministérios por um bom tempo.

As perguntas 11 e 13 têm diretamente a ver com nosso problema: “*Quando você realiza o trabalho voluntário em seu ministério, qual o seu objetivo individualmente falando?*” e “*Se o público excluído que foi alvo da ação social que você participa em sua igreja perguntasse o que você desejaria que eles fizessem em resposta à ação voluntária de vocês, o que você responderia?*” As respostas à pergunta 11 foram as seguintes:

11- Quando você realiza o trabalho voluntário em seu ministério, qual o seu PRINCIPAL objetivo em relação à pessoa à qual você está se esforçando para auxiliar?

20 respostas



Para 90% dos que responderam, a intenção é levar a pessoa a uma conversão religiosa por meio de um encontro com Cristo. No detalhamento os números são 100% da Igreja Cidade Viva e 80% da Igreja Verbo da Vida, com outros 20% da IVV respondendo que a prioridade é a transformação social da pessoa. Neste sentido, há uma contrapartida na atuação social de ambas as igrejas, mas tal fica ainda mais evidente na Igreja Cidade Viva, posto que 100% dos voluntários pretendem a conversão religiosa do seu alvo na ação social.

O Cristianismo é uma religião proselitista, e tal fato é evidente porque eles se baseiam na Bíblia Sagrada, e principalmente o Novo Testamento é efusivo quanto ao chamado para o evangelismo. Evangelizar não é simplesmente uma opção, é uma obrigação para os seguidores de Jesus, pois seria egoísmo ser salvo da condenação e não dar a outros o privilégio de conhecerem esta salvação. Na crença cristã, o mundo está perdido, separado do Criador, então é necessário pregar as boas novas de que "Deus

enviou o seu filho ao mundo para que todo aquele que nele crê não morra, mas tenha vida eterna” (João 3:16).

Jesus disse “vão e façam discípulos batizando-os” (Mateus 28:19), também disse: “*Ide por todo o mundo e preguem o Evangelho a toda a criatura*” (Marcos 16:15) ao mesmo tempo em que se identificou como “*o caminho, a verdade e a vida, sem o qual não possível chegar ao Pai*” (João 14:6). Ora, se o próprio Cristo deu estas e outras ordens quanto ao evangelismo, para o Cristianismo existe a necessidade de pregar para que as pessoas encontrem este caminho.

Não apenas Jesus ordena que seus seguidores proclamem uma mensagem de salvação espiritual para o mundo, mas os demais escritores do Novo Testamento também o fazem. Paulo em determinado momento chega a Atenas e, em meio às estátuas de ídolos espalhadas, Paulo usa como exemplo a religião dos atenienses para pregar sua fé no areópago (Atos 17:22-23): “*Atenienses! Vejo que em tudo vocês são muito religiosos, pois, andando pela cidade, observei seus objetos de culto e encontrei um altar com a inscrição: ao Deus desconhecido. Ora, o que vocês adoram, apesar de não conhecerem, eu lhes anuncio*”.

Nas demais respostas aos gráficos também há um discurso voltado ao evangelismo, ao desejo que a pessoa que recebe o benefício, a ação social, seja evangelizada. Na questão 12, já abordada acima e com algumas frases expostas, vimos que muito deste discurso é apresentado, principalmente com uso de versículos quanto ao desejo que a pessoa se converta de seus caminhos. Tal linha de respostas é muito semelhante ao que encontramos na questão 13: “*Se o público excluído que foi alvo da ação social que você participa em sua igreja perguntasse o que você desejaria que eles fizessem em resposta à ação voluntária de vocês, o que você responderia?*”

Vejamos os textos preenchidos pelos próprios pesquisados, primeiro pela ICV:

“Que ele busque mudar de vida, projetar uma nova história e seguir aos conselhos de Jesus e fazer o mesmo pelas outras pessoas para que elas também tenham a mesma oportunidade dele.”

“Que eles se esforçassem para abandonar crenças limitantes e buscasse em Cristo sua verdadeira restauração. ”

“Buscassem conhecer um pouco mais a palavra de Deus.”

“Reconhecesse Jesus como o único e suficiente salvador, pois essa é a principal transformação antes mesmo de qualquer evolução socioeconômica.”

“Responderia que: Agora como cidadãos transformados pela palavra de Deus, comecem a viver àquilo que absorveram, e sejam multiplicadores dessa verdade transformadora, sendo mais um voluntário. ”

“Reconheça a soberania de Deus em sua vida e seja grato pelo cuidado de Deus com você.”

“Agora como uma pessoa transformada pela palavra de Deus, comecem a viver aquilo que absorveram, e sejam multiplicadores dessa verdade transformadora, sendo mais um voluntário. ”

“Que eles se tornassem discípulos uns dos outros, trabalhando o respeito e a valorização das diferenças, divulgando o evangelho de Cristo.”

“Entendam que não é simplesmente por bondade humana. Muito antes disso, somos chamados por Deus para promover mudanças na sua vida. E mudanças materiais não são o mais importante; acima disso está a necessidade de arrependimento de pecados e de santificação no nome de Jesus. ”

“Entregue a vida a Cristo e leve amor aos outros. ”

Agora observemos as respostas ao questionário pelos voluntários da IVV:

“Que eles se entregassem aos ensinamentos da Palavra ao ponto de suas mentes serem transformadas pela Palavra e aí eles se tornariam multiplicadores de tudo isso”.

“Que entreguem a vida a Jesus e que mudassem de vida e que fizessem o mesmo com outras pessoas. Buscando Jesus você vai entender que ele quer te dar um novo recomeço, então vá e faça isso aos outros também, ajudando pra que mudem suas vidas também.”

“Que elas (apenas) ficassem firmes na palavra que receberam a fim de refazerem suas histórias de vida e guardassem sua salvação.”

“Aceitassem Jesus”

“Vá e faça o mesmo. Entregue sua vida a Jesus e fale dele para os outros.”

“Que entendessem que aquela ação é fruto do amor de Deus por elas e que o amor de Deus que alcançá-la ainda mais através da sua fé pessoal em Jesus Cristo para remissão dos pecados e vida eterna com Deus.”

“Aconselharia que procurassem uma comunidade de fé próxima para se congregarem e desenvolver-se na fé, também que ajude aos outros.”

“Que eles amassem a Deus acima de todas as coisas. Que eles mergulhassem no amor do Pai ao ponto de viverem de acordo com a Palavra de Deus”

“Sejam livres! O que tiver de ser genuinamente transformado não acontecerá mediante barganha nem imposição.”

“Siga a Jesus e à sua palavra, ele pode mudar tua história.”

Como uma das perguntas de nosso trabalho se relaciona a que tipo de contrapartida os voluntários esperam do público alcançado na ação social, vemos que há sim nos dois grupos (ICV e IVV) a expectativa de que haja uma ação do alcançado em resposta ao esforço dos voluntários da igreja.

A ação esperada é que ocorra um dos dois resultados: ou aconteça a vinculação da pessoa à nova vida espiritual a partir da expectativa de que a pessoa já tenha se convertido ao evangelicalismo devido à ação da igreja (com frases semelhantes a: “agora que já foi transformado, é preciso que...”) ou há o desejo de que a pessoa alcançada se converta à religião cristã.

Em praticamente todas as respostas dos voluntários da Igreja Cidade Viva há a motivação de que a pessoa para quem se direcionou a ação social responda ao chamado religioso, com palavras sobre relação com Jesus, Deus, Salvador ou Cristo. Nas respostas dos voluntários da Igreja Verbo da Vida praticamente não há diferença. É comum o discurso com uso de termos como: Palavra, comunidade de fé, amor do pai, entre outros. Em apenas um caso (na Igreja Verbo da Vida) vemos a penúltima frase com a motivação do voluntário para que pessoa seja livre, sem necessariamente haver alguma situação de cunho religioso. Tal motivação é explicada pelo fato de, como já colocado, a religião cristã ser proselitista, então seria no mínimo contraditório que o fiel acreditasse que sua missão principal na vida é pregar o evangelho a toda a criatura, segundo a orientação do apóstolo Paulo, o nome mais utilizado pelos evangélicos, em sua carta aos Filipenses:

Aguardo ansiosamente e espero que em nada serei envergonhado. Pelo contrário, com toda a determinação de sempre, também agora Cristo será engrandecido em meu corpo, quer pela vida quer pela morte; porque para mim o viver é Cristo e o morrer é lucro. Não importa o que aconteça, exerçam a sua cidadania de maneira digna do evangelho de Cristo, para que assim, quer eu vá e os veja, quer apenas ouça a seu respeito em minha ausência, fique eu sabendo que vocês permanecem firmes num só espírito, lutando unânimes pela fé evangélica. (Filipenses 1:20-21,27)

Desta forma, os voluntários só estão “cumprindo sua obrigação” espiritual e aplicando sua teologia na práxis, de modo que neste caso há uma resposta também à primeira pergunta que norteia o trabalho: Como as teologias influenciam nas *práxis* das igrejas Verbo da Vida e Cidade Viva em João Pessoa.

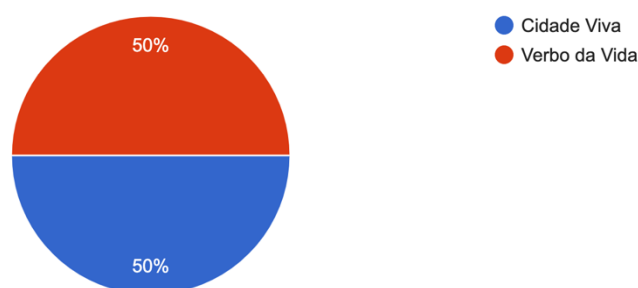
Ainda em relação à segunda pergunta: “*Que tipo de contrapartida ambas esperam do público alcançado por sua atuação social?*”, também vimos mais acima no gráfico 10 que no caso dos voluntários entrevistados não há qualquer frase atribuindo algum tipo de benefício a si mesmo, o que corrobora o que temos interpretado até aqui: nas respostas colhidas não há qualquer evidência que qualquer um dos grupos atue socialmente buscando alguma contrapartida visando um bem pessoal, algum tipo de ganho, seja espiritual ou material, seja de bênção material ou de algum tipo de favor de Deus em

relação a si mesmo. A contrapartida seria a conversão espiritual ou uma intensificação da relação do indivíduo com Deus.

Pastores

1- Você é pastor de qual das igrejas pesquisadas?

6 respostas



Em relação aos pastores, foram pesquisados seis em cada instituição. Na Igreja Cidade Viva atualmente há um grupo de doze pastores, enquanto na Igreja Verbo da Vida são seis, porém no período que realizamos a pesquisa havia apenas três, por isso a escolha de serem três pastores pesquisados em cada uma para manter a paridade.

Na Igreja Cidade Viva foram entrevistados os pastores José Marcelo Paes, que também exerce a função de Secretário Executivo, Josemar Bandeira, que também exerce a função de Diretor do Núcleo de Planejamento e Thiago Dutra, que também exerce a função de Diretor de Educação. Na Igreja Verbo da Vida os entrevistados foram os pastores Aluizio Paiva, que também exerce a função de Diretor Social, Eduardo Ramalho Diniz e Raphael Marx.

A primeira pergunta cuja resposta será analisada trata especificamente sobre os distintivos teológicos entre a ICV e outras igrejas: *Sabemos que cada denominação evangélica tem características teológicas que a diferencia de outras denominações. Que aspectos principais você poderia elencar que caracterizariam a Teologia seguida pela Igreja Cidade Viva? (Ex: "temos uma soteriologia calvinista / temos uma soteriologia arminiana", "cremos no sacerdócio universal dos crentes / cremos que a liderança da igreja não deve ser compartilhada com os que não fazem parte do clero", "cremos na*

Teologia da Prosperidade / cremos que não necessariamente Deus deseja que seus filhos sejam prósperos financeiramente".

Vemos que as respostas dos pastores, quando comparadas às dos voluntários, apontam para uma teologia mais apurada, inclusive com uso de termos utilizados no âmbito de uma teologia mais aprofundada. Inicialmente percebamos o conteúdo das respostas dos três pastores da Igreja Cidade Viva a este questionamento:

Temos uma soteriologia calvinista; cremos no sacerdócio universal de todos os crentes; cremos que todos os crentes são missionários e não apenas os ditos vocacionados; cremos na doutrina da eleição, da continuidade dos dons; na união hipostática de Cristo; cremos que a Bíblia é a única palavra de Deus revelada à humanidade e ao mesmo tempo é inerrante; cremos na doutrina da trindade. (Pr. José Marcelo Paes).

Soteriologia calvinista, sacerdócio universal, teologia reformada, complementarista, continuísta, cosmovisão cristã. (Pr. Thiago de Medeiros Dutra).

Um dos distintivos teológicos mais prementes da Cidade Viva é a sua eclesiologia voltada para a participação efetiva do "ministro leigo" em todas as suas atividades, inclusive em algumas tidas como sacerdotais, por exemplo batismo, santa ceia e ministração da palavra. Outro distintivo importante é que, para a nossa igreja, o calvinismo não é apenas uma doutrina soteriológica, mas, em grande medida, a base da nossa atuação junto à sociedade. Com relação a ideia bíblica de prosperidade, entendemos que ela seja fruto do esforço particular e do projeto amplo de Deus para o Seu Reino, não se confunde com a ideia de méritos ou heranças. (Pr. Josemar Bandeira)

Como dito anteriormente, a Igreja Cidade Viva segue princípios da teologia calvinista no âmbito da soteriologia. O motivo de explicação se dá pelo fato de, como temos visto, existirem pontos a mais no calvinismo além da soteriologia. Assim, quando uma igreja se diz calvinista na soteriologia, ela está querendo dizer que crê na predestinação: Deus em sua soberania predeterminou que certas pessoas fossem salvas, sendo estas chamadas, justificadas e glorificadas. Tal ação não é devido a uma decisão humana, mas a um ato de soberania de Deus, que decidiu escolher alguns que já estavam condenados em meio à humanidade para que fossem salvos. Devido ao fato de Calvino abordar muito esta questão (encontrada na Bíblia de forma mais densa principalmente nos capítulos 8 e 9 da Carta de Paulo aos Romanos), tal doutrina é mais vinculada a ele, por isso a relação de seu próprio nome à doutrina.

Algumas denominações são mais conhecidas por ter uma pregação muito efusiva na predestinação e geralmente não admitir que uma de suas igrejas tenham posição soteriológica divergente (como é o caso da Igreja Presbiteriana, citada anteriormente).

Em outras denominações há mais autonomia da igreja local quanto a este ponto, como é o caso das Igrejas Batistas. Ainda que a maioria das igrejas batistas no Brasil serem arminianas, não há problema em ter uma posição divergente, como é o caso da Igreja Cidade Viva que, mesmo sendo Batista, crê na predestinação.

O pastor Josemar Bandeira também acrescenta que para a Cidade Viva, “*o calvinismo não é apenas uma doutrina soteriológica, mas, em grande medida, a base da nossa atuação junto à sociedade*”. É interessante salientar que aqui já há a relação direta de uma das duas perguntas principais de nossa pesquisa: “*Como as teologias influenciam nas práticas das igrejas Verbo da Vida e Cidade Viva em João Pessoa?*”. Ainda que haja uma outra pergunta mais explícita quanto a este assunto, a resposta do pastor Josemar já aponta para um caminho rumo à compreensão sobre o calvinismo/neocalvinismo e a atuação da Igreja Cidade Viva.

Assim como pontuamos no item “*Neocalvinismo: Histórico e influências*” (apresentado no Capítulo 3), a doutrina preparada por Calvino e expandida pelos seus sucessores neocalvinistas toma uma dimensão muito mais abrangente do que meramente um ponto da Teologia Sistemática, posto que a noção é de uma “*enunciação das crenças básicas embutidas em uma grande narrativa compartilhada, as quais estão arraigadas em um compromisso de fé e dão forma e sentido à totalidade de nossa visão individual e coletiva*” (GOHEEN. 2016, p. 52). A mesma narrativa tem o Pastor Thiago Dutra, mas ao citar que a ICV segue a cosmovisão cristã.

Como também apresentado no mesmo item do Capítulo 3, a cosmovisão cristã parte do pressuposto de que há um drama bíblico com um enredo formado pela Criação, Queda e Redenção da humanidade. Tal drama serve como um panorama para o ser humano de modo que é necessário compreender as narrativas menores do contexto em que se está inserido. Este drama daria sentido à vida e significado para o mundo do indivíduo, posto que “*qual história uma pessoa vive faz uma enorme diferença em como ela interpreta os acontecimentos na vida*” e age em meio a eles (BARTHOLOMEW. 2017, p. 23). Para o Neocalvinismo, esta história é o drama apresentado nas Escrituras Sagradas e a forma como se interpreta e age aos eventos é a cosmovisão cristã.

Dois dos pastores entrevistados responderam que a igreja crê no “sacerdócio universal de todos os crentes” (Pastores José Marcelo e Thiago Dutra), enquanto outro pastor (Josemar Bandeira) foi mais específico, afirmando que a igreja tem uma eclesiologia voltada para a participação efetiva do “ministro leigo” em todas as suas

atividades, inclusive em algumas tidas como mais sacerdotais como por exemplo o batismo, a santa ceia e a ministração da palavra nos cultos.

Tal afirmação parece ser um ponto de diferenciação da ICV em relação à maioria das igrejas calvinistas, tendo em vista que as igrejas que se identificam com os pontos expostos por Calvino (ou, como explicado anteriormente, também chamadas de igrejas reformadas) costumam ter um forte discurso acerca do diferencial da função pastoral, tendo como consequência prática uma centralização nesta figura, de modo que é comum que igrejas mais tradicionais deste nicho tenham na própria estética do templo uma estruturação para que o papel de autoridade dos pastores seja evidenciado, com cadeiras situadas no púlpito no mesmo patamar do pregador (para que seja salientada a posição de liderança dos pastores frente à congregação). É bastante incomum ter cerimônias como de batismo, casamento, ou mesmo a ministração da ceia dirigidas por alguém que não seja um pastor ordenado. A Igreja Cidade Viva, não obstante, ser calvinista e se identificar como uma igreja história (por ser de confissão Batista), tem um discurso diferente do que comumente é peculiar a uma igreja calvinista.

O pastor José Marcelo cita que os missionários são todos os que se identificam como cristãos, e não apenas os tratados como vocacionados. Tal noção, apesar de também ser utilizada por igrejas que não seguem o Neocalvinismo, é muito peculiar do discurso dos que compartilham do pensamento kuyperiano herdado de Calvino, tendo em vista que o termo dupla vocação (abordado na Introdução deste trabalho) desenvolve o conceito de que há um chamado ou uma vocação universal e uma específica, sendo que tal vocação está ordenada a todos os que têm um relacionamento com Jesus (os que se identificam como cristãos por seguirem a Cristo) e não somente os que exercem uma função de liderança na igreja. Desta forma, todos os cristãos devem exercer sua função sacerdotal diante de Deus e dos homens, pois foram chamados por ele para proclamar quem ele é ao mundo através de sua vida em todas as dimensões (ou em todas as esferas de soberania, como Dooyeweerd costuma explicar) seja na profissão, diante dos amigos, atuando em determinada função política, enfim, em todas as instâncias de sua vida, **inclusive** em um ministério na igreja, e não **especificamente** neste (2003, Institutas III, XXIV.8):

Aquela afirmação de Cristo quanto a que muitos são chamados, porém poucos escolhidos [Mt. 22.14], é deste modo muito mal-entendida. Nada será ambíguo, se sustentarmos o que deve ser claro à luz das considerações 69 supra, de haver dupla espécie de vocação. Ora, há a vocação universal, pela qual, mediante a pregação externa da Palavra, Deus convida a si a todos igualmente, ainda aqueles aos quais a propõe como aroma de morte [2Co 2.16] e matéria da mais grave condenação. A outra é a vocação especial, da qual digna ordinária e somente aos fiéis, enquanto pela

iluminação interior de seu Espírito faz com que a Palavra pregada se lhes assente no coração. Contudo, às vezes também faz participantes dela aqueles a quem ilumina apenas por um tempo; depois os abandona ao mérito de sua ingratidão e os fere de cegueira mais profunda.

O pastor Josemar Bandeira complementa a relação da *práxis* da igreja com a teologia de Calvino ao afirmar que, para a Igreja Cidade Viva, “*o calvinismo não é apenas uma doutrina sotereológica, mas, em grande medida, a base da nossa atuação junto à sociedade*”, corroborando a influência da doutrina nas ações da instituição. Neste sentido, a igreja manifesta suas inúmeras atuações (especificadas no capítulo anterior) por acreditar nesta noção de cosmovisão aliada à ideia de que a mesma se manifesta de maneira multiforme, poliédrica, tendo em vista que a instituição trabalha em várias áreas, entre elas e educação não apenas teológica – como é comum ao meio evangélico (posto que a mesma possui uma escola de ensino Infantil, Fundamental e Médio, além de uma Faculdade reconhecida pelo MEC), também com treinamentos a empresas (por meio da criação da Embaixada de Negócios, uma associação empresarial criada para gerar ajuda mútua entre empresários, promoção de educação executiva, estímulo a novos negócios e também para facilitar a propagação da ética cristã nos negócios), além de atuação com esportes, arte, entre outras eixos que perpassam o ambiente eclesialístico.

Uma outra questão observada nas respostas tem relação com o debate sobre cessacionismo ou continuísmo. O Pr José Marcelo fala que creem na “*continuidade dos dons*” enquanto o Pr Thiago Dutra fala que são *continuístas*. O Pr Josemar não falou sobre o tema. Este debate está no âmbito da Teologia Sistemática e se pauta na seguinte questão: os dons mencionados nos textos do Novo Testamento (curas, profecias, milagres, entre outros) são válidos hoje para serem usados na igreja? Para que entendamos a diferença entre tais grupos, Wayne Grudem diz (1999, p. 873):

No mundo evangélico hoje há diferentes posições quanto se os dons são válidos para serem usados na igreja hoje. Alguns diriam sim. Outros diriam não e argumentariam que alguns dons mais miraculosos (...) foram dados somente durante a era apostólica, como “sinais” para credenciar os apóstolos durante o estágio inicial de pregação do evangelho. Afirmam que esses dons não são mais necessários hoje como sinais e cessaram no final da era apostólica, provavelmente no final do primeiro século d.C. ou começo do segundo. (...) existe um grande grupo “intermediário” com a relação a esta pergunta, o grupo dos “evangélicos históricos”, que não são nem carismáticos nem pentecostais por um lado nem estão entre os “cessacionistas” por outro lado, mas estão simplesmente indecisos e inseguros de que essa questão possa ser decidida a partir das Escrituras.

O que se observa é que a ICV acredita no uso dos dons na igreja nos dias de hoje, e cabe salientar que, para igrejas pentecostais, os dons podem (e geralmente são) manifestados no decorrer dos cultos, seja por meio da glossolalia, curas, profecias, etc., enquanto que para muitas igrejas tradicionais (como é o caso da Igreja Presbiteriana), a grande maioria dos dons citados no Novo Testamento se encerraram naquele período. Já o terceiro grupo, do qual faz parte a ICV, entende que os dons têm atuação também contemporânea na igreja, mas de forma menos intensa do que crê o pentecostalismo.

É interessante perceber que existem convergências e similaridades entre a ICV, a IVV e a Igreja Presbiteriana. As igrejas Presbiteriana e a Cidade Viva são calvinistas, mas a Presbiteriana não crê na contemporaneidade dos dons. A Igreja Verbo da Vida e a Cidade Viva são continuístas, mas a Cidade Viva não segue o arminianismo, e sim o Calvinismo. Assim, por mais que haja uma forte discordância entre algumas doutrinas nas práticas cotidianas entre as três igrejas, outras são convergentes.

Nas respostas analisadas vemos um outro ponto de convergência não entre duas, mas entre as três igrejas, que é na ordenação de mulheres. Ainda que muitas igrejas Batistas ordenem mulheres ao cargo de pastoras, a Igreja Cidade Viva não segue este pensamento, pois, como o Pr Thiago Dutra citou, a mesma é complementarista.

O complementarismo entende que muitas mulheres tiveram um certo destaque nos escritos bíblicos e no meio cristão primitivo - desde Priscila, que juntamente com Áquila liderou pessoas no Novo Testamento a Débora, que foi Juíza, uma líder civil sobre o povo de Israel, Maria, que é considerada a mulher mais importante da história, por ter gerado Jesus, entre tantas outras. A doutrina complementarista acredita que homens e mulheres foram criados por Deus e refletem o caráter de Deus, assim como ambos são igualmente importantes para Deus, porém, não obstante tais questões, existem diferenças nos papéis de ambos tanto em casa quanto na atuação na igreja. Wayne Grudem explica a diferença (2007, p. 223):

[...] alguns cristãos sustentam que não há papéis de ensino e governo na igreja que sejam exclusivos dos homens e são chamados igualitaristas [...]. Eles dão ênfase a Gálatas 3:28 assim como a Juízes 4:5; Atos 2:17,18; 18:26, Romanos 16:7 e 1 Timóteo 3:11 [...]. Os cristãos complementaristas e sustentam que “alguns” papéis de governar e ensinar na igreja são reservados aos homens, embora variem nas estruturas de governo das denominações e congregações as aplicações práticas de 1 Timóteo 2:11-15 assim como de Mateus 10:2-4; 1 Coríntios 14:22-35, 1 Timóteo 3:2; Tito 1:6 e a conexão entre a liderança no lar e na igreja (1 Tm. 3:5).

Concordando com o pensamento da Igreja Cidade Viva e da Igreja Presbiteriana, o Reverendo Giácome Travassos, responsável pela supervisão das Igrejas Verbo da Vida na Paraíba, em uma entrevista a um blog sobre a forma de governo da IVV, respondeu que a Igreja é complementarista⁹⁷: “[...] *temos ministras ordenadas como mestres, mas no que diz respeito a pastoras, nós não ordenamos, pois entendemos que a posição de governo da igreja é direcionada ao homem*”. Aos líderes que seguem tal posição, geralmente há a acusação de uma desvalorização à mulher, pois tal noção colocaria a mulher em situação de desprestígio na igreja. O mesmo Reverendo Giácome assim contrapõe tal pensamento: “*Não há diminuição ou menosprezo à mulher, pois elas exercem várias outras funções de liderança, mas entendemos que Deus colocou papéis diferentes e respeitamos os que pensam de forma diferente, mas não é o nosso entendimento teológico.*”

Explicando as diferenças entre o igualitarismo e o complementarismo, Wayne Grudem aborda tal questão apresentando que o principal argumento dos complementaristas é de que a não ordenação feminina não seria uma atitude de desvalorização da mulher pelo fato de que na própria Trindade divina existiria uma divisão de papéis visando uma organização, uma gestão das ações de Deus em relação à sua criação. Não obstante o Pai, o Filho e o Espírito Santo serem iguais em divindade, a Bíblia apresenta a chamada “economia divina”⁹⁸ com o Espírito Santo se submetendo ao Filho e o Filho se submetendo ao Pai, sem que nenhum se veja desvalorizado nesta atuação, de modo que, se os seres humanos devem refletir o caráter de Deus, como Paulo diz em 1a Coríntios 11:3, então homem e mulher devem entender que são iguais em importância, mas diferentes em seus papéis (2007, p. 218, 219):

Entre os membros da Trindade há igualdade em importância, pessoalidade e divindade por toda a eternidade. Mas também há diferenças nos papéis entre os membros da Trindade (...) embora os três membros da Trindade sejam iguais em poder e em todos os outros atributos, o Pai tem autoridade maior. (...) Após o Filho ter ascendido ao céu, o Espírito Santo vem para equipar e fortalecer a igreja (Jo. 16:7; At. 1:8). (...) Exatamente como Deus Pai tem autoridade sobre o Filho, embora os dois sejam iguais em divindade, assim, no casamento, o marido tem autoridade sobre a esposa, embora eles sejam iguais em pessoalidade.

⁹⁷ Disponível em: <http://sedesconformando.blogspot.com/2021/03/perguntas-e-respostas-ivv-somos.html> (Acesso em: 22 de abril de 2021)

⁹⁸ Economia divina é um conceito teológico cuja palavra grega é οἰκονομῆς (*oikonomos*), a junção de *oikos* = casa e *nomos* = lei, regra. Seria a forma divina utilizada para que haja organização espiritual, que deve ser utilizada pelos humanos como modelo de aplicação para a vida.

A partir das respostas dos pastores da Cidade Viva pontuadas, conseguimos compreender que há estreita relação entre o que os líderes interpretam do Neocalvinismo e a atuação da igreja, sendo a segunda nitidamente a busca pela aplicação da teologia pregada na atuação social, considerando que entendem que a cosmovisão cristã deve permear todas as ações da igreja, e não apenas a atuação social visando a dignificação dos excluídos, mas o investimento em outras áreas como educação, geração de emprego e renda, preservação do meio ambiente entre outros, faz parte da busca da ICV em aplicar esta teologia na *práxis* além do que é apresentado no púlpito.

Os pastores da Igreja Verbo da Vida responderam à mesma pergunta feita aos pastores da ICV, tratando sobre os distintivos teológicos entre a IVV e outras igrejas: *“Sabemos que cada denominação evangélica tem características teológicas que a diferencia de outras denominações. Que aspectos principais você poderia elencar que caracterizariam a Teologia seguida pela Igreja Verbo da Vida? (Ex: “temos uma soteriologia calvinista / temos uma soteriologia arminiana”, “cremos no sacerdócio universal dos crentes / cremos que a liderança da igreja não deve ser compartilhada com os que não fazem parte do clero...”, “cremos na Teologia da Prosperidade / cremos que não necessariamente Deus deseja que seus filhos sejam prósperos financeiramente”, etc.).*

Assim como ocorreu com as respostas dos pastores da ICV, os pastores da Igreja Verbo da Vida apresentaram respostas mais ricas em termos teológicos. Percebamos o conteúdo das respostas dos três pastores da Igreja Verbo da Vida ao questionamento feito no formulário enviado:

Cremos na salvação disponível a todos por meio do sacrifício de Jesus Cristo como foi explicitado por João 3:16. Cremos que a Igreja é um organismo vivo que, sendo um corpo, Cristo é o cabeça de acordo com Romanos 11:36. Cremos que a prosperidade é uma das bênçãos disponíveis para aquele que crê em Deus. Vale salientar que o conceito de prosperidade bíblica difere do conceito de riqueza financeira. Onde o primeiro pode conter o segundo, mas não necessariamente o segundo é sinônimo do primeiro, em concordância com Filipenses 4:19. (Pastor Aluizio Paiva)

A teologia que a bíblia é a verdade, e ela deve ser tirada do papel para a prática no dia a dia. (Pastor Eduardo Ramalho Diniz)

Soterologia arminiana (1a Timóteo 2:4). Cremos no sacerdócio universal dos crentes (1a Pedro 2:9). O que não exclui os dons do ministério e sua hierarquia. (Efésios 4:11). Cremos na prosperidade bíblica (diferente da Teologia da Prosperidade que tem sido relacionada a uma aplicação

desequilibrada das Escrituras). cremos sim que é interesse de Deus que o homem prospere na sua presença (3a João 2), uma prosperidade que está relacionada a comunhão com ele e seus efeitos sobre o homem, no seu espírito, alma e corpo. (Pastor Raphael Marx)

Os pastores Aluizio Paiva e Raphael Marx, abordam o tema prosperidade da mesma forma que o Reverendo Giacomé Travassos ao responder à crítica da Igreja Presbiteriana sobre a relação da IVV com o Neopentecostalismo (no capítulo 3, tópico “Igreja Verbo da Vida”). Os dois apresentam a prosperidade como bênçãos gerais de Deus para o homem, e não somente de cunho financeiro. Prosperidade pode incluir bênção financeira, mas não necessariamente a pessoa próspera terá uma vida com abundância financeira: *“o primeiro pode conter o segundo, mas não necessariamente o segundo é sinônimo do primeiro, em concordância com Filipenses 4:19”* (Pr Aluizio Paiva). O texto em questão é o em que o apóstolo Paulo diz: *“O meu Deus suprirá todas as necessidades de vocês, de acordo com as suas gloriosas riquezas em Cristo Jesus”*.

O pastor Raphael Marx também usa um texto bíblico para argumentar que a prosperidade bíblica é para todas as pessoas, ao mesmo tempo em que explica que esta promessa de Deus está relacionada à *“comunhão com ele e seus efeitos sobre o homem, no seu espírito, alma e corpo”*. No desenvolvimento de seu argumento, o pastor critica a Teologia da Prosperidade que, em suas palavras, *“tem sido relacionada a uma aplicação desequilibrada das Escrituras”*. Ou seja: assim como já havia pontuado o Pastor Aluizio, a prosperidade do homem não necessariamente quer dizer que este tenha riquezas, como é muito apregoado em igrejas como a Universal do Reino de Deus, tendo em vista que é pública por tais igrejas a difusão da ideia de que pobreza é opressão de um inimigo espiritual e que a riqueza é o mais evidente sinal da bênção de Deus sobre os seus súditos.

O texto bíblico utilizado pelo Pr Raphael em sua fala é a terceira epístola de João, em que o apóstolo, ao escrever a Gaio, o saúda dizendo: *“Amado, oro para que você tenha boa saúde e tudo lhe corra bem, assim como vai bem a sua alma”*. Considerando que a prosperidade em que a IVV crê não é “a mesma prosperidade” de igrejas como IURD e Internacional da Graça, por exemplo, este texto está voltado à ideia de que o cristão ora para que a vida dos outros tenha estabilidade em todas as áreas. Como João sabia que Gaio tinha uma vida de devoção a Deus, a relação que ele faz é que ele estaria bem, estaria com sua alma “em equilíbrio”, então desejava que o mesmo se repetisse nas demais áreas de sua vida.

Por outro lado, igrejas como a Universal do Reino de Deus têm uma postura nitidamente diferente da apresentada por Pr Raphael Marx quanto à “troca de favores” do

fiel para com Deus. O líder desta igreja, Bispo Edir Macêdo, é muito claro na sua posição de que, quanto aos valores ou bens ofertados, o fiel deve doar algo de muito valor, pois isso seria uma mostra do grande afeto que se tem por Deus, tendo em vista que o que Deus dá não se comparara ao que o ofertante está a oferecer. Quanto mais valioso é algo, mais alegria ele promove a Deus (1996, p.12):

Dependendo do grau de interesse do ofertante, o presente, por mais caro que seja, ainda assim se torna barato diante daquilo que está proporcionando ao presenteado. Quando há um profundo laço de afeto, ternura e amor entre o que presenteia e o que recebe, o presente nunca deve ser inferior ao melhor que a pessoa tem condições de dar.

Uma convergência interessante entre a Cidade Viva e a Verbo da Vida encontrada nos discursos dos pastores Eduardo e Raphael tem relação com a ideia de uma teologia que sai do âmbito teórico e é observada na atuação prática dos que creem: “*A teologia que a bíblia é a verdade, e ela deve ser tirada do papel para a prática no dia a dia*” (Pr Eduardo Ramalho Diniz) e “*Cremos no sacerdócio universal dos crentes (1a Pedro 2:9)*” (Pr Raphael Marx). Apesar de aparentemente serem respostas diferentes, em essência elas falam sobre a mesma coisa. Ao fazer tal afirmação, o Pastor Eduardo informa que a igreja deve atuar em conformidade com o que prega. Mas como fará isso? A resposta do Pastor Raphael é complemento disso: por meio dos seus membros, tendo em vista que o sacerdócio é universal, ou seja: são as pessoas que formam a igreja, e não somente o clero – logo, a igreja toda deve sair das “quatro paredes” visando a transformação social dos ambientes à sua volta.

O texto usado pelo Pr Raphael está na Primeira Epístola do Apóstolo Pedro, que diz: “*Vocês, porém, são geração eleita, sacerdócio real, nação santa, povo exclusivo de Deus, para anunciar as grandezas daquele que os chamou das trevas para a sua maravilhosa luz*”. No trecho, o apóstolo justamente questiona a noção de uma posição diferenciada diante de Deus de certos homens em detrimento de outros, utilizando o título de sacerdotes. Pedro generaliza o sacerdócio, e há nas igrejas ICV e IVV um alinhamento quanto a esta noção: todos são sacerdotes e devem, como diz o fim do versículo citado, “anunciar” o que Deus determinou que eles anunciem. Pelo que temos visto até aqui, para os dois grupos o anúncio vem seguido de ações de dignificação.

Uma outra pergunta buscou especificar como cada pastor via sua igreja doutrinariamente em relação à outra pesquisada, em termos de distintivos teológicos. Aos pastores da ICV foi perguntado: “*Que aspectos principais você poderia elencar que*

diferenciaria a teologia da Igreja Cidade Viva do que você conhece das igrejas de denominações neopentecostais, tais como Verbo da Vida, IURD, entre outras? ” Perceba que a IVV, apesar da negativa dos seus pastores, foi colocada na pergunta como neopentecostal, tendo em vista que, como dito anteriormente, as igrejas de outras denominações (como a Batista, denominação da qual faz parte a Igreja Cidade Viva) a identificam desta forma. Observemos as respostas dos três pastores da Igreja Cidade Viva à pergunta:

Aspectos doutrinários principalmente quanto à eleição, salvação, pecado, providência de Deus, além de entendimento teológico quanto à hermenêutica bíblica, à teologia pública, eclesiologia e à missiologia, mas também quanto à liderança, pastoreio e cosmovisão cristã. (Pastor José Marcelo)

Somos contrários à teologia da prosperidade e à confissão positiva. (Pastor Thiago Dutra)

Em primeiro lugar a eclesiologia voltada para um modelo menos hierarquizado, baseado na compreensão de sacerdócio universal e na desmistificação de ritos de consagração; nos distinguimos, também, no que tange à soteriologia, visto que as igrejas neopentecostais confundem o sentido último da Cruz de Cristo, trocando o discurso da salvação pelo da prosperidade; ainda sobre soteriologia, os neopentecostais costumam considerar o batismo com o Espírito Santo como um aspecto da unção, enquanto nós entendemos que o batismo com o Espírito Santo é a conversão. Poderia citar muitos outros, mas por último, os neopentecostais, comumente, formulam suas práticas de fé a partir de experiências particulares independentemente delas serem, ou não, conflitantes com as Escrituras. Para nós da Cidade Viva as experiências particulares são apenas experiências, carecendo de confirmação nas Escrituras e jamais se convertendo em doutrina. (Pastor Josemar Bandeira)

Nas respostas, vemos que os pastores Josemar e José Marcelo parecem ter mais diferenças teológicas com a IVV do que o pastor Thiago Dutra. Isso tanto pode ser resultado de um conhecimento mais detalhado dos dois primeiros sobre as doutrinas da IVV, tanto quanto a concordância do pastor Thiago Dutra com outros pontos que a IVV acredita, em detrimento dos pastores José e Josemar, ou até mesmo pode ser que o pastor Thiago Dutra respondeu se ater aos pontos que considera mais complexos doutrinariamente. Não há como ter certeza quanto ao motivo de tal diferença tomando como base apenas o formulário preenchido.

O pastor Thiago Dutra especificou as diferenças que de fato mais apontam para as características das igrejas neopentecostais em contraponto com as igrejas evangélicas

“tradicionais”, como dito anteriormente. Já os pastores José Marcelo e Josemar Bandeira tratam de:

1- Soteriologia: O Pr José Marcelo fala sobre eleição. A Igreja Verbo da Vida, como dito acima, é arminiana, logo, tem uma crença quanto à salvação oposta ao Calvinismo da Igreja Cidade Viva.

O arminianismo é atualmente a doutrina da salvação que mais se opõe à explicação da eleição apresentada por Calvino. Os grupos protestantes calvinistas, em se tratando de igrejas históricas, são formados geralmente por praticamente todas as igrejas presbiterianas, muitas igrejas luteranas e algumas anglicanas. Por outro lado, as igrejas metodistas, muitas batistas e outros grupos independentes rejeitam esta doutrina.

O arminianismo é uma escola de pensamento soteriológico criada pelo teólogo holandês Jacob Arminius (1560-1609) que busca explicar a relação entre a soberania de Deus e o livre-arbítrio da humanidade quanto à salvação eterna. Negando a teologia da predestinação, base de pensamento do calvinismo, defendia o livre-arbítrio e enfatizava a responsabilidade do homem pois, crendo na depravação total do ser humano, também cria que, por meio do sacrifício de Jesus Cristo e da fé nesse salvador, era possível alcançar a vida eterna e a santificação cristã. Para o calvinismo, a graça era distribuída exclusivamente por Deus aos seus escolhidos, enquanto para os arminianos - que acreditavam no livre-arbítrio – todos tinham acesso à graça, dependendo da sua disposição em buscar uma vida de santificação, se guiando nos princípios expostos na Bíblia, como traz MENDONÇA (2007, p. 168):

Para os que acreditavam no livre-arbítrio (...) a graça estava disponível para todos e podia ser abraçada livremente pelos indivíduos sob o peso da consciência de culpa ou de alguma forte experiência religiosa. O diferencial (...) é o tríptico da conversão: aceitação da graça pela fé, regeneração/justificação e santificação. A santificação é progressiva durante a vida do cristão, mas, diferentemente do calvinismo ortodoxo em que a graça é irresistível, ela pode ser interrompida pela renúncia da graça por parte do indivíduo, o que equivale a perder a salvação. As duas maneiras de entender a ação da graça divina no indivíduo não provocam efeitos diferentes na chamada ética protestante do empenho e da ação: no arminianismo, a preocupação com a atividade produtiva vincula-se ao receio de perder a santificação progressiva decorrente da graça livremente escolhida; no calvinismo ortodoxo, o empenho é sustentado pelo dramático esforço do indivíduo para responder à pergunta crucial “fui escolhido pela graça, sou salvo?”. A resposta só pode ser obtida pelo sucesso nos empreendimentos como sinal da graça.

O pastor Josemar Bandeira complementa o ponto soteriológico, dizendo que as igrejas neopentecostais “*confundem o sentido último da Cruz de Cristo, trocando o discurso da salvação pelo da prosperidade*”. Talvez a afirmação relacione o fato de que, na teologia apontada no capítulo anterior, o foco na prosperidade durante a vida terrena é tão intenso que não há um discurso preocupado com o que se deve produzir para a eternidade. Além disso, haveria a crença dos seguidores da Teologia da Prosperidade de que a morte de Jesus teve como intenção última não uma reconciliação dos homens pecadores diante de Deus para a vida eterna, e sim de um propósito voltado ao desfrutar das benesses que Deus teria para os seus filhos ainda em vida, sendo o pós-morte um assunto secundário.

O pastor José Marcelo ainda cita outros itens como distintivos entre a ICV e a IVV, tais como o entendimento teológico quanto à hermenêutica bíblica.

As igrejas protestantes de linha mais histórica, como a denominação Batista, têm uma grande preocupação com a aplicação das regras da hermenêutica para uma correta interpretação das Escrituras. Não há um curso de Teologia “respeitável” no meio protestante sem que hajam disciplinas com a temática.

Há no meio neopentecostal um certo desprezo quanto ao uso das normas da ciência Hermenêutica para a interpretação do texto bíblico. Tal falta de empenho vem principalmente da ideia de que Deus quer usar qualquer um e não está se importando tanto com o conhecimento teológico da pessoa, pois isso seria “racionalizar demais” as Escrituras. Por outro lado, igrejas de tradição histórica têm a posição mais voltada à ideia de que nem todo discurso encontrado na Bíblia pode ser direcionado para um mesmo sentido, tendo em vista que há gêneros linguísticos diferentes nos livros bíblicos além dos abismos linguísticos, culturais e históricos que separaram os leitores de hoje dos escritores de milhares de anos atrás, sendo necessário conhecer a ciência que estuda os livros a fim de chegar o mais próximo possível da intenção original do texto, evitando falhas na interpretação, como diz RIBEIRO (2019, p.149):

Para a Teologia cristã, campo onde a hermenêutica encontra o seu maior desenvolvimento a partir da exegese dos escritos da Bíblia Sagrada, a tarefa da hermenêutica é capacitar os fiéis que estudam os escritos sagrados a fim de que se movimentem do texto para o contexto, de modo que o significado pretendido pelos autores bíblicos fale hoje com uma relevância tão dinâmica quanto originalmente pretenderam que o fosse. Esta hermenêutica bíblica necessariamente também deve seguir três níveis e se

dá a partir das análises dos textos contidos em seu compêndio sagrado. Se um dos níveis apresentados adiante não forem seguidos, o resultado geralmente é uma interpretação falha. O primeiro nível seguido pela hermenêutica é a exegese (ou o que o texto significa), o segundo é a devocional (ou o que ele significa para o fiel que o estuda) e o terceiro é o da homilética (que responde pela forma como o fiel deve compartilhar com outros o que aquele texto significou para ele).

O pastor José Marcelo ainda cita que há discordância quanto à cosmovisão cristã, considerando que a IVV não coaduna com o que a ICV pensa a respeito deste tema. Tal conclusão do pastor pode estar relacionada a um entendimento dele de que, devido ao fato de a Igreja Verbo da Vida não ser calvinista, ela tenha uma noção de uma dualidade na relação cristianismo e o meio, considerando que, como vimos, a ideia calvinista de cosmovisão é de um entendimento de universo como criação de Deus e isso sendo manifesto em todas as esferas de conhecimento. Uma outra definição seria a de GOHEEN (2016, p. 52) que, ainda que seja mais aprofundada, não difere essencialmente do posto até aqui: *“Cosmovisão é uma enunciação das crenças básicas embutidas em uma grande narrativa compartilhada, as quais estão arraigadas em um compromisso de fé e dão forma e sentido à totalidade de nossa vida individual e coletiva”*.

Não obstante originalmente tal conceito de fato ter sido mesclado ao cristianismo pelo neocalvinismo de James Orr e Abraham Kuyper (considerando que eles não criaram o termo, mas o adaptaram a esta realidade religiosa), ter sido trabalhado por eles não significa que tal concepção seja algo característico apenas desta linha teológica. O objetivo primordial de ambos os teólogos era que houvesse uma demonstração do cristianismo de que ele era em si mesmo uma visão extensa da vida integral e que era fundamental que os cristãos expressassem a cosmovisão cristocêntrica subtendida nas escrituras como um todo, de modo que pudessem separar a mesma das cosmovisões anticristãs da atualidade (*Ibidem*, p. 40).

O texto da pergunta sobre os distintivos teológicos da IVV foi formulado da seguinte forma: *“Que aspectos principais você poderia elencar que diferencia a teologia da Igreja Verbo da Vida de igrejas consideradas mais históricas, tais como Igreja Presbiteriana, Congregacional, Batista, entre outras?”* Observemos as respostas dos três pastores da Igreja Verbo da Vida à pergunta:

A bíblia é nossa regra de fé. Levando em consideração que as igrejas co-irmãs também se baseiam na mesma regra, entendemos não existir pontos cruciais de diferenciação. Apenas posições variantes de uma mesma doutrina base. (Pastor Aluizio Paiva)

Que eu não sou apenas alguma pessoa que vai para o culto na igreja, mais sou uma pessoa que pratica a Palavra. (Pastor Eduardo Ramalho Diniz)

Cremos inteiramente na salvação pela fé em Cristo Jesus e não por obras. Cremos na obra do espírito santo por meio dos crentes, cremos nos dons do espirituais 1 Co 12:01 - 10, cremos em cura divina, Cremos na justiça de Deus disponibilizada ao crente pela fé em Cristo Jesus 1 Co 5:21. (Pastor Raphael Marx)

O pastor Aluizio Paiva considerou que as igrejas pensam de forma muito semelhantes, ao ponto de considerar que existem apenas pequenas distinções que não afetam o modo como ele considera tais igrejas do ponto de vista do ser cristão. Para tal pastor, as “posições variantes” não têm relevância diante do todo, tendo em vista que há uma “doutrina base” que as torna semelhantes, posto ambas considerarem a Bíblia como regra de fé.

Por outro lado, tendo em vista que foi questionado quais seriam as principais diferenças entre as doutrinas das duas igrejas, as respostas dos pastores Eduardo Ramalho e Raphael Marx a princípio podem nos fazer entender que eles colocam as igrejas históricas necessariamente dentro de um mesmo perfil:

- a) Seus fiéis são mais frequentadores das reuniões do que de fato praticantes do que está no seu livro sagrado (discurso de Pr Eduardo);
- b) Tais fiéis creem em salvação pelas obras e não pela fé;
- c) Os fiéis também creem que o Espírito Santo não atua entre os crentes;
- d) Os participantes destas igrejas não acreditam nos dons espirituais nem na cura divina;
- e) Também não acreditam na justiça de Deus por meio da fé em Jesus Cristo.

Todos os demais entendimentos com exceção da letra “a” são baseados nas respostas do Pastor Raphael Marx.

Apesar de não haver como ter plena certeza de tal fato, provavelmente o entendimento dos dois pastores tem como base a posição da Igreja Presbiteriana do Brasil (explicada no tópico “Igreja Verbo da Vida”, no capítulo 3) – que considera a IVV como

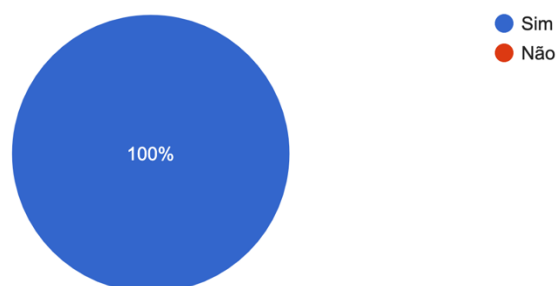
seita, o que para o meio evangélico é algo muito sério. As considerações dos dois pastores podem significar que os mesmos não consideram as igrejas históricas como coirmãs, tendo em vista que, no entendimento deles, estas igrejas não seguem doutrinas muito caras aos evangélicos, principalmente a salvação pela fé (sendo este um dos pontos principais do cisma que culminou na Reforma Protestante influenciado por Lutero), a atuação do Espírito Santo atualmente na igreja e a justiça de Deus por meio da fé em Jesus Cristo.

As igrejas históricas, independente se são cessacionistas (crendo que os dons espirituais cessaram) ou continuístas (que creem que os dons continuam) acreditam que o Espírito Santo continua ativo atualmente, pois é por meio dele que ocorre a conversão e é ele quem habita no crente, o ajudando no processo de santificação, como diz Paulo em sua 1ª carta aos Coríntios, 3.16: “*Não sabeis vós que sois o templo de Deus e que o Espírito de Deus habita em vós?* ” e reforça isso novamente alguns capítulos depois do mesmo livro (1ª Coríntios 6:19): “*Acaso não sabem que o corpo de vocês é santuário do Espírito Santo que habita em vocês, que lhes foi dado por Deus, e que vocês não são de si mesmos?*”. Nenhuma das igrejas históricas citadas na pergunta afirma em suas confissões de fé que não crê na atuação do Espírito Santo, na justiça e na salvação pela fé em Jesus Cristo. Assim, vemos que existem falhas de compreensão das realidades tanto dos pastores da ICV em relação à IVV como o contrário.

A questão 9 do formulário tem total relação com uma das perguntas principais de nosso trabalho, que trata sobre como as teologias influenciam nas *práxis* das igrejas Verbo da Vida e Cidade Viva em João Pessoa. Vejamos a pergunta e o gráfico com o percentual das respostas:

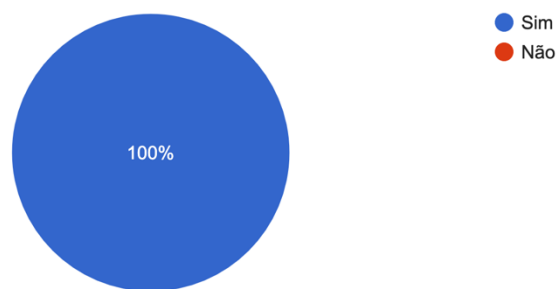
9- Enquanto pastor na Igreja Cidade Viva e pelo seu conhecimento teológico, você acredita que os seguidores de Cristo devem se engajar na busca pela dignificação dos excluídos?

3 respostas



9- Enquanto pastor na Igreja Verbo da Vida e pelo seu conhecimento teológico, você acredita que os seguidores de Cristo devem se engajar na busca pela dignificação dos excluídos?

3 respostas



Todos os pastores das duas igrejas responderam que os seguidores de Cristo devem se engajar na busca pela dignificação dos excluídos. Tal resposta já era esperada, tendo em vista o próprio perfil das igrejas, que têm forte atuação social e justamente devido a este fato foram escolhidas para a pesquisa.

Ao analisar o detalhamento da resposta para uma apresentação teológica de tal motivação, percebemos que o ideal seria somar as respostas das 10 e 12, pois ambas podem ser consideradas complemento de uma à outra, ainda que cada uma fale sobre uma doutrina diferente, relacionado a mesma à igreja em questão (Cidade Viva ao Neocalvinismo e Verbo da Vida à Teologia da Prosperidade). Vejamos:

A mesma pergunta para ambas:

10- Caso tenha assinalado “sim” na questão anterior, por favor, como você poderia defender teologicamente o motivo de o cristão se esforçar para atuar junto aos excluídos?

Perguntas com teor diferente para cada igreja:

12- (Cidade Viva). Para aprofundar ainda mais, você conseguiria construir uma relação entre aspectos doutrinários do Neocalvinismo e a transformação social? Como você poderia detalhar como estes aspectos serviriam de base para a atuação social dos membros da sua igreja? Os "pais" teológicos desta doutrina trabalham esta relação, ou mesmo os líderes da Cidade Viva fazem esta relação? Por favor, escreva a respeito de que forma podemos encontrar pontes entre o Neocalvinismo e a atuação da igreja visando a transformação social.

Respostas da Igreja Cidade Viva:

Pr José Marcelo:

10- A ajuda aos necessitados é ato sensor a Deus e ao próximo, como se o próprio Senhor estivesse sendo ajudado (embora seja o Todo-Poderoso), conforme Mt 25:35-40; Paulo nos orienta em 2 Co 9:6-15 que devemos ser generosos servindo aos outros com alegria, pois isso glorifica a Deus e levará outros a se alegrarem e também a adorá-lo; Em Lc 10:25-37 a parábola do Bom Samaritano nos conduz ao auxílio incondicional mesmo havendo grandes abismos relacionais. Jesus é o verdadeiro bom samaritano que nos chama a imitá-lo.

12- Sim. A relação se dá pelo foco principal da Missio Dei declarada em Mt 28 (a grande comissão) fazendo discípulos que aprendem a obedecer a tudo o que Ele nos ensinou.

Ele nos fez seus cooperadores nesta missão (ICo 3:9; 2 Co 6:1; Cl 4:11; Fp 1:5;).

As respostas do Pastor José Marcelo trazem a perspectiva já apresentada no capítulo inicial do presente trabalho e no item sobre Neocalvinismo. Na sua perspectiva, há uma estreita relação entre a trajetória bíblica (e, no caso da resposta em questão, no discurso do próprio Jesus) de que a relação com Deus nos ditames bíblicos implica em esforço para a dignificação dos excluídos. Ao mesmo tempo em que o pastor cita o texto de Jesus se identificando com os excluídos (também já frisado no capítulo 1), o mesmo também cita um trecho da 2ª Carta de Paulo aos Coríntios que, entre outras questões, traz a seguinte observação: *“Conforme está escrito: Espalhou, deu aos pobres; a sua justiça permanece para sempre. Ora, aquele que dá a semente ao que semeia, também vos dê pão para comer, e multiplique a vossa sementeira, e aumente os frutos da vossa justiça.*” No decorrer do texto, o apóstolo Paulo fala sobre a necessidade de o cristão investir no cuidado aos necessitados, sendo tal investimento um sinal de que Deus usa os seus para que os pobres sejam lembrados. Além disso, Paulo alerta para que o investimento não seja motivo de peso, mas de alegria por saber que tal atitude não só supre o necessitado, mas alegra o coração de Deus.

O complemento é dado com outro texto do Evangelho de Lucas, que, ao contar a história do samaritano, relaciona o amor ao próximo excluído como ato de serviço e adoração a Deus, de forma que também relaciona tal parábola à relação de Cristo com as pessoas, fazendo uma alegoria de que as pessoas seriam o excluído e Jesus seria o

samaritano que agiu com misericórdia. Se ele chama os seus a imitá-lo, os seus seguidores devem amar os excluídos.

De fato, o Neocalvinismo tem um forte apelo à atuação da igreja junto aos excluídos. Entre suas obras publicadas, Abraham Kuyper teve uma cujo título aponta para sua preocupação ante os excluídos: “*O problema da pobreza*”. O livro (que na verdade é a transcrição de um discurso Kuyper na abertura do Primeiro Congresso Social Cristão) – fala sobre a preocupação dele com o risco de ideologias encobrirem o protagonismo do cristianismo na responsabilidade que Jesus deu à igreja de atender aos excluídos. No decorrer de sua fala, o mesmo chama os cristãos a que entendam sua responsabilidade pessoal diante do problema da pobreza para que se unam e deem um passo à frente, tendo em vista que muitas organizações têm utilizado de ideologias para levar mais mensagens que mudança. Chamando seus companheiros de crença à reponsabilidade, ele pontua que o problema atual dos excluídos no mundo mostra que “*estamos atrasados em relação à nossa atuação nessa área. Estamos atrás dos outros, enquanto poderíamos estar bem à frente*” (2020, p. 94).

Calvino, como o nome diz, estrutura o pensamento seguido pelo neocalvinismo, doutrina seguida pela Igreja Cidade Viva. No seu entendimento, a economia primitiva era abundante e podia prover as necessidades de todos de forma ilimitada, não fosse o pecado do homem que causasse alteração nessa provisão, pois o mesmo, na sua separação do propósito de Deus, desfaz o equilíbrio que inicialmente existia na sociedade. Na perspectiva de Calvino, Deus manifesta sua ação não apenas no sentido metafísico de uma ação espiritual soteriológica, permitindo ao homem não ser condenado, mas também age em outras estruturas (BIÉLER. 2012, p. 380):

Deus, que não se conformou com a queda e a alienação humanas e que preparou e operou a restauração do homem pelo ministério de Jesus Cristo, não menos se acomodou à perversão da própria natureza e da ordem econômica. Daí, provê ele para sua restauração com preparar a restauração do universo inteiro e suscitar uma sociedade nova, em que os bens econômicos reencontram sua primeira destinação. A igreja de Jesus Cristo é incumbida de dar ao mundo, já agora, alguns sinais desta restauração, a que é chamada a humanidade toda. (...) Eis por que não se devem desprezar as legítimas necessidades do corpo. O Calvinismo não é um espiritualismo, como entende o humanismo, que separa a vida material da existência espiritual. A doutrina reformada é oposta a este gênero de alienação humana.

Pastor Thiago Dutra:

10- A partir de uma teologia do Reino, onde devemos trazer este Reino em nossos dias. Além disso, podemos trabalhar este ponto a partir da missão da igreja ou da restauração das esferas, a partir de uma perspectiva neocalvinista.

12- A partir de um pensamento neocalvinista, podemos entender que nossa missão é buscar a restauração de todas as esferas da sociedade e que a atuação social com o pobre faz parte disto. Os líderes da Cidade Viva fazem esta relação.

Em sua resposta, o Pastor Thiago Dutra trata de um ponto fundamental no pensamento neocalvinista e abordado anteriormente: o conceito de esferas de soberania, desenvolvido pelo filósofo holandês Herman Dooyeweerd. Dooyeweerd acreditava que não havia uma neutralidade do pesquisador quanto ao seu objeto, além de haver por parte deste uma divisão da realidade a partir de esferas ou “aspectos modais”, classificando-os também a partir de um núcleo de sentido. Ou seja: cada dimensão da realidade apresentava-se através de seu núcleo de compreensão ao ser humano, não sendo lógico colocá-lo como um todo da existência. Como cada dimensão está relativa a outra, é possível analisar cada uma de modo especializado e sem reduzir algo a apenas um aspecto modal, pois deve ser reconhecido como integrante de algo mais completo, sendo eles (2010, p. 55): biótico (vida orgânica), sensitivo (sentimento e sensação), histórico (desenvolvimento histórico), numérico (número), aspecto espacial (extensão contínua), cinemático (movimento), físico-químico (energia), linguístico (significado simbólico), social (intercurso social), econômico (administração de recursos findáveis), jurídico (retribuição), moral (amor em relacionamentos temporais), e o pístico, que lida com o aspecto da fé (crença).

Neste sentido, o pastor Thiago continua trabalhando o conceito relacionando a teologia à atuação tomando como pressuposto o fato de que o neocalvinismo também busca não apenas o entendimento e a apresentação de tal noção por Dooyeweerd, mas esclarecer que estas esferas sofrem da depreciação ocorrida a partir do pecado humano, cabendo à igreja (por meio da atuação dos seus componentes) a restauração de tais, por isso a necessidade de um envolvimento do cristão em todas as áreas, posto que creem que a atuação do cristão é capaz de “reconciliar” ao máximo possível cada uma com o propósito inicial de Deus para sua criação. Estando um indivíduo em situação de exclusão, o esforço dos cristãos visando sua restauração a uma vida digna é também resultado da influência positiva da igreja sobre as esferas.

Pastor Josemar Bandeira:

10- A condição hodierna do homem caído é a principal causa da exclusão social, todos pecaram, por isso estão destituídos da glória de Deus (Rm 3:23). Essa condição de destituição conduziu o ser humano a níveis de desigualdade e maldade extremos. O processo divino de restauração de toda a obra criada, narrado em toda a bíblia é a base teológica central. No Pentateuco, o Senhor estabelece uma Lei que nos ensina não apenas sobre limites, mas sobre os cuidados sociais. Ali o Senhor ensina sobre proteção, justiça e cuidados com os órfãos e viúvas. Por exemplo, em Êx 23:6 a ordem para não se perverter os direitos dos pobres nos processos. Nos livros históricos, Deus nos apresenta a Lei em exercício, mostrando em várias passagens os cuidados com os desvalidos, o socorro aos enfermos e a preocupação com o bem-estar comunitário no sentido de proteção do povo. Nos livros de sabedoria, encontramos muitas passagens importantes acerca dos interesses dos desvalidos, a repulsa a exploração dos pobres Pv 22:22; o dever de acolher os necessitados Pv 31:20; a compaixão de Deus pelos pobres e necessitados em Sl 72:13. Os profetas estão constantemente denunciando os abusos e injustiças contra os mais pobres (Is 64; Am 8:4ss). No Novo Testamento, o próprio Cristo esteve empenhado através das suas parábolas e das suas ações a socorrer os desvalidos (leprosos, viúvas, prostitutas etc.). A preocupação dos Apóstolos com as pessoas mais pobres é um dos temas mais claros no livro dos Atos dos Apóstolos (At 2:42ss), Paulo recebeu uma recomendação dos Apóstolos que não se esquecesse dos pobres e afirma que se esforçou para cumprir essa recomendação (Gl 2:10). As cartas paulinas estão repletas de loas a quem contribui com os pobres, ver, por exemplo, Rm 15:26.

12- Compreender a narrativa bíblica a partir dos seis marcos histórico-teológicos (Criação, Queda, Redenção, Restauração...) mais significativos é base da doutrina neocalvinista para justificar a atuação social em favor dos oprimidos. Essa visão teológica nos mostra que as injustiças sociais e individuais não são fruto exclusivo de sistemas governamentais ou ideologias, elas são fruto da própria natureza decaída voltada para a prática pecaminosa (Cl 3:5). A redenção e restauração do ser humano decaído por meio do recebimento do Espírito Santo (At 1:8) que nos dá o dínamos (capacidade) para sermos testemunhas de Cristo e uma nova natureza (II Co 5:17; II Pe 1:4) nos impulsiona a agir em favor do desvalido. A ação em favor dos desvalidos, portanto, deve ser compreendida dentro da longa narrativa como propósito de Deus e como parte da missão da igreja no sentido de restaurar a boa Criação divina.

O pastor Josemar Bandeira inicia sua resposta utilizando um cenário muito semelhante ao empregado pelos escritores neocalvinistas Craig G. Bartholomew e Michael W. Goheen na obra “O Drama das Escrituras”. Os dois autores buscam examinar a narrativa bíblica dividindo-a em um enredo de seis atos, sendo eles: criação, pecado, Israel, Jesus, missão e nova criação. Na perspectiva dos dois autores, todas as decisões humanas são baseadas e reguladas pela percepção que o ser humano tem de como tais vontades se encaixam em um cenário mais amplo, que é a história da qual a pessoa acredita fazer parte, pois *“há mais de uma história básica competindo em nossa cultura por aceitação e por uso para dar sentido atualmente à nossa vida. Qual história uma*

pessoa vive faz uma enorme diferença em como ela interpreta os acontecimentos na vida” (2017, p. 23).

Desta forma, para os cristãos (assim pensa o neocalvinismo), a fé que tem o seu objetivo maior em Jesus é a fé com a qual o cristão se empenha para compreender toda a história e as circunstâncias à sua volta. Neste sentido, o pensamento teológico desta vertente considera, como já vimos, que a pobreza e a exclusão social são resultado da separação do homem de Deus. Os neocalvinistas utilizam da percepção de Deus atuando no mundo no grande drama apresentado nas escrituras desde o Antigo Testamento até o tempo dos apóstolos para que sua atuação promovendo a dignificação do mundo seja a manifestação do próprio Deus, por meio de sua igreja, promovendo sua graça no mundo. Cabe salientar que na sua resposta o mesmo pastor explicita qual a relação entre o Neocalvinismo e a transformação social: o enredo bíblico que começa da criação e se encerra na restauração de todas as coisas apresentado no livro de Apocalipse é a base da doutrina neocalvinista e é o meio utilizado para justificar a atuação social da Igreja Cidade Viva em favor dos oprimidos.

As perguntas 10 e 12 também foram aplicadas aos pastores da IVV, mas a pergunta 12 tem algumas diferenças devido às doutrinas diferentes. Perceba que elencamos a Teologia da Prosperidade na pergunta relacionada à IVV porque, como exposto anteriormente, tal teologia é relacionada pelos externos à igreja como sendo característica da mesma. Desta forma, a inserimos na pergunta também para que as respostas tanto pudessem aprofundar a forma como a liderança pensa o social como para que corroborassem ou não a ideia de que de fato não há relação entre os mesmos e a doutrina em questão.

12- (Verbo da Vida) Para aprofundar ainda mais, você conseguiria construir uma relação entre aspectos doutrinários da Teologia da Prosperidade e a transformação social? Como você poderia detalhar como estes aspectos serviriam de base para a atuação social dos membros da sua igreja? Os teólogos desta doutrina trabalham esta relação, ou mesmo os líderes da Igreja Verbo da Vida fazem esta relação? Por favor, escreva a respeito de que forma podemos encontrar pontes entre a Teologia da Prosperidade e a atuação da igreja visando a transformação social.

Respostas da Igreja Verbo da Vida:

Pastor Aluizio Paiva:

10- O texto apresentado na Epístola de Tiago, capítulo 2, versos 14 ao 26 traz uma clara referência ao comportamento daquele que professa fé em Deus: "A fé sem obras é morta". Assim é sabido que a salvação é mediante a fé para que ninguém sem glorie, todavia, o comportamento do indivíduo que crê é de externar esse amor de Deus através de suas boas obras a fim de que o necessitado seja alcançando nas esferas física, emocional e espiritual.

12- O texto no evangelho de Mateus, capítulo 17, versos 24 ao 27 evidencia a relação de prosperidade e sua finalidade. Jesus junto com o seu discípulo, ao ser cobrado pelo imposto de ambos, proveu ainda que milagrosamente o sustento para si e para seu aprendiz. Logo aparece a relevância da prosperidade bíblica: alcançar pessoas em sua necessidade. É fato que em toda bíblia Deus se mostra como provedor dos que crêem. A ponto que o salmista, ainda no velho testamento diz: "Fui moço e hoje sou velho, mas nunca vi o justo mendigar o pão". Sendo assim, a prosperidade está elencada nas virtudes daquele que serve a Deus. E o que serve, perpétua essa condição e estende aos seus próximos.

Pastor Eduardo Ramalho:

10- Pois nós somos os "braços e pernas" de Deus aqui nesta terra, e através de nós que o Nosso Pai vai atingir a cada pessoa, pois, para Deus, todos são importantes.

12- Deus pode me dar capacidade de ganhar dinheiro (o que não é teologia da prosperidade) para que, com isso, eu possa mudar a vida do meu próximo.

Pastor Raphael Marx:

10- Mt 9:35-38, Jesus se compadecia das multidões e em muitos casos ele supriu suas necessidades. Em Jo no capítulo 5 Jesus chegou a curar um homem que nem mesmo sabia quem Jesus era, somente na continuação do capítulo, ele encontra Jesus, que se revela para ele e o ensina como ele deveria viver sua vida. Em At 10:38 diz que Jesus andou por toda a parte fazendo o bem e curando a todos os oprimidos do diabo. Como discípulos de Jesus devemos continuar sua obra aqui na terra.

12- Não posso falar pela teologia da prosperidade, mas posso falar sobre nossa crença relacionada a prosperidade bíblica. Deus é poderoso para nos enriquecer para toda generosidade (2 Co 9:11) cremos que assim como Deus decidiu manifestar sua bondade para todas as famílias da terra por meio de Abraão, e a ele foi dado um pre-anúncio do evangelho (Gn 12:1-2) a igreja está nessa terra para manifestar a todos a bênção (A bênção não se refere a apenas um benefício físico ou de prosperidade financeira, mas a bênção é a comunhão com Deus que nos faz ser frutíferos em todas as áreas da nossa vida) que recebemos pela fé em Cristo (Gl 3:13-14). A liderança do ministério Verbo da vida não apenas fala sobre isso como já iniciou diversos trabalhos de cunho social, como: Rhema prisional - trabalho que é desenvolvido em diversos presídios do Brasil, em trabalhos com crianças carentes, casas de acolhimento para pessoas enfermas e muitos outros

trabalhos que não apenas é falado a respeito, mas é desenvolvido em todas as esferas de ação ministerial.

Convém perceber que os três pastores da IVV tratam da Teologia da Prosperidade de forma oposta ao que é colocado como referencial doutrinário da sua igreja. Como dito anteriormente, o discurso da liderança da Igreja Verbo da Vida (pelo menos em teoria) é contrário à noção de mercantilização da fé ou de “permuta” espiritual.

Ao posicionar a prosperidade como uma provisão de Deus para o que passa por necessidade ou ao colocar ideias tais como “*Deus dá a capacidade para ajudar o próximo*” ou que “*a benção não se refere a apenas um benefício físico ou de prosperidade financeira*”, assim como “*a comunhão com Deus que nos faz ser frutíferos em todas as áreas da nossa vida*” e outros discursos apresentados no decorrer deste trabalho, no mínimo os pastores passam noções diferentes do que pensa o neopentecostalismo quanto à relação do fiel com as riquezas.

O que se apresenta no discurso é uma visão que destoa da perspectiva comumente associada à IVV de que o modo de crer na relação do homem com Deus em termos de prosperidade financeira seja semelhante ao de outras igrejas da terceira onda, tais como a Igreja Universal do Reino de Deus, ainda que hajam semelhanças em outras doutrinas, como a confissão positiva já abordada anteriormente. Quando confrontamos a crença da IVV com estas outras denominações, vemos que não há a semelhança que se espera, como observamos em algumas falas do líder da Igreja Universal, o Bispo Edir Macedo (1990, p. 25, 85, 86):

Ele (Jesus) desfez as barreiras que havia entre você e Deus e agora diz: “*volte para casa, para o jardim da Abundância para o qual você foi criado e viva a vida abundante que Deus amorosamente deseja para você*” (...) Deus deseja ser nosso sócio (...) As bases da nossa sociedade com Deus são as seguintes: o que nos pertence (nossa vida, nossa força, nosso dinheiro) passa a pertencer a Deus; e o que é d'Ele (as bênçãos, a paz, a felicidade, a alegria, e tudo de bom) passa a nos pertencer.

Os pontos de semelhança da Igreja Verbo da Vida com o pensamento da Igreja Cidade Viva neste sentido são consideráveis, tendo em vista que o neocalvinismo apregoa uma ideia oposta à colocada pelo neopentecostalismo. O Neocalvinismo não acredita que a riqueza necessariamente seja o sinal da graça de Deus, muito menos que sua ausência seja sinal de maldição ou de desfavor de Deus em relação aos seus seguidores, assim como também não só não crê, mas condena a noção de que os pobres são o sinal da punição de Deus contra o pecado, assim como o seriam os ricos em relação à virtude.

Pelo contrário, esta doutrina crê que o motivo de Deus fazer o bem não é para que a pessoa que recebe as benesses de Deus as guarde para si ou simplesmente viva a desfrutar de tais benesses, mas tem como intuito final a mutualidade, o compartilhamento dos bens que tem com aqueles que não o possuem, de modo que as riquezas pessoais devem ser compreendidas como uma expressão da deliberação de Deus para que haja manutenção de cada vez mais pessoas, não um fim egoísta, como traz BIÉLER (p. 384):

Se a riqueza não é o indispensável corolário da graça de Deus, se ela não acompanha obrigatoriamente a sua bênção, não deve ela, ademais, ser tida como uma recompensa a coroar as virtudes daqueles que a recebem ou possuem. A Bíblia e a teologia reformada denunciam a teologia supersticiosa, inata ao homem, de ver nos infortúnios e na pobreza uma punição do destino (ou de Deus) e na prosperidade uma sanção dos méritos pessoais.

Em relação à segunda pergunta principal de nosso trabalho, duas questões foram elaboradas com um direcionamento semelhante, de modo que se tornaram complementares. Na questão 13 a pergunta foi: “Quando você incentiva a ação junto aos excluídos, quais as suas principais expectativas quanto ao público alvo da ação? O que você espera deles?” Enquanto a pergunta 14: “Se o público excluído que foi alvo da ação de sua igreja perguntasse o que você desejaria que eles fizessem em resposta à ação voluntária de vocês, o que você responderia?”

A intenção foi, assim como fizemos com os voluntários, buscar compreender que tipo de contrapartida a Instituição espera do público alvo de duas ações. Vimos que, no caso dos voluntários, as respostas apontaram que há uma expectativa de retorno do alvo das ações. A contrapartida seria a conversão espiritual ou uma intensificação da relação do indivíduo com Deus.

Respostas da Igreja Cidade Viva:

Pastor José Marcelo:

13- Salvação e dignificação deles, podendo ajudá-los a mudarem a sua realidade.

14- Que eles possam ter um relacionamento autêntico com Jesus para viverem com dignidade total, sendo frutíferos em qualquer lugar em que estiverem.

Pastor Thiago Dutra:

13- A expectativa é pela restauração de sua vida de forma integral e plena, passando pelo seu corpo, mente e espírito.

14- Que buscassem ao Senhor de suas vidas.

Pastor Josemar Bandeira:

13- Espero a compreensão de que a prática do bem é fruto da natureza recebida de Deus que preparou essas boas obras antes da fundação dos tempos para que, uma vez salvos, andássemos nelas (c.f. Ef 2:8-10); espero que as pessoas entendam a participação no Reino como um privilégio e não como um caminho de méritos; espero que elas se engajem e contribuam para a melhoria das vidas das pessoas e sejam capazes de compreender porque estão fazendo isso.

14- Responderia que eu gostaria que eles compreendessem o evangelho como caminho de autodesenvolvimento, que a partir da consciência de Reino eles se tornassem capazes de aproveitar as oportunidades geradas por Cristo e de criar alternativas viáveis para suas próprias vidas.

O que percebemos nas respostas dos pastores da ICV é que a perspectiva é semelhante ao que foi observado nas respostas dos voluntários das duas igrejas: há uma expectativa da conversão religiosa ou de uma aproximação com uma vivência espiritual, ainda que os pastores não o tivessem feito de forma tão direta quanto os voluntários.

Os pastores usam termos como “salvação”, “relacionamento autêntico com Jesus”, “restauração do espírito”, “buscassem ao Senhor”, “participação no Reino”, “evangelho como caminho”, “consciência de Reino” – que denotam um evidente desejo que a pessoa trilhe um caminho de fé compartilhado pela igreja em questão. Este desejo é expressado de forma clara na dinâmica das ações sociais. Independente de onde estejam (se nas ruas, nos hospitais, em unidades prisionais, em instituições de longa permanência de idosos, etc.), sempre há um momento de leitura bíblica, músicas evangélicas ou algo que remeta à espiritualidade.

Existem outros termos que demonstram que há sim uma clara preocupação que os públicos atingidos sejam favorecidos de formas diversas, também havendo no discurso o desejo de que o público alcançado não seja meramente beneficiário da ação, mas há o incentivo para que sejam atuantes na restauração da dignidade de outras pessoas, tendo em vista que a mensagem do cristianismo é mais proativa que reativa, como o próprio Jesus advertiu no Evangelho de Mateus 7,12: *“Assim, em tudo, façam aos outros o que vocês querem que eles lhes façam; pois esta é a Lei e os Profetas”*. Desta forma, percebemos que, além da pretensão que haja uma mudança de vida no sentido espiritual, há também o desejo que a mudança ocorra nas diversas outras áreas, sendo eles acolhidos,

como disse o Pr Thiago Dutra, de maneira integral, “passando pelo seu corpo, mente e espírito”.

Respostas da Igreja Verbo da Vida:

Pastor Aluzio Paiva:

13- A expectativa quanto a eles é que eles possam se sentir providos dentro daquilo que podemos oferecer dentro do conceito de equidade e cristandade.

14- A resposta esperada quanto ao público alvo é que desfrutassem com afincos daquilo que foi exposto e compartilhado uma vez que, na perspectiva de quem oferece, está sendo oferecidas condições relevantes e possibilitadoras de grandes melhorias.

Pastor Eduardo Ramalho:

13- Em primeiro lugar trazer um refrigério ou conforto para aquelas pessoas, e para com isso ser demonstrado o amor de Deus para com eles.

14- Serem transformados pela palavra, e que a cada dia se pareçam com Cristo.

Pastor Raphael Marx:

13- Nossa expectativa ao fazer trabalhos sociais não está ligada a uma expectativa de retorno natural qualquer que seja. Temos expectativa de que ele ouça a mensagem de Cristo e possa crer em Jesus. Temos grupos de evangelismo em Campina Grande, um deles é o grupo vida que viaja para cidades do interior faz a ação social, levando feiras, serviços para comunidades carentes ao final do dia realiza uma cruzada Evangélica e as almas salvas são encaminhadas para igrejas possam acolhe-las nas comunidades visitadas.

14- Que eles ouçam a mensagem que certamente estará sendo ministrada ou por meio de ações, mas também por meio das palavras que são poderosas para trazer salvação. (At 11:14)

Nas respostas dos pastores da Igreja Verbo da Vida também há um foco para a conversão espiritual, mas de maneira menos intensa do que o observado nos pastores da Igreja Cidade Viva. O pastor Aluizio Paiva não cita a conversão como objetivo principal das ações, apenas menciona que a ação de dignificação seria o resultado de uma cristandade cujo conceito leva, na prática, ao trabalho junto aos necessitados. O pastor Eduardo Ramalho menciona o amor de Deus por meio da ação e deixa claro a intenção

da conversão quando afirma que deseja que “sejam transformados pela Palavra” (considerando “a Palavra” citada aqui como a Bíblia Sagrada).

Sendo ainda mais direto, o pastor Raphael Marx afirma que sua expectativa é que ocorra a conversão religiosa dos indivíduos que são alvos da ação, o que é evidenciado nos termos “ouça a mensagem de Cristo”, “creia em Jesus”, “as almas salvas são encaminhadas para igrejas” e “poderosa salvação”. Há também no discurso do Pastor Raphael a afirmação de que não há uma expectativa de um suposto “retorno natural”, mas tão somente o desejo de que os beneficiados pelas ações tenham uma mudança da vida como um todo, mais uma vez contrapondo a ação característica das igrejas da terceira onda que seguem a Teologia da Prosperidade no que diz respeito à expectativa de agir de dada maneira a fim de receber algo dos céus.

Como observamos no caso dos voluntários pesquisados, ao analisar as respostas dos pastores das igrejas Cidade Viva e Verbo da Vida, percebemos que, em relação à segunda pergunta chave de nossa pesquisa: “*Que tipo de contrapartida ambas esperam do público alcançado por sua atuação social?*”, também não há qualquer frase atribuindo algum tipo de benefício a si mesmo, o que corrobora o que temos interpretado até aqui: nas respostas colhidas não há qualquer evidência de que qualquer um dos grupos atue socialmente buscando alguma contrapartida visando um bem pessoal, algum tipo de ganho, seja espiritual ou material, seja de bênção material ou de algum tipo de favor de Deus em relação a si mesmo. A contrapartida seria a conversão espiritual ou uma intensificação da relação do indivíduo com Deus.

As ações em prol dos vulneráveis parecem ter um mesmo sentido para os participantes das duas instituições: elas não são uma busca para ter algo de Deus (como a salvação, uma relação de troca comum aos grupos que creem que a caridade promove a certeza da vida eterna). Antes, seria um sinal de que o fiel conhece a Deus, por isso o obedece, servindo aos excluídos. Esta é uma premissa também muito difundida por Calvino, mas pouco conhecida, conforme traz BUENO (2021, pg. 149):

“(...) essa concepção sobre a posse de riquezas como expressão do favor divino e que esse privilégio se faz acopiar da responsabilidade da assistência aos pobres (...). Calvino entende que o uso das riquezas pessoais é um resultado decorrente da fé cristã, e não um requisito para ela. Ou seja, ajudamos os necessitados não para sermos perdoados por Deus, e sim porque já fomos perdoados e salvos.

Esta noção tem combinação com o pensamento dos voluntários e pastores das duas instituições, que consideram o chamado à atuação junto aos vulneráveis uma reposta

à ação de Deus para os homens: Deus doou o que tinha de mais valioso (o seu filho Jesus), logo, os cristãos devem entender a generosidade como sinal de concordância terrena com um ato celestial, e agir em prol dos necessitados é um paralelismo com a mesma ação ocorrida na morte de Cristo: aquele que tinha entregou algo em favor dos que tinham. Isso seria um sinal de amor, e é impossível amar sem doar, por isso não haveria plena vivência do Cristianismo bíblico sem o auxílio aos vulneráveis. Ou tal noção muda a relação dos cristãos com o que possuem, ou provavelmente não compreenderam a mensagem do livro que dizem seguir.

Conclusão

Ao apresentar o presente trabalho, elencamos três questões como objetivos específicos que serviriam de base de desenvolvimento do mesmo:

- 1) Compreender a visão da Teologia da Prosperidade e do Neocalvinismo a respeito do papel da igreja diante do excluído;
- 2) Analisar a atuação social das igrejas evangélicas Verbo da Vida e Cidade Viva em João Pessoa e a influência da teologia em suas práticas a partir da fala de seus líderes e participantes;
- 3) Analisar as contrapartidas que os dois grupos religiosos esperam do público-alvo na transformação social.

O trabalho iniciou apresentando um panorama sobre os números tanto em relação à vulnerabilidade social no Brasil quanto ao crescimento do número de evangélicos no país nos últimos anos, concluindo que, não obstante a ascensão numérica do grupo, tal movimento não se mostrou proporcional às mudanças sociais que o contingente protestante poderia ter promovido no país. No mesmo capítulo, apresentamos a visão bíblica sobre a pobreza e a responsabilidade dos cristãos quanto à transformação social, levando em consideração este ser o livro utilizado como base de fé para as duas instituições pesquisadas. Neste mesmo sentido, apresentamos a contextualização vétero e neotestamentária quanto à estratificação social.

A partir deste cenário, percorremos os caminhos trilhados pelo Cristianismo em sua busca pela construção de uma teologia social, desde a atuação da Teologia da Libertação, suas críticas e sua possível transição para uma “Teologia da Libertação genuinamente Protestante” denominada de Teologia da Missão Integral.

Tendo em vista o próprio título de nosso trabalho falar sobre teologias no plural, compreendemos que a busca pelas questões que trariam respostas aos problemas escolhidos como base para o presente trabalho começaram a ser respondidas quando da investigação das teologias de cada instituição pesquisada. Curiosamente, a partir da análise do discurso dos líderes e volutários da Igreja Verbo da Vida, percebemos que há por parte da igreja em questão uma grande rejeição à frequente rotulação da mesma como seguidora da Teologia da Prosperidade.

A identificação da IVV com a Teologia da Prosperidade é quase unânime entre os pesquisadores do movimento evangélico, entre pastores de outras denominações e por grande parte do público evangélico brasileiro. Tal unanimidade só não encontra espaço

entre os próprios membros da IVV, que no decorrer da pesquisa também demonstraram repulsa às práticas de mercantilização da fé comum aos líderes de igrejas evangélicas adeptas da doutrina. Tal rejeição se mostrou intensa de modo que os entrevistados chegavam a parecer sentirem-se ofendidos ao serem questionados se seguiam a Teologia da Prosperidade. Porém, ainda que houvesse tal postura, percebemos uma certa dificuldade em os líderes conseguirem explicar a “categoria” exata em que a Verbo da Vida se encaixa. Em algumas conversas vimos que alguns diziam ser uma igreja pentecostal de segunda onda, outros como uma igreja pentecostal de terceira onda, porém em nenhum momento vimos, ainda que existam, como vimos, algumas características que a assemelhe a tal movimento.

Um outro ponto que cabe a observação se refere à forte atuação de ambas as igrejas nas atividades sociais, com uma grande força para agregar voluntários convencendo-os a atuar em locais que normalmente as pessoas não querem estar, seja devido aos riscos apresentados nos locais de atuação, seja devido ao impacto emocional que podem sofrer, principalmente devido às tristezas que estes ambientes proporcionam aos que “entram” na realidade deles oferecendo auxílio, mas que não estão acostumados com aquele tipo de ambiente de vulnerabilidade. Foi observado que a IVV tem como maior força a atuação junto ao sistema penitenciário, tendo em vista o investimento em estruturas que visam principalmente a educação teológica dos participantes para a pregação evangélica. Também vimos que a Igreja Cidade Viva apresenta uma atuação mais complexa, com grupo específico para formular o planejamento estratégico das ações e aferição de resultados, além de estar espalhada por diversas áreas de vulnerabilidade social, desde instituições de longa permanência a presídios e diversos outros espaços onde possa haver atuação visando a dignificação, sejam públicos ou privados.

A primeira pergunta que serviu de base para a nossa pesquisa foi: Como as teologias influenciam nas *práxis* das igrejas Verbo da Vida e Cidade Viva em João Pessoa. Nosso trabalho concluiu que a Igreja Verbo da Vida tem em sua teologia o motivo para a atuação social, tendo em vista que os mesmos demonstram acreditar que a Bíblia (cujos textos formam suas bases de fé e práticas) os direciona para a ação ministerial junto aos excluídos. Acreditando no cuidado de Deus com o pobre e com a ordem de Jesus que obedeçam seus mandamentos, os membros desta instituição o fazem por obediência, e a base para tal crença são as suas doutrinas apresentadas no livro sagrado. Porém, concordando com a repulsa verbalizada quanto à Teologia da Prosperidade, de fato não encontramos alguma relação desta teologia com a prática de socorro aos necessitados.

Em relação à Igreja Cidade Viva, o Neocalvinismo está presente de forma evidente em suas ações não apenas nas atuações filantrópicas, mas também nas demais áreas (que, também concordando com os teóricos do Neocalvinismo, chamam de esferas de soberania). Desde o trabalho com educação às ações de preservação ao meio ambiente, incentivo à atuação política, investimento em apresentações artísticas, entre outros; o leque de ações combina com o que Calvino, Kuyper, Dooyeweerd, Rookmaaker e tantos outros que estruturaram o Neocalvinismo pensaram enquanto doutrinas desenvolvidas para a teologia pública. Ainda que todos os envolvidos no voluntariado “na ponta”, atuando junto aos excluídos possivelmente não percebam na teoria o que é o Neocalvinismo, na prática evidencia-se que eles respondem a um chamado que começa no púlpito pela pregação dos pastores e é absorvido pelos fiéis de modo que se apresente no dia a dia da igreja.

A segunda pergunta que nos motivou a estruturar esta pesquisa foi: “Que tipo de contrapartida ambas esperam do público alcançado por sua atuação social?” - O que foi observado no discurso tanto dos pastores quanto dos voluntários de ambos os grupos é que a atuação social das instituições é efetivada considerando uma expectativa de retorno. Em praticamente todas as repostas vimos que a motivação principal está em que a pessoa ou grupo alvo das ações, no caso dos que já são cristãos, que intensifiquem sua relação espiritual, que “se aproximem ainda mais” de Deus. Quando o público-alvo não é evangélico, a expectativa é que as pessoas em questão sejam inseridas em uma nova vida espiritual (a chamada conversão), confirmada a partir da análise do discurso dos entrevistados, sempre apontando para o evangelismo como principal desejo.

Em ambos os grupos não foi observada uma relação impositiva, mas falas mais voltadas ao conselho, ao encorajamento à mudança de vida espiritual. Não observamos a intenção de mudar o formato do trabalho ou os benefícios oferecidos caso não houvesse a pretendida mudança da situação religiosa, de modo que, ainda que haja o desejo, não há necessariamente uma troca do tipo: “*estamos aqui para te ajudar, mas se você não se converter, deixaremos de te ajudar*”. Uma outra característica observada nesta contrapartida foi o incentivo a que o grupo alvo faz ações também replicasse o auxílio recebido para outras pessoas que também se encontrem em situação de sofrimento. Foi comum observarmos o discurso no sentido de que o público-alvo das ações tivesse a mesma atitude com outras pessoas em situação de vulnerabilidade, fomentando uma empatia saudável.

Existem problemas neste tipo de atuação? Certamente sim, pois, ainda que não tenham sido observados estes reveses nos discursos, ter a expectativa da conversão do outro, algo tão subjetivo por ser um processo interno, pode gerar uma rejeição quando da não resposta do público foco da ação. Também pode haver casos de intolerância religiosa caso um voluntário que não tenha sido plenamente preparado incentive um adepto de uma fé diferente a mudar. O problema não está em apresentar uma fé diferente ao mesmo, mas em tratar de forma excludente o que manifesta sua espiritualidade (ou que não a manifeste) de forma diferente. Como dito no decorrer do trabalho, não observamos nos discursos dos pastores e voluntários das instituições algo que na prática levasse a este tipo de possibilidade.

Por outro lado, também cabe ressaltar o quão positivas as ações promovidas pelas duas instituições são para os públicos aos quais são oferecidos os serviços religiosos. Diversos são os estudos que relacionam as práticas espirituais à menor incidência da violência, à diminuição no abuso de substâncias psicoativas, melhoria da qualidade de vida, entre outros benefícios (PANZINNI *et. al*, 2007).

Crenças relacionadas à religião continuamente são apontadas como agentes positivos inclusive no aumento da imunidade, de modo que muitas pessoas podem ter seus quadros de saúde melhorados devido à prática religiosa. KOENING (2012, p. 112) afirma que renomados estudiosos da área médica testificam a respeito da importância da espiritualidade na vida de pacientes diversos, de maneira que mais de 90% dos médicos pesquisados por ele reconhece que fatores relacionados às práticas espirituais são um componente muito relevante da saúde, e um outro grande percentual (70% a 82%) afirma que a espiritualidade tem um grande potencial de influenciar positivamente na saúde de pessoas com comorbidades diversas. Além da saúde, outras áreas podem ser beneficiadas com ações de viés espiritual. FERRISS (2002, pg. 213) em estudo sobre a influência da espiritualidade na sociedade, concluiu que organizações religiosas contribuem para a integração da comunidade e aumento da qualidade de vida em geral.

Desta forma, as instituições citadas promovem benefícios sociais que devem ser valorizados, pois o trabalho junto aos vulneráveis resulta em consequências sociais positivas não apenas para os que são beneficiados pelas ações, mas para todos os grupos sociais, tendo em vista que a partir da ressocialização, temos menos criminalidade em um campo, menos problemas de saúde e educação em outros e mais pessoas buscando o desenvolvimento do seu contexto. Ainda que a ação social promovesse apenas a

proclamação do evangelismo típico das crenças das instituições pesquisadas, aí também já haveria benefícios diversos.

As tradições judaica e cristã, com vimos no início deste trabalho, comumente voltaram suas atenções ao cuidado com os pobres, de modo que é comum encontrarmos não apenas nos escritos bíblicos antigos, mas na história da igreja diversos exemplos da aplicação social das riquezas em benefício dos que sofrem exclusão seja devido a problemas físicos, decorrentes da cultura ou (como a maioria dos casos), à baixa posição na pirâmide da estratificação social.

Uma das maiores heranças dos textos bíblicos para os cristãos, dos primeiros teólogos para os evangélicos de hoje e de Calvino para o Neocalvinismo, está no fato de que ninguém deve ter bens para si mesmo, antes, os recursos são bênçãos de Deus para os homens e devem ser utilizados mais para o compartilhar do que para a posse egoísta, posto que são mais úteis para a generosidade do que para a avareza. Na visão de Calvino, as Escrituras Sagradas consideram que o indivíduo deve ter um estilo de vida onde não haja ostentação, pois tudo o que o homem consome além do necessário é supérfluo e, como diz Salomão: “*não passa de vaidade e aflição de espírito*” (Eclesiastes 1:14). Deste modo, o pecado não está no fato de possuir bens, pecado está em ter um apego a eles de modo demasiado e em desconsideração à escassez daqueles que quase nada têm (2009, posição Kindle 2870).

De toda forma, ambas as instituições apontam para a concordância que a ajuda aos necessitados não deve ocorrer com a finalidade de conquistar a salvação espiritual, tendo em vista que, para o evangelicalismo, a salvação é uma ação do alto a partir da manifestação graciosa de Deus, sem merecimento humano. Porém, o socorro aos excluídos deveria ser sim um resultado do ser salvo, uma testificação pública de que há uma compreensão de que houve uma ação misericordiosa do céu em direção aos pecadores da terra e que a forma de evidenciar gratidão por tal presente é manifestando amor aos outros.

Os que acreditam na vida eterna apresentada pelo Cristianismo necessariamente manifestam esta atitude de gratidão a Deus agindo em prol dos que sofrem, sendo tal ato uma missão dada por Deus de amenizar o sofrimento humano que é resultado da separação do homem a partir do pecado original. Tal noção resulta da compreensão de que, diante de Deus, independente das categorias de diferenciação impostas pela sociedade, quer sejam judeus ou samaritanos, ricos ou pobres, homens ou mulheres, de posição política *x* ou *y*, são todos iguais e os que creem nele devem apresentar uma nova

vida, conforme disse o apóstolo Paulo, então preso em Roma, na sua Epístola à Igreja situada na cidade de Colossos, lembrando aos cristãos sobre a importância de manifestar o amor visando a dignificação de todos (Cl. 3:9,14):

Vocês já se despiram do velho homem com suas práticas e se revestiram do novo, o qual está sendo renovado em conhecimento, à imagem do seu Criador. Nessa nova vida já não há diferença entre grego e judeu, circunciso e incircunciso, bárbaro e cita, escravo e livre, mas Cristo é tudo e está em todos. Portanto, como povo escolhido de Deus, santo e amado, revistam-se de profunda compaixão, bondade, humildade, mansidão e paciência. Suportem-se uns aos outros e perdoem as queixas que tiverem uns contra os outros. Perdoem como o Senhor lhes perdoou. Acima de tudo, porém, revistam-se do amor, que é o elo perfeito.

Referências:

ALBERTI, Verena. **Manual de História Oral**. São Paulo: Editora FGV, 2004

ALLEN, Scott David. **Why Social Justice Is Not Biblical Justice. An urgent appeal to fellow Christians in a time of social crisis**. Michigan: Credo House Publishers, 2020.

ALVES, P. F. M.; OLIVEIRA, Estevam Fernandes de. **O novo rosto do Protestantismo Brasileiro: da tradição ao neopentecostalismo**. 1ª Ed. João Pessoa: Editora Manufatura / UNIPÊ, 2004.

ALVES, Rubem. **O suspiro dos oprimidos**. São Paulo: Editora Paulinas, 1984, 3ª ed.

_____. **A volta do sagrado: os caminhos da sociologia da religião no Brasil**. *Religião e sociedade* / Duglas T. Monteiro.../ *et al.* – Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978. (*Religião e sociedade*; n. 3).

ARAÚJO, Henrique Ribeiro. **Missão Integral: uma proposta parametrização das diversas matizes existentes no Brasil**. *Revista Batista Pioneira – Bíblia, teologia e prática*. v. 6, n.1, junho de 2017.

ASSIS, Jhonata Santos de. **A metanoia de uma conversão: transformando cosmovisões pela renovação da mente**. *Summae Sapientiae– Revista Teológica da Faculdade Internacional Cidade Viva – João Pessoa - PB – n. 2 – maio de 2019 - pg's*. 185-214.

BALTHASAR, Hans Urs Von. **Teologia da História**. Editora Novo Século: São Paulo-SP, 2003.

BARROS II, Fábio Romero Virgolino. **Entre Kuyper e Dooyeweerd: A Teoria das Esferas de Soberania de Amsterdã e a Filosofia da Ideia de Lei**. Trabalho de Conclusão de Curso. Curso De Bacharelado Em Direito. Centro de Ciências Jurídicas – CCJ. Departamento De Ciências Jurídicas – Universidade Federal da Paraíba. Santa Rita-PB, 2019.

BARROS, Wilson Tadeu de. **Teologia da Missão**. Londrina: Descoberta, 2003.

BARTH, Karl. **A Proclamação do Evangelho**. São Paulo: Editora Novo Século, 2003.

_____. **Fé em busca de compreensão**. São Paulo: Editora Novo Século, 2003.

BARTHOLOMEW, C., & GOHEEN, M. W. **O drama das escrituras: Encontrando nosso lugar na história bíblica**. São Paulo: Vida Nova, 2017.

BAVINCK, Herman. **Teologia Sistemática: Os Fundamentos da Fé Cristã**. Tradução de Vagner Barbosa. São Paulo: SOCEP, 2001.

BEOZZO, José Oscar. **Padres Conciliares Brasileiros no Vaticano II: Participação e Prosopografia 1959-1965**. (Tese de Doutorado em História Social). Universidade de São Paulo – USP. São Paulo, 2001.

BERGER, Peter Ludwig. **O dossel sagrado: elementos para uma teoria sociológica da religião** (Org.) BENEDETTI, Luiz R.; 2ª ed. São Paulo: Editora Paulus, 1985. (Coleção sociologia e religião; 2).

BETTO, Frei. **Cristianismo e Marxismo**. Petrópolis: Editora Vozes, 1986

_____. **Dogmática reformada**. São Paulo: Cultura Cristã, 2012. 4 volumes

Bíblia Sagrada: Nova Versão Internacional. Traduzida pela comissão da Sociedade Bíblica Internacional. São Paulo: Editora Vida, 2000.

Bíblia Sagrada: Revista e Atualizada no Brasil. São Paulo: Editora Vida Nova, 1997.

BIÉLER, André. **O Pensamento Econômico e Social de Calvino**. São Paulo: Cultura Cristã, 2012.

BITTENCOURT FILHO, José. **Crescimento dos evangélicos**. Notas a propósito do CIN – 1992. Revista Tempo e Presença. N° 264, julho - agosto/92, CEDI, Rio de Janeiro.

BITUM, Ricardo. **O neopentecostalismo e sua inserção no mercado moderno**. Dissertação defendida no Instituto Metodista de Ensino Superior São Bernardo do Capo, São Paulo, 1996.

BOFF, Clodovis. **Como fazer teologia da libertação**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1986.

BOFF, Leonardo. **E a Igreja se fez povo**. Petrópolis: Vozes, 1986.

_____. **Eclesiogênese: A reinvenção da Igreja**. Rio de Janeiro: Editora Record, 2008.

_____. **Espiritualidade: um caminho de transformação**. Rio de Janeiro, Sextante, 2001.

_____. **Igreja: Carisma e poder**. Petrópolis: Vozes, 1981.

BONINO, José Míguez. **Rostos do Protestantismo Latino-americano**. São Leopoldo: Sinodal/EST 2013.

BORGES, Letícia Oliveira. **Teologia da Libertação e Teologia da Missão Integral: aspectos históricos, ênfases e diferenças**. Vox Scripturae – Revista Teológica Internacional – São Bento do Sul/SC – vol. XXII– n. 2 – jul-dez 2014 – p. 63-73.

BORNKAMM, Günther. **Bíblia: Novo Testamento**. Introdução aos seus escritos no quadro da história do cristianismo primitivo. São Paulo: Editora Teológica, 2003.

BOURDIEU, Pierre. **A Economia das Trocas Simbólicas**. São Paulo: Prespectiva, 2009.

_____. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.

BUENO, Marcelo Martins. **O legado de Calvino: a influência calvinista na teoria e na práxis humanas contemporâneas**. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2021.

BRASIL. Congresso Nacional. **A Santa Sé e a ordem social: encíclicas Rerum Novarum, de Leão XIII; e Quadragesimo anno de Pio XI**. Brasília: Coordenação de Publicações, 1981.

BRASIL. Ministério da Mulher, Família e dos Direitos Humanos. **É possível *Housing First* no Brasil? : experiências de moradia para população na situação de rua na Europa e no Brasil**. Brasília: MMFDH, 2019.

_____. **Política Nacional para a População em Situação de Rua**. Proposta da Política Nacional apresentada ao MDS por representantes da sociedade civil integrantes do GTI em 11 de maio de 2009. Brasília, 2009.

BRATT, James D. **Passionate about the poor: the social attitudes of Abraham Kuyper**, in Journal of Markets and Morality. Volume 5, Number 1 [2001], p. 38.

BRUNER, J. S. **A Cultura da Educação**. Porto Alegre: Artmed Editora, 2001.

BULTMANN, Rudolf. **Milagre: Princípios de Interpretação do Novo Testamento**. São Paulo: Editora Cristã Novo Século, 2003.

CAIRNS, Earle E. **O cristianismo através dos séculos: uma história da Igreja cristã**. 2ª Ed. São Paulo: Vida Nova. 1995.

CALDAS, Carlos. **Orlando Costas: sua contribuição na história da teologia latino-americana**. São Paulo: Editora Vida, 2007.

CALVINO, João. **As Institutas ou Tratado da Religião Cristã, Volume I-IV**. Tradução Clássica do Latim de Waldyr Carvalho Luz. 2ª edição, São Paulo, Editora Cultura Cristã, 2003.

_____. **As Cartas de João Calvino**. São Paulo: Cultura Cristã, 2009.

_____. **Epístolas gerais** (comentário). São José dos Campos, SP: Fiel, 2015.

CAMARGO, Marcel; AMORIM, Rodolfo. **Fé Cristã e Cultura Contemporânea: Cosmovisão cristã, igreja local e transformação integral**. Editora Ultimato. Viçosa: MG, 2009.

CAMURÇA, Marcelo. **Ciências Sociais e Ciências da Religião: polêmicas e interlocuções**. São Paulo: Paulinas. Coleção repensando e religião, 2008.

CAMPOS, Bernardo. **Da Reforma Protestante à Pentecostalidade da Igreja**. São Leopoldo: Sinodal, 2002.

CAMPOS, Heber Carlos de. **A “Filosofia Educacional” de Calvino e a Fundação da Academia de Genebra** – Fides Reformata. Vol. 5, número 1, São Paulo: Editora Mackenzie, 2000.

CAMPOS, Leonildo Silveira. **Teatro, templo e mercado: organização e marketing de um empreendimento neopentecostal**. Petrópolis, RJ: Vozes; São Paulo: Simpósio Editora e Universidade Metodista de São Paulo, 1997.

CARDOSO, Matêus Ramos. **O desencantamento do mundo segundo Max Weber**. Revista EDUC - Faculdade de Duque de Caxias, v. 01, Nº 02. Edição jul.- dez. 2014.

CARVALHO, G. V. R. de **Cosmovisão Cristã e Transformação** / Guilherme Vilela Ribeiro de Carvalho [organizador]. Viçosa, MG: Ultimato, 2006.

_____. **Sociedade, justiça e Política na filosofia de cosmovisão cristã: uma introdução ao pensamento social de Herman Dooyeweerd**. In: CUNHA, Maurício et al. (Orgs.). **Cosmovisão cristã e transformação: espiritualidade, razão e ordem social**. Viçosa, MG: Ultimato, 2006, p. 189-218.

_____. **Herman Dooyeweerd, Reformador da Razão**. [introdução editorial]. São Paulo: Hagnos, 2010.

CAVALCANTI, R. **Pseudo-pentecostais: nem evangélicos, nem protestantes**. Ultimato, Viçosa ano XVI, n. 314, set./out. 2008.

CHOO, David (Paul) Yonggi. **Seja um Vencedor**. São Paulo, Editora Vida, 1995.

CIDADE VIVA. Disponível em: <<http://cidadeviva.org/>>. Acesso em: 09 jul. 2019.

COELHO, Allan da Silva. **Aspectos do pensamento de Mariátegui e a perspectiva descolonial dos Estudos de Religião**. Revista Estudos de Religião, v. 27, n. 1. Pg's: 12-34. Edição de jan.-jun. 2013.

_____. **Capitalismo como religião: Uma crítica a seus fundamentos míticos-teológicos**. (Tese de Doutorado em Ciências da Religião). Universidade Metodista de São Paulo – Faculdade de Humanidades e Direito, 2014.

COLEMAN, H., & UNRAU, Y. A. (2005). En R. M. Grinnell & Y. A. Unrau (Eds.), **Social work: Research and evaluation**. Quantitative and qualitative approaches (7.a ed., pp. 403-420). New York: Oxford University Press.

COLSON, Charles & PEARCEY, Nancy. **E agora como viveremos?** Rio de Janeiro: CPAD, 2000.

COMBLIN, José. **Teologia da Cidade**. São Paulo: Paulinas, 1991.

_____. **Teologia da Enxada**. Petrópolis: Vozes, 1977.

Comissão de Lausanne para a Evangelização Mundial. **Evangelização e Responsabilidade Social**. 2ª ed. São Paulo: ABU & Belo Horizonte: Editora Visão Mundial, 1985.

COPE, Landa. **Template Social do Antigo Testamento**. Curitiba-PR. Gráfica & Editora Jocum Brasil, 2007.

CORBETT, Steve. **Quando ajudar machuca**. Como enfrentar a pobreza sem machucar o pobre... e a si mesmo. Brasília: Editora 371, 2019.

CORTEN, André. **Os pobres e o Espírito Santo: O pentecostalismo no Brasil**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996.

COSTA, Antônio Carlos. **Teologia da trincheira: reflexões e provocações sobre o indivíduo, a sociedade e o Cristianismo**. São Paulo: Mundo Cristão, 2017.

COSTA, Fabricio Roberto. **Comunidades Eclesiais de Base e Teologia da Libertação: algumas reflexões sobre catolicismo liberacionista e ritual**. Revista Infratextos. Rio de Janeiro. vol. 2, n.1, pp. 33-50 2010.

COSTA, Hermisten Maia Pereira. **Fundamentos da Teologia Reformada**. São Paulo: Editora Mundo Cristão, 2007.

COSTA, José Almir da. **Vida cristã na cidade: perspectivas de Comblin e Libanio**. 2015. 131p. Dissertação (Mestrado em Teologia) – Departamento de Teologia, Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia, Belo Horizonte. 2015.

COSTA, Rubens Alves. **A justiça social no sermão escatológico de Mateus 25,34-36.40 com ênfase na categoria forasteiro**. Dissertação (Mestrado) defendida na Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Programa de Pós-graduação em Ciências da Religião. Goiânia, 2017.

COX, Harvey Gallagher. **A Cidade do Homem: a secularização e a urbanização na perspectiva teológica**. Tradução: Jovelino Pereira Ramos e Myra Ramos. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1968.

CUNHA, Magali do Nascimento. **A explosão gospel: um olhar das ciências humanas sobre o cenário evangélico no Brasil**. Rio de Janeiro: Mauad X, Mysterium, 2007.

CUNHA, Maurício J. S. **O Reino entre nós: transformação de comunidades pelo evangelho integral**. Viçosa: Ultimato, 2019.

_____. **O Reino de Deus e a transformação social: fundamentos, princípios e ferramentas**. Viçosa, MG: Ultimato, 2018.

DARTIGUES, André. **O que é a Fenomenologia?** São Paulo: Centauro, 2005.

DIOGO, Fernando. **A pobreza em Portugal: Trajetos e quotidianos**. Lisboa: Fundação Francisco Manuel dos Santos, 2021.

DIP, Andrea. **Em nome de quem? A bancada evangélica e seu projeto de poder**. 1ª Ed. – Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.

DOOYEWEERD, H. **Estado e Soberania: ensaios sobre cristianismo e política**. Tradução de Leonardo Ramos, Lucas G. Freire, Guilherme de Carvalho. São Paulo: Vida Nova, 2014.

_____. **No Crepúsculo do Pensamento: estudos sobre a pretensa autonomia do pensamento filosófico**. Tradução de Guilherme Vilela Ribeiro de Carvalho; Rodolfo Amorim Carlos de Souza. São Paulo: Hagnos, 2010.

_____. **Raízes da Cultura Ocidental**. Tradução de Afonso Teixeira Filho. São Paulo: Cultura Cristã, 2015.

DROGUS, Carol Ann. **Women, religion, and social change in Brazil's popular church**. Notre Dame, Indiana: University of Notre Dame Press, 1997.

DURAND, Gilbert. **A Imaginação Simbólica**. São Paulo: Cultrix, 1988.

DURKHEIM, Émile. **As formas elementares da vida religiosa**. Tradução de Joaquim Pereira Neto. 2ª edição. São Paulo: Paulus, 1989.

ELIADE, Mircea. **Tratado de História das Religiões**. São Paulo: Martins Fontes. 2000.

_____. **Imagens e Símbolos**. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

ENGELS, Friedrich; MARX, Karl. **Manifesto do Partido Comunista**. São Paulo: Boitempo, 1998.

ERICKSON, Millard J. **Introdução à Teologia Sistemática**. São Paulo: Edições Vida Nova, 1997.

EUROSTAT. **Combating Poverty and Social Exclusion: A statistical portrait of the European Union 2010**. Luxembourg: Publications Office of the European Union. 2010.

FERNÁNDEZ-ARMESTO, Felipe; WILSON, Derek. **Reforma: O Cristianismo e o mundo 1500-2000**. Rio de Janeiro: Record, 1997.

FERREIRA, Adair. **A evangelização a partir de Lausanne**. Uma abordagem sócio espiritual. Pancas: Espírito Santo, 2018.

FERREIRA, Franklin. **Pilares da Fé**. A atualidade da mensagem da Reforma. São Paulo: Edições Vida Nova, 2017.

FERREIRA, Júlio A. **Religião no Brasil**. Campinas: Luz para o caminho, 1992.

FERRISS, A.L. - **Religion and the quality of life**. *Journal of Happiness Studies* 3(3):199-215, 2002.

FILORAMO, G.; PRANDI, C. **As Ciências das Religiões**. São Paulo: Paulus, 1999.

FOSTER, Richard. **Celebração da Simplicidade**. Campinas: United Press, 1999.

FRANKL, Viktor E. **A Presença Ignorada de Deus**. São Leopoldo: Sinodal: Petrópolis: Vozes, 2007.

FREIRE, Paulo. **Educação e mudança**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979 (Col. Educação e Comunicação vol. 1).

_____. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra. 65ª. Edição. 2018.

FRESTON, Paul. **Breve história do pentecostalismo brasileiro**. In: ANTONIAZZI, Alberto et al. *Nem anjos nem demônios: interpretações sociológicas do pentecostalismo*. 2ª ed. Petrópolis: Vozes, 1994.

GASQUE, Laurel. **Rookmaaker: arte e mente cristã**. Viçosa: Editora Ultimato, 2012.

GEORGE, Timothy. **Teologia dos Reformadores**. São Paulo: Vida Nova, 1993.

GINGRICH, F. Wilbur. **Léxico do Novo Testamento: Grego / Português**. São Paulo: Vida Nova, 2003.

GÓES, Paulo. **Do individualismo ao compromisso social: a contribuição da Confederação Evangélica do Brasil para a articulação de uma ética social cristã**. São Bernardo do campo – SP. Dissertação de Mestrado. Instituto Metodista de Ensino Superior, 1985.

GOHEEN, M. W., & BARTHOLOMEW, C. **Introdução à cosmovisão cristã: Vivendo na intersecção entre a visão bíblica e a contemporânea**. São Paulo: Vida Nova, 2016.

GOMES, A. M. A (2011). **Um estudo sobre a conversão religiosa no protestantismo histórico e na psicologia social da religião**. *Ciências da Religião - História e Sociedade*, 9(2), p. 148-174.

GONDIM, Ricardo. **É Proibido. O que a Bíblia permite e a igreja proíbe**. São Paulo: Editora Mundo Cristão, 1998,

_____. **O Evangelho da Nova Era: uma análise e refutação bíblica da chamada Teologia da Prosperidade**. São Paulo: Abba Press, 1993.

_____. **O que os evangélicos [não] falam: dos negócios à graça, do desencanto à esperança**. Viçosa: Ultimato, 2006.

_____. **Missão integral: em busca de uma identidade evangélica**. São Paulo: Editora Fonte, 2010.

GONSALVES, Elisa Pereira. **Conversas sobre iniciação à pesquisa científica**. 6ª ed. Campinas, SP: Editora Alinea, 2018.

GONZÁLEZ, Justo L. **A Era Inconclusa**. Série E até aos confins da Terra: Uma história ilustrada do cristianismo. v. 11. São Paulo: Vida Nova, 1995.

_____. **Economia e Fé no Início da Era Cristã**. São Paulo: Editora Hagnos, 2015.

GOUDZWAARD, Bob. **Capitalismo e Progresso: Um diagnóstico da sociedade ocidental**. Viçosa: Editora Ultimato, 2019.

GRUDEM, Wayne. **Teologia Sistemática**. São Paulo: Edições Vida Nova, 1999.

_____. **Manual de Doutrinas Cristãs: Teologia Sistemática ao alcance de todos**. São Paulo: Editora Vida, 2007.

_____. **A Pobreza das Nações: uma solução sustentável**. São Paulo: Edições Vida Nova, 2016.

HAGIN, Kenneth E. **A autoridade do Crente**. Rio de Janeiro: Graça Editorial, sem data de publicação.

_____. **A Arte da Intercessão – Manual sobre como interceder**. Rio de Janeiro: Graça, 2002.

_____. **A Igreja Triunfante**. São Paulo: Rhema Faith Publicações, 2010.

_____. **Chamados por Deus**. Rio de Janeiro, Graça Editorial, 2010.

_____. **Chaves bíblicas para a Prosperidade Financeira**, Traduzido por Rogério L. Clavello. Rio de Janeiro, Graça Editorial, 2001.

_____. **Novos Limiares da Fé**. Rio de Janeiro: Graça, 2005.

_____. **O nome de Jesus**. Rio de Janeiro: Graça, 1988.

_____. **O poder disponível do louvor**. Rio de Janeiro: Graça, 2000.

_____. **O Toque de Midas – Uma abordagem equilibrada para a prosperidade bíblica**. Rio de Janeiro: Graça, 2004.

_____. **Redimidos da miséria, da enfermidade e da morte**. Rio de Janeiro: Graça Editorial, 2000.

_____. **Seguindo os planos de Deus**. Rio de Janeiro: Graça Editorial, 2002.

_____. **Zoe: a Própria Vida de Deus**. São Paulo: Graça Editorial, 1984.

HÉBETTE, Jean. **O centro Agroambiental do Tocantins: propostas e desafios**. Texto publicado in Proposta. Rio de Janeiro, XV (48), 32-38p, mar. 1991. In: HÉBETTE, J.

Cruzando a fronteira: 30 anos de estudos do campesinato na Amazônia. Belém: EDUFPA, v. IV, 2004.

HEINEMANN, U. R. **Eunucos pelo Reino de Deus: mulheres, sexualidade e a igreja católica.** Rio de Janeiro: Record: Rosa dos Tempos, 1999.

HERMANN, Jaqueline. **História das religiões e religiosidades.** In: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo (Orgs.). **Domínios da história: ensaios de teoria e metodologia.** Rio de Janeiro: Campus, 1997.

HEXHAM, I. **Política Cristã de Acordo com Abraham Kuyper.** Trad. de Felipe Sabino de Araújo Neto. Disponível em: <http://www.monergismo.com/textos/politica/politica-crista-kuyper_hexham.pdf> (Acesso em: 1 de julho de 2019).

HINN, Benny. **Bom dia, Espírito Santo.** São Paulo: Bompastor Editora, 1990.

HOBSBAWN, Eric. **Era dos Extremos: O Breve Século XX (1914-1991).** Trad. Marcos Santarrita. São Paulo: Cia. das Letras, 1995.

HODGE, Alexander A. **A Confissão de Fé de Westminster comentada por Alexander A. Hodge.** Tradução de Valter Graciano Martins. São Paulo: Editora Os Puritanos, 1999.

HUFF JÚNIOR, Arnaldo Érico. **Richard Shaull pelo ecumenismo brasileiro: um estudo acerca da produção de memória religiosa.** Revista Brasileira de História das Religiões. ANPUH, Ano II, n.4, Mai/2009.

HUME, David. **Diálogos sobre a religião natural.** Salvador: EDUFBA, 2016. Arquivo *Kindle*.

JÚNIOR, Jair de Almeida. **Um panorama do Fenômeno Religioso Brasileiro: Neopentecostalismo ou Pentecomessianismo.** Ciências da Religião: História e Sociedade. 2008, Vol. 6. N° 2, p. 146-177. 32 p.

KELLER, Timothy. **Justiça Generosa: a Graça de Deus e a Justiça Social.** São Paulo: Vida Nova, 2013.

_____. **Ministérios de Misericórdia: o chamado para a estrada de Jericó.** São Paulo: Vida Nova, 2016.

KENYON, E. W. **O Maravilhoso Nome de Jesus**. Kenyon Gospel Publishers, 1981.

_____. **Identificação**. Kenyon Gospel Publishers, 1968.

KOENING, Harold G. **Medicina, Religião e Saúde: o encontro da ciência e da espiritualidade**. Porto Alegre, RS: L&PM, 2012.

KÖSTENBERGER, Andreas J.; PATTERSON, Richard D. **Convite à Interpretação Bíblica**. A tríade hermenêutica [história, literatura e teologia]. São Paulo: Edições Vida Nova, 2015.

KOYZIS, David. T. **Visões & Ilusões Políticas: uma análise e crítica cristã das ideologias contemporâneas**. São Paulo: Vida Nova, 2014.

KUZMA, Cesar. **O teólogo Jürgen Moltmann e o seu caminhar teológico realizado na esperança**. Revista Atualidade Teológica – Ano XII, n. 43 – jan-abr 2013.

KUIPER, Roel. **Capital Moral: o poder de conexão da sociedade**. Brasília-DF: Editora Monergismo, 2019.

KUYPER, Abraham. **A Obra do Espírito Santo: o Espírito Santo em ação na igreja e no indivíduo**. São Paulo: Cultura Cristã, 2010.

_____. **A Centennial Reader**. Wm. B. Eerdmans Publishing Co, 1998.

_____. **Calvinismo**. São Paulo: Cultura Cristã, 2002.

_____. **Christianity and the class struggle**. Grand Rapids, Michigan: Piet Hein Publishers, 1950.

_____. **Encyclopedia of Sacred Theology**. Its Principles. New York: Charles Scribner's Sons, 1898.

_____. **O problema da pobreza: A questão social e a religião cristã**. 1. Ed – Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2020.

_____. **Sabedoria e Prodígios: graça comum na ciência e na arte**. Tradução de Fabrício Tavares de Moraes. Brasília, DF: Editora Monergismo, 2018.

Leão XIII. **Carta encíclica *Rerum Novarum***, 1891.

LEITE, Cláudio Antônio Cardoso; CARVALHO, Guilherme Vilela Ribeiro de; CUNHA, Maurício José Silva [Orgs.]. **Cosmovisão Cristã e Transformação: espiritualidade, razão e ordem social**. Viçosa: Ultimato, 2006.

LEVY-BRUHL, Lucien. **A Mentalidade Primitiva**. São Paulo: Paulus, 2008.

LESSA, Alexandre Ribeiro. **Memória e efeitos de sentido no Pacto de Lausanne e na Teologia da Missão Integral**. (Tese de Doutorado em Memória, Discursos e Narrativas). Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, 2018.

LESSA, Vicente Themudo. **Calvino (1509-1564): sua vida e sua obra**. São Paulo: Est. Graph. Cruzeiro do Sul, 1934.

LIBÂNIO, João Batista. **Concílio Vaticano II: Em busca de uma primeira compreensão**. São Paulo: Loyola, 2005.

_____. **O sagrado na pós-modernidade**. In: A sedução do sagrado: o fenômeno do religioso na virada do milênio. (Org) Pe. Cleto Calimar, SDB. Petrópolis: Editora Vozes, 1998.

_____. Teologia em relação direta com Práxis in SILVA, Sérgio Pereira da (organizador). **Teoria e Prática: algumas perspectivas**. Catalão: Universidade Federal de Goiás, 2007.

LIMA, Leandro Antonio. **Uma Análise do Chamado "Novo Calvinismo", de Seu Relacionamento Com o Calvinismo e de Seu Potencial Para o Diálogo Com a Contemporaneidade**. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós- Graduação em Ciências da Religião, Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2009.

LONGUINI NETO, Luiz. **O novo rosto da missão. Os movimentos ecumênico e evangelical no protestantismo latino-americano**. Viçosa: Ultimato, 2002.

LOPES, Augustus Nicodemus. **O culto segundo Deus**. São Paulo: Vida Nova, 2012.

_____. **Calvino e a Responsabilidade Social da Igreja**. São Paulo: Publicações Evangélicas Seleccionadas, 2001.

LÖWY, Michael. **A guerra dos deuses: religião e política na América Latina**. Tradução de Vera Lúcia Mello Joscelyne. Petrópolis: Vozes, 2000.

MACEDO, Edir. **O Perfeito Sacrifício: o significado espiritual do dízimo e ofertas**. Rio de Janeiro: Editora Gráfica Universal, 1996.

_____. **Vida com abundância**. Rio de Janeiro: Universal Produções. 1990.

MACHADO, Maria das Dores Campos. **Carismáticos e pentecostais: adesão religiosa na esfera familiar**. Campinas, SP: Autores Associados; São Paulo, SP: ANPOCS, 1996.

MACKAY, John L. **Oséias: Comentários do Antigo Testamento**. São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2015.

MALINA, Bruce J. **O Evangelho social de Jesus. O reino de Deus em perspectiva mediterrânea**. Tradução de Luiz Alexandre Solano Rossi. São Paulo: Paulus, 2004.

MANNING, Brennan. **O Evangelho Maltrapilho**. São Paulo: Mundo Cristão, 2005.

MARIANO, Ricardo. **Expansão pentecostal no Brasil: o caso da Igreja Universal**. In: Estudos Avançados, dez. 2004, vol.18, no.52, p.121-138.

_____. **Império Universal**. Folha de São Paulo, Caderno Mais, São Paulo, 5 de fevereiro de 2010, p. 4.

_____. **Neopentecostais: Sociologia do novo pentecostalismo no Brasil**. São Paulo: Edições Loyola, 3ª Ed. 2010.

_____. **O futuro não será protestante**. Revista Ciências Sociales y Religión / Asociación de Cientistas Sociales de la Religión del Mercosur, Año 1, n. 1 (1999). Porto Alegre, 2000.

_____. **Os pentecostais e a teologia da prosperidade**. In *Novos Estudos*. São Paulo: CEBRAP, 1996, nº 44, p. 24 e ss.

MARTINS, Yago. **A máfia dos mendigos**. Como a caridade aumenta a miséria: o pastor que fingiu ser morador de rua explica por que nossas tentativas de vencer a pobreza continuam fracassando. 2ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2019.

MARX, Karl. **Crítica da filosofia do direito de Hegel**. 2ª ed. São Paulo: Editora Boitempo, 2010.

MARTELLI, Stefano. **A religião na sociedade pós-moderna: entre secularização e dessecularização**. São Paulo: Paulinas, 1995.

MASSENZIO, Marcello. **A história das religiões na cultura moderna**. 1ª ed. São Paulo: Hedra Editora, 2005.

MATEOS, Juan; CAMACHO, Fernando. **Jesus e a sociedade de seu tempo**. São Paulo: Edições Paulinas, 1992.

MATOS, Alderi de Souza. **A missão da igreja: uma perspectiva latino-americana**. Revista Fides Reformata, São Paulo, 4/1, p. 69-88, 1999.

MELAMED, R. Meir Matzliah. **Torá – A Lei de Moisés**. São Paulo: Editora Sêfer, 2001.

MENDONÇA, Antônio Gouvêa. **Evolução Histórica e configuração atual do protestantismo no Brasil**. In: MENDONÇA, Antônio Gouvêa; VELASQUES FILHO, Prócoro. Introdução ao protestantismo no Brasil. São Paulo: Loyola, 1990.

_____. **Protestantismo no Brasil: um caso de religião e cultura**. Revista USP. São Paulo, n. 74, pp's. 160-173, junho a agosto de 2007.

_____. **Protestantes, Pentecostais & Ecumênicos**. São Paulo: Metodista, 2008.

_____. **Seitas e Igrejas**. In: *Situação Religiosa na América Latina*. São Bernardo do Campo, SP: Metodista, 1988.

MERTENS, D. (2005). **Research and evaluation in education and psychology. Integrating diversity with quantitative, qualitative, and mixed methods** (2.a ed.). Thousand Oaks, CA: Sage.

MESSORI, Vittorio; RATZINGER, Joseph. **A Fé em Crise?: O Cardeal Ratzinger se interroga**. Trad.: Pe. Fernando José Guimarães. São Paulo: E.P.U., 1985.

METZ, J. B. **Teologia Política**. Trad. Luis Alberto De Boni. Porto Alegre: Escola Superior de Teologia São Lourenço de Brindes; Caxias do Sul: Universidade de Caxias do Sul, 1976.

MILLER, Darrow L. **Discipulando Nações: o poder da verdade para transformar culturas**. Tradução de Isabel Zwahlen. Curitiba: FatoÉ Publicações e Editora Harvest Brasil, 2003.

MILHOMENS, Valnice. **Orando a Palavra**. São Paulo: Palavra da Fé Publicações, 1993.

MOLTMANN, Jürgen. **Ética da Esperança**. [Tradução de Vilmar Schneider]. Petrópolis: Vozes, 2012.

MONTERO, Paula. (Org.). **O Deus na Aldeia: missionários, índios e mediação cultural**. São Paulo: Globo, 2006.

MORAIS, Edson Elias de. **Religiosidade Neopentecostal Metainstitucional: Uma religiosidade sem limites**. (Tese de Doutorado em Ciências Sociais). Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Filosofia e Ciências. Marília, 2019.

MOREIRA, Alberto da Silva (Org.). **Sociedade Global: cultura e religião**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Editora Vozes; São Paulo, Universidade São Francisco, 1998.

MOO, Douglas J. **Tiago: Introdução e comentário**. São Paulo: Sociedade Religiosa Edições Vida Nova, 2006.

Movimento Lausanne. **O Compromisso da Cidade do Cabo**. Uma declaração de fé e um chamado para agir. Curitiba: Encontro/Ultimato, 2011.

NICODEMUS, Augustus. **O que estão fazendo com a igreja**. Ascensão e queda do movimento evangélico brasileiro. São Paulo: Mundo Cristão, 2008.

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. **O Anticristo**. Título original: *Der Antichrist*. Trad. Mário Perniola. Rio de Janeiro: Clássicos econômicos Newton, 1996.

NODA, Jorge Issao. **Somos Deuses? Analisando a Teologia da Prosperidade à luz da Bíblia**. João Pessoa: Facioli Gráfica, 1997.

OLIVEIRA, Estevam Fernandes de: **Conversão ou Adesão: Uma reflexão sobre o neopentecostalismo no Brasil**. Rio de Janeiro: Proclama Editora, 2004.

OLIVEIRA, Fabiano de Almeida. **Philosophando Coram Deo: uma apresentação panorâmica da vida, pensamento e antecedentes intelectuais de Herman Dooyeweerd**. *in*: Fides Reformata XI, nº 2 (2006): p. 73-100.

OLIVEIRA, Valtenci. **O que não é Missão Integral?** São Paulo: Gilgal Gospel, 2018.

OLIVEIRA, Vitória Peres de. **Fenomenologia da Religião: temas e questões sob debate**. In. DREHER, L. H. (org.) **A essência manifesta. a fenomenologia nos estudos interdisciplinares da religião**. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2003.

OLSON, Roger E. **História das Controvérsias na Teologia Cristã: 200 anos de unidade e diversidade**. São Paulo: Editora Vida, 2004.

OVERMAN, J. Andrew. **O Evangelho de Mateus e o judaísmo formativo: o mundo social da comunidade de Mateus**. Tradução de Cecília Camargo Bartalotti. São Paulo: Loyola, 1997.

OTTO, Rudolf. **O sagrado: os aspectos irracionais na noção do divino e sua relação com o racional**. Tradução: Walter O. Schlupp. São Leopoldo: Sinodal/EST; Petrópolis: Ed. Vozes, 2007.

PADILLA, C. René. **Missão Integral**. São Paulo: Fraternidade Teológica Latino-americana – Setor Brasil & Temática Publicações, 1992.

_____. **Missão Integral, O Reino de Deus e a igreja**. Ultimato, 2014.

_____. **O projeto de Deus e as necessidades humanas: missão integral e suas práticas**. Santo André (SP): Academia Cristã, 2015.

PADILHA, Adilmar Luiz Martins. **A carência e a falência dos púlpitos no movimento evangélico brasileiro. Uma visão panorâmica**. Dissertação de Mestrado em Teologia defendida na Escola Superior de Teologia, São Leopoldo-RS, 2010.

PAULA, Marcio Gimenes de. **Os antecedentes da Teologia da Libertação entre os protestantes brasileiros: a presença de Richard Shaull no Brasil.** Revista Interações – Cultura e comunidade. v. 8, n.13, p. 77-86. jan/ jun de 2013.

PEARCY, Nancy. **Verdade Absoluta: Libertando o cristianismo de seu cativeiro cultural.** Tradução de Luis Aron. Rio de Janeiro: CPAD, 2006.

PEREGRINO, Y. **(Re)conhecendo a favela: Uma análise socioespacial urbanística de Três Lagoas em João Pessoa, Paraíba, Brasil.** Tese de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo- UFPB. 2016.

PESSÔA, Fábio Tadeu de Melo. **Bispo comunista, padres subversivos: cristianismo de libertação e a luta camponesa no sul do Pará durante o período militar.** Outros Tempos, vol. 11, n.18, 2014, p. 61-82.

PIERUCCI, Antônio Flávio; PRANDI, Reginaldo. **A realidade social das religiões no Brasil: religião, sociedade e política.** São Paulo: Editora Hucitec, 1996.

PIERUCCI, Antônio Flávio. **Liberdade de cultos na sociedade de serviços: em defesa do consumidor religioso.** *Revista Novos Estudos CEBRAP*, 44, março de 1996.

_____. **O Desencantamento do mundo: Todos os passos do conceito em Max Weber.** São Paulo: Editora 34, 2003.

PINTO, Carlos Osvaldo Cardoso. **Foco e Desenvolvimento no Antigo Testamento.** São Paulo: Editora Hagnos, 2006.

_____. **Foco e Desenvolvimento no Novo Testamento.** São Paulo: Editora Hagnos, 2008.

PLANTINGA, Cornelius. **O Crente no Mundo de Deus: uma visão cristã da fé, da educação e da vida.** Tradução de Francisco Solano Portela Neto. São Paulo: Cultura Cristã, 2007.

PNUD. **Relatório do Desenvolvimento Humano 1997.** Lisboa: Trinova, 1997.

PORTO, Allen. **A arte moderna e a morte de uma cultura em Rookmaaker.** Revista Fides Reformata, São Paulo, XXI, Nº 1, p. 161-171, 2016.

PROENÇA, Wander de Lara. **Magia, prosperidade e messianismo: o “sagrado selvagem” nas representações e práticas de leitura do neopentecostalismo brasileiro.** Curitiba: Aos Quatro Ventos, 2003.

_____. **Sindicato de mágicos: uma história cultural da Igreja Universal do Reino de Deus (1977-2006).** Wander de Lara Proença. Assis, 2006. 374 p. Tese – Doutorado – Faculdade de Ciências e Letras de Assis – Universidade Estadual Paulista.

QUEIROGA, Pe. Gervásio Fernandes de. **CNBB: Comunhão e corresponsabilidade.** São Paulo, E. Paulinas, 1977.

RAMOS, Ariovaldo. **Missão integral dialoga com o Marxismo?** Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=pBu80h81zbs>. Acesso em 14 de maio de 2020.

RAMOS, Leonardo; CAMARGO, Marcel e AMORIM, Rodolfo. **Fé Cristã e Cultura Contemporânea: cosmovisão cristã, igreja local e transformação integral.** Viçosa: Ultimato, 2009.

RAMOS, Leonardo. **Ídolos do Nosso Tempo: A Cosmovisão Cristã em um Mundo de Esquerdas e Direitas.** Fé Cristã e Cultura Contemporânea. In: RAMOS, Leonardo;

RAMOS, Leonardo & FREIRE, Lucas G. **Neocalvinismo, política e Estado: contextualizando a abordagem de Herman Dooyeweerd.** In: DOOYEWEERD, Herman. **Estado e soberania: Ensaio sobre cristianismo e política.** São Paulo: Vida Nova, 2014.

RATZINGER, Joseph. **Fé, verdade, tolerância – O cristianismo e as grandes religiões do mundo.** São Paulo: Instituto Brasileiro de Filosofia e Ciência “Raimundo Lúlio” (Ramon Llull), 2007.

_____. **Eu vos explico a Teologia da Libertação.** Tradução D. Estêvão Bettencourt. Revista Pergunte e Responderemos, n. 276, set-out, 1984, pp. 354-365.

REBLIN, Iuri Andréas. **Teologia: outros cheiros, outros sabores... a teologia na perspectiva crítica e poética de Rubem Alves: caminhos para uma teologia do**

cotidiano. Dissertação de Mestrado em Teologia. Escola Superior de Teologia – Instituto Ecumênico de Pós-Graduação em Teologia. São Leopoldo-SP, 2007.

REICHOW, J. K. **A filosofia reformada de Herman Dooyeweerd e suas condições de recepção no contexto brasileiro**. Dissertação de Mestrado em Teologia. Escola Superior de Teologia – Programa de Pós-Graduação em Teologia. São Leopoldo-SP, 2014.

_____. **Reformai a vossa mente: a filosofia cristã de Herman Dooyeweerd**. Brasília, DF: Editora Monergismo, 2019. Arquivo *Kindle*.

REID, Stanford W. (Ed.). **Calvino e sua Influência no Mundo Ocidental**. São Paulo: Casa Editora Presbiteriana, 1990.

REIMER, Johannes. **Transformando o Mundo: fundamentos de uma teologia da transformação**. Curitiba: Editora Esperança, 2015.

REVISTA XIPE TOTOK. **Marx y Mariátegui, para repensar Latinoamérica**. ITESO. Universidad Jesuita de Guadalajara. Revista del departamento de filosofía y humanidades, ITESO. Año 28, v. 2, n. 110, 30 de junio de 2019.

RIBEIRO, Saulo Duarte Lima. **A fenomenologia das religiões e a relação de sacrifício entre os adeptos da teologia da prosperidade**. Summae Sapientiae– Revista Teológica da Faculdade Internacional Cidade Viva – João Pessoa - PB – n. 1 – outubro de 2018 - pg's. 78-97.

_____. **Hermenêutica, Narrativa, Ação e Cosmologia: Uma breve análise do texto e da alma do tempo e do mundo na obra de Paul Ricoeur**. Summae Sapientiae– Revista Teológica da Faculdade Internacional Cidade Viva – João Pessoa - PB – n. 2 – maio de 2019 - pg's. 147-166.

RICHTER REIMER, Ivoni. **Perdão de dívidas em Mateus e Lucas: por uma economia sem exclusões**. RIBLA, Petrópolis: Vozes; São Leopoldo: Sinodal, n. 33, p. 133-149, 1999.

ROMÁN, Teresa San. **Sobre la investigación etnográfica**. Revista de Antropología Social, Universidad Complutense de Madrid, v. 18, p. 235-260, 2009.

ROMEIRO, Paulo. **Supercrentes: o Evangelho segundo Kenneth Hagin, Valnice Milhomens e os profetas da prosperidade**. São Paulo: Mundo Cristão, 1998.

_____. **Evangélicos em crise: a decadência doutrinária na igreja brasileira**. 4ª ed. São Paulo: Mundo Cristão, 1999.

ROOKMAAKER, H. R. **A arte moderna e a morte de uma cultura**. Viçosa, MG: Editora Ultimato, 2015.

_____. **A arte não precisa de justificativa**. Tradução de Fernando Guarany Júnior. Viçosa, MG. Editora Ultimato, 2010.

_____. **Filosofia e estética**. Brasília, DF: Editora Monergismo, 2018.

ROSA, Wanderley Pereira da. **MISSÃO INTEGRAL: DESAFIOS TEOLÓGICO-PASTORAIS**. Anais do Congresso Internacional da Faculdade EST. São Leopoldo: EST, v. 1, 2012. p. 1145-1153.

RUIZ, Pe. José Antônio. **Uma apologética: a da Teologia da Libertação**.

SAMPIERI, Roberto Hernandez; COLLADO, Carlos Fernández; LUCIO, María del Pilar Baptista. **Metodologia de Pesquisa**, 5ª ed. Porto Alegre: Penso, 2013.

SANCHES, Regina Fernandes. **Teologia da Missão Integral**. São Paulo: Reflexão, 2008. Arquivo *Kindle*.

_____. **Teologia Latino-americana - História e método**. São Paulo: Saber Criativo, 2019.

SANCHES, Sidney de Moraes. **A Teologia da Missão Integral como teologia evangélica contextual latino-americana**. Revista Caminhando. v. 15, n. 1, p. 65-85, jan./jun. 2010.

SCHAEFFER, Francis A. **A Arte e a Bíblia**. Viçosa, MG: Editora Ultimato, 2010.

_____. **A Morte da Razão**. São Paulo: ABU Editora, 2007.

SCHNEIDER, M. **Em busca de uma ética social ecumênica: a discussão no Conselho Mundial de Igrejas em diálogo com a perspectiva e práxis Latino - americanas.** Tese (Doutorado) – Escola Superior de Teologia, São Leopoldo, 2005.

SCHWEITZER, Albert. **A busca do Jesus histórico.** São Paulo: Novo Século, 2003.

SHAULL, Richard. **Surpreendidos pela graça. Memórias de um teólogo: Estados Unidos, América Latina e Brasil.** Rio de Janeiro: Record, 2003.

_____. **De dentro do furacão: Richard Shaull e os primórdios da teologia da libertação.** São Paulo: Sagarana/Cedi/Clai/Progr. Ec. Pós-graduação em Ciências da Religião, 1985.

_____. **O cristianismo e a revolução social.** São Paulo: Uceb, 1953.

_____. **A Reforma Protestante e a teologia da libertação.** São Paulo: Pendão Real, 1993.

_____; CESAR, Waldo. **Pentecostalismo e futuro das igrejas cristãs: promessas e desafios.** Petrópolis: Vozes, 1999.

SHELLEY, Bruce L. **História do cristianismo ao alcance de todos: uma narrativa do desenvolvimento da Igreja Cristã através dos séculos.** Trad. Vivian Nunes do Amaral. São Paulo: Shedd Publicações, 2004.

SILVA, Dionísio Oliveira. **O comércio do sagrado.** Londrina: Descoberta, 2004.

SILVA, Elizete da. **A Presença Protestante no Brasil.** Editora Nossa História (São Paulo), v. 38, 2006.

_____. **As mulheres protestantes: educação e sociabilidades.** Revista Brasileira de História das Religiões. ANPUH, Ano VII, n. 21, pp. 161-190. Janeiro a Abril de 2015.

SILVA, G. M. C. **A religião como instrumento político: a missão protestante e os índios no Brasil Holandês (1630-1654).** In: XXVI SIM PÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 2011, São Paulo. Anais do XXVI simpósio nacional da ANPUH – Associação Nacional de História. São Paulo: ANPUH-SP, 2011.

SILVA, Leandro. **Igreja em Movimento: comunidades em transformação**. São Paulo: Editora Garimpo, 2016.

SILVA, S. P. **Teoria e prática: algumas perspectivas: teologia, filosofia, pedagogia, geografia, história, linguística, psicologia, antropologia**. Catalão UFG - Campus Catalão, 2007.

SILVA, Sandro Ramon Ferreira da. **Teologia da Libertação: Revolução e reação interiorizadas na Igreja**. (Dissertação de Mestrado em História). Universidade Federal Fluminense, 2006.

SORJ, B., and GRIN, M., orgs. **Judaísmo e modernidade: metamorfoses da tradição Messiânica [online]**. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2008.

SOUZA, Arnald Rodrigues de. **A influência da música nas crenças religiosas: Um estudo musicoterápico da Influência da Música na Igreja Presbiteriana Independente Central em Presidente Prudente (2003 – 2016)**. (Dissertação de Mestrado em Ciências da Religião). Universidade Presbiteriana Mackenzie, 2016.

SOUZA, Silas Luiz de. **Pensamento social e político no protestantismo brasileiro**. São Paulo: Editora Mackenzie, 2005.

STEIL, Carlos Alberto. **A Força revolucionária do religioso nas CEBs**. Tempo e Presença. Rio de Janeiro, n. 220, jun. 1987.

SUSIN, Luiz Carlos (Org). **O mar se abriu. Trinta anos de teologia na América Latina**. São Paulo: Edições Loyola, 2000.

SUSIN, Luiz Carlos. **Teologia da Libertação: de onde viemos, para onde vamos?** Revista Horizontes - Mutirão de Revistas de Teologia Latino-americanas. PUC-Minas. Belo Horizonte, v. 11, n. 32, p. 1678-1691, out./dez. 2013.

TILLICH, Paul. **Amor, poder e justiça**. Análises ontológicas e aplicações éticas. Novo Século: São Paulo, 2004.

TENNEY, Tommy. **Os Caçadores de Deus**. Belo Horizonte: Dynamus, 2000.

TORGAN, Daniel Aquino. **A missão que emana de Deus: O conceito de Missio Dei na teologia da missão integral à luz da ação trinitária em Efésios 1:3-14.** (Dissertação de Mestrado em Teologia). Faculdades Batista do Paraná: Curitiba, 2017.

TRABUCO, Zózimo. **E esquerda evangélica e o Partido dos Trabalhadores (1980-1994).** Trabalho apresentado em Juiz de Fora - MG no XII Simpósio da ABHR, GT: [Evangélicos protestantes no Brasil e o ecumenismo]. 31/05 – 03/06 de 2011.

USARSKI, Frank. **Constituintes da Ciência da Religião: cinco ensaios em prol de uma disciplina autônoma.** São Paulo: Paulinas, Coleção repensando a religião, 2006.

VAN TIL, Henry R. **O Conceito Calvinista de Cultura: a única teologia da cultura que é, de fato, relevante para o mundo.** Tradução de Elaine Carneiro D. Sant'Anna. São Paulo: Cultura Cristã, 2010.

VEIGA, Alfredo César da. **O Rosto dos Oprimidos – Como a Teologia da Libertação “re-humanizou” os santos católicos.** São Paulo: All Print, 2016. Arquivo *Kindle*.

VICTOR, Fabiane Maciel. **As práticas iurdianas: uma análise sociológica do rito religioso da Igreja Universal do Reino de Deus.** (Dissertação de Mestrado em Ciências Sociais). Universidade Federal de Santa Maria-RS, 2017.

VIEIRA, David Gueiros. **O protestantismo, a maçonaria e a questão religiosa no Brasil.** 2 ed. Brasília: Editora UNB, 1980.

VILELA, Daniel Marques. **Utopias Esquecidas: Origens da Teologia da Libertação.** São Paulo: Fonte Editorial, 2013.

VILELA, Márcio Ananias Ferreira. **Discursos e práticas da Igreja Presbiteriana do Brasil durante as décadas de 1960 e 1970: diálogos entre religião e política.** Tese (Doutorado em História) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2014

VILHENA, Maria Angela. **RITOS: Expressões e Propriedades.** São Paulo: Editora Paulinas, 2005.

VINE, W. E; UNGER, Merrill F; WHITE Jr, William. **Dicionário Vine: o significado exegético e expositivo das palavras do Antigo e do Novo Testamento**. Rio de Janeiro: CPAD, 2002.

VIRKLER, Henry. **Hermenêutica avançada: princípios e processo de interpretação bíblica**. São Paulo: Editora Vida, 2007.

WACH, Joachim. **Sociologia da Religião**. Tradução Atílio Cancian. São Paulo: Editora Paulinas, 1990.

WEBER, Max. **A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

_____. **A “objetividade” do conhecimento nas ciências sociais**. São Paulo: Ática, 2006.

_____. **Economia e Sociedade: fundamentos da sociologia compreensiva**. v.1. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1991.

WOLTERS, Albert M. **Criação Restaurada**. São Paulo: Cultura Cristã, 2006.

WOLFF, Hans Walter. **Bíblia e Antigo Testamento**. Introdução aos escritos e aos métodos de estudo. São Paulo: Editora Teológica, 2003.

ZABATIERO, Júlio P. Tavares. **Os desafios do Pacto de Lausanne para a igreja de hoje**. In: BARRO, Antonio Carlos; KOHL, Manfred W. (Orgs.) **Missão Integral Transformadora**. Londrina: Descoberta, 2005.

ZACHARIAS, Ravi. **Pode o homem viver sem Deus?** São Paulo: Mundo Cristão, 2007.

_____. **Por Que Jesus é Diferente**. São Paulo: Mundo Cristão, 2003.

Páginas da web:

BERG, Virgínia Brandt. **Coloque Deus contra a parede**. Blog Contato. Publicação de setembro de 2018. Disponível em: <https://activated.org/pt/fe/em-acao/fe/coloque-deus-contra-a-parede/> (Acesso em: 30 de março de 2021)

Bible Hub tradução e exegese de textos bíblicos. Disponível em: <https://biblehub.com/> (Acesso em 27 de fevereiro de 2020).

Blog do Marcelo Barros. **O processo bolivariano e a contribuição de José Comblin**. Disponível em: <http://marcelobarros.com/blog/o-processo-bolivariano-e-a-contribuicao-de-jose-co/> (acesso em 03 de fevereiro de 2020).

Blog Só Por Gostar de Escrever. **Perguntas e respostas à IVV: somos neopentecostais?** Disponível em: <http://sedesconformando.blogspot.com/2021/03/perguntas-e-respostas-ivv-somos.html> (Acesso em 31 de março de 2021)

Blog *Veritatis Splendor*. **Teologia da Libertação: “nem só de pão vive o homem”**. Disponível em: <https://www.veritatis.com.br/teologia-da-libertacao-nem-so-de-pao-vive-o-homem/> (acesso em 12 de fevereiro de 2020).

Boletim da Liberdade: **‘A Teologia da Libertação escolheu o pobre, mas o pobre escolheu a Teologia da Prosperidade’**. Disponível em: <https://www.boletimdaliberdade.com.br/2019/05/18/a-teologia-da-libertacao-escolheu-o-pobre-mas-o-pobre-escolheu-a-teologia-da-prosperidade-analisa-yago-martins/> (Acesso em: 13 de fevereiro de 2020).

Brasil perde uma posição em ranking do IDH:

<https://g1.globo.com/mundo/noticia/2019/12/09/brasil-perde-uma-posicao-em-ranking-do-idh.ghtml> (Acesso em: 12 de julho de 2020).

CAMILO, Rodrigo Augusto Leão. **A Teologia da Libertação no Brasil: das formulações iniciais de sua doutrina aos novos desafios da atualidade**. Disponível em: https://anais.cienciassociais.ufg.br/up/253/o/Rodrigo_Augusto_Leao_Camilo.pdf (Acesso em: 14 de fevereiro de 2020).

CARD., Joseph Ratzinger. Documento **Instrução Libertatis Conscientia, sobre a liberdade cristã e a libertação (1984)**. Disponível em http://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cfaith/documents/rc_con_cfaith_doc_19840806_theology-liberation_po.html (Acesso em 07 de maio de 2020).

CARD., Joseph Ratzinger. **Instrução Libertatis Nuntius, sobre alguns aspectos da Teologia da Libertação** (1984). Disponível em http://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cfaith/documents/rc_con_cfaith_doc_19860322_freedom-liberation_po.html (Acesso em 07 de maio de 2020.)

Carta do papa João Paulo II aos bispos da Conferência Episcopal dos Bispos Do Brasil em 1986. Disponível em: https://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/letters/1986/documents/hf_jpii_let_19860409_conf-episcopale-brasile.html (Acesso em 07 de maio de 2020)

CAVA, Ralph Delia. **A Teologia da Libertação no banco dos réus**. Entrevista em Revista de Cultura e Política Lua Nova. v. 2, n. 2, São Paulo, setembro de 1985. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-64451985000300012 (Acesso em: 14 de fevereiro de 2020).

CENSO DO IBGE 2010. Disponível em: <https://censo2010.ibge.gov.br/noticias-censo.html?busca=1&id=3&idnoticia=2170&t=censo-2010-numero-catolicos-cai-aumenta-evangelicos-espiritas-sem-religiao&view=noticia> (Acesso em: 26 de novembro de 2018).

Cidade Viva Lança Plano de Ação Social para atender famílias vulneráveis durante a pandemia do COVID-19: Disponível em: <https://fonte83.com.br/cidade-viva-lanca-plano-de-acao-social-para-atender-familias-vulneraveis-durante-a-pandemia/> (Acesso em: 30 de março de 2021).

Cidade Viva reforça campanha de doações. Disponível em: <https://www.clickpb.com.br/paraiba/cidade-viva-reforca-campanha-para-doacoes-e-distribui-cestas-basicas-para-familias-na-paraiba-304113.html> (Acesso em: 30 de março de 2021).

Cidade Viva distribui cestas básicas para vulneráveis Disponível em: <https://wscom.com.br/cidade-viva-distribui-cestas-basicas-para-familias-em-areas-vulneraveis/> (Acesso em: 30 de março de 2021).

COMMONS site de imagens. Disponível em: <https://commons.wikimedia.org> (Acesso em: 27 de março de 2020).

DIAS, Agemir de Carvalho. **O Movimento Ecumênico no Brasil (1954-1994): A serviço da Igreja e dos movimentos populares.** (Dissertação de Mestrado em História). Universidade Federal do Paraná, 2007.

DOOYEWEERD, Herman. **Estado e Soberania.** Ensaaios sobre cristianismo e política. São Paulo: Vida Nova, 2014.

DOOYEWEERD, Herman. **No crepúsculo do pensamento ocidental:** estudos sobre a pretensa autonomia do pensamento filosófico. São Paulo: Hagnos, 2010.

FERNANDES, Florestan. **Significado atual de José Carlos Mariátegui.** Revista Princípios. Ed. 35: nov/dez/jan, 1994-1995. Pg's 16 a 22. Acesso pelo Portal Grabois, Disponível em: <http://revistaprincipios.com.br/artigos/35/cat/1764/significado-atual-de-jos%C3%A9-carlos-mari&aacutetegui-.html>

FILHO, Armando. Álbum “O mover do Espírito”. Bompastor Gravadora, 1990. K-7. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=b3dZWbvYGkQ> (Acesso em 20 de novembro de 2018).

FILHO, Caio Fábio D'Araújo. Entrevista para a Revista Cristianismo Hoje. 20 de novembro de 2011. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=eLZhFtM5YC8> (Acesso em 15 de maio de 2020).

FONTES, Filipe Costa. **Considerações Sobre a Filosofia da Ideia Cosmonômica: a propósito da publicação de Dooyeweerd no Brasil.** Disponível em: http://monergismo.com/wp-content/uploads/consideracoes-filosofia-ideia-cosmonomica_f-fontes.pdf (Acesso em 04 de fevereiro de 2020).

FUCHS, Hans Udo. **O dia da Reforma e o sacerdócio de todos os crentes.** Revista Ultimato Online. Disponível em: <https://www.ultimato.com.br/conteudo/o-dia-da-reforma-e-o-sacerdocio-de-todos-os-crentes> (Acesso em: 13 de abril de 2020).

GFMAG. Disponível em: https://www.gfmag.com/awards-rankings/best-banks-and-financial-rankings/?year=2016&search_location=&award_type (Acesso em: 26 de novembro de 2018).

Godstock rede de Igrejas parceiras Cidade Viva. Disponível em: <http://godstock.global/evento/> (Acesso em: 30 de março de 2021).

HORNE, Mark. **The Victory According to Mark: An Exposition of the Second Gospel. O significado do nome Cristo.** Tradução de Felipe Sabino de Araújo Neto. Disponível em: http://www.monergismo.com/textos/cristologia/significado-Cristo_mark-horne.pdf (Acesso em: 23 de fevereiro de 2020).

HOUSING FIRST GUIDE. Disponível em: https://housingfirstguide.eu/website/wp-content/uploads/2016/06/HFG_full_Digital.pdf. (Acesso em: 10 de abril de 2021).

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Síntese de Indicadores Sociais 2019.** Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101760.pdf> (Acesso em: 31 de março de 2021).

IBIAPINA, José. **Deive Leonardo e os problemas do cristianismo “coaching”.** Disponível em: <http://www.blogdosilverioalves.com/2019/08/deive-leonardo-e-os-problemas-do.html> (Acesso em: 30 de março de 2021).

Igreja Verbo da Vida. **Nossa história.** Disponível em: <http://verbodavida.org.br/sem-categoria/historia/> (Acesso em: 26 de novembro de 2018).

KIVITZ, Ed. René. **Teologia da Missão Integral e Marxismo? Anti valores cristãos!** Fórum: a missão da igreja é integral. Vídeo publicado em 1 de fevereiro de 2017. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=_HwMS41LypE (Acesso em: 14 de fevereiro de 2020).

KUYPER, A. **Bibliotheca Sacra: Calvinism: the origin and safeguard of our constitutional liberties.** 1985. Disponível em: http://www.reformationalpublishingproject.com/pdf_books/Scanned_Books_PDF/BibliothecaSacra_CalvinismTheOriginandSafeguardogourConstitutionalLiberties.pdf (Acesso em: 11 de fevereiro de 2020).

LEVY, Charmain. **Influência e contribuição: a igreja católica progressista brasileira e o fórum social mundial.** Revista Religião & Sociedade (versão *online*). vol. 29, n. 2, Rio de Janeiro, 2009. Disponível em:

https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-85872009000200009

(Acesso em: 14 de maio de 2020).

LIMA, Vanderlei de. **Teologia da Libertação: Não e Sim!** O grave perigo de se mesclar marxismo e Cristianismo. Blog Aleteia (em foco). Disponível em: <https://pt.aleteia.org/2018/06/13/teologia-da-libertacao-nao-e-sim/> (Acesso em: 14 de fevereiro de 2020).

LOURENÇO, Auceu. **Solus christus: exclusivismo cristão e tolerância religiosa.** Retirado de depósito de artigos Academia.edu. Disponível em: https://www.academia.edu/4336775/Solus_christus_exclusivismo_cristão_e_tolerância_religiosa?email_work_card=thumbnail (Acesso em: 27 de fevereiro de 2020).

MADUREIRA, Jonas. **A Teologia da Missão Integral.** Entrevista a Augustus Nicodemus. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=081e-9OFyoI&list=PLwjk845yvs-vNT9TiAkR5Ywcqts7OBFwT> (Acesso em: 15 de maio de 2020). Publicado em 04 de abril de 2019.

Marco Regulatório das Organizações da Sociedade Civil – Lei n 13.019 de 31 de junho de 2014. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2014/lei/113019.htm (Acesso em: 28 de março de 2021):

MENDONÇA, Antonio Gouvêa. **O protestantismo no Brasil e suas encruzilhadas.** Revista USP, SP, n.67, pp. 48-67, set/nov.2005. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/242265601_O_protestantismo_no_Brasil_e_suas_encruzilhadas. (Acesso em: 28 de março de 2021).

MIRANDA, Daniel Leite Guanaes. **Leonardo Boff e João Calvino: diferentes perspectivas concernentes à Santíssima Trindade.** Disponível em: http://www.monergismo.com/textos/jcalvino/Boff-Calvino-Trindade_Daniel-Leite.pdf (Acesso em: 12 de março de 2020).

Nações Unidas. **Número de pobres no Brasil terá aumento.** Disponível em: <https://nacoesunidas.org/numero-de-pobres-no-brasil-tera-aumento-de-no-minimo-25-milhoes-em-2017-aponta-banco-mundial/> (Acesso em: 26 de novembro de 2018).

O pai da Teologia da Libertação. Vários trechos de documentário sobre Rubem Alves. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=cnJQilAgR70> - (Vídeo editado pelo autor do blog Tempestade de Ideias com base principalmente no documentário vida e obra do escritor Rubem Alves no DocumentAÇÃO. Produção de 2014 e acesso em 06 de abril de 2020).

O Verbo: **Benny Hinn diz estar arrependido de pregar teologia da prosperidade: “Evangelho não está à venda”**. Disponível em: <https://overbo.news/benny-hinn-arrependido-teologia-da-prosperidade/> (Acesso em: 31 de março de 2021).

Padre Paulo Ricardo (blog pessoal): **A Teologia da Libertação e sua influência na Igreja**. Disponível em: <https://padrepauloricardo.org/aulas/teologia-da-libertacao-e-sua-influencia-na-igreja> (Acesso em 12 de fevereiro de 2020).

PANZINI, Raquel Gehrke; ROCHA, Neusa Sicca; BANDEIRA, Denise Ruschel; FLECK, Maarello Pio de Almeida. **Qualidade de Vida e Espiritualidade**. Revista Psiquiatria Clínica. vol. 34 suppl.1 São Paulo, 2007. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-60832007000700014 (Acesso em: 10 de abril de 2021).

Pesquisa Nacional de Saúde (PNS) IBGE 2019. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/saude/9160-pesquisa-nacional-de-saude.html?=&t=o-que-e> (Acesso em: 12 de abril de 2021).

Pesquisa de Orçamentos Familiares (POF) 2017-2018 – Análise da Segurança Alimentar no Brasil Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/multidominio/ciencia-tecnologia-e-inovacao/9050-pesquisa-de-orcamentos-familiares.html> (Acesso em: 12 de abril de 2021).

PINHEIRO, Marcos Sorrilha. **À sombra de José Carlos Mariátegui: socialismo e movimentos políticos de esquerda no Peru (1960-1980)**. História (São Paulo), v. 28, n. 2, 2009. Artigo publicado originalmente em: *Nueva Sociedad*, n. 47 de abril de 1980. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-90742009000200030 (Acesso em 12 de fevereiro de 2020).

PNUD – Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento, <http://www.undp.org/> (Acesso em: 26 de julho de 2019)

PNUD América Latina, <http://www.undp.org/rblac/index.htm> (Acesso em: 26 de julho de 2019).

Pontifício Instituto Superior de Direito Canônico (site oficial do Instituto). **O Concílio Vaticano II por São João XXIII**. Matéria de Janeiro de 2020. Disponível em: <https://pisdc.org.br/ha-61-anos-foi-anunciado-o-concilio-vaticano-ii-por-sao-joao-xxiii/> (Acesso em: 27 de março de 2020).

PRONK, Cornelis. **Neocalvinismo: uma avaliação crítica**. São Paulo: Os Puritanos, 2010. 24 p. E-book. Disponível em: <https://issuu.com/heraldoa/docs/neocalvinismo>. (Acesso em 03 de fevereiro de 2020).

QUEIROZ, Sérgio Augusto de. **Nossa História: A Igreja Cidade Viva**. 2018. Disponível em: <https://cidadeviva.org/historia/projeto> (Acesso em: 30 de março de 2021).

RAMOS, Ariovaldo. **A Missão Integral descende da Teologia da Libertação?** Fórum: a missão da igreja é integral. Vídeo publicado em 28 de outubro de 2014. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=7muuwms38r0> (Acesso em: 14 de fevereiro de 2020).

RAMOS, Leonardo; MARQUES, Tiago Rossi. **Bob Goudzwaard e a contribuição neocalvinista para a Economia Política**. Associação Brasileira Cristãos na Ciência (site). Disponível em: <https://www.cristaosnaciencia.org.br/bob-goudzwaard-e-a-contribuicao-neocalvinista-para-a-economia-politica/> (Acesso em: 12 de março de 2020).

Revista Exame. **Quantos são e quanto ganham as pessoas mais ricas do Brasil**. Disponível em: <http://exame.abril.com.br/economia/quantos-sao-e-quanto-ganham-as-pessoas-mais-ricas-do-brasil/> (Acesso em: 26 de novembro de 2018).

Revista IHU on-line (Instituto Humanitas UNISINOS). **Igreja Católica abre-se à teologia da libertação enquanto seu fundador é recebido no Vaticano**. Edição de 13 de maio de 2015. Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/noticias/542535-igreja-catolica-abre-se-a-teologia-da-libertacao-enquanto-seu-fundador-e-recebido-no-vaticano> (Acesso em 12 de fevereiro de 2020).

Revista IHU on-line (Instituto Humanitas UNISINOS). **Johann Baptist Metz: a voz das vítimas na teologia**. Edição de 16 de dezembro de 2019. Disponível em:

<http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/594902-johann-baptist-metz-a-voz-das-vitimas-em-teologia> (Acesso em 06 de maio de 2020).

Revista IHU on-line (Instituto Humanitas UNISINOS). **Urs von Balthasar: De teólogo inconveniente a quase... cardeal.** Edição 29 de junho de 2018. Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/580382-urs-von-balthasar-de-teologo-inconveniente-a-quase-cardeal> (Acesso em 11 de fevereiro de 2020)

Revista IHU on-line (Instituto Humanitas UNISINOS). **Gustavo Gutiérrez, o pai da teologia da libertação** (reportagem de Martine de Sauto) Edição 04 de abril de 2012. Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/noticias/508171-gustavo-gutierrez-o-pai-da-teologia-da-libertacao> (Acesso em 13 de fevereiro de 2020).

Revista IHU on-line (Instituto Humanitas UNISINOS). **Teologia da Libertação ou da Prosperidade? Artigo de Gianfranco Ravasi.** Edição 29 de maio de 2019. Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/589319-teologia-da-libertacao-ou-da-prosperidade-artigo-de-gianfranco-ravasi> (Acesso em 13 de fevereiro de 2020).

Revista IHU on-line (Instituto Humanitas UNISINOS). **Viver no mistério. Entrevista com Karl Rahner por ocasião dos seus 75 anos de vida.** Edição 14 de janeiro de 2018. Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/575043-viver-no-misterio-entrevista-com-karl-rahner> (Acesso em: 14 de fevereiro de 2020).

RIBEIRO, Saulo Duarte Lima. **Matutos com Uma Nova Consciência.** Dissertação de Mestrado. UFPB, 2010. Programa de Pós-Graduação em Ciências das Religiões. Disponível em: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/bitstream/tede/7875/2/arquivototal.pdf> (Acesso em 25 de março de 2021).

ROSARIO, Mariana. **Pastor e coach: Tiago Brunet acumula milhões de seguidores.** Entrevista de Tiago Brunet a Mariana Rosario para a Veja São Paulo: 21 de dezembro de 2018. Disponível em: <https://vejasp.abril.com.br/cidades/tiago-brunet-coaching/> (Acesso em: 31 de março de 2021)

SEVERO, Júlio. **Teologia da Libertação versus Teologia da Prosperidade.** A destronação da Teologia da Missão Integral e a demonização do neopentecostalismo. Arquivo em plataforma online. Disponível em: <https://files.comunidades.net/cclogos/livroebookteologiadalibertacaoversusteologiadapr>

[osperidade. _Julio_Severo.pdf](#) (Acesso em: 13 de fevereiro de 2020) – Material publicado em 2013.

SILVA, Adriana Cardoso da. Religiosidade e mito na obra de José Carlos Mariátegui e a teologia da libertação. 2015. 118 f. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Faculdade de Ciências e Letras (Campus de Araraquara), 2015. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/11449/132699>> (Acesso em 6 de maio de 2020).

SORJ, B., and GRIN, M., (orgs.) **Judaísmo e modernidade: metamorfoses da tradição Messiânica** [online]. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2008. 248 p.

Disponível em: <https://static.scielo.org/scielobooks/47yny/pdf/sorj-9788599662656.pdf> (Acesso em: 12 de março de 2020).

SILVA, Roberto Brasileiro – Presidente do SC/IPB. Supremo Concílio – Relatório da Comissão: Comissão L. Igreja Presbiteriana do Brasil. **Consulta sobre Posicionamento da IPB quanto a Igreja Verbo da Vida**. Natal-RN. 19 a 26 de Julho de 2014. Disponível em: http://www.executivaipb.com.br/Atas_CE_SC/SC/SC%202014/doc50_110.pdf (Acesso em: 31 de março de 2021).

WikiFavelas: Informações sobre favelas. Disponível em: [https://wikifavelas.com.br/index.php?title=F%C3%A1brica_de_Esperan%C3%A7a_\(Acari\)](https://wikifavelas.com.br/index.php?title=F%C3%A1brica_de_Esperan%C3%A7a_(Acari)) (Acesso em: 15 de maio de 2020)

World in Data. Disponível em: <https://worldindata.org> (Acesso: 26 de julho de 2019)

WRIGHT, Bud. **Não fale negativo**. (Pregação na Igreja Verbo da Vida sede de Campina Grande-PB). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=jX7a1QQHOtU> (Acesso em: 23 de fevereiro de 2020).

APÊNDICE

Questionário 1 desenvolvido no Google Forms (link da pesquisa abaixo):

<https://docs.google.com/forms/d/e/1FAIpQLSfUe2XROlajnSaaH8fP57TCEqYtPe3L1F8vDu-9Mvwqr9rdg/viewform?vc=0&c=0&w=1>

Das Teologias da Prosperidade, do Neocalvinismo e da Transformação Social

Por gentileza, antes de iniciar este questionário, leia o TCLE (Termo de Consentimento Livre e Esclarecido). Após a leitura você deverá marcar se está ou não de acordo em responder às perguntas desta pesquisa. Muito obrigado.

APÊNDICE - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE BASEADO NAS DIRETRIZES DA RESOLUÇÃO CNS No 510/2016, MS.

Prezado (a) Senhor (a)

Esta pesquisa tem como título Das Teologias da Prosperidade, do Neocalvinismo e da Transformação Social: um estudo histórico comparativo das igrejas Verbo da Vida e Cidade Viva, que tem como responsável o Ms. Saulo Duarte Lima Ribeiro, do Curso de Doutorado em Ciências das Religiões da Universidade Federal da Paraíba, sob a orientação do(a) Prof. Dr. Carlos André Cavalcanti.

Os objetivos do estudo são estudar duas instituições: uma igreja evangélica seguidora da Teologia da Prosperidade e uma igreja evangélica de Teologia Reformada para entender seus aspectos teológicos, compreender que conceitos as diferenciam na atuação para a transformação social e o que esperam do público alvo. A finalidade deste trabalho é contribuir para uma melhor compreensão a respeito do trabalho social de duas igrejas evangélicas, entendendo também as principais motivações daqueles que atuam de forma voluntária na atuação social.

Solicitamos a sua colaboração para responder ao questionário digital que segue, com duração média de 10 minutos, como também sua autorização para divulgação dos resultados deste estudo. Por ocasião da publicação dos resultados, seu nome será mantido em sigilo absoluto e seus dados não serão obtidos, posto que não teremos acesso aos dados dos participantes. Informamos que essa pesquisa envolve questionário de autorrelato com riscos mínimos podendo ser de constrangimento por não entender o que está sendo questionado, porém, não obstante o fato de não haverem perguntas constrangedoras (reduzindo o risco), o responsável pela pesquisa se coloca à disposição para quaisquer esclarecimentos. O benefício desta pesquisa é trazer à tona a discussão a respeito da influência de dada Teologia nas ações práticas de dado grupo evangélico.

Tendo em vista que não há possibilidade de acompanhamento pessoal do pesquisado quando do momento de suas respostas, tampouco a possibilidade da inserção de um campo para espaço de identificação datiloscópica por a pesquisa ser realizada eletronicamente via Google Forms, a não alfabetização será critério de exclusão da presente pesquisa.

Esclarecemos que sua participação no estudo é voluntária e, portanto, o(a) senhor(a) não é obrigado(a) a fornecer as informações e/ou colaborar com as atividades solicitadas pelo Pesquisador(a). Caso decida não participar do estudo, ou resolver a qualquer momento desistir do mesmo, não sofrerá nenhum dano ou qualquer tipo de constrangimento. Se por alguma razão o participante se sentir lesado, o responsável assume as responsabilidades éticas da mesma. Também salientamos que, para desenvolver esta pesquisa, não será necessário qualquer investimento financeiro nem pelo participante da pesquisa nem pelo responsável pela mesma. O pesquisador estará à sua disposição para qualquer esclarecimento que considere necessário em qualquer etapa da pesquisa.

Esta pesquisa será submetida ao Comitê de Ética em Pesquisa do Centro de Ciências da Saúde da Universidade Federal da Paraíba, instituição formada por vários profissionais que têm o interesse de acompanhar as pesquisas com seres humanos a fim de defender os interesses dos participantes, como preconiza a Resolução 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde. O Comitê de Ética em Pesquisa está localizado no Centro de Ciências da Saúde - 1º andar do Campus I - Cidade Universitária CEP: 58.051-900 - João Pessoa-PB, telefone (83) 3216 7791 e email comitedeetica@ccs.ufpb.br

Caso necessite de mais informações a respeito do presente estudo, favor ligar ou enviar mensagem para o pesquisador: Saulo Duarte Lima Ribeiro, telefone (83) 98710-0116. E-mail: saulojua@gmail.com.

Estou ciente que receberei uma via deste documento.

Considerando que fui informado(a) dos objetivos e da relevância do estudo proposto, de como será minha participação, dos procedimentos e riscos decorrentes deste estudo, declaro o meu consentimento em participar da pesquisa, como também concordo que os dados obtidos na investigação sejam utilizados para fins científicos. Para tal, confirmação de submissão à pesquisa, escolherei a opção “aceito”.

Perguntas do questionário 1 (aplicado com os voluntários das ações sociais):

1- Além de você, algum outro familiar fez/faz trabalhos voluntários? Sim ou Não

2- Você já participou de algum trabalho voluntário antes do atual? Sim ou Não

3- Você é voluntário em outro local fora de sua igreja? Sim ou Não

4- Algum dos eventos abaixo estimulou a sua busca por atividade voluntária?

Morte de familiar

Doença grave na família

Síndrome de "ninho vazio" (quando os filhos saem de casa)

Mudança de emprego

Mudança de estado civil

Ter sido ajudado por voluntários

Se sentiu constrangido(a) por perceber poucos voluntários atuando

Nenhum dos listados acima

5- Qual a igreja onde você é voluntário(a)?

Igreja Verbo da Vida

Igreja Cidade Viva

6- Em que tipo de trabalho social da igreja você é envolvido(a)? (Caso haja mais de um, selecione o trabalho ao qual você dedica mais tempo)

Assistência aos apenados do Sistema Prisional

Assistência aos enfermos em unidades hospitalares

Assistência às crianças e/ou adolescentes em situação de abandono

Assistência a moradores em situação de rua

Assistência a moradores de comunidades carentes

Outros

7- Há quanto tempo você é membro/congregado(a) da sua igreja?

Menos de seis meses

Entre seis meses e 1 ano

Entre 1 e 2 anos

Entre 2 e 5 anos

Há mais de 5 anos

8- Há quanto tempo você atua voluntariamente na sua igreja?

Menos de seis meses

Entre seis meses e 1 ano

Entre 1 e 2 anos

Entre 2 e 5 anos

Há mais de 5 anos

9- Na sua opinião, todo cristão deve se esforçar para atuar junto aos excluídos?

Sim, pois Jesus quer que todos os seus servos se envolvam no auxílio aos excluídos

Não, pois nem todos têm esse chamado missionário

Não, pois muitos não sabem como atuar e acabam prejudicando

Não sei

10- Quando você realiza o trabalho voluntário em seu ministério, qual o seu objetivo individualmente falando?

Eu sei que serei abençoado, pois Deus abençoa os que servem a ele

Não espero nada em troca, eu faço por gratidão a Deus e isso basta

Meu objetivo é somente fazer o bem, independente de outras questões

Não sei

11- Quando você realiza o trabalho voluntário em seu ministério, qual o seu PRINCIPAL objetivo em relação à pessoa à qual você está se esforçando para auxiliar?

Em primeiro lugar a conversão da pessoa ao Evangelho de Cristo

Em primeiro lugar a transformação social da pessoa

Em primeiro lugar que ele reconheça a ação que estou desempenhando em favor dele (a).

Não sei

12- Agora com suas próprias palavras, explique o porquê de sua atuação social levando em consideração o que você compreende sobre a Bíblia Sagrada.

(resposta pessoal)

13- Se o público excluído que foi alvo da ação social que você participa em sua igreja perguntasse o que você desejaria que eles fizessem em resposta à ação voluntária de vocês, o que você responderia?

(resposta pessoal)

14- Qual a sua idade?

Entre 18 e 25 anos

Entre 25 e 30 anos

Entre 30 e 40 anos

Entre 40 e 55 anos

Acima de 55 anos

15- Gênero

Masculino

Feminino

16- Qual o seu estado civil?

Solteiro

Casado

Separado(a)/Divorciado(a)

Outros

17- Formação acadêmica

Fundamental Incompleto

Fundamental Completo

Ensino Médio Incompleto

Ensino Médio Completo

Superior Incompleto

Superior Completo

Pós-graduado

18- Qual a sua ocupação

Autônomo

Servidor Público

Empregado de empresa privada

Aposentado

Dono(a) de casa

Estudante

Outro

QUESTIONÁRIO 2

Questionário desenvolvido no Google Forms (link da pesquisa abaixo):

https://docs.google.com/forms/d/e/1FAIpQLSfVLDt9l1dy7O_oQ5OB51fLaby9HC67aesR8xVwR1cc7fM7w/viewform?vc=0&c=0&w=1

Das Teologias da Prosperidade, do Neocalvinismo e da Transformação Social

Por gentileza, antes de iniciar este questionário, leia o TCLE (Termo de Consentimento Livre e Esclarecido). Após a leitura você deverá marcar se está ou não de acordo em responder às perguntas desta pesquisa. Muito obrigado.

APÊNDICE - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE BASEADO NAS DIRETRIZES DA RESOLUÇÃO CNS No 510/2016, MS.

Prezado (a) Senhor (a)

Esta pesquisa tem como título Das Teologias da Prosperidade, do Neocalvinismo e da Transformação Social: um estudo histórico comparativo das igrejas Verbo da Vida e Cidade Viva, que tem como responsável o Ms. Saulo Duarte Lima Ribeiro, do Curso de Doutorado em Ciências das Religiões da Universidade Federal da Paraíba, sob a orientação do(a) Prof. Dr. Carlos André Cavalcanti.

Os objetivos do estudo são estudar duas instituições: uma igreja evangélica seguidora da Teologia da Prosperidade e uma igreja evangélica de Teologia Reformada para entender seus aspectos teológicos, compreender que conceitos as diferenciam na atuação para a transformação social e o que esperam do público alvo. A finalidade deste trabalho é contribuir para uma melhor compreensão a respeito do trabalho social de duas igrejas evangélicas, entendendo também as principais motivações daqueles que atuam de forma voluntária na atuação social.

Solicitamos a sua colaboração para responder ao questionário digital que segue, com duração média de 10 minutos, como também sua autorização para divulgação dos resultados deste estudo. Por ocasião da publicação dos resultados, seu nome será mantido em sigilo absoluto e seus dados não serão obtidos, posto que não teremos acesso aos dados dos participantes. Informamos que essa pesquisa envolve questionário de autorrelato com riscos mínimos podendo ser de constrangimento por não entender o que está sendo questionado, porém, não obstante o fato de não haverem perguntas constrangedoras (reduzindo o risco), o responsável pela pesquisa se coloca à disposição para quaisquer esclarecimentos. O benefício desta pesquisa é trazer à tona a discussão a respeito da influência de dada Teologia nas ações práticas de dado grupo evangélico.

Tendo em vista que não há possibilidade de acompanhamento pessoal do pesquisado quando do momento de suas respostas, tampouco a possibilidade da inserção de um campo para espaço de identificação datiloscópica por a pesquisa ser realizada eletronicamente via Google Forms, a não alfabetização será critério de exclusão da presente pesquisa.

Esclarecemos que sua participação no estudo é voluntária e, portanto, o(a) senhor(a) não é obrigado(a) a fornecer as informações e/ou colaborar com as atividades solicitadas pelo Pesquisador(a). Caso decida não participar do estudo, ou resolver a qualquer momento desistir do mesmo, não sofrerá nenhum dano ou qualquer tipo de constrangimento. Se por alguma razão o participante se sentir lesado, o responsável assume as responsabilidades éticas da mesma. Também salientamos que, para desenvolver esta pesquisa, não será necessário qualquer investimento financeiro nem pelo participante da pesquisa nem pelo responsável pela mesma. O pesquisador estará à sua disposição para qualquer esclarecimento que considere necessário em qualquer etapa da pesquisa.

Esta pesquisa será submetida ao Comitê de Ética em Pesquisa do Centro de Ciências da Saúde da Universidade Federal da Paraíba, instituição formada por vários profissionais que têm o interesse de acompanhar as pesquisas com seres humanos a fim de defender os interesses dos participantes, como preconiza a Resolução 510/16 do Conselho Nacional de Saúde. O Comitê de Ética em Pesquisa está localizado no Centro de Ciências da Saúde - 1º

andar do Campus I - Cidade Universitária CEP: 58.051-900 - João Pessoa-PB, telefone (83) 3216 7791 e email comitedeetica@ccs.ufpb.br

Caso necessite de mais informações a respeito do presente estudo, favor ligar ou enviar mensagem para o pesquisador: Saulo Duarte Lima Ribeiro, telefone (83) 98710-0116. E-mail: saulojua@gmail.com.

Estou ciente que receberei uma via deste documento.

Considerando que fui informado(a) dos objetivos e da relevância do estudo proposto, de como será minha participação, dos procedimentos e riscos decorrentes deste estudo, declaro o meu consentimento em participar da pesquisa, como também concordo que os dados obtidos na investigação sejam utilizados para fins científicos. Para tal, confirmação de submissão à pesquisa, escolherei a opção “aceito”.

Perguntas do questionário 2 (aplicado com os pastores das igrejas pesquisadas):

1- Você é pastor de qual das igrejas pesquisadas?

Cidade Viva ou Verbo da Vida

Perguntas ao pastor da Igreja Cidade Viva:

2- Qual o seu nome e função na Igreja Cidade Viva?

3- Há quanto tempo você é pastor na Igreja Cidade Viva?

Menos de seis meses

Entre seis meses e 1 ano

Entre 1 e 5 anos

Entre 5 e 10 anos

Há mais de 10 anos

4- Você foi pastor ou membro de outra denominação antes da atual?

Sim ou não

5- Se sim, qual o motivo da mudança?

6- Sabemos que cada denominação evangélica tem características teológicas que a diferencia de outras denominações. Que aspectos principais você poderia elencar que caracterizaria a Teologia seguida pela Igreja Cidade Viva?

7- Que aspectos principais você poderia elencar que diferenciaria a teologia da Igreja Cidade Viva do que você conhece das igrejas de denominações neopentecostais, tais como Verbo da Vida, IURD, entre outras?

8- Dos itens abaixo, assinale quais os trabalhos em que a Igreja Cidade Viva tem algum tipo de envolvimento visando a transformação social:

Assistência aos apenados do Sistema Prisional
Assistência aos enfermos em unidades hospitalares
Assistência às crianças e/ou adolescentes em situação de abandono
Assistência a moradores em situação de rua
Assistência a moradores de comunidades carentes
Outros (descrever) _____
Nenhum

9- Enquanto pastor na Igreja Cidade Viva, você incentiva os membros da Igreja e fim de que atuem na dignificação dos excluídos?
Sim ou Não

10- Caso assinale “sim” na alternativa anterior, qual o motivo de o cristão se esforçar para atuar junto aos excluídos?

11- Você pode detalhar alguns aspectos da teologia seguida pela Igreja Cidade Viva que serviriam de base para a atuação social dos membros da sua igreja?

Perguntas ao pastor da Igreja Verbo da Vida:

2- Qual o seu nome e função na Igreja Verbo da Vida?

3- Há quanto tempo você é pastor na Igreja Verbo da Vida?

Menos de seis meses

Entre seis meses e 1 ano
Entre 1 e 5 anos
Entre 5 e 10 anos
Há mais de 10 anos

4- Você foi pastor ou membro de outra denominação antes da atual?

Sim ou não

5- Se sim, qual o motivo da mudança?

6- Sabemos que cada denominação evangélica tem características teológicas que a diferencia de outras denominações. Que aspectos principais você poderia elencar que caracterizaria a Teologia seguida pela Igreja Verbo da Vida?

7- Que aspectos principais você poderia elencar que diferencia a teologia da Igreja Verbo

da Vida de igrejas consideradas mais históricas, tais como Igreja Presbiteriana, Congregacional, Batista, entre outras?

8- Dos itens abaixo, assinale quais os trabalhos em que a Igreja Verbo da Vida tem algum tipo de envolvimento visando a transformação social:

Assistência aos apenados do Sistema Prisional
Assistência aos enfermos em unidades hospitalares
Assistência às crianças e/ou adolescentes em situação de abandono
Assistência a moradores em situação de rua
Assistência a moradores de comunidades carentes
Outros (descrever) _____
Nenhum

9- Enquanto pastor na Igreja Verbo da Vida, você incentiva os membros da Igreja e fim de que atuem na dignificação dos excluídos?

Sim ou Não

10- Caso assinale “sim” na alternativa anterior, qual o motivo de o cristão se esforçar para atuar junto aos excluídos?

11- Você pode detalhar alguns aspectos da teologia seguida pela Igreja Verbo da Vida que serviriam de base para a atuação social dos membros da sua igreja?

Modelo do cadastro social para a pandemia COVID-19:

03/04/2021

CADASTRO DE FAMÍLIAS - PANDEMIA CORONAVIRUS

CADASTRO DE FAMÍLIAS - PANDEMIA CORONAVIRUS

Levantamento com o intuito de conhecer a realidade das famílias afetadas com a
pandemia de Coronavírus em João Pessoa - PB

***Obrigatório**

1 - IDENTIFICAÇÃO

1. QUAL ÁREA RESIDE *

Marcar apenas uma oval.

- ☐ ASSOCIAÇÃO BENEFICENTE CAMINHO DA ESPERANÇA
- ☐ COMUNIDADE TRÊS LAGOAS
- ☐ IGREJA CIDADE VIVA SAPÉ
- ☐ IGREJA CIDADE VIVA ZONA SUL
- ☐ IGREJA CIDADE VIVA CAMPUS METROPOLITANO
- ☐ IGREJA CIDADE VIVA CAMPINA GRANDE
- ☐ SOLICITAÇÕES VIA WHATSAPP INSTITUCIONAL
- ☐ SOLICITAÇÃO PRESENCIAL
- ☐ PASTORES PARCEIROS
- ☐ COLABORADOR CIDADE VIVA

2. NOME DO ENTREVISTADO *

https://docs.google.com/forms/d/1JG_1M2pWj9VnqX9i6WCitbxYM4hNd71jqVU0Qs/edit

1/8

3. DATA DE NASCIMENTO *

4. DOCUMENTAÇÃO *

Marcar apenas uma oval.

☐ RG

☐ CPF

5. NÚMERO DA DOCUMENTAÇÃO *

6. TELEFONE DE CONTATO *

7. Está Trabalhando? *

Marcar apenas uma oval.

☐ Sim

☐ Não

8. E-MAIL

2 - COMPOSIÇÃO FAMILIAR

9. QUANTOS ADULTOS RESIDEM NA MORADIA ? *

Marcar apenas uma oval.

- ☐ 01 pessoa
- ☐ 02 pessoas
- ☐ 03 pessoas
- ☐ 04 pessoas
- ☐ 05 pessoas
- ☐ 06 ou mais pessoas

10. QUANTAS CRIANÇAS E ADOLESCENTES RESIDEM NA MORADIA ? *

Marcar apenas uma oval.

- ☐ Nenhuma
- ☐ 01
- ☐ 02
- ☐ 03
- ☐ 04
- ☐ 05
- ☐ 06 ou mais

11. TODAS AS CRIANÇAS E/OU ADOLESCENTES ESTÃO REGULARMENTE MATRICULADAS NA ESCOLA?

Marcar apenas uma oval.

- ☐ SIM
- ☐ NÃO

3 - INFORMAÇÃO SOBRE NECESSIDADES ESPECIAIS

12. EXISTEM PESSOAS COM NECESSIDADES ESPECIAIS NA MORADIA? *

Marcar apenas uma oval.

- ☐ NÃO HÁ
- ☐ CEGUEIRA
- ☐ BAIXA VISÃO
- ☐ SURDEZ SEVERA / PROFUNDA
- ☐ SURDEZ LEVE / MODERADA
- ☐ DEFICIÊNCIA FÍSICA
- ☐ DEFICIÊNCIA MENTAL OU INTELECTUAL
- ☐ SÍNDROME DE DOWN
- ☐ TRANSTORNO / DOENÇA MENTAL
- ☐ OUTROS

4 - CARACTERIZAÇÃO DA FAMÍLIA

13. EXISTEM PESSOAS COM DEPENDÊNCIA QUÍMICA NA FAMÍLIA? *

Marcar apenas uma oval.

- ☐ SIM
- ☐ Não

14. QUAL TIPO DE DEPENDÊNCIA?

15. SÃO MEMBROS OU FREQUENTADORES DE ALGUMA IGREJA?

5 - RENDA FAMILIAR

16. A FAMÍLIA RECEBE ALGUM BENEFÍCIO? *

Marcar apenas uma oval.

☐ SIM

☐ NÃO

17. A FAMÍLIA RECEBE ALGUM BENEFÍCIO? CASO AFIRMATIVO QUAL O VALOR?

18. A RENDA FAMILIAR CORRESPONDE A: *

Marcar apenas uma oval.

☐ INFERIOR A UM SALÁRIO MÍNIMO

☐ UM SALÁRIO MÍNIMO - R\$ 1.039,00

☐ UM A DOIS SALÁRIOS MÍNIMOS (R\$ 1.039,00 a R\$ 2.078,00)

☐ DOIS A TRÊS SALÁRIOS (R\$ 2.078,00 a R\$ 3.117,00)

☐ SUPERIOR A TRÊS SALÁRIOS

6 - DESPESAS FAMILIARES COM ENERGIA, ÁGUA, GÁS, ALIMENTAÇÃO TRANSPORTE, ALIMENTAÇÃO E MEDICAMENTO DE USO REGULAR.

19. OS GASTOS CORRESPONDEM A: *

Marcar apenas uma oval.

- ☐ 1/4 DE SALÁRIO MÍNIMO (Correspondente a R\$ 259,75)
- ☐ 1/2 DE SALÁRIO MÍNIMO (Correspondente a R\$ 519,5)
- ☐ UM SALÁRIO MÍNIMO (Correspondente a R\$ 1.039,00)
- ☐ SUPERIOR A UM SALÁRIO MÍNIMO

7 - CARACTERÍSTICAS DO DOMICÍLIO

20. TIPO DE RESIDÊNCIA *

Marcar apenas uma oval.

- ☐ PRÓPRIA
- ☐ ALUGADA
- ☐ CEDIDA
- ☐ OCUPADA

21. ACESSO A ENERGIA ELÉTRICA? *

Marcar apenas uma oval.

- ☐ SIM, COM MEDIDOR PRÓPRIO
- ☐ SIM, COM MEDIDOR COMPARTILHADO
- ☐ SIM, SEM MEDIDOR
- ☐ NÃO POSSUI ENERGIA ELÉTRICA NO DOMICÍLIO

22. POSSUI ÁGUA CANALIZADA? *

Marcar apenas uma oval.

- ☐ SIM
- ☐ NÃO

23. FORMA DE ABASTECIMENTO DE ÁGUA *

Marcar apenas uma oval.

- ☐ REDE GERAL DE DISTRIBUIÇÃO
- ☐ POÇO OU NASCENTE
- ☐ CISTERNA DE CAPTAÇÃO DE ÁGUAS DE CHUVA
- ☐ CARRO PIPA
- ☐ OUTRA FORMA

24. ESCOAMENTO SANITÁRIO *

Marcar apenas uma oval.

- ☐ REDE COLETORA OU PLUVIAL
- ☐ FOSSA SÉPTICA
- ☐ DIRETO PARA VALA RIO OU MAR
- ☐ DOMICÍLIO SEM BANHEIRO

25. O DOMICÍLIO ESTÁ LOCALIZADO EM ÁREA DE RISCO DE DESABAMENTO OU ALAGAMENTO? *

Marcar apenas uma oval.

- ☐ SIM
- ☐ NÃO

8 - SONDAGEM

26. Relatar aqui alguma informação que deseje acrescentar.:

27. Responsável pelo preenchimento deste Cadastro: NOME, TELEFONE e ÁREA DE ATUAÇÃO NA CIDADE VIVA OU NA INSTITUIÇÃO PARCEIRA. *

Este conteúdo não foi criado nem aprovado pelo Google.

Google Formulários